



Culpa e Graça

Uma Análise do Sentimento de Culpa e o Ensino do Evangelho

Paul Tournier

Título original: Vraie ou Fausse Culpabilité

Tradução: Rute Silveira Eismann

ISBN 85-7055-006-5

Aliança Bíblica Universitária do Brasil, 1985

Esta edição em português não inclui os três últimos capítulos do original, que foram omitidos com autorização de Delachaux & Niestlé S.A. Éditeurs

Digitalização: Fabrício Valadão Batistoni

WWW.PORTALDETONANDO.COM.BR/FORUMNOVO/



"Minha irmã é tão categórica em suas opiniões", disse-me uma senhora, "que me sinto sempre um pouco culpada se não concordar com ela." E uma outra: "Eu chego a evitar visitas á minha irmã, porque no momento em que quero ir embora, ela diz; 'Como? Já vai?', com um tom de reprovação que até me faz sentir culpada."

Todos somos constantemente cercados de críticas, às vezes mordazes e francas, às vezes silenciosas, mas nem por isso menos doloridas. Ficamos aprisionados em um implacável círculo vicioso: toda censura suscita um sentimento de culpa, tanto no crítico quanto no criticado, e cada um procura livrar-se como pode do sentimento de culpa.

A culpabilidade está ligada ao relacionamento com os outros, às críticas alheias, ao desprezo social e ao sentimento de inferioridade. Neste livro o autor aborda as várias dimensões da culpa e o eficiente caminho para a cura.

PAUL TOURNIER, um psiquiatra suíço eminente, começou sua vida profissional como médico em Genebra em 1928. Sua preocupação com a medicina integral o levou à prática da psicoterapia.

Sumário

1. *INFERIORIDADE E CULPA*
 2. *SUGESTÃO SOCIAL*
 3. *QUESTÕES DE TEMPO*
 4. *PROBLEMAS QUE O DINHEIRO TRAZ*
 5. *NOSSO MUNDO INTERIOR*
 6. *NOSSA AÇÃO EXTERNA*
 7. *VERDADEIRA OU FALSA CULPA*
 8. *TODOS FAZEM ACUSAÇÕES*
 9. *TODOS SE DEFENDEM*
 10. *A UNIDADE DA CULPA*
 11. *O JULGAMENTO É DESTRUTIVO*
 12. *O MÉDICO NÃO JULGA*
 13. *A DEFESA DOS DESPREZADOS*
 14. *A LIBERTAÇÃO DOS TABUS*
 15. *PSICANÁLISE E CULPA*
 16. *A REPRESSÃO DA CONSCIÊNCIA*
 17. *O DESPERTAR DA CULPA*
 18. *A CONDIÇÃO HUMANA*
 19. *INSPIRAÇÃO DIVINA*
 20. *TUDO DEVE SER PAGO*
 21. *FOI DEUS QUEM PAGOU*
- REFERÊNCIAS*

Primeira Parte

Dimensão Da Culpa

1. INFERIORIDADE E CULPA

Este livro segue-se a *Bible et Médecine*, que publiquei em 1951. Com efeito, estes dois livros foram escritos depois de alguns estudos que apresentei nas "Semanas Médicas" em Bossey. No caso de *Bible et Médecine* agrupei diversos assuntos tratados ao longo de muitos anos; o presente livro, porém, relaciona-se inteiramente com os estudos feitos em Bossey, no ano de 1957. A reunião era consagrada ao problema da culpa e seu papel na medicina. Propusera-me a pesquisar diariamente, nas Escrituras, material apropriado para guiar os nossos debates.

O leitor não encontrará neste livro uma prestação de contas do encontro em Bossey, pois está faltando o principal: os trabalhos clínicos. Para os médicos, o importante é a observação dos pacientes. Foi a observação dos pacientes que nos orientou inteiramente nesta *medicina integral*, quer dizer, uma medicina que leva em consideração todos os fatores que entram em jogo em uma doença e na sua cura.

O sentimento de culpa é um desses fatores, e não é dos menores. Basta lembrar um caso muito simples: a insônia devido ao remorso. Pode-se e deve-se curar tal problema com a prescrição de um sonífero. Mas restringir-se a isso será praticar uma medicina muito superficial. Um *médico* consciencioso procura sempre atacar a causa da doença e não somente atenuar os sintomas aparentes.

Bem mais numerosos e muito mais complexos são os casos em que a culpa tem um papel patogênico e onde a sua solução contribui para a cura. Todos os trabalhos destes últimos anos, sejam de psicanalistas ou de escolas psicossomáticas, ampliaram, constantemente, a nossa visão neste sentido. Foi

o que mostraram os palestrantes em Bossey. O Dr. André Sarradon³⁶, de Marselha, expôs o problema do ponto de vista da medicina geral, da medicina interna e da ginecologia. Três psiquiatras mostraram como a culpa se manifesta em suas especialidades: a Sra.

Line Thévenin, de Lion, na psiquiatria infantil; o Dr. Aloys d'Orelli, de Zurique, nas neuroses, o Dr. Paul Plattner, de Berna, nas psicoses. Finalmente, o Dr. Théo Bonet, de Bâle, mostrou o amplo aspecto humano da culpa, que toca pessoalmente o médico (tanto quanto os pacientes dele), em sua própria saúde física e moral.

Neste livro deixei de lado o aspecto clínico, que é tão primordial ao médico. As exposições de que estava encarregado nessa semana não foram senão um complemento aos trabalhos médicos, uma confrontação dos problemas em discussão com a relevância bíblica. Não se pode, na verdade, abordar o problema da culpa sem levantar as questões religiosas que ele suscita. Mesmo médicos como o Dr. Hesnard¹⁶, por exemplo, que se esforçam para manter estritamente o ponto de vista psicológico, atualmente colocam em discussão, no meio médico, a doutrina religiosa do pecado e a influência das igrejas.

Assim, sob a pressão do progresso da medicina, as barreiras que se haviam erguido, um pouco artificialmente, entre a ciência e a filosofia, entre a medicina e a teologia, foram derrubadas. Há, realmente, um conflito entre os dados de experiência médica e o ensino bíblico? A questão é tão importante e tão atual que penso ser útil apresentá-la ao público em forma de livro.

O que eu publico aqui é a matéria de minhas palestras, posteriormente desenvolvida à luz de nossos debates. Apesar de não se tratar de uma cópia estenografada, conservei o tom de um discurso familiar, como se continuasse a falar aos médicos reunidos em Bossey. Dizia-lhes: "Vocês"... E este "vocês", agora, se endereça a vocês que lêem este livro, como se estivessem também sentados no meio do nosso grupo. Isto é uma ficção, mas uma ficção que exprime a realidade do meu coração, pois, quando escrevo, tenho a impressão de me dirigir, não ao público, duma maneira anónima e impessoal, mas a cada um de vocês, meus leitores; de discutir com vocês as questões que se apresentam ao nosso espírito, que não são para nenhum de nós simples debates acadêmicos ou abstratos, mas preocupações vivas e pessoais.

Bem, a consciência culpada é a constante da nossa vida. Toda a educação, em si mesma, constitui um cultivo intensivo do sentimento de culpa, principalmente a melhor educação, aquela de pais bastante preocupados quanto à formação moral de seus filhos e quanto ao sucesso deles na vida. A educação consiste, sobretudo, em repreensão; e toda repreensão, mesmo

sendo uma reprovação discreta e silenciosa, sugere o sentimento de culpa: "Você não têm vergonha de agir assim?" No início deste século, esta educação tendia a fazer das crianças bonecos de vitrine, bem comportados, silenciosos, e bem escolados em atitudes sociais. "Eu detesto o domingo", disse-me uma mulher que nunca pôde amadurecer completamente devido a uma repressão interior. "Quando éramos crianças, todos os domingos, colocavam em minha irmã e em mim os vestidos mais bonitos, de babados de renda, com belos e complicados coques nos cabelos. E ai de nós se nos sujássemos! Bem, isto não demorava para acontecer, apesar de sermos cuidadosas; nós nem mesmo brincávamos. E, assim, o dia terminava sempre com reprimendas e punições."

Há algum tempo, eu perguntei à minha mulher por que o seu rosto se tinha iluminado, de repente, com um sorriso estranho. "Veja você, disse-me ela, tirei um pedaço da manteiga de um lado e você fez o mesmo do outro. Pensei no que teriam dito se eu fosse pequena: que uma criança bem-educada deve continuar a cortar a manteiga no lado já iniciado. Seu gesto soou como um grito de liberdade!"

Hoje em dia, a educação mudou bastante. O vento da liberdade sopra desde o berço. Sob a influência dos psicólogos, a "Escola de Pais" reprova a disciplina rígida daqueles tempos. Atualmente, os pais ficam até orgulhosos se o filho é barulhento: está mostrando que tem personalidade! Mas, ai dele, se não mostrar muita personalidade, se não se comportar, em qualquer área específica, de maneira que os pais possam se orgulhar. Os amigos estão sempre prontos a julgar a criança como mal-educada, mesmo que os padrões de criança bem-educada tenham mudado. A criança sente nos pais o medo inevitável do "que é que os outros vão dizer?" A reputação social dos pais baseia-se nela, e esta responsabilidade pesa nos ombros da criança. Sente-se culpada se envergonhar os pais ou mesmo se não tiver dons excepcionais dos quais os pais possam se gabar.

A escola, as notas baixas, a perspectiva sinistra do momento de mostrar o boletim escolar aos pais, enchem, por sua vez, a alma infantil do senso de culpa. Isto pode se tornar uma obsessão a ponto de levar a criança a mentir, o que é fonte de uma culpa mais autêntica. E, frequentemente, ao dar as notas, o professor leva em conta mais as falhas do que as qualidades do aluno.

Quanta gente, pouco dotada em ortografia, acha uma tortura escrever cartas, durante toda a vida; quantos ficam petrificados ou se embaraçam na presença de qualquer autoridade que lembre o pai ou um professor severo! Mesmo no guichê de uma repartição pública, temem dirigir-se a um humilde funcionário para entregar um formulário preenchido. E, na primeira olhadela, o funcionário poderá

mostrar qualquer espaço que você, desatenciosamente, esqueceu de preencher: "Não sabe ler?"

O pior é que os pais e mestres projetam os seus próprios preconceitos, problemas e culpas na educação das crianças. Os que, por exemplo, têm mais remorsos dos próprios comportamentos sexuais dramatizam os conselhos que dão a seus filhos e despertam na alma deles uma verdadeira angústia em relação à sua sexualidade. Pais infelizes não suportam o filho na exuberância de sua alegria. Centenas de vezes, durante o dia, eles lhe dirão: "Você é um bagunceiro! Você é insuportável!" Um pai, sobrecarregado em sua profissão, se aborrecerá por quase nada com o filho. Uma mãe, enganada pelo marido, despejará no filho, inconscientemente, o despeito que sente e o punirá energicamente por qualquer erro trivial, "Você é mentiroso como o seu pai!" A criança sentirá intuitivamente, sob a forma de angústia, esta sobrecarga injusta de repreensões.

Saul censurou Jônatas pela amizade com Davi: *"Filho de mulher perversa e rebelde; não sei eu que elegeste o filho de Jessé para vergonha tua e para vergonha do recato de tua mãe?"* (1 Sm 20:30). Atentem para a astúcia; ele disse "para vergonha do recato de tua mãe", como se ele mesmo estivesse fora do negócio!

Assim, muitos pais, por causa do preconceito social, quando não por pura inveja, fazem restrições às amizades dos filhos. Estes, por sua vez, têm que escolher entre duas culpas: com relação aos pais, se continuarem leais aos amigos, ou com relação aos amigos, se se submeterem aos pais. A menos que se resignem a continuar com a amizade clandestinamente, com toda a carga de culpa que resulta da clandestinidade.

Uma criança corajosa confessará imediatamente a sua falta aos pais; suportará a censura, e tudo estará acabado, enquanto o irmão mais sensível e mais tímido não ousará fazer a confissão. Este arrastará uma dupla culpa; a da falta e a de escondê-la. Esconder-se-á na própria ansiedade e, por sentir vergonha, ficará cada vez mais incapaz de enfrentar os pais.

Cedo ou tarde, ou a criança corre o risco de ficar neurótica, ou há de libertar-se dos pais, seguindo seus próprios pensamentos e inclinações. Poucos pais permitem este desabrochar da individualidade de seus filhos. Quase todos sugerem aos filhos que está errado gostar do que os pais não gostam, desejar o que eles reprovam ou se conduzir contrariamente ao que eles esperam.

"Filhos, obedecei a vossos pais", escreve o apóstolo Paulo (Ef 6:1). Os pais devotos evocam este versículo para exigirem de seus filhos uma submissão servil, mesmo depois de terem deixado de ser crianças. Mas estes pais dão pouca atenção ao que o apóstolo acrescenta logo a seguir: *"Pais, não provoqueis vossos filhos à ira"* (Ef 6:4) nem ao que ele acrescenta ainda em outra passagem: *"... para que não fiquem desanimados"* (Cl 3:21).

Pais austeros sugerem, tanto por seu comportamento, quanto por suas conversas, que tudo que dá prazer é pecado. Muitas pessoas já me disseram que

conservam esta marca de sua educação. Ela lhes foi inculcada como um dogma implacável: "E proibido estar alegre". Não podem gozar de nada sem um certo sentimento de culpa que estraga o prazer. Ou, então, a alegria só é considerada legítima se for merecida, a título de recompensa: os que receberam esta idéia durante toda a educação impõem a si mesmos tarefas muito pesadas ou sacrifícios inúteis, simplesmente para se alegrarem com um prazer fortemente desejado sem que se sintam culpados. Têm como que uma contabilidade complicada que está sempre mais ou menos carregada de angústia, angústia esta que prejudica a espontaneidade, seja o impulso a um sacrifício desinteressado ou o desejo de desfrutar um prazer pelo qual não batalharam. No entanto, os prazeres não merecidos e os presentes inesperados é que são os mais apreciados. A Bíblia não apenas fala que a salvação é de graça, como também todas as dádivas de Deus, tanto as pequenas como as grandes. Mostra-nos, contrariamente à idéia dos que sofreram uma educação muito severa, um Pai Celeste que se alegra com a felicidade de seus filhos e em lhes dar alegria.

Retornemos ao adolescente. Ninguém atravessa este período de libertação dos pais e de formação de sua própria individualidade, sem envolver-se em uma vida de segredos sempre carregada de sentimento de culpa; um livro é apaixonante e ele o lê até tarde da noite, à luz de um abajur, atento ao barulho dos passos na escada que, estalando, o advertirá de uma aproximação terrível, temida com ou sem motivo. Ou, então, ele coloca o livro apaixonante em cima de um livro de gramática aberto, pronto para ser escondido rapidamente na gaveta da escrivaninha se vier alguém. Ou, ainda, para se persuadir de que está se tornando homem, fuma o primeiro cigarro escondido. Isto porque é pelo segredo que a individualidade é formada. Enquanto uma criança não tiver segredos para com os pais, e enquanto não puder contar ao amiguinho estes segredos, ela não terá consciência de ter existência autônoma. Ora, geralmente os pais acham que um filho não deve nunca ter segredos; consideram errado esconder alguma coisa. Comentam amargamente: "Você nos faz sofrer muito".

Todos somos constantemente cercados de críticas, às vezes mordazes e francas, às vezes silenciosas, mas nem por isso menos doloridas. Todos somos sensíveis à crítica, mesmo que não deixemos ninguém perceber. As pessoas seguras suportam isto melhor. Defendem-se, respondem, "criticam a crítica" e, nesse caso, quem se sente culpado é o interlocutor. "Minha irmã é tão categórica em suas opiniões", disse-me uma senhora, "que me sinto sempre um pouco culpada se não tenho a sua opinião". E uma outra: "Eu chego a evitar ir visitar a minha irmã, porque no momento em que quero ir embora, ela diz: 'Como? Já vai?', com um tom de reprovação que até me faz sentir culpada".

Notem que estes que são tão absolutos em suas afirmações e censuras procuram, sem perceber, se autojustificar. Livram-se de uma dúvida a seu próprio respeito jogando-a sobre outrem. Assim os fortes se libertam do seu próprio sentimento de culpa suscitando-o nos fracos, tão prontos a se compararem

desvantajosamente com eles.

Vejam, por exemplo, o caso de uma mulher muito minuciosa. Mostra esta qualidade fazendo tudo com muito capricho. Mas confessa-me que se sente sempre culpada por ser tão minuciosa, por gastar tanto tempo em tudo o que faz. Ela foi educada por uma mulher que, ao contrário, fazia tudo apressadamente, muito às carreiras! Esta ficava, certamente, irritada com a filha tão diferente dela mesma e repreendia a sua minuciosidade fazendo-a sentir-se culpada, para se livrar, sem dúvida, do sentimento de culpa que atribuía a si mesma, por não ser bastante conscienciosa.

Cada um tem o seu próprio ritmo, e os ritmos das pessoas são muito diferentes uns dos outros. No escritório, uma datiló-grafa muito rápida dá, constantemente, a seus colegas mais lentos um sentimento de culpa que os paralisará ainda mais no trabalho. Isto reflete um simples dom da natureza que convém ser visto objetivamente. A datilógrafa rápida não tem mais mérito por sua rapidez nem sua colega é culpada por sua lentidão. Entretanto, por menos sensível que seja, a datilógrafa rápida acabará se sentindo culpada por fazer sombra às outras sem querer, e lhes prestará várias pequenas ajudas para ser perdoada.

Assim, sentimentos tenazes de culpa são constantemente colocados nas mentes dos fracos pelo comportamento dos outros, por suas afirmações, por seus julgamentos, pelo desprezo, mesmo pelas censuras mais injustas. Porque, de réplica em réplica, as críticas se tornam mais fortes, mais agressivas. O Dr. Baruk³ demonstrou a universalidade desta lei da agressividade defensiva: toda culpa reprimida dá lugar à resposta agressiva. Assim, quando um marido se sente invadido por sentimentos de agressividade e irritação contra a esposa, pode, na mesma hora, per-guntar-se: "Onde é que estou errado?" Com um pouco de honestidade, encontrará sempre a resposta. O mesmo é verdade, naturalmente, para uma mulher em relação ao marido, um empregado em relação ao patrão ou vice-versa.

Contudo é possível humilharmos o outro tanto com conselhos como com censura. Todo conselho esconde uma crítica velada, a menos que tenha sido solicitado. Dizer a alguém: "Se eu fosse você, agiria de tal ou qual maneira" é o mesmo que dizer que a maneira dele agir não é correta. Assim muitos pais zelosos sufocam a iniciativa dos filhos com bons conselhos. Eles dão a entender que os filhos são incapazes de encontrar, por si mesmos, a conduta acertada e semeiam em suas mentes dúvidas quanto à sua própria capacidade.

Marta e Maria, mencionadas no Novo Testamento (Lc 10:38-42) são irmãs com dois tipos bem conhecidos. Uma é de temperamento prático e se ocupa do trabalho caseiro; a outra tem mais gosto pelas coisas do espírito e se assenta aos pés de Jesus para escutá-lo. Imagino que, por alguns minutos, Marta fez muito barulho com os pratos para que a irmã soubesse de sua raiva. Depois, não se aguentando mais, apela ao próprio Jesus: "Diga-lhe que venha me ajudar".

Deste mesmo modo existe tanta crítica entre os membros de uma família,

entre irmãos e irmãs, entre marido e mulher, e entre amigos. Podemos observar facilmente o papel que desempenham os sentimentos de inferioridade e mesmo os sentimentos de culpa secretos. Marta se sente menos à vontade do que a irmã nas discussões espirituais e se esconde em suas panelas. Provavelmente não se orgulha disso e se consola valorizando os serviços práticos que faz e criticando a irmã. Esta última talvez já tenha demonstrado, algumas vezes, desprezo pelo trabalho doméstico, a fim de aliviar sua consciência por não gostar ou não ter habilidade no serviço de casa.

Jesus elevou o debate acima dos mecanismos psicológicos elementares, ao colocar a questão dos valores: "Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada". Mas isto não implica que exista em Jesus qualquer desprezo pelo trabalho doméstico, pois ele não se sentiu rebaixado em cozinhar ele mesmo para seus amigos (Jo 21:9).

Nem sempre há uma razão muito boa para que Maria se afaste da cozinha. Quantas mulheres se sentem embaraçadas ao ler um livro ou repousar enquanto alguém faz a faxina, arrastando os móveis e usando o aspirador no quarto ao lado? Mesmo quanto têm convicção íntima de que isto é justo, se estão estudando porque é necessário fazê-lo, ou se estão obedecendo ao médico que lhes prescreveu repouso, têm um sentimento de culpa por deixar a responsabilidade do trabalho doméstico nos ombros de outra pessoa e se sentem ou se crêm criticadas.

Muitas mulheres também privam o marido e a si mesmas de receber amigos, mesmo os amiguinhos das crianças, por medo de serem criticadas quanto ao cuidado com a casa. E estas são sempre as mais caprichosas. As mais aplicadas aos pormenores pensam que nenhuma falha escapará aos visitantes. Enquanto estes últimos pensam, talvez, o contrário, que esta esposa mantém a casa tão perfeita que acaba lhe faltando vida e charme.

Assim, no dia-a-dia, somos continuamente envolvidos nesta atmosfera doentia de críticas mútuas, a ponto de nem sempre nos apercebermos disso. Ficamos aprisionados em um implacável círculo vicioso: toda censura suscita um sentimento de culpa, tanto no crítico quanto no criticado, e cada um se livra como pode do sentimento de culpa, criticando um outro e se autojustificando.

Esta culpabilidade cotidiana interessa muito ao médico e ao psicólogo, porque está ligada ao relacionamento com os outros, às críticas alheias, ao desprezo social e ao sentimento de inferioridade. Remorso, consciência pesada, vergonha, constrangimento, inquietação, confusão, timidez e até modéstia: há um elo entre todos estes termos e não há fronteiras bem delineadas.

2. SUGESTÃO SOCIAL

Todas as pessoas se acusam mútua e constantemente. Só pelo fato de viverem juntas, em família e em sociedade, comparam-se, inevitavelmente, umas com as outras e contrastam seus temperamentos diferentes, seus conceitos de vida e suas convicções. Algum tempo atrás, minha esposa e eu estávamos almoçando na França. Havia no cardápio língua de boi ao molho madeira. Minha mulher chamou o "maître": "Eu não gosto de língua de boi; o senhor poderia me oferecer outra coisa no lugar?" — "Certamente! Tenho um excelente filé mignon, se isso lhe agrada". Durante o almoço falávamos, naturalmente, do sentimento de culpa, meu assunto de estudo da época. "Sabe de uma coisa?" disse minha esposa, "eu fui tomada de um sentimento de culpa quando pedi uma mudança no cardápio, porque você come sempre tudo o que lhe oferecem e tenho a impressão que você me julga caprichosa e difícil". - "Mas eu não disse nada!" - "Não", replicou ela, "mas o seu silêncio foi bem expressivo!"

Minha reação imediata foi de me defender: "Como!? Procuo ser o campeão do direito de cada um ser o que é, sem reservas e sem fingimento; e você não ousa manifestar os seus desejos, com medo de minhas críticas!" Assim, eu tentava devolver-lhe a responsabilidade do sentimento de culpa que ela havia experimentado. Ela, contudo, tinha razão: no meu silêncio embaraçado, durante o seu diálogo com o "maître", o julgamento estava presente, sim; pouco consciente, é verdade, mas o suficiente para que ela percebesse intuitivamente. Posso tornar-me o campeão ardoroso do dever de cada um ser o que é, sem perceber que faço pesar sobre a minha esposa uma crítica silenciosa quando ela tem um comportamento diferente do meu ou se mostra diferente de mim.

Cultivo, assim, um sentimento de falsa culpa nela. Porque a verdadeira culpa é, principalmente, você não ousar ser você mesmo. É o medo do julgamento dos outros que nos impede de sermos nós mesmos, de nos mostrarmos tal como somos, de manifestarmos nossos gostos, desejos e convicções, de nos desenvolvermos, de nos expandirmos segundo a nossa própria natureza, livremente. É o medo do julgamento dos outros que nos esteriliza, que nos impede de produzir todos os frutos que somos chamados a produzir. *"Fiquei com medo"* diz, na parábola dos talentos, o servo que escondeu o seu talento na terra, em lugar de fazê-lo valorizar. (Mt 25:25 BLH)

A sugestão social é, então, fonte de inumeráveis sentimentos de culpa. Um silêncio reprovador, um olhar de desprezo ou zombaria, uma frase pronunciada não raro impensadamente podem constituir uma poderosa sugestão. Assim, uma filha chora a morte de seu pai e a mãe insinua: "Não chore por seu pai; ele morreu porque você não era boazinha; agora, você deve me obedecer!"

A última frase é a chave para se conhecer o sentimento que leva esta mãe, em sua confusão, a falar assim à filha: a angústia de se encontrar sozinha para educá-

la; um desejo ansioso de assegurar, desde o início, que será obedecida. Mas ela não calcula quão indelével esta sugestão pode ser. Mesmo que nenhuma afirmação semelhante tenha sido pronunciada pelos pais, vemos, frequentemente, que esta idéia cresce no espírito de uma criança, a idéia de que ela é culpada da morte do pai, do irmão ou da irmã, e que a morte é uma punição por sua própria desobediência.

Talvez um certo nervosismo ou um acentuado grau de pesar dos pais tenha contribuído para lhe sugerir esta idéia; mas qualquer que seja a razão, uma vez enraizada na alma, aí permanece, com uma tenacidade incrível. Mais frequentemente do que se pensa, os pais, ou um dos esposos, se deixam levar por uma espécie de chantagem: "Você vai me fazer morrer de dor! E aí, quando eu morrer, você vai se arrepender!" São palavras ditas em um momento de raiva, logo esquecidas por aquele que as disse, mas que deixam uma ferida grave naquele que as ouviu.

As crianças ilegítimas também se sentem, todas, mais ou menos culpadas por sua condição, em razão do desprezo que as atinge. Lembranças atroz da infância! "Todas as minha amigas me deixam", conta uma senhora, "porque as mães proíbiam-nas de brincar comigo, porque eu não tinha pai".

Mas a sugestão social de culpa não se exerce somente nestes casos extremos. Há, por exemplo, poucas mulheres solteiras que não se sentem um pouco culpadas por não serem casadas, como se fosse culpa delas. Há as que se defendem tomando a ofensiva, chamando os homens de egoístas e maus apreciadores das qualidades de uma mulher. Há as que têm necessidade de enfatizar bem que recusaram muitos pretendentes.

Devemos reconhecer que um certo descrédito estúpido e injusto pesa sobre a mulher solteira. E, se ela é do tipo nervoso, ouve muitas alusões bem desagradáveis: "nós sabemos bem o que lhe falta!" E as mulheres casadas lhes dão ainda mais sentimento de culpa quando dizem: "Você tem sorte de ser livre, de não se preocupar com um marido autoritário e crianças doentes ou levadas; você tem uma vida bem fácil e agradável".

Quando examinamos as coisas com cuidado, percebemos que essa mesma sugestão de culpa pesa sobre os doentes, principalmente sobre os doentes mentais e nervosos. Disso decorre a frequência com que consultam o psiquiatra ou o psicólogo e o cuidado que têm de manter isso em segredo. E também por isso que suas famílias geralmente fazem objeção à internação em clínicas ou sentem vergonha se isto se torna inevitável.

O mundo demonstra uma generosa simpatia para com os doentes e os enfermos, mas esta simpatia está bem longe de ser tão altruísta como se imagina. Há toda sorte de desprezo, de repugnância, de julgamentos escondidos atrás desta caridade aparente e mesmo, algumas vezes, na condescendência desta caridade. Eu me esforço, em vão, para dar segurança a uma jovem que vive obcecada pela miopia que a obriga a usar óculos horríveis. Digo a ela que isto não tem tanta

importância assim; que é ela quem atribui aos outros, por causa de sua própria obsessão, os sentimentos de desprezo que teme. E eis que, na visita seguinte, ela cruza, diante de minha porta, com operários que trabalham na rua e que comentam entre si: "Você viu os óculos daquela moça?"

Na realidade, há no inconsciente de todas as pessoas uma certa repugnância defensiva contra a doença e a enfermidade, vestígios da miséria humana que preferimos esquecer. A pobreza, a doença e a morte trazem ao espírito o problema existencial com uma brutalidade dolorosa, ao qual muitos desejariam, conscientemente ou não, fechar os olhos. Assim, quando Buda, ainda jovem, quis sair de seu palácio dourado e percorrer as ruas da capital, o rei, seu pai, procurou, apressadamente, retirar das sarjetas todos os mendigos, doentes e moribundos. Entretanto, esta tentativa foi em vão e foi esta experiência que abalou Buda e o levou a engajar-se na procura corajosa e obstinada de uma resposta ao problema do mal. Mas nem todo o mundo tem uma vida íntegra como ele. A doença estimula a sensibilidade dos doentes, que percebem intuitivamente, em muitas pessoas saudáveis, uma certa resistência que sentem como desprezo.

O apóstolo Paulo, que sofria não se sabe de que doença, agradece aos gálatas a acolhida deles recebida: *"E posto que a minha enfermidade na carne vos foi uma tentação, contudo não me revelastes desprezo nem desgosto; antes me recebestes como anjo de Deus, como o próprio Cristo Jesus"* (Gl 4:14).

Jesus Cristo, com o seu realismo habitual, refere-se a esta tendência humana de voltar as costas ao sofrimento, na parábola do Bom Samaritano (Lc 20:31), e na do Juízo Final (Mt 25:43). Um médico dedicado a seus doentes acredita facilmente que está isento de tal complexo. Mas, pode vê-lo reaparecer, quando está diante de um doente incurável, pelo qual não pode fazer nada: de repente, se dá conta que está se esforçando para não evitá-lo, para suportar seu olhar, pois lhe é muito penoso sentir-se impotente diante do sofrimento implacável.

Vocês podem dizer que o desprezo inconsciente à doença não tem nenhuma relação com o sentimento de culpa. Que ilusão! A gente se sente sempre um pouco culpada por suscitar repulsa em outro, de trazer, por sua doença, uma perturbação na família, uma sobrecarga de trabalho aos colegas de escritório, maior trabalho e preocupação para a esposa. Assim, a grande maioria dos doentes recusa-se, a princípio, a confessar que está doente, a ir para a cama ou consultar o médico. Toda esta falsa culpa em relação à doença é uma causa muito frequente de uma auto-negligência repreensível!

Atrás deste falso estoicismo há, quase sempre, o medo de alguém suspeitar que gostamos de ficar doentes ou mimados. Pois há certo prazer quando, de repente, na dureza da vida, temos o direito a nos refugiar, sermos servidos e mimados. Mas mesmo os que têm consciência de que gostam disso têm, ao mesmo tempo, um vivo sentimento de culpa. De sorte que estes que sentem mais vergonha de estar doentes são os que se cuidam bem menos. Mas o mais grave é o julgamento, seja verbal, seja velado, que os doentes sentem nos sãos, mesmo e so-

bretudo nos mais bem intencionados em suas palavras de conforto. Muito frequentemente, são os visitantes mais dedicados que causam culpas mais funestas. Prova disto está no livro de Jó e nos belos discursos de seus amigos! Estes tiveram, a princípio, a delicadeza de se calarem "sete dias e sete noites" (Jó 2:13) diante de sua dor. Eles não lhe voltaram as costas; vieram para sofrer com ele e consolá-lo. Mas, envolvidos pelo zelo, começam a conversar, a filosofar, a exortar; falam tanto que prejudicam a Jó; com tantas palavras bonitas, lhe fazem mais mal que todos os seus males, de tal maneira que ele exclama: "*Vós todos sois médicos que não valem nada*" (Jó 13:4).

Por trás dos nobres propósitos destas saudáveis pessoas, o doente Jó percebe um terrível espírito de julgamento, uma insinuação constante de que os males que o assolam são punições divinas! Mesmo nas exortações à fé, Jó sente uma acusação; quando Bildade lhe diz: "*Mas se tu buscares a Deus, e ao Todo-Poderoso pedires misericórdia, se fores puro e reto, ele, sem demora, despertará em teu favor, e restaurará a justiça da tua morada*" (Jó 8:5-6). E evidentemente deixa entender que, se Jó não sara, é porque não implora ao Todo-Poderoso, ou que ele não é obediente o bastante! Assim, Jó replica (21:27): "*Vede que conheço os vossos pensamentos e os injustos desígnios com que me tratais*".

Assim, nós vemos crentes, teólogos e leigos de todas as igrejas e de todas as denominações, sobretudo as mais zelosas em socorrer os doentes, esmagá-los com testemunhos religiosos, proclamar com força o poder de Deus que sara os que confiam nele dando a entender ao doente que lhe falta fé. Ele já carrega uma falsa culpa por estar doente; agora, acrescenta uma outra, bem mais grave, desta vez religiosa: a idéia de ter culpa por não se curar, a despeito de todos os cuidados e de todas as orações de que é objeto, a idéia de que ele não se cura, de que não é digno da graça de Deus, ou que qualquer proibição, qualquer pecado misterioso e desconhecido é um obstáculo a isto!

Vocês vêem como este problema é delicado. Há curas divinas; há curas miraculosas; há curas pela oração e pela fé. Os que tiveram esta experiência ou os que são testemunhas disso devem falar delas para a glória de Deus e para sustentar a esperança dos doentes.

Há pessoas que ultrapassam rapidamente as fronteiras da verdade em tais testemunhos; generalizam como se Deus curasse a todos que o invocam; e culpam todos que recorrem à medicina científica ou aos medicamentos, como se estes não fossem também dons de Deus.

Paixões surgem rapidamente nas questões onde os interesses efetivos são grandes, como mostram as polêmicas entre os católicos sobre Lurdes ou entre os protestantes sobre o pentecostalismo. Nem todos têm a prudência extrema da Comissão Médica do Controle de Lurdes, ou a de um teólogo protestante como o pastor Bernard Martin. Os motivos que incitam certos crentes a exagerarem no testemunho são tão nobres que eles não se apercebem do mal que podem fazer à causa e aos doentes.

Uma grave dúvida subsiste na mentalidade médica diante de certos relatos de curas milagrosas. Pode haver suspeita de que se tratava de um erro de diagnóstico; pode acontecer que um doente se proclame curado, mas que ainda não nos parece que esteja realmente recuperado. Pode ser que um doente tenha dúvidas, sem jamais reconhecê-las, e que tem necessidade de afirmar mais fortemente a cura para persuadir a si mesmo; pode, às vezes, parecer que há mais misticismo nesta cura do que fê autêntica.

O professor Jores, de Hamburgo, tem mostrado muito bem o contraste entre o aspecto místico e a maturidade espiritual à qual somos chamados tanto pelo evangelho como pela psicoterapia. É possível curar-se de uma doença sem se curar do aspecto místico, que também é uma doença; pode-se também emprestar uma virtude mística à ciência em geral ou à medicina. É muito gratificante dar um exemplo de si mesmo, de edificar alguém com o nosso exemplo, de se apresentar como objeto de uma graça excepcional de Deus. Um doente pode ganhar com este testemunho uma alegria bem legítima que até pode ter um verdadeiro valor curativo. Mas outros doentes, que invocaram Deus em vão, talvez sintam uma tristeza aguda e até mesmo culpa. Neste ponto, um médico materialista, proclamando o seu ceticismo quanto à autenticidade de curas milagrosas, poderia dar alívio por parecer mais realista.

Quando o Evangelho fala da fé que cura, ele se refere às vezes à fé do sofredor: "*Credes que eu posso fazer isso?*" diz Jesus (Mt 9:28) aos cegos que procuravam cura junto a ele. Porém, mais frequentemente, trata-se da fé de outros, dos pais ou dos que intercedem pelo, doente: o pai do epilético (Mc 9:23, 24), os amigos do paralisado (Mc 2:5). Quando fala da oração que cura, o Evangelho algumas vezes refere-se à oração do sofredor (Lc 17:13) e, mais frequentemente, à oração de outros (Mc 9:29; 7:26). Vemos Jesus Cristo curar doentes que não esperavam nada dele, como o paralisado de Betesda, por exemplo (Jo 5:5-9), que apenas andava em busca de um passe de mágica.

Assim, confesso que eu mesmo experimento um vivo sentimento de culpa quando discutimos estes problemas de cura espiritual. Tenho plena consciência de que, se tivesse mais fé e se fosse mais fiel na oração, chegaria mais frequentemente a ser um instrumento de cura divina direta. Assim, eu, como todos nós, entendendo claramente que, sem negligenciar os socorros técnicos e científicos que podemos propiciar a nossos doentes, deveríamos acrescentar a isso as bênçãos da nossa intercessão.

O ministério espiritual ao qual somos chamados, do qual não podemos nos esquivar sem dor na consciência, é muito perigoso. Assim, quando nós falamos do aspecto espiritual da doença, como fazemos nesses encontros de médicos, corremos o risco de sobrecarregar doentes inocentes com novas e opressivas culpas. Algumas pessoas, sãs e bem intencionadas, repetem nossas declarações aos doentes e lhes recomendam os nossos livros. Bem, se é verdade que no pano de fundo de toda doença há problemas existenciais e que a doença pode ser a

expressão visível de um conflito psíquico ou espiritual, o paciente sente-se massacrado por uma suspeita insuportável. Devemos insistir, constantemente, que há tantos problemas existenciais nas pessoas saudáveis como nos doentes.

De qualquer forma, até as mais belas exortações suscitam culpa. Deve-se, deve-se... Deve-se ter paciência, deve-se suportar, deve-se aceitar, deve-se esperar, deve-se lutar... E o doente sente-se culpado por não ter paciência, por não poder esperar, lutar, aceitar. Será que a pessoa visitante faria melhor em seu lugar? Falo de tudo isso com uma profunda emoção, porque isso está relacionado com os sofrimentos de inúmeras vidas que são agravados, sem querer, pelos conselhos dos crentes mais caridosos.

Tomemos o caso de uma mulher que foi enviada a mim pelo seu cirurgião; ele, sem dúvida, a teria operado, se não tivesse conhecimento do possível papel que os problemas existenciais desempenhavam em sua condição física. Seu conselheiro quis, outrora, impedi-la de se casar com um homem divorciado. No seu zelo e preocupação por ela, terminou dizendo: "Você não sabe que casar com ele levará ele e você mesma à perdição?" Quão opressiva uma frase como essa pode ser durante toda a vida de uma mulher profundamente religiosa.

Espero que me compreendam. Não estou criticando o conselheiro; não abordo aqui um debate dogmático, pois não é de minha competência. Falo somente como psicólogo e homem. Não posso estudar com vocês um problema tão grave como este sobre a culpa, sem levantar um fato tão evidente e tão drástico como a religião — tanto a minha como a de todos os outros crentes — que pode arrasar as almas em lugar de liberá-las.

Há como um avesso inevitável em toda afirmação de fé, que a segue fielmente como a sombra segue o sol. Dizer que encontramos a verdade na doutrina católica ou na doutrina evangélica, no pentecostalismo ou no adventismo, é dar a entender aos outros que não compartilham de nossa fé que eles estão totalmente errados. Pode ser que isto pouco preocupe pessoas atormentadas e cheias de dúvida, mas mesmo assim tornam-se vítimas de culpas contraditórias: perguntam-se se não estão recusando ao chamado de Deus, ou se não seriam ainda mais culpadas se aderissem a uma doutrina que não podem aceitar de todo o coração. Reprovam-se ainda mais por causa destas dúvidas honestas, achando-as culpáveis. Recentemente, reencontrei uma mulher cuja educação severa às mãos de um pai autoritário carregou-a de sentimentos de inferioridade e culpa dos quais tenho tentado libertá-la. Durante as férias ela encontrou um pastor cheio de dinamismo e se abriu com ele sobre estas dificuldades. "Você passou pelo novo nascimento?" perguntou-lhe ele. E ei-la de novo afogada em seus sentimentos de inferioridade e culpa. "E verdade", disse ela, "não passei pelo novo nascimento! Mas o que é preciso fazer para passar por ele? Outros já o experimentaram e estão libertos, no entanto isto ainda não aconteceu comigo. A prova é que eu vivo tão atormentada!"

Não contesto a mensagem evangélica do novo nascimento, nem a experiência

do novo nascimento que eu mesmo tive. Na verdade, esta moça parece ter nascido de novo sem se dar conta, libertando-se pouco a pouco do mecanismo psicológico que a havia aprisionado, alcançando a liberdade espiritual. Mas foi a Nicodemos que Jesus falou do novo nascimento (Jo 3:5): um sábio, um homem poderoso na sociedade, um "forte", todo seguro de si mesmo pelas homenagens de deferência que o envolviam, exatamente o oposto da minha paciente.

E a este homem que Jesus lança um desafio direto, a quem é capaz de enfrentá-lo, tanto em força como em humildade. Nicodemos procurava conciliar habilmente o seu caráter social e o seu caráter íntimo, a sua força e a sua humildade, e Jesus lhe pede para escolher; não se pode viver duas vidas ao mesmo tempo. Então, é importante, quando lemos os Evangelhos, ter em mente não somente as palavras de Jesus, mas também a quem ele as dirige. Eu creio que nós, médicos, temos uma tarefa nesse sentido, no seio das igrejas. Porque um médico possui o sentido de individualização.

Pelos estudos e mesmo pela vocação — ensinar a verdade — os teólogos são orientados para as idéias gerais. Insistem com razão sobre o valor universal da revelação divina. Pregam "semeando". Eu faço aqui alusão a uma parábola de Jesus, a do semeador (Lc 8:5-8). O teólogo se preocupa em semear a melhor e a mais pura semente possível.

Nós, médicos, habituados a pensar em "casos", levamos em consideração o terreno onde as sementes caem. O terreno certamente contém pedras e espinhos, como Jesus disse; são os pecados que podem matar a semente. Mas contém também diversas qualidades tais como os diferentes temperamentos das pessoas e suas estruturas físicas e psíquicas. A mesma frase bíblica pode produzir um choque salutar em uma alma e ferir outra.

É isto que torna tão complexo e tão dramático o problema das relações entre os sentimentos de inferioridade e os sentimentos de culpa. Eu não acho que se possa demarcar um limite claro entre eles. Toda inferioridade é sentida como culpa.

3. QUESTÕES DE TEMPO

Vejo na rua, ao longe, um velho amigo. Durante muitos anos, nosso trabalho nos forçou a que nos víssemos com bastante frequência, o que não acontece mais agora. Então, penso que ele me reprova por negligenciá-lo; talvez seja até sem razão que eu lhe atribuo isto, no entanto não consigo deixar de pensar assim. Serei tentado, então, a me desviar do seu caminho, o que me tra-ria uma culpa maior ainda, a de cometer uma ação desleal.

Acabo abordando-o com uma pressa um pouco exagerada, com uma viva jovialidade: eu o felicito por sua boa aparência e lhe falo muito afetuosamente, demonstrando sinceridade. Eu me apercebo bem que isto é para não lhe deixar tempo de pronunciar a temida frase: "Há quanto tempo você não me vem ver?" É uma atitude um pouco forçada, uma atitude de fachada, da qual me sinto culpado, porque tinha vontade de ser autêntico com os meus amigos. Outrora eu realmente gostei dele, e é isto precisamente o que acarreta minhas reações. Não queria que ele medisse a minha amizade pela frequência de minhas visitas. Não poderia jamais lhe dizer, com um tom de sinceridade total, que eu não tinha tempo de ir vê-lo. Nós sempre encontramos tempo para fazer o que queremos.

Quando tenho que preparar uma conferência, ou fazer um trabalho como este estudo, a primeira coisa que me prometo é escalonar o tempo para realizar tudo com cuidado. Mas, aí, eu não cumpro o plano que fiz; não consigo fazer o que prometi, precisamente porque quero, de coração, fazê-lo bem e tenho medo de não consegui-lo. No fim, encontro todo tipo de coisas para fazer antes, e vou arranjando desculpas para não fazer o que deveria.

O que é sutil é que eu cultivo, então, na perda de tempo, uma certa culpa que eu preciso para me pôr a trabalhar. É como um motor auxiliar que acumula força para me fazer começar. Na véspera, em cima da hora da conferência, quando tiver a consciência bem pesada porque a preparei tão mal, e quando tiver vencido todas as minhas resistências, me lançarei precipitadamente ao trabalho, como se fosse um naufrago que se joga na água quando o barco afunda. Isto servirá como uma desculpa à insuficiência do meu trabalho: é pena que não saiu tão bom quanto eu queria, mas eu devo me contentar com o que pude fazer às pressas (dando-me, assim, mais uma desculpa).

Um de meus amigos enfrenta a mesma coisa que eu, quando adia uma tarefa urgente e difícil. O que nos distingue é que o mal me estimula, me dá, de repente, asas quando chego a um certo nível intolerável de adiamento. Enquanto, no meu amigo, o peso da consciência o paralisa. Todo o seu trabalho fica bloqueado. Ele não consegue começar outra tarefa enquanto a principal ainda está por ser feita; e quanto mais se agrava o seu atraso, mais cresce o peso de sua angústia paralisante. Vê-se, então, que o mesmo sentimento de culpa pode estimular ou paralisar.

O papel estimulante da culpa explica, provavelmente, a alegria que inúmeras pessoas sentem cometendo delitos considerados "inofensivos", sem se deixar apanhar em falta como, por exemplo, as fraudes nas alfândegas. E certas pessoas chegam, sem se aperceberem, ao ponto de comprar no estrangeiro alguns objetos proibidos pelo simples prazer de passá-los na alfândega sem declará-los. Isto representa, sem dúvida, uma necessidade de vingança contra o poderio do Estado e da Administração, um velho complexo do palhaço que zomba do policial. A prova é que se trata, muitas vezes, de mercadorias que a alfândega não cobraria, ou cuja taxa é tão mínima que não se justificaria a alegria do infrator em escondê-las. O mesmo complexo entra em jogo na fraude fiscal, tão difundida em certos

países, onde o legislador já a admite como normal e, conseqüentemente, edita disposições que são tão injustas e insuportáveis que qualquer um seria bastante tolo se se submetesse a elas honestamente.

Por seu lado, e como revanche, o contribuinte sabe que o Estado rouba tanto que ele se sente justificado roubando-o também. Mas onde está o limite nesta sábia dosagem de roubos mútuos? E claro que isto desencadeia em desmoralização, tanto do Estado quanto dos administradores. Todos esses raciocínios justificativos não suprimem de modo nenhum o sentimento de culpa.

Mesmo em tempos de guerra, enganar o invasor parece ser uma grande virtude, mas nem por isso dispensa o sentimento de culpa. Vi, durante e após a guerra, um bom número de homens que sentiram necessidade de confessar tais condutas, permanecendo entretanto extremamente orgulhosos, e prontos a agir da mesma maneira, inclusive com convicção, em circunstâncias semelhantes.

As fraudes tidas como inofensivas têm tantos atrativos para tanta gente, por causa do risco de perseguições que elas implicam. Disso decorre o que se chama comumente de "prazer do fruto proibido": prazer do risco e prazer de sair ileso (como o de escapar da alfândega). Entretanto este jogo tem ainda um outro sentido; o de acostumar-se ao veneno, o da tentativa de livrar-se da culpa acostumando-se com ela. Assim, com várias ocasiões de pequenas culpas, nós nos familiarizamos bastante com esta emoção e ela não nos tocará muito em casos maiores, quando nos envergonhamos de verdade, porque nesses casos ela contradiz realmente o nosso verdadeiro ser. Nós confundimos a questão de modo que o contraste entre o bem e o mal é enfraquecido e os limites entre eles ficam indistintos.

Volto ao assunto da culpa do tempo perdido. Enquanto escrevia estas linhas, um de meus antigos pacientes veio assen-tar-se perto de mim. "Atrapalho? Você está trabalhando?" — "Oh, não; o que é que você quer?" Fiquei contente de verdade em ouvi-lo, porque me trazia boas notícias do acerto de sua vida, começado já há quatro ou cinco anos no meu consultório. No entanto, eu o escutei um pouco distraidamente, em meio a uma mistura de sentimento de culpa.

Durante toda a conversa, eu sentia que devia ter-lhe dito francamente: "Desculpe-me, estou fazendo um trabalho urgente; nós conversaremos mais à vontade em uma outra ocasião". Mas não ousei fazê-lo. Tenho sempre um pouco de vergonha da minha timidez, porque ela limita a minha liberdade. Eu me sentia também culpado de descansar a minha caneta no momento em que deveria estar escrevendo. Porém se eu mesmo não tivesse perdido tanto tempo com minhas hesitações anteriores (aliás muito mais tempo do que esta conversa levou), eu teria mais coragem para me despedir do meu visitante. Assim, uma primeira falta secreta compromete o nosso comportamento e nos leva a outras faltas que nos jogam o seu veneno e o seu poder através daquela primeira culpa inconfessada. Este problema sobre a organização do tempo é capaz de produzir muitas culpas. Quando falo disso em uma reunião de médicos, todo o auditório ri. Isto significa

que todos levam remorsos sobre isso e encontram algum alívio quando descobrem que não são os únicos. E, no entanto, sentimos a importância deste assunto, pois a nossa verdadeira liberdade está em jogo, como também a soberania concreta de Deus sobre a nossa vida.

O tempo pertence a Deus, e nós somos seus mordomos; somos responsáveis diante dele por cada minuto que ele nos dá. Todos nós sentimos que se escutássemos melhor a Deus a nossa vida seria mais harmoniosa. Nós ficamos sobrecarregados, fatigados e com a consciência pesada tanto com o que deixamos de fazer como com o que fazemos. Quantas esposas de médicos ficam preocupadas ao ver o marido tão sobrecarregado? A mulher de Moisés já se preocupava, sem dúvida (Êx 18:13-24). Mas seu marido não a escutava, como muitos médicos, hoje em dia não dão ouvidos aos bons conselhos de suas esposas. Assim, a mulher de Moisés fez um apelo à autoridade de seu pai para adverti-lo: "Você vai desfalecer!" disse-lhe ele. E, felizmente, Moisés o escutou; e, sabiamente, se descarregou das tarefas secundárias que ele podia confiar a outros.

Não são só os amigos que negligenciamos. Há a correspondência em atraso, os jornais profissionais e muitos outros documentos que se avolumam sobre a escrivaninha, ou no armário, e a gente não suporta vê-los mais. Precisamos folheá-los para estar em dia. Tentamos nos convencer de que vamos atacá-los um dia, mas isto não convence, porque a experiência já nos mostrou que isso toma muito mais tempo do que se pensa. E quanto maior é a pilha, mais se esvai a esperança.

Um dia, eu não aguentei mais. Percebi, em um momento de meditação, que tantas coisas em desordem e em atraso constituíam um desmentido monumental a tudo que eu dizia de uma vida sadia, alegre, livre e conduzida por Deus. Durante mais de três meses eu não pude fazer mais nada além de atender as minhas consultas e liquidar com esta bagunça, para me colocar em dia. Que alívio! Mas o problema renasce sem cessar. Eu me tornei bem mais ordeiro, mas não estou, entretanto, livre de numerosos sentimentos de culpa.

Sinto uma dor insuportável quando a minha correspondência se acumula. Para amenizar a minha consciência, suspendi as assinaturas de um bom número de jornais. Mas aí eu quase não ousa admitir que não recebo mais aquela famosa revista médica, da qual todos os meus colegas tão estudiosos têm assinatura. Sim, a consciência dolorida é verdadeiramente o nosso prato de cada dia. É inevitável.

Todo este problema da disciplina do tempo torna-se ainda mais agudo conforme as forças diminuem com a idade. É um dos sofrimentos da velhice, e que pode tornar-se obsessivo. De-ve-se abandonar algumas atividades? Deve-se prosseguir a despeito da fadiga? Seria trair a nossa tarefa renunciar a tal atividade? Ou será que continuar a fazer o que fazíamos antes revela arrogância da nossa parte e desprezo culpável da nossa saúde?

Este é também o caso dos doentes ou inválidos.

Frequentemente, eles me perguntam: "Em que medida devo aceitar a minha

enfermidade ou, ao contrário, em que medida devo reagir, fazer um esforço para sobrepujá-la, para me readaptar?" É como se a aceitação e a reação fossem mutuamente exclusivas. Ora, nós observamos que os que aceitam a sua enfermidade reagem melhor enquanto os revoltados não fazem nenhum esforço de readaptação, justamente por causa da sua revolta.

Viver é escolher. Mas, será que nós escolhemos sempre livre e conscientemente? Será que a nossa escolha não nos é sempre imposta pelas circunstâncias, por nossa falta de coragem, por nossos hábitos ou mesmo por nossas culpas? Assim, se sinto alguma dor na consciência em relação a um amigo, eu me sinto automaticamente seu devedor, e não ousarei recusar-lhe um favor, embora isso ocupe um tempo que deveria empregar em uma outra coisa. Isto contribuirá para me sobrecarregar, tornar-me nervoso, e aumentar ainda mais o meu sentimento de culpa.

Claro que tenho sido obrigado a aprender a recusar um serviço, uma conferência, por exemplo. Mas o faço sempre a contragosto. Tenho muito medo de decepcionar alguém, pois depois me moeria de remorsos. Não poderia, e com justa razão, ser criticado por ter aceito ontem uma outra conferência que me tomará muito tempo? Na verdade, se eu recuso, sinto-me culpado em relação àqueles que esperavam qualquer coisa de mim, mas se aceito é em relação a mim mesmo que me sinto culpado, porque me deixei influenciar.

Será que não corro o risco de ceder aos que insistem mais, em detrimento dos mais discretos? Ou ainda, o que é mais sutil, não corro o risco de ceder a estes últimos porque sou tocado por sua discricção? Vou ao exterior para encontros médicos a que sou convidado, e quase nunca vou à Sociedade Médica de Genebra. Tenho consciência culpada em relação aos meus colegas, porque todos são tão amáveis comigo, e também em relação a mim mesmo, porque isso me tira a oportunidade de me instruir mais.

E acontece a mesma coisa em relação a todos os livros que deveria ter lido antes de me aventurar a escrever, eu mesmo, sobre assuntos que vários autores já trataram cuidadosamente antes de mim. Com frequência resolvo, mesmo embaraçado, citar seus trabalhos, confiando no seu bom nome; mas a precisão exige que eu os conheça bem, antes de falar deles. Eu leio devagar, portanto leio poucos livros; e, sem dúvida, cada livro que leio citará os nomes de uma boa dúzia de outros que eu deveria ler também, e fico ainda mais envergonhado de confessar que não os li.

Outros lêem muito, devoram livro sobre livro, mas com uma consciência culpada deste apetite insaciável e a desproporção entre o que eles recebem e o que eles dão. E eu, se renunciasse a escrever, teria também consciência culpada, porque escaparia da crítica somente ao custo de uma rendição covarde, infiel à minha vocação. E o tempo que ocupo para escrever não pode ser dado aos pacientes que recuso atender, ou à minha mulher que corre o risco de receber só as migalhas do meu tempo.

Estas questões são um tormento permanente para muitos de meus colegas. Quando um médico dá um belo presente à sua esposa, pode não se perceber que foi só para conseguir o perdão por lhe dar tão pouco tempo, tão absorvido que está em sua profissão. E ele ainda fica decepcionado quando ela manifesta tão pouco entusiasmo ao receber o presente. É porque ela preferiria, muito mais, que o marido lhe desse um tempo igual a que Outros maridos dão às suas esposas.

Os presentes, por certo, não são sempre um disfarce para a culpa. Mas, provavelmente, isto acontece mais frequentemente do que nós pensamos. Assim, vemos Jacó, que se portava tão mal com Esaú, seu irmão, para se reconciliar oferece-lhe, antes de o encontrar, preciosos presentes, que ele dividiu em partes e os mandou sucessivamente para aumentar o efeito (*Gn 32:13-32*). Contudo Jacó não conseguiu se libertar da sua consciência pesada, Ela agora talvez estivesse mais avivada ainda por ter se utilizado de *uma manobra tão astuciosa. E enquanto esperava* para encontrar-se com o seu irmão, passou uma noite atroz, uma noite de insônia, uma verdadeira batalha! Ele luta consigo mesmo. Mais que isso, termina por perceber que luta com Deus. Então, com a audácia que o caracteriza, obriga Deus a abençoá-lo.

Eis aí o grande paradoxo que sempre encontramos em toda a Bíblia: o caminho doloroso da humilhação e da culpa, com todas as angústias e todas as revoltas contra Deus que elas suscitam! E precisamente o caminho que desemboca na estrada real da graça. Deus ama os que, em lugar de disfarçar o problema, o enfrentam até o confronto e a resistência. "*Vi a Deus face a face, e a minha vida (nephesh, alma) foi salva*" gritou Jacó. O resultado de tudo isto foi que Israel ficou coxo. Assim podemos ver que uma doença pode ser consequência de um combate espiritual.

Jacó teve a maior experiência que se pode ter: ele se tornou um homem novo, isto porque também Deus lhe deu um novo nome: Israel. Dessa forma, ele podia agora abordar o seu irmão com uma segurança que todos os seus presentes não lhe garantiram: a bênção de Deus. "*Então Esaú correu-lhe ao encontro e o abraçou; arrojou-se-lhe ao pescoço, e o beijou: e choraram*" (*Gn33:4*).

Retornemos à família do médico. Algumas vezes, as crianças também prefeririam um momento realmente autêntico com o pai a um presente caro. A mãe tenta lhes explicar: "Vejam se compreendem: seu pai é tão dedicado, é preciso deixá-lo tranquilo". Eles podem concluir, então, que os doentes têm mais lugar no coração de seu pai. É, então, bastante perigoso ter-se uma vocação que exige muita generosidade. Isto permite que enganemos frequentemente a nós mesmos e obscureçamos convenientemente a consciência pesada por negligenciar nossa família. Muitas vezes, somente anos mais tarde, em circunstâncias mais ou menos trágicas, é que um homem se dá conta, de repente, de que ele não preencheu a sua vocação de pai. Aí ele experimenta forte remorso.

Em um certo sentido, não é justamente um conjunto de culpas difusas que os homens procuram esconder ao lançar-se freneticamente ao trabalho, em lugar de

enfrentá-los? Será que este excesso de trabalho, esta correria, não se constitui em uma espécie de álibi que invocamos para nos desculpar? Ou até como uma espécie de expiação pelo trabalho? Quando a procura do lucro, da consideração social ou da gratidão nos enrola neste turbilhão, não devemos ver nisto uma capa para a culpa? Porque esta procura exprime uma necessidade de revalorização de si mesmo para contrabalançar a desvalorização interior que a culpa nos traz.

Vemos muita gente se lamentando perpetuamente sobre a falta de tempo, sem jamais procurar seriamente uma solução, pois teria que fazer alguns sacrifícios. Tais pessoas acusam a civilização, a vida moderna, o automóvel, as máquinas, todas estas coisas que os homens inventaram para ganhar tempo, como se elas fossem apenas vítimas disso e não culpadas.

No fundo de nós mesmos, bem sabemos que temos a nossa parte de responsabilidade nessa agitação toda, que nos deixamos nos envolver pelo curso da vida, em vez de resistir a ele pela reforma de nossas próprias vidas e que o problema é antes pessoal que social.

Se sentimos uma dor de consciência por gastar tempo à toa, conforme conversamos há pouco, nós a sentimos também por não mais saber relaxar ou repousar como Deus ordenou (Êx 20:10); ou ainda meditar, ou orar, ou empregar tempo em quieta contemplação. É precisamente nesta contemplação que reencontramos a paz interior de que o mundo atual tem tanta necessidade. Como dá-la aos nossos doentes se não a possuímos? Como ensiná-los a organizar melhor a vida se a nossa está tão confusa? É na contemplação que encontramos a hierarquia dos valores, uma distinção clara entre o que é primordial e o que é secundário ou até perigoso.

Quando abrimos os Evangelhos, vemos que Jesus Cristo, cujas responsabilidades eram bem maiores que as nossas, se mostra menos apressado que nós. Ele tinha tempo para falar com uma estrangeira que encontrou na beira de um poço (Jo 4:1-6). Ele tinha tempo de tirar férias com seus discípulos (Jo 13:5), tempo de admirar os lírios dos campos (Mt 6:28), ou um pôr-do-sol (Mt 16:2); de lavar os pés de seus discípulos (Jo 13:5); de responder, sem impaciência, às suas perguntas tolas (Jo 14:5-10). Ele tinha, sobretudo, tempo para se retirar nos desertos e orar (Lc 5:16), e de passar toda uma noite em oração antes de uma decisão importante (Lc 6:12).

Este tempo de contemplação silenciosa é sempre um barômetro de minha própria vida espiritual. Periodicamente, eu re-descubro sua importância decisiva; periodicamente também, es-queço-me dela, não sem um sentimento de culpa. Fico perplexo em ver quanta gente desenvolve engenhosas teorias para aliviar suas consciências pesadas em relação a isso. No entanto, tudo é em vão, como prova a multiplicidade de argumentos e o tom preemptório de suas vozes. "Uma consciência pesada não precisa de acusador", diz o provérbio. Um dia, há mais ou menos um ano, percebi que estava me prejudicando porque comecei a ler o jornal antes da meditação matinal, o momento quando Deus me pedia que o escutasse

antes de escutar o mundo. Foi simples corrigir isto, mas para renovar o clima de minha vida.

Acabo de ler estas últimas linhas à minha mulher. Ela me respondeu imediatamente: "Para mim, é justamente o contrário; eu escuto primeiramente as notícias do rádio; isto me desperta bem; então, depois, eu posso meditar mais conscientemente." Trata-se, então, de cada um procurar, sinceramente, o melhor contato com Deus.

Jesus sabia também se descartar da multidão entusiasmada que queria enredá-lo em uma brilhante carreira pública (Jo 6:15). Ele sabia mesmo recusar, com uma calma extraordinária, o pedido de uma mãe desolada, a mulher cananéia e não se desviar, por causa dela, do caminho que Deus lhe havia traçado (Mt 15:22-28). Entretanto, quando ele descobriu a fé que a motivava, ele não hesitou em mudar de opinião e mostrar assim a sua verdadeira liberdade interior.

É esta liberdade que almejamos: a liberdade de agir ou de não agir, de falar ou de calar, de fazer isto e não aquilo, de trabalhar e de repousar, segundo a convicção que Deus nos dá. Quer sejamos pessoas de fé ou não, nós nos sentimos sempre culpados por nos deixar conduzir pelas exigências do mundo, por mais nobres que elas sejam, e não por uma inspiração interior e pessoal.

4. PROBLEMAS QUE O DINHEIRO TRAZ

Eu me lembro do meu primeiro dia de escola. Era o único a usar um chapéu de abas largas. Assim, meus novos colegas deram-me imediatamente o apelido: "Chapéu de padre". Isto me afetou muito; eu era órfão e solitário, enfrentando pela primeira vez uma sociedade impiedosa, como é uma turma de escola, e com a necessidade de fazer uma adaptação difícil à sua lei. Sua lei é a do grupo, e todo aluno que se distingue do grupo por qualquer excentricidade torna-se rapidamente objeto de atenção. Eu me senti envergonhado e culpado de não ser como os outros.

Nesta idade uma criança é tremendamente sensível à vergonha da pobreza quando ela se compara aos colegas mais bem vestidos e que podem comprar bombons e brinquedos diferentes. Já escutei inumeráveis e pungentes reclamações daqueles que sofreram a miséria na sua infância e todas as afrontas que ela desencadeia.

Uma mãe, abandonada por seu marido, tem uma dívida tão grande no armazém que não ousa mais ir lá. No entanto, é preciso alimentar as crianças. Então, envia a sua filhinha. Esta sabe o que a espera e, antes de qualquer coisa, se recusa. Porém a mãe a repreende! Ela se sente culpada por desobedecer e vai.

"Você tem dinheiro?" pergunta-lhe o dono do armazém. "Volte então para apanhá-lo em casa; não lhe darei nada se você não tiver dinheiro." A menina não pode responder nada; vai embora, chorando. Um terrível sentimento de culpa enche o seu coração. Ela se sente culpada por não ser como as outras meninas que vão ao armazém; sente-se culpada por ser pobre. Ela vagueia pelas ruas, remoendo ainda a culpa atroz que sentirá ao ver a sua mãe chorando ou prevendo a repreensão que sofrerá quando entrar em casa de mãos vazias.

Não é somente com o homem do armazém. Mesmo as generosas mulheres da igreja que trazem seus embrulhos de roupas e mantimentos, por sua atitude, por suas palavras, por seus gestos, incutem, sem se dar conta, mil sentimentos de culpa no coração da menina. Elas têm uma maneira de lhe dizer: "Não vá comer tudo de uma só vez; sua mãe é muito pobre, é preciso que isto dure muito tempo". Ou, ainda, à mãe: "Nós pensamos que seria mais útil trazer para as crianças algumas roupas velhas no lugar de brinquedos".

Isto se repete durante toda a vida. Quanta gente não ousa ir à igreja porque têm apenas roupas velhas e não suportam o olhar de desprezo, ou de condescendência, ou de piedade das pessoas de classe média em suas melhores roupas domingueiras! Certamente estes últimos são os culpados, e não os pobres que fazem papel de culpados e se sentem assim, quando os outros os saúdam cerimoniosamente, todos compenetrados do mérito de sua piedade.

Ninguém fica insensível ao julgamento que nos espera na sociedade. Se somos silenciosos, nos chamam de indiferentes; se falamos muito, nos qualificam de pretenciosos. Uma mulher que use roupas clássicas será criticada com desprezo como sendo antiquada; se usa roupas mais ousadas, julgam-na uma aventureira. Todos os convidados estão com roupa de gala, e você não sabia; você é o único traje esporte: se é rico, eles admirarão a sua simplicidade e pensarão que você quis estar à vontade; mas se você é pobre, eles o tratarão rudemente. Se, por um erro inverso, você é o único a estar em traje de gala, você também ficará embaraçado. O problema, então, não está tanto na pobreza ou na riqueza, mas na inevitável comparação mútua entre os homens.

Assim, o dinheiro é fonte de inúmeras culpas, e de culpas contraditórias. Tem-se vergonha de ter falta dele; mas tem-se vergonha também de possuí-lo, de ganhá-lo. Muitos médicos têm me confessado não poderem cobrar contas elevadas sem um sentimento de culpa. Se o doente não se curou está-se cobrando por um serviço inútil. Se o doente ficou bom, é quase pior: é como barganhar o serviço prestado, o que eleva o seu preço. Assim, muitos médicos encarregam suas secretárias de cobrar os honorários elevados. Outros me disseram que se tornaram médicos missionários ou médicos de empresas para se livrarem dos problemas de honorários, ou abriram uma clínica para que seu preço fosse incluído dentro do preço global da estadia. Daí também a participação dos médicos na criação de tabelas oficiais que têm sido adotadas para todo tipo de tratamento. Isto os livra de toda responsabilidade pessoal na fixação de seus ho-

norários e de toda reivindicação dos doentes, separados dessa forma dos médicos por um regulamento pessoal. Porém isso tira também da medicina o seu caráter de relação pessoal, tornando os pacientes em "casos" e os médicos em funcionários. Em Genebra, meus colegas conseguiram salvaguardar, ao preço de duras lutas e de vivas críticas, um regime relativamente liberal. Mas então, se o médico tem escrúpulos de cobrar normalmente os seus honorários de um doente pobre, cuja doença leva ainda a maiores dificuldades financeiras, e se ele trata gratuitamente (como acontece muitas vezes) ele se sentirá com a consciência culpada em relação à sua própria família. Isto acontece em todos os setores. Um empregado consciencioso sente um peso na consciência por pedir um aumento que ele não tem certeza de merecer totalmente, e lhe pesa na consciência sua mulher se contentar com um salário que lhe impõe restrições e economias.

Ele passeia na cidade com ela: ela admira um lindo vestido em uma vitrine e quer fazê-lo compartilhar de sua admiração: "Olhe, que vestido maravilhoso!" Ele nem olha. Toma esta exclamação por uma censura. Ele tenta levá-la para outro lugar e compra-lhe um ramallete de violetas, como um tipo de compensação por não lhe comprar o vestido.

Muitas vezes a mulher trabalha e ganha, e compra bonitas roupas como seu próprio dinheiro. Neste caso, seus filhos ficam soltos na rua ou sozinhos em casa quando voltam da escola; eles devem abrir sozinhos a porta da casa sem serem acolhidos por ninguém. Assim, novamente o marido tem um sentimento de culpa, tão profundamente enraizado na alma humana: a idéia de que o pai de família deve ser o sustentador de sua família, apesar da evolução dos *costumes*.

Todas as discussões sobre as finanças domésticas são carregadas de culpas mais ou menos conscientes, muitas vezes carregadas de veneno. Quando uma mulher fala do custo de vida, seu marido se torna nervoso e aborrecido, porque ele sente nas queixas dela como uma espécie de censura. Ele foge de qualquer diálogo com ela acerca do orçamento. Dá-lhe uma soma que saber ser insuficiente e lhe diz para fazer o possível. Ele fecha os olhos ao problema, mas fica com a consciência doendo. Frequentemente, ele nem lhe diz o quanto ganha, com medo de incitá-la a gastar, ainda que ele esbanje mais dinheiro do que admitiria em prazeres desprezíveis. Pode-se queixar constantemente de falta de dinheiro e mesmo assim gastá-lo tolamente.

Outros maridos só o dão resmungando, gota a gota. Sem cessar, suas mulheres têm que estar pedindo, sempre mal acolhidas, se bem que elas terminam por experimentar um verdadeiro sentimento de culpa ao pedir, como se fosse culpa sua que as crianças cresçam *tão* depressa e gastem tantos sapatos. Há muitas esposas que não têm outra saída a não ser enganar os maridos nas contas para dispor do necessário às suas necessidades pessoais. Uma transparência financeira total entre os cônjuges é muito rara e as mentirinhas mútuas são sempre carregadas de culpa. Cada parte tem medo de um julgamento crítico de seu cônjuge sobre suas próprias despesas.

Por educação e por complexo gasto mais do que minha mulher. Assim, logo que ela aprova uma despesa, me apresso em considerá-la como legítima. Deste modo, coloco sobre a minha mulher uma responsabilidade que eu injustamente tiro de sobre meus ombros. Como na organização do tempo, nós todos sentimos que a autenticidade de nossa submissão a Deus se efetua diariamente e de forma concreta em nossas decisões financeiras. Aqui também somos rápidos em dizer que tudo que possuímos pertence a Deus, que nós somos não os proprietários, mas os administradores.

Este pensamento, por mais justo e sincero que seja, pode servir às pessoas ricas para acalmar a dor de consciência que sentem em relação à sua riqueza. Pode ser muito cômodo — ou *ao contrário*, caso seja consciencioso, muito angustiante — con-siderar-se como administrador dos bens de um proprietário distante de quem se recebe as ordens de uma maneira confusa. Honestamente, é preciso confessar que é bem difícil, na prática, julgar a vontade de Deus no emprego do nosso dinheiro.

Assim, é muito importante para o casal pelo menos procurar uma orientação diária juntos, por meio de calma comunhão com Deus. Mas, precisamente os fatores psicológicos que mencionei privam muitos casais, da calma necessária a esta procura do plano de Deus quando eles discutem sobre o dinheiro. Pode-se também pedir conselho a um pastor ou a um amigo. Porém me parece que Sartre não errou quando disse que nós escolhe-mos o nosso conselho pela escolha de nosso conselheiro. Nós quase sempre podemos prever quem aprovará os nossos proje-tos e quem nos dissuadirá deles.

Numa ocasião tive uma experiência interessante a este respeito. Falávamos, minha esposa e eu, na ocasião, em levar as crianças em um cruzeiro, pela costa dalmática e à Grécia. Tal despesa seria legítima? Mais particularmente, estaria dentro da vontade de Deus? Pode-se discutir interminavelmente consigo mesmo, lidar com mil argumentos plausíveis, sem apagar de todo uma dúvida interior. Pareceu-nos também, em nosso raciocínio, que, se submetêssemos o caso a um amigo do mesmo meio social que o nosso, este controle não teria nenhum valor.

Eu estava naquela ocasião muito ligado a um grupo de operários de uma fábrica na vizinhança. Fui à casa de um deles, à noite, levando comigo *todas* as minhas contas domésticas, todos os meus avisos bancários e minhas declarações de imposto de renda. Com seu encorajamento, fizemos o nosso cruzeiro, mas jamais esquecerei a magnífica noite que passei com este amigo.

Nós somos, com efeito, sempre bastante reservados e raramente transparentes, pouco inclinados a nos abrir de fato sobre os nossos problemas financeiros, mesmo com bons amigos, e principalmente com aqueles que nos parecem menos privilegiados do que nós. Vê-se assim grandes chefes sindicalistas que escondem dos operários o *conforto* e o bem-estar que eles adquiriram servindo a causa dos operários. E justamente esta falta de transparência a fonte de um sentimento de culpa.

Então, a sociedade inteira se organiza para tentar diminuir essas culpas que estão inexoravelmente ligadas aos privilégios da liberdade. Os salários são fixados por contratos coletivos, e a promoção se torna automática com o tempo de casa. Eu não critico este progresso que atenua um pouco a terrível culpa das injustiças sociais.

Assim como há uma culpa na miséria, há também uma culpa *na propriedade* que se desenvolveu à medida que a voz da miséria se tornou mais audível. Mas toda esta legislação social que o proletariado arrancou da burguesia e que até hoje é tão cruelmente insuficiente, é como um véu muito transparente jogado sobre a consciência pesada dos privilegiados. Os barulhentos testemunhos da injustiça social são abafados de modo a se poder desfrutar os bens de consumo mais à vontade.

Um certo sentimento de culpa é inerente a todo privilégio, mesmo quando este é merecido. Um empregado de confiança sente isto em relação a seus colegas quando seu chefe, que o aprecia, confia-lhe as mais altas responsabilidades. Uma moça, a quem se pede para cantar na igreja no Natal, também se sente assim em relação a uma amiga que gostaria de ter sido convidada no seu lugar. Toda inveja e todo ciúme dos outros desperta em nós uma consciência culpada.

Da mesma maneira, em um mundo onde todos devem trabalhar, quem não trabalha adquire um sentimento de culpa; porém tenta escondê-lo como puder, fazendo-se agradável a todos. O mesmo mecanismo ocorre com as pessoas que ganham muito dinheiro, ou o ganham muito facilmente, e que se absolvem dando generosas doações às igrejas, às obras sociais ou financiando bolsas de estudo. Nós encontramos também um vivo sentimento de culpa em mulheres que foram mimadas por seus maridos, e vice-versa.

Assim, o que separa os homens não é somente a diferença de suas condições, nem somente a inveja que esta suscita nos menos privilegiados, é também o fato de que esta diferença desperta, nos mais privilegiados, uma consciência pesada que perturba o seu prazer. Por um curioso paradoxo, o empregado que merece plenamente a promoção que recebeu, mas que não a solicitou, fica mais embaraçado perante seus colegas do que um outro que, sem escrúpulos, sabiamente manobrou tudo para chegar lá, por meios mais ou menos duvidosos.

Talvez vocês estejam pensando que eu me contradisse, que esteja confessando existir pessoas sem escrúpulos, sem culpa. Eu emprego esta expressão como todo o mundo, mas é somente um modo de falar. Não pensem que aquele oportunista esteja na verdade isento de culpa. Vejam como ele tem necessidade de explicar a sua conduta, de depreciar os outros e de se justificar, de ser acreditado diante dos outros, bem como perante si mesmo, de propor aos outros (como também a si mesmo) uma versão corrigida que o exonera de toda e qualquer culpa. Os que são aparentemente sem escrúpulos são pessoas que recalcam os seus escrúpulos para o subconsciente.

Sinto-me mal em estar tão sadio quando há tantos doentes; em ser feliz

quando há tantos infelizes; em ter dinheiro quando tantos têm falta; de ter uma vocação interessante quando tantos suspiram sob o peso de um trabalho que detestam; e até mesmo de ter experimentado a mão de Deus e ter sido iluminado pela fé, enquanto tantos sofrem na angústia, no isolamento e na obscuridade.

Eu conversava sobre isto recentemente com um de meus colegas, um psiquiatra. Com um sorriso leve, cheio de boa vontade, ele me disse: "Eu sou seu amigo, mas devo também ser um pouco seu médico". Ele queria dizer, gentilmente, que achava meus sentimentos de culpa verdadeiramente mórbidos. Eu não o contesto. Vocês talvez pensaram da mesma maneira lendo até aqui. Ele me explicou o seu pensamento: "Você sofre de uma deformação do senso de responsabilidade. Nós não somos responsáveis pelo mundo inteiro mas, mais modestamente, por um pequeno círculo imediato. Se nós somos fiéis nestes limites, podemos ter a consciência tranquila".

De um só golpe, eis-me carregado de uma nova culpa: é bem verdade que há o orgulho de se sentir assim responsável pelo mundo inteiro e por todas as suas injustiças. O farisaísmo também me espreita: a gente pode emocionar-se com os indianos que morrem de fome, sem perceber misérias que estão mais próximas de nós, as quais se poderia remediar. Mas estas observações confortadoras não me bastam.

Pouco depois eu recebi uma carta de um amigo estrangeiro: "Acabo de aprender", me escreveu ele, "que, segundo as estatísticas, uma boa parte da humanidade é subnutrida: as riquezas terrestres são mal distribuídas. Fico então embaraçado quando como ou quando durmo em uma cama; eu nem ousa mais me distrair no domingo ou nos feriados".

Por certo, meu amigo psiquiatra poderia lhe dizer, como fez a mim, que está doente. Mas existe também outra doença, uma doença universal, um imenso "recalque da consciência". Se há tanto sofrimento no mundo, não seria justamente porque muita gente boa, que é honesta e até conscienciosa nas suas responsabilidades cotidianas, se tranquiliza facilmente dizendo que estes sofrimentos longínquos, em tão grande escala, escapam ao *seu* raio de ação? Eles se persuadem que *não* podem fazer nada quanto a isso. Assim continuam existindo iniquidades gritantes devido a uma espécie de cumplicidade universal.

De tempos em tempos um profeta surge, e remói a consciência de todos. Ele desperta uma culpa que tinha sido recalçada em inúmeros corações; ele alarga de novo o sentido de responsabilidade e obtém reformas que se acreditavam impossíveis.

Ouvindo um profeta como este, muitos homens se lembram, de repente, da história de Pilatos que lavou as mãos na presença da multidão para marcar bem os limites formais de suas responsabilidades. "*Estou inocente*", disse ele (Mt 27:24). Porém, esta cerimônia teatral não livrou Pilatos de sua consciência pesada: e nós percebemos isso depois, porque ele mandou colocar sobre a cruz a seguinte inscrição: "*Jesus nazareno, o rei dos Judeus*" (Jo 19:19), uma atitude

contraditória à anterior. Assim, muita gente que se sente culpada em permanecer covardemente inerte diante das injustiças do mundo só se libera através de* vão protestos verbais.

Há tantas injustiças, crimes e sofrimentos no mundo, que nós todos sentimos, conscientemente ou não, esta culpa generalizada que meu amigo qualificou de mórbida, a menos que nós adquiramos uma outra culpa, a de não nos solidarizarmos com as responsabilidades dos outros.

Em uma teoria de responsabilidade limitada, a confissão da nossa impotência diante de tanto mal não pode, verdadeiramente, nos satisfazer. É necessário uma outra resposta. Meu amigo sentiu isto, bem claro, e nossa conversa rapidamente passou para outro assunto: "O que você faz da graça de Deus?" perguntou-me ele *então*. "É justamente porque tenho *uma* consciência profunda de nossa culpa e de sua extensão", disse-lhe, "que tenho também uma consciência profunda da graça, nossa única esperança" e, "tudo bem então", ele me disse.

Onde fica então o limite da cumplicidade? Este é um outro problema frequentemente bem delicado. Muitos empregados, secretários e vendedores, abriram-se comigo sobre tais questões de consciência. Eles sabem que seus patrões enganam clientes ou sócios nos negócios. Devem eles executar as ordens que eles sabem que são desonestas? Às vezes se arriscam a falar com o patrão que geralmente acata mal esta intromissão de um subalterno em assuntos que não competem a ele e dos quais, de fato, ele não tem muita informação.

Eu me lembro sempre de uma moça que trabalhava em uma farmácia. Certa vez, ela percebeu que estava entregando um produto abortivo a uma mulher grávida. Chocada, ela se abriu com seu patrão. Mas, muito calmamente, este lhe disse que ela devia somente executar as ordens dos médicos e não discuti-las. O que eles prescreviam era problema deles e não dela. Ela desistiu de sua carreira na farmácia.

Na realidade, quaisquer que sejam as boas razões que possamos invocar para nos defender, nós nos sentimos sempre culpados das faltas dos outros. Um senso de solidariedade humana está profundamente arraigado na alma de cada um. Sentimos isso mais vivamente quando se trata de alguém próximo. Se seu irmão recebe honra por um ato de heroísmo, você fica orgulhoso disto também, embora não tenha participado do acontecimento. Porém se este mesmo irmão praticar um ato vergonhoso, você também sentirá vergonha, mesmo que aparentemente não tenha nenhuma cumplicidade no caso.

Assim, vemos pessoas que guardam, durante toda a vida, uma vergonha social adquirida na infância, porque o seu pai faliu, ou porque seus pais se divorciaram. Seus colegas de escola lhe viraram as costas, e estas crianças sentiram como culpa es-sa desonra familiar. Se nós conseguirmos esquecer, por nós mesmos, a solidariedade que nos liga ao nosso próximo, o mundo saberá nos lembrar disso.

Nós sentimos também esta solidariedade no plano nacional. Se o governo federal cometesse uma falta grave na política interna ou externa, seria inútil

condená-lo. Uma culpa recairia sobre mim, mesmo se eu fosse a primeira vítima desta falta. O zelo que tenho, se sou da oposição, em criticar o governo, tem sua fonte exatamente nesta viva necessidade que encontro de colocar sobre ele uma culpa que me toca. Dessa forma, se eu ler no jornal que um compatriota cometeu um crime na Venezuela, eu sinto uma espécie de vergonha.

Mas será que devo me sentir responsável por outras nações? Guardo, a esse respeito, uma recordação bem viva. Foi na Alemanha, logo depois da guerra, em um encontro médico. Os transportes estavam ainda desorganizados, e um conferencista que devia falar sobre a morte não conseguiu chegar. Nós combinamos substituí-lo: um teólogo, um colega alemão e eu. "É preciso falar dos campos de concentração", disse meu colega, "e dos médicos que aceitaram ser instrumentos de morte". — "Bom", disse-lhe eu, "você é que deve tratar deste assunto; sou suíço. Falarei sobre outra coisa". E ficou decidido assim.

Porém, à tarde, no meu quarto, percebi de repente que esta frase que havia pronunciado estava carregada de farisaísmo suíço. Ela se assemelhava ao "isso vos pertence" de Pôncio Pilatos. Dava a entender a meu colega que, porque ele era alemão, se bem que ele tinha sido perseguido e mesmo arruinado pelos nazistas, era mais solidário que eu com os médicos assassinos. Fiquei perturbado, levantei-me e fui acordar o meu colega para lhe pedir perdão.

A extensão dessas responsabilidades coletivas aumenta mais e mais. Onde está o limite? Não há limite. Nós temos a consciência pesada, diante de nossos filhos, por deixá-los em um mundo tão inquietante. Muitos físicos, diante das ameaças das armas atômicas, são despertados brutalmente para uma compreensão geral das responsabilidades do homem de letras, uma percepção que as belas teorias sobre a neutralidade da ciência antes abafaram.

Quanto mais desconhecido é o réu para mim, mais facilmente posso enganar a mim mesmo e me convencer de que seus problemas só dizem respeito a ele. Mas este movimento de desassociação me parece, honestamente, com uma espécie de demissão culposa de minha vocação humana, cuja dignidade reside no seu senso de responsabilidade.

É o caso também de um líder quando se dá conta das consequências de seus atos, e que inocentes podem pagar por seus erros. Assim, Davi fez o recenseamento do seu povo para se orgulhar do seu poderio, o que desagradou a Deus. Quando a peste se espalhou pelo país, Davi clamou: "*Eu é que pequei, eu é que procedi perversamente; porém estas ovelhas que fizem.*" (2Sm24:17).

Quanto mais se purifica este senso de responsabilidade, mais se aviva a culpa que experimentamos de todo o mal que há no mundo. "*Quem enfraquece, que eu também não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame?*" exclama Paulo (2 Co 11:29). Pedro fala de Ló, o justo, que tanto se afligia com a vida dissoluta dos pagãos, seus contemporâneos (2 Pe 2:8). Deve-se citar aqui as belas passagens do profeta Ezequiel que se sente escolhido como uma sentinela responsável pelos pecados dos outros (Ez 3:16-21; 33:1-11). Ou ainda Arão que,

na função de sacerdote, leva diante de Deus todas as iniquidades do seu povo. Mas é em Jesus Cristo que este senso de responsabilidade por todos os homens se estende até o infinito. Nós o sentimos em todas as suas atitudes; quando ele chora sobre Jerusalém e seus crimes (Mt 23:37); quando ele contempla a multidão parecida com ovelhas sem pastor (Mt 9:36); quando ele evoca o sofrimento do pastor pela menor das suas ovelhas desgarradas, até que a encontre (Lc 15:4); quando ele acrescenta misteriosamente que há ainda outras ovelhas que não são deste aprisco, e que haverá no final um só rebanho e um só pastor (Jo 10:16). Nós percebemos isto sobretudo vendo-o caminhar para a cruz, ele, o inocente, carregado com a culpa de toda a humanidade, como Isaías havia profetizado: *"Ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades... levou sobre si o pecado de muitos"* (Is 53:5-12).

Assim, a vida espiritual e o ministério espiritual, longe de tornar mais leve o fardo da culpa, aumentam ainda mais a carga. Além disso, não se trata, como em Jesus Cristo, do peso da culpa dos outros somente. Quanto mais nos aproximamos de Deus, mais experimentamos a sua graça e quanto mais experimentamos a sua graça, mais descobrimos faltas em nós mesmos que não distinguíamos antes, e mais sofremos por isso.

5. NOSSO MUNDO INTERIOR

Enquanto preparava este capítulo, recebi de repente um telegrama dos Estados Unidos. Eu havia prometido enviar um artigo no mês passado. Agora, o jornal onde ele deveria aparecer já estava pronto para ser impresso. Eu tinha me esquecido completamente. Fiquei totalmente embaraçado. O colega que telegrafara iria certamente duvidar da minha amizade. Mas a nossa amizade é real. Então, por que eu não pensei nele? Assim, a todo momento, um telegrama, uma reclamação pode denunciar bruscamente um esquecimento, uma negligência, uma falta, da qual estamos realmente culpados sem o sabermos.

Existe, então, uma espécie de culpa latente, inconsciente e recalcada, mas temerosa. Vivemos constantemente sob a ameaça de uma revelação impossível de evitar, porque não conseguimos pensar em tudo. Pelo atraso de uma carta, podemos ter feito um mal a alguém e só o percebemos, subitamente, quando ele não poderá mais ser reparado. Ou, no caso deste ou daquele paciente, nós deixamos de mandar fazer um exame complementar, que poderia ter evitado um estúpido erro de diagnóstico.

De fato, é esta a condição em que vivemos: a vaga e inquietante percepção de que a todas as faltas que nós sabemos ter, junta-se, certamente, um número ainda

maior, que um incidente qualquer pode trazer à luz repentinamente. Assim, Pedro tomou bruscamente plena consciência de sua negação, quando o galo cantou, ainda que fosse muito tarde. "E saindo dali, chorou amargamente" (Mt 26:75).

Nós estamos sempre sob a ameaça de algum canto-de-galo que nos colocará em embaraço. Isto nos traz uma certa inquietude permanente. Sentimos sempre suspeitas de uma culpa constante, imprevisível e transitória. Entretanto, em toda essa inquietação, aparece um pouco deste medo de ser culpado sem o saber, o que a torna mais penosa. Uma criança chega em casa com atraso: Será que aconteceu alguma coisa? Eu não devia tê-la deixado ir tão longe assim... Devia ter insistido que ela fosse primeiro consertar o freio da sua bicicleta?... Será que eu lhe fiz todas as recomendações necessárias? Será que não foi um simples mal-entendido sobre a hora da volta? Mas, então, eu é que não fui bem claro. Eu sou na verdade sempre o mesmo impreciso! Isto só me acontecerá desta vez!... Que mais?... Talvez eu tenha outras responsabilidades de que não estou me lembrando.

A criança volta, toda sorridente. Ela se atrasou inocentemente, conversando com um amigo. Agora fico todo confuso, e minha inquietude me parece culpa. Arrisco-me a estragar todo o desenvolvimento desta criança se mostro tanta falta de confiança nela. A guirlanda de perguntas de minha mente se dissipa, mas ela vai reaparecer brevemente, em relação a outro assunto. Ela guiará na minha cabeça um turbilhão intangível de culpas hipotéticas, que bem podem ser reais.

O que é irritante no esquecimento é o sentimento de impotência que ele deixa. Não conseguimos pensar em tudo. Nós usamos o esquecimento como uma desculpa: "Eu lhe peço perdão, Senhor; eu estou desolado; mas esqueci tudo, completamente." O esquecimento é também uma acusação, tanto quanto é uma desculpa. Não deveria ter esquecido, se eu fosse consciencioso, prevenido, fiel, lúcido, senhor de mim mesmo. Assim, por exemplo, sempre ficamos confusos quando não conseguimos nos lembrar do nome de um dos nossos conhecidos.

Há mais: Freud nos demonstrou que jamais um esquecimento, nem mesmo um lapso, acontece por acaso. Ele trai um impulso inconsciente, contrário às nossas intenções conscientes. No fundo, bem antes dos dias da psicanálise, os homens já tinham um pressentimento disso. O esquecimento revela uma falta de acordo consigo mesmo, a existência de uma força interior dissimulada e ativa, que sabotava nossa ação consciente. Uma força que escapa à nossa vontade, que se esconde na sombra e nos ataca traiçoeiramente pelas costas.

Assim nós sentimos que, de alguma forma, a responsabilidade não é nossa, no entanto somos culpados; isto revela aos outros e a nós mesmos que, no fundo, não somos o que parecemos ser. Nós falamos da nossa amizade por alguém e, de repente, o esquecimento de alguma coisa importante desmente a ela tudo que dissemos e mostra uma hostilidade que nós gostaríamos de negar. Por trás das virtudes que nós ostentamos há inumeráveis culpas sobre as quais preferimos fechar os olhos, e que, mesmo com boa vontade, não chegaríamos a identificá-las exatamente. O medo de esquecer alguma coisa leva certas pessoas a uma

verdadeira angústia quando estão arrumando suas bagagens antes de viajar. Também nos sentimos sempre culpados por nossas distrações. Um amigo me disse que me encontrou ontem na rua, mas que eu não o vi. Certamente não tenho culpa, como teria se tivesse feito que não o vi, para economizar, por exemplo, o tempo que seria gasto num bate-papo. Mas sinto que há algo de culposo na minha distração: uma falta de disponibilidade para com o mundo exterior, porque estava muito absorvido no meu pequeno mundo interior.

Um homem está dirigindo o seu carro. De repente o caminhão que está na frente pisa nos freios. Em tempo, nosso motorista se apercebe do perigo; uma fração de segundo a mais e teria ocorrido um acidente. É ele que estava distraído: ficou olhando para uma moça, uma turista estrangeira que se debruçou para escolher cartões postais numa banca. Distração bem comum! Qual o homem normal que, num caso assim, não arriscaria pelo menos uma olhadela? Porém todo mundo esconde isto. É a conspiração do silêncio, de que Bergson fala em um lugar qualquer. Assim, certos leitores acharão, talvez, que seja fora de hora que eu fale disso aqui. Mas o Dr. Théo Bovet mostrou astuciosamente, em sua conferência, que é costume falar disso somente em piadas, em músicas. Ele nos mostrou que todos os homens, dessa maneira, transformando isto em uma trivialidade, procuram aplacar a consciência pesada que sentem. E, de repente, o nosso motorista entrevê o acidente que ele evitou por pouco, a investigação subsequente para averiguar o responsável. Teria ele coragem de confessar a causa da sua distração?

Eu não me esqueço da justa distinção que os teólogos fazem entre tentação e pecado. Apresso-me a expô-la: tentação não é pecado. A prova é que o próprio Jesus foi tentado (Lc 4:1-13). Não importa qual seja a idéia; mesmo a mais ímpia e a mais criminosa pode jorrar de nosso espírito, sem que possamos fazer nada. O mal está em acolhê-la, em cultivá-la e em nos comprazermos nela. Cito as palavras de Lutero: "Não podemos impedir que as aves voem sobre a nossa cabeça, mas podemos impedir que façam aí o seu ninho".

Onde fica exatamente a fronteira da complacência? A distinção é bem simples na teoria, mas bem insidiosa e vã na prática. Todo o sermão da montanha (Mt 5:7) derruba essas barreiras seguras que os homens esperam erguer entre o pensamento secreto e o ato, entre a falta planejada e a consumada. Eu não sei se os teólogos tiveram mais sucesso que eu: pois eu, de minha parte, fico impressionado pela ineficácia de tais explicações para dar segurança a uma pessoa demasiadamente conscienciosa. De fato, a autoridade espiritual de um pastor sobre um arrependido pode, talvez, ser bastante grande para convencê-lo de que a sua consciência pesada não tem muita base. Mas, então, ele precisará retornar constantemente a seu "diretor de consciência" para lhe submeter suas sempre novas inquietudes.

Um homem é confortado mais pela absolvição verbalizada de suas faltas reais do que por todas as explicações que se lhe possam dar para desculpá-lo de suas

culpas-fantasmas. Pode-se dizer a uma pessoa escrupulosa que a sua culpa é bem outra, que ela reside em uma recusa em aceitar a sua condição humana e as fraquezas que esta condição comporta, mas é tudo em vão. Em sua ansiedade e na própria dificuldade que enfrenta de se aceitar tal como é, a pessoa expressa uma preocupação da qual ninguém está inteiramente isento.

Nós temos sede de uma resposta divina, não somente para tal ou qual falta, específica da qual nós nos reconhecemos culpados, mas por nossa própria condição humana. Porque é bem claro o inexorável drama de nossa natureza, que nos oprime: o fato de que o bem não teria sentido se não existisse o mal. fidelidade, sem tentação de infidelidade, não é verdadeira fidelidade. Fé, sem tentação de dúvida, não é verdadeira fé. Pureza, sem tentação de impureza, não é verdadeira pureza.

Invocar nossos "complexos psicológicos" não nos liberta jamais da nossa consciência pesada. As palavras parecem nos desculpar: "Que é que você queria? Eu tenho um complexo". Mas percebemos bem que este mecanismo secreto, que desafia o nosso senhorio sobre nós mesmos, contradiz a nossa pretensão à liberdade. E como um inimigo interior que nos humilha pelas derrotas que nos inflige. É a "culpa de nossa escravidão".

Mesmo a noção do complexo implica a existência, por trás dessas desculpas automáticas de nossa conduta, de outros problemas mais profundos e misteriosos. Significa que nós não temos coragem de nos examinar a fundo; que temos um certo medo de fazer em nós mesmos, através de um exame mais profundo, descobertas desagradáveis e pouco lisonjeiras. Temos sempre um pouco de vergonha de nossos complexos, mesmo quando sabemos que todo o mundo os tem também.

Quando inventou a palavra complexo, Jung não quis desculpar o homem. Jung somente deslocou-lhe a culpa, revelando ao homem que ele é menos livre do que se imaginava. Isto nos humilha, ao descobrirmos a que ponto permanecemos prisioneiros de sugestões recebidas em nossa infância, mesmo quando nosso espírito consciente as reconhecia já como erradas. A sexualidade pode ser perfeitamente compreendida como sendo divina e não diabólica, como é apresentada. Pode-se assumir, com toda a alma e com todo o espírito, uma visão mais saudável do amor sexual. Nem por isso chega-se a se dar a este amor aquela liberdade e plenitude que se desejaria. A pessoa não mais se acha culpada de possuir um instinto sexual, mas uma culpa mais sutil a atormenta: a de ser juguete de seus complexos e de inibições que ela não aprova; a culpa de se sentir tão contraditória em relação ao que pensa e na maneira como age.

Pensem, por exemplo, na culpa do homossexual. Já lhe disseram muitas vezes que a sociedade é culpada de fazer pesar sobre ele um desprezo imerecido, pois trata-se de um acidente no seu desenvolvimento psicológico do qual ele não é responsável, como quando se quebra a perna e a fratura mal consolidada deixa uma pseudoartrose. Ele continua com um sentimento de culpa persistente, mesmo

tentando encobri-la sob belas teorias platônicas; é culpável contrariar a ordem estabelecida da natureza.

Vimos, também, nas questões de tempo e de dinheiro, quanto somos contraditórios em nós mesmos e quanto isso nos humilha. Um homem extremamente angustiado pelo futuro, desejoso de economizar e que faz uma despesa desnecessária, não se perdoa, mesmo compreendendo que um complexo de inferioridade *está* por detrás de sua angústia em *relação* ao futuro e desta despesa que fez. Gastando uma grande soma com um objeto supérfluo, ele está dando uma aparência de riqueza a si mesmo, compensando-se de sua inferioridade. Outro caso é o do esbanjador, que discute a torto e a direito sobre uma *conta* mínima, com uma mesquinhez que choca a si mesmo.

Um homem foi educado dentro da preocupação com a mais estreita economia. Sua esposa lhe pede dinheiro para uma despesa: se ele recusa, fica com a consciência pesada, porque julga ser a despesa legítima e ele está em condições de atendê-la ; mas ele também tem a consciência pesada se lhe dá, por causa do condicionamento de sua educação que *lhe* deixa freios tenazes. Um outro começou desde pequeno a comprar bombons para se consolar de não receber de seus pais a afeição de que necessitava. Agora, a despeito de todas as reprimendas e de todos os sábios conselhos de sua esposa, a despeito mesmo de todas as suas resoluções ou das piores ameaças de seus credores, ele continua a fazer dívidas.

Nossos complexos nos influenciam mesmo na leitura da Bíblia, quando nós procuramos nela inspiração para uma conduta mais livre e mais em harmonia com a vontade de Deus. É como no cinema em três dimensões, onde o espectador usa, para obter uma visão estereoscópica, óculos de duas cores, de tal forma que cada olho só vê uma parte da imagem projetada. Assim, cada um de nós vê na Bíblia o que corresponde às suas idéias preconcebidas e a seus complexos.

O esbanjador prontamente invocará a palavra de Eclesias-tes: "*Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás*" (Ec 11:1) ou a história do maná (Êx 16:13-31) que indica claramente que, se Deus dá cada dia a seus filhos o que eles necessitam, ele não lhes permite acumular reservas. Apelará ainda à resposta de Jesus a seus discípulos na casa de Simão, o leproso, quando criticaram uma pobre mulher que, em um grande rasgo de coração, derramou sobre ele um perfume de grande preço. "Pois este perfume podia ser vendido por muito dinheiro, e dar-se aos pobres", diziam eles. Jesus se voltou contra este bom raciocínio dos economistas e tomou a defesa daquela que eles julgavam severamente (Mt 26:6-13).

As pessoas de raciocínio lógico poderão invocar o livro de Provérbios: "*Vai ter com a formiga, ó preguiçoso; considera os seus caminhos e sê sábio... No estio prepara o seu pão, na sega ajunta o seu mantimento*" (Pv 6:6-8). Ou esta palavra de Jesus: "*Pois, qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para concluir?*" (Lc 14:28-30). Ou ainda sua estranha parábola do administrador infiel:

"Os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz" (Lc 16:1-13).

Ao enviar os seus discípulos em missão, Jesus lhes disse: "Sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas" (Mt 10:16). Conforme o seu temperamento, há leitores que guardam somente a primeira dessas duas recomendações, ou só a segunda; apesar de Jesus as ter colocado precisamente juntas. Nós nos arriscamos sempre a ser influenciados por nossas disposições psicológicas na nossa interpretação da Bíblia. Somos sinceros no desejo de nos conduzir por Deus se pretendemos permanecer os únicos intérpretes da sua vontade?

Arriscamo-nos sempre a procurar as passagens que nos dão razão. E, portanto, todos temos a intuição que ela deve sobretudo nos liberar de nossas visões muito estreitas e de nossos automatismos psíquicos.

O homem que é mais serpente do que pomba sente bem no fundo de si mesmo uma certa culpa de não ser pomba, de ser mais maligno, de haver apagado a sua candura natural. Mas o que é mais pomba do que serpente se sente também culpado, mesmo que não o confesse, de não ser bastante serpente, de se oferecer muito tolamente à maldade dos outros.

Complexos, fantasias secretas, tentações, sonhos vaidosos e inconfessáveis, todo um mundo de impulsos mais ou menos conscientes, muitas vezes sem forma definida, se desenvolvem em nós. Estes desafiam a censura de nossa vontade e nós nos sentimos em confusão. É um outro eu, que vive em nós, que não podemos apagar e que tememos que seja descoberto. Porque nós temos mesmo pensamentos horríveis, e parece que não suportaríamos a vergonha se eles fossem revelados. Precisamente porque os mantemos secretos, cada um de nós acredita ser o único a tê-los. E perguntamo-nos como é possível que desejos criminosos, imagens obscenas e covardia vergonhosa possam surgir em nosso espírito. Isto pode se tornar, nos doentes, um verdadeiro delírio: parece-lhes que todo o mundo lê em sua alma; eles crêem perceber um desprezo acirrado no olhar de um desconhecido encontrado na rua e ficam persuadidos que é um agente da polícia-secreta. Isto frequentemente conduz um homem normal a um psicólogo. Ele aceita experimentar as tentações "nobres", como as do orgulho ou da inveja, mas não pensamentos muito revoltantes. E, no fundo, sua própria natureza humana que ele gostaria de curar, porque ele não pode aceitá-la como ela é.

Ele se descobre capaz de dizer à esposa, no auge de uma discussão, palavras maldosas de perfídia e mesmo grosserias incríveis. Como é possível? Ele que é sempre tão fino, tão distinto, Lao senhor de si. Jamais ele se conduziria assim com uma outra pessoa. No entanto, ele ama a esposa. E justamente porque a ama, a paixão furiosa pode tomar conta dele até tal ponto. Estranha inversão do amor! Ele fica aterrado, não somente com o seu comportamento, mas principalmente pelo fato de existir dentro de si coisas tão inaceitáveis. Disso decorre também a emoção penosa que sente todo homem quando conta seus sonhos, porque

encontra neles pensamentos reprovados por sua censura psíquica, assim como se encontra na lata do lixo tudo o que uma boa dona de casa varreu cuidadosamente de seu apartamento. E quando uma pessoa nervosa ousa se abrir conosco sobre os pensamentos obscuros que a torturam, nós reconhecemos neles as associações de idéias mais banais que se desenvolvem no espírito de cada um de nós sem que, felizmente, prestemos muita atenção a isso.

Nós temos pequenos caprichos e sonhos ingênuos, como crianças; e pequenas covardias que cobrimos sob uma capa de gracejos ou de respostas evasivas, porque não ousamos nos mostrar tais como somos. Assim como tememos os nossos sonhos, tememos também a Bíblia, mesmo que a amemos muito, porque ela penetra no nosso íntimo como o raio X no nosso corpo: *"Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração "* (Hb 4:12).

O que nos humilha *não é somente* o que descobrimos em nós mesmos mas, mais ainda, a nossa impotência de fazer uma unificação, de apagar esta dualidade entre o nosso ser escondido e o nosso ser aparente. Nisto não existe uma culpa no sentido moralista do termo, mas no seu sentido existencialista: uma culpa em relação a si mesmo, que todo homem sente confusamente porque existem nele forças obscuras, impulsos e inibições que nem a sua vontade, nem a sua inteligência, nem a sua ciência podem dirigir.

É também impressionante constatar que, quando um homem confessa com viva emoção uma conduta culpada, acrescenta frequentemente, logo a seguir: "Não sei como pude fazer isto". Ele fica estupefato com seu próprio comportamento, e este atordoamento sobre si próprio é revelador desta dualidade tremenda, que existe mesmo nos homens mais seguros de si. Eles sentem, com certa confusão, que a censura de sua própria conduta, que eles exercem uma fração de tempo depois, foi totalmente suspensa no momento em que cometeram esses atos; fizeram-nos tão cega e repentinamente a ponto de não poder aceitá-los como atos seus.

O tímido sempre se envergonha de sua timidez porque esta timidez é mais forte que si mesmo e atrapalha as suas relações com os outros, mais precisamente com aqueles que lhe são mais caros. E o sentimento de vergonha agrava a sua timidez. A pessoa emotiva tem sempre vergonha de ter emoções tão evidentes porque elas a agitam, precisamente no momento em que gostaria de estar calma; e esta vergonha agrava a sua emoção. O impulsivo sempre tem vergonha de sua impulsividade porque ela o expõe a julgamentos injustos, e esta vergonha agrava a sua impulsividade.

Uma moça veio consultar-me por causa da sua timidez. Ela me preocupou bastante, porque parecia esperar que eu a libertasse magicamente de seu problema em uma só consulta! Ar-risquei-me a lhe comunicar minhas observações recentes sobre este problema. Parece-me que, ao menos na grande maioria dos casos, a

timidez seja uma vergonha transmissível: quando uma vergonha social pesa sobre os pais, uma criança sensível pode percebê-la, mesmo não a conhecendo; isto penetra nela e ela se torna tímida. Estas poucas palavras abriram imediatamente uma brecha para as confidências: "Compreendo bem esse problema", disse-me a moça. "Meu pai era operário; era um homem inteligente, trabalhador, honesto, mas um operário. E minha mãe era de uma família burguesa, cheia de preconceitos.

O pai dela considerou esse casamento como um casamento errado e lhe fechou as portas. Minha mãe não o viu mais até que ele morreu. "Eu mesma", acrescenta a moça, "só compreendi, pouco a pouco, mais tarde, este drama, quando me mostravam de longe este avô que se desviava por outra rua quando nos via, para não nos encontrar."

Este problema tão banal da timidez ilustra muito bem esta emaranhada de falsas e verdadeiras culpas que nós temos e que estão ligadas umas às outras. O desprezo social e as mil sugestões que recebemos determinam esta timidez. Mas a pessoa tímida não pode se rebelar contra tudo isto, precisamente porque sente que esta não é a sua verdadeira natureza e sente-se culpada em se mostrar diferente do que é.

Deste mal todos sofreremos. Por mais espontâneos que sejamos, sempre há um certo divórcio entre o nosso ser interior e o nosso ser aparente. Quanto mais aguçarmos a nossa perspicácia interna e quanto mais fizermos progressos na nossa auto-análise psicológica, tanto mais ficaremos convencidos de uma falta de coerência íntima e mais sofreremos com isso.

6. NOSSA AÇÃO EXTERNA

Deveria, talvez, concluir esta análise de nossas culpas cotidianas falando das culpas grosseiras nas quais todo o mundo pensa: a violência, a crueldade, o ódio e a traição, a mentira, a injustiça, o adultério e tantas outras. Mas isto não interessa aqui. O que prende mais a nossa atenção é o sentimento de culpa que todo homem experimenta, não pelo mal que fez, mas pelo bem que deixou de fazer. Este é o tema do Juízo Final, como Cristo descreve em um texto tão poético que até parece uma parábola (Mt 25:31-46). Ao contrário do moralismo, que imagina que ele nos reprovará pelas faltas que cometemos, Jesus Cristo nos lembra que será o contrário: seremos julgados pelas boas ações que deixamos de fazer, culpas muito maiores, infinitas.

Este trecho é de grande interesse porque mostra, justamente como outras de suas parábolas, que Jesus Cristo conhecia o inconsciente bem antes da psicologia

moderna tê-lo descoberto. Tanto os que ele coloca à sua direita como os que coloca à sua esquerda manifestam o mais vivo espanto: uns fizeram o bem sem saber; os outros falharam, também sem perceber. Há, na presença de Jesus Cristo, uma tomada de consciência de uma conduta inconsciente.

Há aqui também uma oposição entre o "dever" e a vida. Muita gente tem uma espécie de religião do "dever", quer dizer, assume atitudes convencionais, que não são nem vivas nem espontâneas. Quando se reflete nelas, esta moral do dever aparece como uma proteção contra a culpa. Ela consiste, na realidade, em definir arbitrariamente um certo número de tarefas a fim de se ter a consciência tranquila, quando elas forem feitas. Estas pessoas dizem com uma bela e cândida segurança: "Não tenho nada a me reprovar; cumpri o meu dever". Mas a repressão da culpa resulta em *um* endurecimento do coração: não vemos mais o que Deus espera de nós além do dever convencional.

É precisamente isto que Jesus enfatiza no texto do Juízo Final para contrastar em toda a sua inquietante plenitude o sentimento de culpa de seus ouvintes legalistas. Podemos comparar isto a outra palavra de Jesus: *"Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dissei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer"* (Lc 17: 10).

O que comove verdadeiramente os nossos pacientes é o que fazemos de extraordinário por eles, o que ultrapassa o dever convencional, em um impulso espontâneo do coração, mesmo que seja somente uma palavra pessoal, mas uma palavra genuinamente pessoal. Sentimos constantemente o perigo da rotina, da caridade que perde o seu sabor por se tornar um trabalho. Quem de nós não sentiu alguma inquietação diante desta profissionalização da dedicação? Porém esta culpa da omissão tem uma carga bem mais geral ainda. Ela compreende tudo que sonhamos, mas que não realizamos, os poemas escondidos em uma gaveta secreta aos quais faltam sempre alguns versos e algumas correções. Ela compreende as promessas pronunciadas em um impulso religioso, em um momento rápido; tudo que realizamos incompletamente, que foi esboçado e abandonado; tudo que é inacabado, tímido, inexprimido, disforme.

Enquanto somos jovens, podemos ainda ter ilusões sobre nós mesmos; o que fazemos consola-nos pelo que não fazemos e o que sonhamos ou esperamos consola-nos pelo que nos falta na realidade. Acreditamos ainda que, no futuro, haverá uma desforra sobre o passado e sobre o presente. A medida que avançamos em idade estas miragens se dissipam. É melhor confessar do que enganarmos a nós mesmos, tentando crer em realizações que jamais virão. Em plena idade madura, e depois na velhice, crises terríveis sobrevêm, e elas são fontes de doenças tanto psicológicas como físicas.

Justamente no momento em que as forças diminuem, quando baixa a capacidade de trabalho, quando as obrigações sociais se multiplicam, deixando assim menos lugar à espontaneidade, é que o homem sente que ele se deixa devorar pela vida, que mil necessidades secundárias o assaltam mais e mais. Ele

vai de procrastinação em procrastinação e o que mais queria fazer neste mundo se esvai para sempre. O que lhe resta de tudo que o absorveu cada dia? Quantas horas contam de verdade em uma vida? E quantas deixam um sabor de plenitude e de realização?

Um amigo vem me ver. É um homem de negócios, da mesma idade que eu. Ele sempre foi sincero nas suas condições religiosas. Enquanto tantos homens de negócios se acomodam estranhamente em um sistema econômico e social tão profundamente contrário à sua fé, ele não cessou de ser incomodado por esta contradição, e atormentado também pelas deficiências das igrejas, pela sua cautela e timidez. Pois é evidente que os homens de negócios, engajados na prática cotidiana, deveriam colaborar mais ativamente e mais estreitamente com os teólogos para trazer inspirações produtivas ao nosso mundo atual. Mas o seu maior tormento é a sua própria carência, é ter tão frequentemente desfolhado estes problemas, secretamente, no seu coração, ou ocasionalmente em qualquer noitada de discussão interessante, mas sem consequências práticas; é o de não tê-los enfrentado com bastante vigor para chegar ao menos a um esboço de solução; é de que suas aspirações tenham permanecido vagas, ineficazes, acadêmicas. Absorvido por uma pesada tarefa profissional, pelos cuidados familiares, deixou sem elaboração os pensamentos mais caros do coração. Ele é bem cuidado por um excelente médico; e se o tratamento não é tão eficaz, ele se pergunta se a causa não é essa culpa confusa que ele experimenta, ao fazer um balanço da sua vida.

Jean Paul Sartre afirma firmemente que a nossa vida não é nada além do que tenhamos feito. De minha parte, eu creio o contrário; tudo que queríamos fazer, todo o potencial nebuloso que carregamos dentro de nós, conta. Mesmo assim, realmente, o contraste brutal entre o sonho e a sua aplicação pesa sobre nós como uma imensa culpa.

Quem nunca se decepcionou consigo? Quem não procurou se consolar por qualquer aforismo cínico, desabusado ou amargo sobre a sua vida? Eu acabo de ler em um jornal uma palavra de Simenon em resposta a um escritor amargurado. Este lhe havia dito: "Não esperando nada da vida, não se decepciona nunca!" — "É verdade", concordou Simenon com um sorriso, "e não se respirando, jamais se engole micróbios!"

Outros tentam se tranquilizar lembrando-se sob qualquer pretexto, com alusões mais ou menos discretas, o que conseguiram realizar de valioso, de corajoso, de original. Outros ainda se queixam de seus pais, de suas esposas, de seu patrão, de seus amigos, para jogar sobre eles a culpa de seus erros e de suas carências. Eles dão a entender que as circunstâncias exteriores, por si mesmas, os impediram de mostrar o seu valor.

No fundo, toda esta amargura exprime um descontentamento consigo e com os limites da nossa condição humana. Acabo de receber uma carta de uma estudante: "Nós não podemos fazer absolutamente nada. A humildade está resolvida a reconhecer o seu orgulho, e a sinceridade em afirmar a sua mentira.

Somente a morte nos livrará das aproximações que nos afligem... A simplicidade nos escapa, e segui-la complica tudo... Chega-se logo a perceber que não conheceremos jamais... A esperança da graça não se sustenta senão pela graça..." Quem não compreende a gravidade deste drama humano?

"Vaidade de vaidades! diz o Pregador; vaidade de vaidades!" (Ec 1:2). Quem não se decepciona consigo mesmo? Quem não ressentiu dolorosamente a vaidade de seus esforços, mesmo na perseguição de um ideal que lhe era muito caro ao coração? Mesmo quando somos vitoriosos em algum ponto, um dia percebemos que o esforço feito foi uma maneira de não admitir falhas em muitas outras áreas. Nossos sucessos em algum setor não nos consolam de nossas decepções em outros. Elas se avivam ainda mais pelo contraste. Eu me lembro sempre de um homem bem sucedido, conhecido no mundo inteiro, e que lamentou no meu consultório: "Desperdicei a minha vida".

Jean Guilton fala do Abate Thellier de Poncheville como sendo "a inocência personificada", mas este revela no seu jornal espiritual, "acabrunhado pela idéia de sua mediocridade". Culpa do inacabado, do relativo, do não desabrochar, dos dons deixados sem cultivo; culpa por uma certa traição de si mesmo, de suas aspirações, de suas convicções, de sua vocação humana. "Não foi para você", diz um marido a sua esposa (ou uma esposa a seu marido), "tudo o que eu devia e queria ser; eu não lhe fiz verdadeiramente feliz; fui somente um entrave em sua vida em vez de lhe ajudar a desenvolver todo o seu potencial. Por que você não se casou com outra pessoa?"

Abram a Bíblia e vejam do começo até o fim esses homens que por chamado de Deus foram arrancados da banalidade da vida, lançados em uma grande aventura, revestidos de um poder criador que não vinha deles mesmos. Então sentimos claramente que esta culpa do inacabado é uma culpa de não-inspiração, de falta de contato com Deus; de não atender a seu chamado.

Nós encontramos aqui um tema predileto da psicologia moderna. A psicologia moderna queria ver o homem progredindo, evoluindo, dinâmico. Freud nos revela tudo o que permanece infantil e regressivo em nós: este medo da vida, das responsabilidades, esta saudade de refúgio no colo materno. Todos somos crianças, e todos nós nos sentimos culpados de ser tão pouco corajosos, tão pouco viris, tão pouco adultos. Jung amplia estas noções falando de integração, mostrando que o destino do homem está em assumir tudo que existe dentro de si mesmo. Porém o novo nascimento de que fala Jesus Cristo, a transformação do homem pelo Espírito Santo que nós vemos realizada na igreja primitiva contém e ultrapassa estas noções seculares do "tornar-se adulto" freudiano e da "integração" jungliana. Mesmo assim, é lastimável que entre os fiéis de todas as igrejas haja tantas pessoas infantis e tímidas, e tão poucos que são radiantes, vitoriosos e bem desenvolvidos. Mas qual a causa desta deformação no Cristianismo que, tão frequentemente, esmaga os homens em lugar de libertá-los?

Sentimo-nos responsáveis por este Cristianismo, culpados desta deformação

da qual participamos, culpados de demonstrar tão mal o poder de Jesus Cristo. Certo, nós somos fracos; talvez sem culpa desta fraqueza; mas o apóstolo Paulo não disse que precisamente da nossa fraqueza deveria eclodir a força de Deus? (2 Co 12:10).

É perante Deus que nos sentimos culpados de não nos tornarmos o que ele espera de nós, de nos deixarmos paralisar pelo medo, de nos deixarmos amoldar por nosso meio, petrificar pelo cotidiano, esterilizar pelo conformismo, não ser nós mesmos; ser cópia dos outros em vez de tirar partido dos dons específicos que Deus nos confiou. Aqui eclode a oposição entre as falsas culpas sugeridas pela sociedade e a responsabilidade pessoal diante de Deus. Um poeta me disse que não consegue escrever seus poemas sem um sentimento de culpa, porque se sente criticado por perder o seu tempo a rabiscar um papel em vez de ganhar a sua vida. Entretanto, ele sente uma culpa meio confusa, porém bem mais autêntica, em esconder o talento que lhe foi confiado (Mt 25:18).

Esta situação pode ser mais grave ainda. Tenho visto exemplos de pessoas que se aniquilaram por uma situação semelhante. Não é somente a sociedade e os preconceitos que nos impedem de sermos nós mesmos; pode ser, às vezes, irmãos na fé, por mais bem intencionados que sejam. De fato, há uma virtude na humildade e na obediência; poderíamos errar agindo pela nossa cabeça sob o pretexto de sermos nós mesmos! Mas é possível que conselhos de amigos ou mesmo de um pastor demasiadamente autoritário levem uma pessoa a sentir-se culpada. Talvez aqueles tivessem aconselhado sob o peso de seu complexo de inferioridade, mais do que por suas próprias convicções. Não falo aqui da vida monástica, onde a obediência é escolhida como um voto inspirado por Deus, nem da submissão exigida de um eclesiástico em relação a seus superiores. Mas quando como cristãos, iguais perante Deus, procuramos juntos sua inspiração, acontece que aquele que é seguro de si mesmo anula o outro sobre o qual se impõe. De acordo com suas próprias idéias, ele pode, com uma palavra, abafar a opinião de seu amigo, sem que este tenha ousado expor sua opinião ou defendê-la. Então, de repente, esse amigo se aperceberá que a sua vida, longe de se tornar mais fecunda, se tornou estéril, que se deixou dominar, que obedeceu aos homens mais do que a Deus (At 5:29); que não sustentou ardentemente as suas próprias idéias, mas que traiu a si mesmo.

Esta noção de fidelidade a si mesmo é sentida por todas as pessoas, quaisquer que sejam suas crenças ou suas descrenças, sejam elas cristãs ou existencialistas. É uma fonte universal de culpa porque ninguém se sente sempre fiel a si próprio; é uma culpa universal, mas muito pouco consciente; porque, precisamente, ela nos é tão penosa que temos muito receio de confessá-la a nós mesmos. Mil razões nos vêm à mente para nos desculpar. Conversei recentemente com um filósofo francês, Falei-lhe que a covardia me parecia um dos pecados mais generalizados e menos conscientes. "Talvez isto explique porque a coragem foi colocada pelos antigos lá em cima na hierarquia das virtudes", disse ele. Ele ficou surpreendido

diante de minha afirmação e pediu um exemplo.

Dei o exemplo mais banal, o conflito entre marido e mulher. Perdem-se primeiro na análise dos numerosos fatores do conflito, tais como fatores sociais, culturais, psicológicos, sexuais, cuja importância é real, mas não decisiva. Com uma tomada de consciência mais profunda, o marido chega a ver que, no fundo, falhou na sua vocação de marido. Em vez de enfrentar as dificuldades com coragem, ele fugiu delas. Para conseguir paz, e por medo de não ser compreendido, ele encerra o diálogo, tranca-se no segredo, e afasta-se mais e mais de sua esposa. Bem antes de lhe ser infiel, no sentido banal do termo, ele foi infiel à ordem bíblica sobre a qual queria fundamentar o seu lar: "... se tornarão uma só carne", porque esta ordem significa uma só pessoa, um compartilhamento total da parte de ambos. Então, enquanto se mostrava tão corajoso, em diversas situações na sua vida profissional e social, percebe que lhe faltou coragem na fiel construção da unidade conjugal. Ele foi covarde. Trata-se do mesmo sentimento de culpa ocasionado pelo aborto, seja no caso de uma moça solteira ou de uma mulher casada, ou ainda no caso do amante, do marido ou até dos sogros, que frequentemente forçam a mulher a abortar. Neste caso pode haver a consciência culpada do atentado contra a vida, mas o sentimento de culpa é geralmente sentido mais vivamente como vergonha de ter cometido uma covardia.

Frequentemente há um sentimento de culpa no caso de um homem que se junta a uma mulher, fazendo-a sua amante, e arrasta no tempo este relacionamento, não tendo coragem nem de rompê-lo nem de casar-se com ela. Ele percebe muito bem ser o verdadeiro culpado, apesar de que é ela que vive em uma atmosfera de culpa, porque ele a condenou à clandestinidade. Não há falta de desculpas. "Uma rendição", escreveu Péguy, "é essencialmente uma operação pela qual alguém se põe a explicar no lugar de agir. E os covardes são pessoas que transbordam de explicações".

Sentimos culpa por todas as nossas capitulações. Desde o momento em que um homem reconhece os valores da vida, ele se sente necessariamente culpado por traí-los em mil ocasiões. E o homem não pode deixar de reconhecer que existem valores.

É necessário muita coragem para sustentar até o fim um diálogo genuíno com sua mulher ou com seus melhores amigos. É necessário reconhecer seus erros, para assumir todas as responsabilidades, para perdoar, para sustentar fielmente a solidariedade que nos liga a nossos amigos, mesmo quando eles nos decepcionam. Fico sempre impressionado com a inabalável fidelidade que Jesus manteve para com os seus discípulos. Ele os escolheu sob a inspiração de Deus (Jo 15:15-16). Não compreenderam muita coisa do que lhes disse, fizeram-lhe perguntas tolas, mostraram-se ambiciosos e covardes, mas ele continuou a ser-lhes fiel, a contar somente com eles, e de colocar-lhes nas mãos todo o arremate do seu ministério na terra (Mt 28:19-20).

A fuga caracteriza a nossa vida diária. Todos nós fugimos a todo momento, no

silêncio ou na tagarelice, na inércia ou no tédio, nos prazeres da mesa ou nos da biblioteca, na leitura de um jornal ou no tricô, nos esportes ou na poltrona, nas palavras espirituosas ou nas discussões ociosas (2 Tm 2:23). Nós nos escondemos atrás de um regulamento oficial, para "cobrir nossa responsabilidade", quer dizer, proteger-nos contra a culpa, e esta fuga é ainda mais culposa. Nós nos escondemos tanto na cólera, quanto na doçura, na auto-suficiência ou na modéstia, no sentimentalismo ou na agressividade, no conformismo ou na boemia, na crise de nervos ou no autocontrole, na doença ou no estoicismo.

Ser fiel a si próprio é ser íntegro consigo mesmo em todas as circunstâncias, diante de qualquer interlocutor. Nós nos calamos sobre as nossas convicções mais profundas, ou sobre as dúvidas que surgem inevitavelmente. Nós velamos nossos sentimentos ou os manifestamos mais ardentes do que eles são. Ser fiel a si próprio é ser natural, espontâneo, sem medo do julgamento dos outros.

Invejamos o rei Davi que ousava, na sua alegria, saltar e dançar em plena rua, atrás da arca de Deus que ele levava a Jerusalém. Ele não tinha medo de sua mulher, Mical, que, de sua janela, o olhava com desprezo (2 Sm 6:16). Mas, vejam bem, a espontaneidade tem também seus inconvenientes, e talvez por ter sentido o desprezo de sua mulher, Davi a enganou mais tarde com a mulher de Urias (2 Sm 11: 1-5).

A manifestação dos sentimentos dá lugar, também, a culpas contraditórias. Há muita gente que tem vergonha de chorar. Há famílias onde chorar, é considerado uma vergonha, como também qualquer explosão de alegria. Tive pacientes que me confessaram ter hesitado longamente em me procurar com medo de chorar em meu consultório. Entretanto Jesus chorou abertamente quando se aproximou do túmulo de seu amigo Lázaro (Jo 11:35), se bem que ele havia dito com a mesma franqueza, ao saber da morte do seu amigo, que ele se regozijava por não ter estado lá (Jo 11:15).

Muitos maridos, passada a lua de mel, se esquivam de falar do seu amor à sua mulher, como se isso fosse uma fraqueza culpada, indigna de um homem. E, ao mesmo tempo, eles se sentem vagamente culpados pela petulância de sua mulher, que traduz sua sede de afeição. E a mulher também tem vergonha de importunar o seu marido ou suas amigas, pelo transbordamento de seus sentimentos.

Nós fugimos também de Deus. Frequentemente nos surpreendemos a barganhar ou usar de truques com ele. "Pois maldito seja o enganador que, tendo macho no seu rebanho, promete e oferece ao Senhor um defeituoso", diz o profeta Malaquias (Ml 1:14). Há momentos em que a piedade que apregoamos nos parece a pior das mentiras. Nós não fazemos a nossa meditação diária por não querer escutar o que ele tem a nos dizer. Ou protestamos por que ele não fala quando, de fato, o que ele diz nos desagrada.

Assim, o rei Acabe mandou aprisionar o profeta Miquéias. Foi por meio de Miquéias que Deus predisse a morte de Acabe na guerra que este planejava. Ele nega a profecia de Miquéias, e vai para a batalha. Mas ainda inquieto, tenta

empregar um ardil com Deus; ele se disfarça e troca suas roupas reais com as de Josafá. Na confusão da batalha, Josafá não é morto, enquanto uma flecha, atirada ao acaso, mata o rei que se considerava tão esperto (1 Rs 22:15-38). Contudo não é suficiente escutar a Deus, é necessário obedecê-lo. A culpa de omissão nos ocorre constantemente na nossa atividade profissional. Será que damos às pessoas que estão de algum modo ligadas a nós tudo o que Deus quer que nós lhes demos? Será que nós não nos contentamos, muito frequentemente, com um tratamento superficial? Será que nós, médicos, por exemplo, não sentimos, às vezes, que o medicamento que prescrevemos não é senão um paliativo bem insuficiente? Não seria necessário ir mais fundo, abordar os problemas de vida que entrevemos atrás da angústia de nosso próximo? Mas talvez isso seja longo e difícil, não saberemos o que dizer diante de problemas delicados. Isto pode nos levar a um terreno pouco familiar, mesmo a questões morais e religiosas sobre as quais não nos sentimos seguros. Então uma receita à farmácia, um conselho de higiene, uma boa palavra de encorajamento ou de simpatia profunda, isso já é alguma coisa. Nós tentamos nos justificar dizendo a nós mesmos que fizemos o nosso dever de médico. Um padre, um pastor ou um amigo poderá fazer o restante melhor do que nós. Será que o paciente não esperava mais de nós?

Um colega holandês falava recentemente da "medicina integral" com um ginecologista. Este lhe fez sinceras objeções: "De minha parte, sou mais modesto", disse ele. "Sou somente um técnico, e para fazer bem meu trabalho, devo me ocupar exclusivamente do que é relevante em minha especialidade. Para o que é da pessoa em si, do organismo inteiro, da psicologia e da vida espiritual, que consultem os especialistas e os eclesiásticos. A cada um o seu trabalho." Neste momento, o ginecologista foi chamado ao telefone. Ele ficou transtornado ao colocar o telefone no gancho. "Veja você", disse ele a meu amigo, "examinei outro dia uma moça que um colega havia me enviado para saber se ela estava grávida. Ela não estava e eu lhe disse isso. Ela foi embora. Agora, o colega me telefonou e me disse que ela se suicidou ao voltar para casa".

Grávida ou não? A questão parecia puramente técnica. "Mas uma questão humana nunca é puramente técnica. Para esta moça, sem dúvida, a questão possuía repercussões enormes. Ela colocava em jogo todas as suas concepções de vida, de valores, de felicidade. A todos os meus colegas, e aos teólogos que me reprovam por incentivar os médicos a sair dos limites do seu trabalho, eu pergunto onde eles traçam estes limites e qual o seu critério. Mas eu mesmo, que me faço campeão da "medicina integral", surpreendo-me com atos de covardia culposos. Outro dia, uma senhora que eu tratei há alguns anos e com a qual tive entrevistas muito profundas, foi convocada pelo cirurgião, após ter uma hemorragia, para fazer uma retroscopia. Compreendi bem em que ela pensava, o que ela temia, de onde vinha a emoção que ela manifestava. Eu também pensei nisso. Ela sabia que eu pensava nisso. Eu sabia que ela o sabia.

Portanto, por uma certa cumplicidade mútua, havíamos deixado a entrevista

desviar-se para outros assuntos menos carregados de angústia e de incerteza. Tomado de remorsos, eu lhe disse timidamente, à porta, na saída: "Eu orarei por você, por esse exame". Foi depois, quando ela me trouxe o resultado tranquilizador do exame, que lhe pedi perdão por não ter sido um "médico integral" preocupado com a sua personalidade como um todo.

O sofrimento não conhece fronteiras, quer dizer, o sofrimento vivo, o sofrimento humano, da pessoa inteira. Nossa vocação é a de responder a este sofrimento. Nós temos uma missão para com o nosso próximo, e não podemos negligenciá-la sem um vivo sentimento de culpa. Mas todos sentimos que a nossa tarefa é mais ampla com definições maiores, e nós experimentamos também uma culpa por nos esquivar disso.

Nós, médicos, frequentemente temos certeza, ao redigir uma receita, que o medicamento prescrito, mesmo por mais indicado que seja, serve para fugir de um problema que precisaria ser resolvido. Sentimos o quanto um medicamento como este, puramente técnico, é insuficiente. Não se trata de tomar o lugar de um eclesiástico, de ensinar, de pregar, de doutrinar, de admoestar, ou, pior ainda, de fazer proselitismo. Não, é para nos desculpar que invocamos de bom grado um poder religioso ou um ar de superioridade moral. Nunca é suficiente, na maioria dos casos, confiar um paciente a um psiquiatra ou a um ministro: "*Dai-lhes vós mesmos de comer*", dizia Jesus a seus discípulos (Mt 14:16).

A revista *Présences*, número 59, descreve uma pesquisa feita sobre o contato pessoal entre o doente e o médico e o que os pacientes esperavam, a esse respeito, dos médicos. É uma questão de perceber todo o sofrimento de nossos pacientes e de enfrentá-lo sem covardia, sem subterfúgio. E se tal sofrimento é o próprio sentimento de culpa, não basta dizer que não está mais na alçada do médico. Aplica-se esta conclusão a qualquer profissão que lida com as necessidades humanas.

Os trabalhos clínicos que temos acompanhado mostram o papel enorme que os sentimentos de culpa têm no destino dos pacientes, eclodindo em muitas doenças e em insucessos de muitos tratamentos.

Abram os olhos! Percebam esta multidão imensa de pessoas feridas, angustiadas, esmagadas, carregadas de culpas secretas, verdadeiras ou falsas, precisas ou difusas; há até uma espécie de culpa em existir, bem mais frequente do que se pensa.

Segunda Parte

O Espírito de Julgamento

7. VERDADEIRA OU FALSA CULPA

Devemos tentar, agora, discernir as coisas com mais clareza. As expressões "verdadeira culpa" e "falsa culpa" surgiram espontaneamente desde o início deste nosso estudo. Que significam estes termos, exatamente? Quem pode se sentir culpado sem o ser? Ou sê-lo sem sentir, sem mesmo saber? Mas, então, que relação há entre a realidade da falta e o sentimento de culpa? Como definir a realidade da falta? Que critério podemos adotar para dizer se é realmente culpado, ou não, aquele que é acusado de culpa?

Vejam, por exemplo, o caso de um doente cíclico que passa alternativamente por fases de excitação e de depressão. No período de excitação ele comete, sem ter o mínimo remorso, toda sorte de faltas morais das quais vai se penitenciar de maneira excessiva no período de depressão. Mas não podemos, por outro lado, negar a autenticidade dos remorsos que ele "curte" na depressão. Em todo caso, dizer-lhe que é uma "falsa culpa" doentia não trará nenhum conforto.

Inversamente, se ele passa bruscamente da depressão a uma nova fase de excitação, ele experimenta uma melhora tão maravilhosa que ele descreve como uma verdadeira experiência espiritual. Com um tom de sinceridade impressionante, ele diz que enfim compreendeu a graça divina e que não duvidará dela nunca mais. Mas não podemos, por outro lado, sustentar que toda experiência do perdão de Deus seja patológica! Com o exercício da medicina, tornamo-nos muito prudentes diante deste grande mistério do sentimento de culpa.

Devemos, portanto, procurar compreender a origem destes sentimentos de culpa. Vocês conhecem a explicação de Freud; segundo ele, o sentimento de culpa seria somente o efeito de um constrangimento social. Este sentimento nasce na alma da criança quando seus pais ralham com ela e não é nada mais que um sentimento de angústia por perder o amor de seus pais que se tornaram, de repente, hostis. Ninguém contesta mais a realidade deste mecanismo, nem a importância da descoberta de Freud que confirma, aliás, o que a Bíblia já nos dizia: o quanto o ser humano tem necessidade de se sentir amado.

Esta explicação permanece válida aos nossos olhos no que concerne à culpa das crianças, ao menos dos pequeninos, ou destes que permanecem infantis toda a vida. É o tipo de culpa fruto do treinamento, que nós encontramos também nos animais. Os cães demonstram sinais evidentes de culpa quando desobedecem, mesmo antes que se ralhe com eles.

Acabamos de ver muitos exemplos de sentimentos de culpa sugeridos por

educadores e pela sociedade, e não podemos negar este mecanismo descrito por Freud e sua Escola. É a culpa angustiada dos tabus. Uma pergunta surge então: este mecanismo de constrangimento social, oposto aos impulsos instintivos do indivíduo, explica todos os casos de sentimento de culpa ou só alguns deles? Muitos freudianos admitem hoje, contra as teorias do mestre, a distinção que Odier propôs entre "funções" e "valores".

Um sentimento de "culpa funcional" é o que resulta da sugestão social, do medo dos tabus, do medo da perda do amor de outrem. Um sentimento de "culpa-valor" resulta de valores próprios e da consciência clara de ter violado um padrão original, e é *um* autojulgamento feito com liberdade. Haveria então uma oposição completa entre estes dois mecanismos geradores de culpa., um agindo por sugestão social, outro por convicção moral. Odier preparou cuidadosamente tabelas que guiassem o diagnóstico diferencial entre estas duas ordens de fenômeno.

A "culpa funcional" normal na criança subsiste muito intensamente em todos os neuróticos e, parcialmente, em todos os adultos normais. Ela aparece, então, segundo a doutrina freudiana, como sinal de uma fixação infantil ou de uma regressão, uma dependência infantil dos pais ou a outras autoridades, anormal na idade adulta. Parece então que se pode bem chamá-la de uma "falsa culpa". Entretanto, é pela educação, frequentemente, que nós nos reconhecemos culpados de faltas reais, julgamentos sugeridos por outros, mas autenticados por nossa convicção interior, de tal maneira que o termo de "falsa culpa" não é mais adequado. Vejam que o problema é delicado!

Aprecio muito o trabalho de Odier. A questão, entretanto, me parece mais complexa. Na realidade, toda conduta humana, por mais autêntica que seja do ponto de vista moral, pode ser considerada como "funcional", quer dizer, pode ser estudada objetivamente quanto ao mecanismo de sua origem. Mesmo um processo neurótico, "funcional" no sentido de Odier, pode ser, para uma pessoa, a oportunidade de uma experiência religiosa autêntica, de uma graça divina. Há numerosos exemplos disso na vida dos santos. Na perspectiva de Odier, culpa funcional torna-se sinônimo de culpa-neurótica e de "falsa culpa"; culpa-valor torna-se sinônimo de "culpa-verdadeira". Há algo de verdade nesse ponto de vista, mas o problema não é tão simples. Vai se complicar ainda mais se levarmos em conta teorias de outras escolas psicanalíticas sobre a origem do sentimento de culpa. Para Adler, o sentimento de culpa surge de uma recusa de se aceitar sua inferioridade. Para Jung, surge de uma recusa de aceitar a si próprio, na sua totalidade, a integrar na própria consciência esta parte desagradável de si mesmo que Jung chama de "sombra". Estamos ainda no terreno das funções, em uma descrição puramente psicológica que se refere à realidade do fenômeno, mas não aos valores.

No entanto, já nesta visão jungiana aparece a idéia de uma culpa verdadeira, de forma alguma sugerida pela sociedade, uma falta a seus próprios olhos, uma

violação da relação normal consigo mesmo.

Com relação ao sentimento de culpa nos psicóticos, o Dr. Paul Plattner nos contou uma série de casos impressionantes de doentes mentais que se martirizam com acusações terríveis, acusações que nos parecem sem fundamento, verdadeiros absurdos. Estes doentes se declaram malditos, e são insensíveis a toda e qualquer palavra de consolo, a qualquer afirmação *da* graça divina. Nem mesmo um ministro, revestido de toda a autoridade da igreja, consegue aliviá-los.

Com uma prudência extrema, restringindo-se estritamente à observação dos fatos, guardando-se de toda generalização audaciosa, o Dr. Plattner nos mostrou que tais doentes podem ficar curados no momento em que eles tomam consciência de uma outra culpa, diferente daquela pela qual eles têm obsessão e que, secretamente, envenena-lhes a alma. Assim uma "falsa culpa" parece suscetível de encobrir uma "verdadeira culpa", de onde extrai o seu veneno implacável. Em todos estes casos, esta culpa verdadeira consiste em uma recusa de evoluir, de assumir a plenitude de si mesmo, sua total responsabilidade em uma dada situação. Trata-se então de uma culpa de si mesmo em relação a si próprio, que se inscreve na perspectiva da psicologia de C. G. Jung. Esta noção jungiana de uma culpa em relação a si mesmo já é evocada na Bíblia. Assim o profeta Habacuque escreveu: "*Pecaste contra a tua alma*" (Hc 2:10).

Martin Buber vai mais longe do que Jung. Como escreveu Scharfenberg, Buber pede que a psicoterapia reconheça a existência de uma culpa "autêntica", ao lado da culpa "neurótica" e "irreal" (*grundlos*). O que caracteriza a culpa autêntica, aos olhos de Martin Buber, é que ela carrega sempre uma violação de uma relação humana, e que ela constitui uma ferida do relacionamento eu-tu. E então uma culpa em direção do outro.

Assim, os freudianos nos *mostram* a frequência da culpa-in-ferioridade; os jungianos, a recusa da aceitação integral de si mesmo; e Martin Buber, a da recusa de aceitação do outro. Pa-rece-me, na maior parte dos casos, que na realidade todos esses elementos se misturam e se encobrem, e que se trata, em suma, menos de fenômenos distintos que de aspectos diferentes de um mesmo mecanismo complexo onde cada um vê o que corresponde à sua própria concepção antropológica.

Assim, quando vêm uma mesma nuvem no céu ou uma mancha de Rorschach, vários observadores crêem reconhecer, segundo seus próprios complexos, a representação de objetos diferentes. Ou ainda, se você coloca uma pirâmide entre três observadores, cada um desenhará o lado que vê e como vértice cada um dos três ângulos. Pode-se também falar, eu creio, de um complexo freudiano, de um complexo adleriano, ou de um complexo jungiano, que leva cada psicólogo, segundo a sua doutrina, a ver todos *os* homens sob um ângulo particular. Porém a escola de Maeder, e a de Rank, e certos psicoterapeutas próximos a Jung, como Aloys d'Orelli ou Plattner, que acabo de citar há pouco, juntam a esta visão uma dimensão nova, a da culpa em relação a Deus. Que ela

seja consciente ou não eles a reconhecem como a culpa verdadeiramente autêntica, e justificável na cura da alma, mas que é possível de despistar pelas técnicas psicológicas.

Pode-se ver que o que difere entre as escolas é a interpretação e a definição da culpa, mas todas admitem a validade psicológica da culpa. É também por este caminho que a palavra *culpa* entrou no vocabulário médico, quando os psicanalistas, mesmo incrédulos, se puseram a falar, com Allendy, deste "au-to-julgamento".

Há um século, na época do triunfo do positivismo, os médicos que haviam discutido como nós o papel da culpa na medicina foram tratados como velhos retrógrados. A medicina pretendia retirar de sua linguagem toda expressão moral. Hoje em dia, nós estamos em uma encruzilhada do processo médico, porque a medicina tem sede de um positivismo mais positivo ainda; quer encontrar o homem integral e não somente uma parte do homem, arbitrariamente delimitada.

A luz da Bíblia, a *verdadeira culpa* nos aparece como uma culpa em relação a Deus, uma ruptura da ordem de dependência do homem em relação a Deus. Eu não penso de minha parte que nós devíamos opor umas às outras as três definições de culpa autêntica. Trata-se mais, parece, de uma afirmação expressa em três línguas diferentes; a culpa em relação a si mesmo é a linguagem psicológica de C. G. Jung; a culpa em relação aos outros, na linguagem existencial de Martin Buber; e a culpa em relação a Deus é a linguagem religiosa da Bíblia.

Assim a verdadeira culpa dos homens surge em relação às coisas que Deus lhes reprova no secreto do seu coração. Só eles mesmos podem saber quais são estas coisas. Geralmente são coisas totalmente diferentes daquelas que os homens reprovam. A referência a Deus que a Bíblia nos traz aclara acentuadamente o nosso problema: a "falsa culpa", em primeiro lugar, é a que resulta dos julgamentos dos homens e de suas sugestões. A "verdadeira culpa" é a que resulta do julgamento divino. De fato, a culpa em relação a si mesmo, da escola de Jung é, ao mesmo tempo, uma culpa em relação a Deus, uma recusa de se aceitar tal como Deus nos quer; e a culpa em relação aos outros, de Martin Buber, é também relativa a Deus porque é uma rejeição da ordem divina nos relacionamentos entre as pessoas.

Mesmo nas crianças pode-se observar, ao lado das culpas infantis "funcionais", descritas por Freud, culpas bem distintas destas, que são culpas verdadeiras, autênticas. Madeleine Rambert, psicanalista em Lausanne, relata o caso de Zizi, menina de 6 anos, que não participava na escola e não queria aprender a ler; era de caráter difícil, e não cooperava com nada, nem com ninguém. Madeleine Rambert utilizou a técnica das marionetes, que representam as diversas personagens que fazem parte da experiência da criança. Representando com estas marionetes, a criança pôde exteriorizar os sentimentos que experimentava em relação a estes personagens. Zizi jogava os bonecos

através do palco gritando: "Malvada mamãe, malvado papai, malvado Pedrinho"... Eia batia neles, amassava-os, maltratava-os. A mesma representação se repetia durante várias semanas. De repente, um dia, Zizi se jogou nos braços da analista e se pôs a sugar o botão de sua blusa: gesto simbólico do retorno ao seio materno, retorno ao tempo da segurança afetiva anterior ao nascimento do irmão. Mas, bem depressa, ela se refez e disse: "Não, não, Zizi é má, ninguém pode gostar dela, ela matou mamãe, papai e Pedrinho". A criança apresentava manifestamente uma culpa violenta e pediu para ser punida: "Bate na Zizi, bate nela!" Nenhuma explicação consegui acalmá-la até que a analista fizesse um gesto simbólico de bater em sua mão, levemente. Desde este momento, Zizi fez progressos rápidos: voltou-se para a mãe, sentiu-se à vontade em casa, trabalhava na escola, e exprimiu o desejo de crescer e ser gente grande!

Quanto mais a criança cresce, mais se desenvolverá nela o senso autônomo da verdadeira culpa, e é na medida em que ela ordenar a sua vida e a sua conduta, que ela se livrará das falsas culpas provocadas pelos parâmetros da sociedade e pelas reprovações de seus pais. Uma história da Bíblia nos mostra isso de uma maneira sem igual: trata-se do próprio Jesus, com a idade de 12 anos, que marca precisamente esta transição entre a dependência infantil e a autonomia adulta.

Já me referi aos pais que lançam culpas no filho, dizendo-lhe: "*você nos aflige muito*". Ora, Jesus afligiu muito sua mãe, quando começou a preocupar-se mais com a sua vocação do que com ela. Tendo seus pais deixado Jerusalém, onde eles haviam ido para a festa, Jesus ficou para se instruir aos pés dos doutores da lei. Pensem na angústia da sua mãe, quando ela se apercebeu que ele não estava na caravana! Mas Jesus respondeu às reclamações de sua mãe com uma firmeza inesperada: "*Por que estavam me procurando? Não sabiam que eu devia estar na casa de meu Pai?*" (Lc 2:42-51 BLH).

Quando criança, o ideal de Jesus era não causar aflição à sua mãe, mas ele deveria tornar-se independente para assumir logo a condição de adulto: cumprir a missão a que Deus o chamara, e preparar-se desde já. A partir daquele momento, a verdadeira culpa seria negligenciar este apelo interior, seria permanecer dependente de seus pais, limitado a todas as suas exigências.

Observem que Jesus deixou sua mãe muito preocupada. Maria podia considerá-lo como culpado em relação a ela, por causa da angústia que ele lhe causou. Não se trata simplesmente de uma culpa imaginária, mas bem concreta. O termo "culpa irreal" me parece então, ao menos aqui, menos adequado que o da "culpa infantil". Ora, Jesus rejeita esta culpa infantil, ele não se reconhece culpado. Ele se justifica com muita segurança. Ele é a causa do sofrimento alheio, mas não o culpado. Podemos concluir daí uma verdade de grande importância: não é a realidade objetiva de um mal causado a outrem que pode servir para autenticar a culpa. A distinção entre uma *falsa culpa* e uma *verdadeira* não é tão somente uma distinção entre um mal imaginário ou um mal real causado a outrem. O critério é bem diferente: trata-se de saber se a conduta foi contrária à

vontade de Deus ou conforme ela.

Lucas, o médico evangelista, acrescenta um pouco mais adiante que Jesus *"era-lhes submisso"*. Existe contradição nisso? Eu não creio. Nenhuma outra criança atravessa harmoniosamente este período necessário de independência. A criança deve rejeitar as falsas culpas que seus pais fazem pesar sobre ela. Mas ao tentar rejeitá-las ela ultrapassa as medidas, menospreza os pais, e se revolta. É isto que dá à adolescência um caráter tumultuoso e contraditório. É o período crítico de conflito entre a lei da criança e a do adulto.

Por outro lado, como o próprio Jesus disse, é claro que a sua saúde psicológica perfeita vem de sua verdadeira e total dependência de Deus. É esta dependência que o liberta das exigências abusivas dos pais, mas é ela também que o preserva da revolta. De tal maneira que mesmo o conflito com sua mãe não gera nela nenhuma amargura: *"Sua mãe, porém, guardava todas estas coisas no coração"*, acrescenta, em tom de apaziguamento, o evangelista.

Assim a crise da adolescência pode terminar tanto em uma neurose de oposição, quando o adolescente se torna o seu próprio deus, como em uma neurose de submissão, quando ele continua, como uma criança pequena, a considerar o pai e a mãe como deuses. Encontramos aqui toda a perspectiva bíblica e a luz que ela projeta sobre este problema tão complexo de culpa: a única verdadeira culpa é a de não depender de Deus, somente de Deus. *"Não terás outros deuses diante de mim"* (Ex 20:3).

A Bíblia nos traz, é certo, as leis de Deus, mas jamais as separa da própria pessoa de Deus, encarnado em Jesus Cristo. Sua referência constante é à pessoa, ao Deus vivo. Esta dependência pessoal de Deus nos liberta do peso das leis, dos julgamentos e dos condicionamentos sociais.

Encontramos na Bíblia muitas histórias que escandalizam os moralistas, exemplos de condutas consideradas como culpadas pela sociedade, pela lei, e mesmo, aparentemente, pela lei de Deus, e que são apresentadas como não culpáveis e às vezes até mesmo como obediência heróica a uma ordem pessoal de Deus. Assim, a lei de Deus proclama: *"Não matarás"* (Ex 20: 13), mas vemos na Bíblia muitos homens que mataram sob a ordem de Deus.

Um teólogo como Karl Barth chama atenção para este fato e afirma que esta não é uma questão de homicídio. Outros diriam que não deixa de ser homicídio. Podemos dizer, então, muito francamente, que, na perspectiva bíblica, é uma forma de homicídio sem culpa, porque foi ordenado por Deus. Vemos com que firmeza a Bíblia afirma que a única culpa verdadeira é a desobediência a Deus ou qualquer outra submissão que não seja a submissão a Deus.

Com o homicídio, tomei um caso extremo. Mas encontraremos inúmeros exemplos de comportamento universalmente considerado culpável e apresentado na Bíblia como obediência fiel a uma inspiração divina: mentiras, brigas, violências, vinganças. Não se trata então de saber se uma conduta é ou não jul-

gada culpada pela sociedade, mas se ela é ou não ordenada por Deus em um caso particular.

Observem, então, que está aí o princípio da libertação da falsa culpa gerada pela pressão social, de que falam os psicanalistas. Como separar o que é relativo e muitas vezes falso na culpa humana, do que é verdadeiro, absoluto e irrefutável? Os julgamentos sociais e a própria lei são relativos; variam com os tempos, com os costumes e com a moda, mesmo quando a lei moral de um povo se inspira de alguma forma na revelação divina. Esta culpa legalista é patogênica.

O que é considerado culpável em uma sociedade não o é em outra. O que é considerado culpável em uma época não o é em outra. Não podemos, por exemplo, distinguir um sentimento autêntico de *pudor* de uma sugestão social a esse respeito. Um traje tido como indevido em um país é espontaneamente admitido em outro. De fato, toda culpa sugerida pelo julgamento dos homens é uma falsa culpa se não é atestada internamente por um julgamento de Deus.

A verdadeira culpa é então, com frequência, completamente diferente da que constantemente pesa sobre nós em decorrência do nosso medo do julgamento social e das censuras dos homens. Nós nos tornamos mais independentes deles na medida em que dependemos mais de Deus. Devemos estar atentos a todos os trabalhos dos psicoterapeutas para descobrir como é importante que o homem se liberte da sociedade, e de suas pressões. Assim, por exemplo, muitas pessoas sentem prazer especial em usar um palavrão ou uma gíria. É um protesto contra a dominação opressiva dos bons costumes, um grito sadio de independência em relação à pressão social.

Lembro-me das palavras do Dr. A. Stocker, em uma discussão, quando um dos filósofos pediu de meu colega uma definição simples e curta de neurose. "Os neuróticos", disse ele espirituosamente, "são os que não conseguem soltar um palavrão". Esta palavra pouco acadêmica soava bem naquela sábia assembléia, e com sua forma lapidar exprimia uma verdade penetrante, ou seja: que, cedo ou tarde, para cumprir seu destino como Deus o traçou, todo homem deve confrontar o julgamento dos outros, mesmo o de seus pais e professores, talvez até das autoridades religiosas.

Por exemplo, vemos Jesus manifestar a mesma firmeza inabalável em relação à sua mãe quando esta, animada pela necessidade que toda mãe tem de poupar sofrimentos a seu filho, procura lhe deter em sua carreira perigosa. É justamente aí que ele fala da sua total submissão a seu "Pai que está nos céus" (Mt 12:46-50). E, no entanto, apesar de sua obediência ao Pai causar sofrimentos à mãe, ele demonstra grande ternura por ela, como demonstram suas palavras na cruz (Jo 19:26-27).

Jesus é ainda mais enérgico ao repreender o apóstolo Pedro quando este o censurou por meter-se em um conflito com as autoridades religiosas que o levariam à cruz: "*Arreda! Satanás; tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim, das dos homens.*" (Mt 16:22-23). Pensamentos

de Deus e pensamentos dos homens: julgamento de Deus e julgamento dos homens; eis aí, claramente formulada, a oposição entre a verdadeira e as falsas culpas.

8. TODOS FAZEM ACUSAÇÕES

O problema é que todos os homens pretendem, por seus julgamentos, exprimir o julgamento de Deus. É um fenômeno universal. Os homens fazem um monopólio de Deus, mesmo os que não crêem nele, mas especialmente os que querem servi-lo e conduzir os homens a ele. Quando eles julgam a conduta de alguém, todos os fazem com um tom peremptório que significa implicitamente que Deus julgaria exatamente como eles. Estão sempre tão fortemente convencidos de seu parecer sobre o bem e o mal que têm a impressão de que Deus mesmo se trairia se não partilhasse da opinião deles. É por isso que as falsas culpas que nascem dos julgamentos humanos, e a verdadeira, que depende do julgamento divino, se misturam e se confundem constante e perigosamente.

Uma criança não pode receber as primeiras lições de moral diretamente de Deus; ela as recebe de seus pais aos quais atribui uma autoridade divina. Certamente há justas verdades divinas transmitidas às crianças pelos pais como, por exemplo, que mentir é errado. Mas os pais e educadores se apegam, inevitavelmente, a este papel lisonjeiro de porta-vozes infalíveis de Deus. Quando a criança mais tarde começar a exprimir outros gostos, outras opiniões, outros julgamentos morais, eles os combaterão com a mesma energia, como se, opondo-se aos julgamentos dos pais, a criança se opusesse também a Deus.

Com zelo e sinceridade, e com boa fé, eles condenam; procuram convencer a todos que esta condenação se confunde com a de Deus, que o que eles julgam como erro é mal aos olhos de Deus. Aliás, com o mesmo zelo eles condenam todo o mundo: seus semelhantes, seus amigos e seus inimigos. Eles estão absolutamente "convencidos de que o que eles julgam como mal é indubitavelmente mal aos olhos de Deus.

Sem dúvida eles aplaudirão a definição de *verdadeira culpa* que acabamos de adotar; que não é a culpa sugerida pelos julgamentos humanos, mas a culpa em relação a Deus. Se a verdadeira culpa é o que Deus censura em nós, eles farão questão de nos dizer o que Deus reprova, colocando-se como árbitros do bem e do mal. Serão muito zelosos nisto porque têm profunda convicção da sua responsabilidade pedagógica, a de conduzir os seus filhos no bom caminho, e endireitar a conduta de seus amigos e denunciar os erros de seus inimigos. E assim, em toda parte, as acusações brotam de todo lado e se cruzam

indefinidamente, todas elas pronunciadas com convicção, todas por justa causa, para o triunfo do bem sobre o mal, da verdade sobre o erro. E todos os homens se acusam mutuamente. Se a verdadeira culpa é o que Deus censura em nós, o que eu posso fazer por um doente é ajudá-lo a se aproximar de Deus, a escutá-lo e não a esperar de minha boca um julgamento divino. Pretender exercer uma arbitragem moral, dizer-lhe que deve se sentir culpado ou não, que é culpado ou não, não é o meu papel de médico; é o mesmo que fechar a porta a qualquer ajuda eficaz. Não teria sido esta, por acaso, a tentação que uma certa serpente despertou no coração de nossos antigos ancestrais, inci-tado-os a comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal? *"Como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal"* (Gn 3:5).

Isto é mais que uma epigrama. Tocamos no ponto central da mensagem bíblica, muito apropriado para esclarecer o nosso assunto da culpa. O Dr. Bovet disse que: "a Queda foi a invenção da moral". Trata-se de um paradoxo misterioso, bem difícil de expor. Sinto que vou chocar muitas pessoas, boa gente, os crentes que se preocupam sinceramente com a vida moral e espiritual de obediência a Deus.

Quanto mais nos importamos com a causa de Deus e do bem, e queremos ajudar os homens a servir-lhe e a ser-lhe submissos, mais somos pressionados a denunciar o mal e louvar o bem, a desmascarar os maus e render homenagens aos justos; em uma palavra, fazemo-nos como árbitros do bem e do mal. A Bíblia nos proíbe fazer isso, por uma estranha inversão de perspectiva.

Lendo os jornais e ouvindo conversas, por toda parte, escutamos a denúncia das injustiças, dos abusos, dos vícios, das mentiras, do egoísmo. A indignação é espontânea, fremente de sinceridade e, frequentemente, bem fundamentada. Apela-se à consciência universal; não se pode calar diante de tanta iniquidade, nem abandonar as vítimas; calar-se seria tornar-se cúmplice do mal.

Todas as pessoas que estão ao nosso redor chamam-nos a fazer o papel de justiceiros; chamam-nos para servirmos de testemunhas. Um casal em conflito inevitavelmente se dirigirá a nós para sermos um árbitro. Um se queixa de seu irmão, um filho de seu pai, um operário de seu mestre de obras ou de seu patrão, um patrão de seu concorrente. São pedidos apaixonados ou indignados que acumulam detalhes peremptórios; se nos recusamos a julgar, consideramo-nos covardes, pactuando com o mal, surdos ao grito da consciência. Em todos esses inumeráveis conflitos, em todas essas reprimendas e acusações que os homens lançam uns aos outros, há uma verdadeira intenção de culpar os outros, de convencer de culpa aquele que eles julgam, de fazê-lo reconhecer os seus erros. Se recusarmos a nos associar a este empreendimento de culpabilização, eles nos acusarão de sermos culpados, de traíremos a justiça, a moral, a verdade, permanecendo mudos enquanto eles são odiosamente violentados.

Por outro lado, os que tomam a defesa de uma vítima inocente, que querem livrar alguém de acusações injustas que pesam sobre ele, querem reabilitá-lo,

explicar o seu comportamento, demonstrar que ele não é culpado. Encontramos o mesmo fervor, o mesmo apelo à nossa consciência, a mesma indignação se recusamos a nos pronunciar como árbitros. Esta relutância em se pronunciar parece verdadeiramente anti-ética, indigna de um cristão ou até mesmo de um cavalheiro.

A própria consciência destas pessoas, que é prontamente tomada como a voz de Deus, revolta-se contra a nossa reserva e não se pode calar. Não há neutralidade diante do bem e do mal; é preciso julgar, falar, dizer o que é culpável e o que não é, sob pena de renegar a fé, a moral e a humanidade. E preciso denunciar o mal no próprio interesse daquele que o comete, para livrá-lo: *"Deixa-me tirar o argueiro do teu olho..."* (Mt 7:4).

Vocês me entendem: eu não nego nada disso; não contesto que haja uma ira santa, nem que Deus chame, às vezes, alguém para ir implacavelmente contra a iniquidade. Pensem no "A Cabana do Pai Tomás", no "Navio Negreiro" de Castro Alves e na abolição da escravatura. Eu não nego que Deus possa colocar um chicote em nossa mão, como Jesus pegou um dia (Jo 2:15). Mas, vejam bem: sentimos que Jesus podia manejá-lo com toda consciência, enquanto nós não podemos jamais estar imunes a uma dúvida, senão sobre a justiça da nossa causa, ao menos sobre os meios aos quais recorreremos para defendê-la, e sobretudo sobre o nosso direito de nos colocarmos como acusadores, enquanto os outros possam nos repreender.

O adversário responde com a mesma convicção e com o mesmo ardor. Sem dúvida, podemos aguentar isto; podemos tentar nos convencer de que somos indiferentes aos seus ataques e afirmar que são puras calúnias. Isto faz parte da luta. Mas não. há quem não sofra, mesmo um tanto secretamente, ao estar em conflito com os outros, por ser agente de uma divisão e não de concórdia entre os homens, mesmo tendo certeza de que tem razão.

Existem conflitos, não somente entre grupos de interesse ou de ideologias opostas, entre a esquerda e a direita. Existem também no seio das sociedades mais homogêneas, nas comissões de obras sociais, humanitárias, idealistas, pacifistas, nos conselhos de igrejas. Estes são frequentemente os mais dolorosos, os mais extenuantes, os mais carregados de culpa. A cólera e a agressividade é contida para que a pessoa se mostre caridosa para com o adversário; elas se transformam em angústia, e a caridade em hipocrisia.

Para se poupar todo conflito, seria preciso retirar-se da vida; e daí surgiria a suprema culpa da desistência, da capitulação. A vida sempre traz conflitos, fundamenta-se no conflito, mesmo no caso da mais humilde célula que só subsiste defendendo-se constantemente contra o meio ambiente. O que não engole os outros é engolido. No entanto, não podemos nos defender de um sentimento de culpa em relação à nossa agressividade. Mesmo Gandhi, que teve a rara coragem de recusar o chicote da força física, precisava manejar o chicote do espírito, que nem sempre dói menos.

Quando as paixões se acalmam, pode-se procurar a reconciliação. Mas isto nem sempre é possível. Parece-nos então que a falta está no adversário. É sua intransigência que torna a reconciliação impossível. Mas não sou eu também intransigente? Se eu cedo para ganhar a paz, eu me traio, e acabo carregado de uma nova culpa. O falso perdão pesa mais do que os conflitos que, ao menos, têm o mérito da franqueza.

Há também pessoas com quem mantemos relacionamento superficial; falamos do tempo, do preço do feijão ou da educação dos filhos. Policiamo-nos cuidadosamente para não exprimir as convicções mais profundas, a fim de não cairmos em um debate penoso. Desta maneira é possível que marido e mulher, pouco a pouco, se tornem estranhos um ao outro. Eles procuram mostrar-se seguros, gabando-se de uma aparente harmonia. Contudo, sempre temos a consciência pesada por brincar de esconde-esconde com os outros. Assim, sempre temos que escolher entre várias culpas: a culpa de nos afirmarmos e a culpa de nos calarmos. O objetivo deste estudo não é trazer uma receita com que secretamente sonhamos, uma receita para viver sem culpa! Mas procuramos analisar corajosamente a nossa condição humana, toda carregada, inexoravelmente, de culpa.

Não existe vida sem conflito; não existe conflito sem culpa. Tentamos constantemente nos tranquilizar. Evocamos a sabedoria popular: "Não se faz omelete sem quebrar os ovos". Evocamos a psicologia, que se esforça por considerar friamente a agressividade como uma simples força da natureza, isenta de toda carga moral, a qual causa mais dano quando reprimida do que quando expressada. Evocamos, também, doutrinas cínicas e existencialistas.

Todas estas tentativas aparecem como a própria prova da culpa secreta de que todos os homens sofrem por causa dos conflitos que opõem constantemente uma pessoa a outra, e contra a qual todos procuram se defender. Mas é o próprio Jesus Cristo que diz estas palavras: "Não julgueis..." (Mt 7:1). Sem nos darmos conta, deformamos mentalmente esta ordem, como se Jesus tivesse dito: "Não julgueis ninguém injustamente". Ele disse: "Não julgueis". Ele não negou que houvesse um argueiro no olho do meu próximo, mas pediu para ocupar-me primeiramente com a trave que está no meu. Esta abdicação de todo espírito de julgamento nos é extremamente difícil, e nos parece uma submissão diante do mal.

Parece-nos quase impossível deixarmos de nos pronunciar sobre a culpa dos homens. Tanto mais impossível para nós que cremos ser esclarecidos pela revelação bíblica e por nosso conhecimento psicológico. Não temos nós o dever, como psicólogos, de liberar os homens de suas falsas culpas? Mas, observem, dizer-lhes que eles não são culpados, necessariamente implica dizer-lhes que eles são culpados! Traçar a fronteira da Suíça é traçar a fronteira dos países que a rodeiam. Traçar as fronteiras das falsas culpas é pretender traçar a da verdadeira culpa.

Assim nosso desejo de ajudar alguém, esclarecê-lo, libertá-lo, pode nos

conduzir a um papel de guia e de árbitro que nos envolve no pecado do julgamento. Um defeito nacional, para nós suíços, é esta necessidade que temos de falar asperamente com todos, sob o pretexto de franqueza e de ensinar a todo mundo. Chamem isto de complexo de Pestalozzi, se quiserem, porque em todo suíço há um professor, se bem que o próprio Pestalozzi foi muito menos possuído do espírito de julgamento que a maioria de seus conterrâneos.

Em uma conferência intitulada: "O complexo de Marignan", tentei uma explicação mais profunda. Os suíços tiveram um in-dubitável poderio militar até o dia em que foram esmagadoramente derrotados por Francis I em Marignan. Por um mecanismo psicológico de defesa, tratamos de apresentar Marignan aos nossos escolares quase como uma vitória, evocando a homenagem que o rei vencedor rendeu à bravura dos suíços, e à ordem e à dignidade com as quais o restante dos exércitos suíços se retirou da Itália. Mas, desde aquele dia, os suíços se retiraram definitivamente da cena política europeia. Ora, vemos sempre que os que não querem agir põem-se a criticar os que agem. Há nisso uma certa necessidade de abrandar a consciência pesada que eles têm por se despirem das responsabilidades, julgando aqueles que as assumem, e dando a entender que em seu lugar agiriam melhor. Escutando certas pessoas passivas, parece que só elas sabem sempre como agir para que tudo saia bem feito, mas ficam ensinando em vez de fazerem. Esta é talvez uma das razões pelas quais há mais neuróticos na Suíça que em outros países onde se respeita mais a liberdade de cada um se conduzir como bem entende, sem sobrecarregar ninguém com críticas ou conselhos. Este tom de superioridade aborrece sempre os visitantes de outros países; provavelmente seja uma compensação para o modesto papel que a nossa fraqueza nos confere entre as nações. Será que eu também não caí na presunção ao escrever um livro como este?

A Bíblia não nos traz a lei de Deus? A consciência, esclarecida pela revelação, não grita em nós? Então a tentação seria grande, em um livro como este, de querer me colocar como por-ta-voz de Deus, de pretender ensinar aos homens em que eles são culpados, em que não o são. A tentação seria grande, no meu consultório, sob o pretexto de ajudar o paciente, de lhe dizer em que ele é culpável, e em que não o é, e se a culpa que ele experimenta é falsa ou verdadeira.

Mesmo quando alguém apela ao nosso julgamento, ele tem medo. Quando alguém sente, como ele próprio diz, que é mal compreendido, isto significa que ele se sente julgado, que não vemos as coisas como ele, que o julgamos culpado quando ele se sente inocente. Por que as acusações e as reprimendas encham o mundo, todos se sentem constantemente criticados ou pelo menos ameaçados de julgamento, em todas as circunstâncias, e por isso temem os golpes e suas repercussões. Ninguém fica indiferente a isso; todos se sentem feridos por uma palavra, por um olhar, por uma afirmação contrária à sua.

Sim, este medo de ser julgado é intenso e universal. A importância deste fato me chamou muito a atenção ao preparar este estudo; chegou até a me agitar. Se

todos os homens têm medo uns dos outros — os alunos dos mestres, os mestres dos alunos; os maridos de suas esposas, e as esposas de seus maridos; os pastores de suas ovelhas e estas de seus líderes espirituais - é porque todos têm medo de serem julgados.

Este medo desempenha um papel decisivo em todos os conflitos que separam os homens, tanto públicos quanto particulares, porque todos os homens se defendem, e se defendem atacando. Os tímidos não atacam abertamente, mas ruminam sua revolta até o dia em que ela explode mais violenta ainda. E nós vemos em toda parte do mundo "comportamentos agressivos que são o desespero de famílias e de povos", como escreveu o Dr. Nodet.²⁷ Mesmo as igrejas têm medo uma das outras, pois temem ser convencidas de infidelidade.

Quando um incidente diplomático estoura entre duas nações, é com uma energia prodigiosa que, dentro de cada país, são denunciadas as faltas do inimigo. A demonstração é lógica, implacável, irrefutável; a unanimidade da opinião pública e a da imprensa é impressionante; a abundância e a engenhosidade dos argumentos são sem limites.

Aquele que tem a favor de si a lei, que é vítima da violação de um tratado, grita por este direito insistindo na sua sólida base legal. Mas o outro apela, além da lei, para o direito de equidade; apela para além desta causalidade imediata e formal a uma causalidade muito mais profunda. As acusações se cruzam e a tensão aumenta. Se a guerra explode cada um entrará nela em nome da justiça. Passado um certo limiar passional, "os fuzis começam a atirar sozinhos", como se diz.

Esta espantosa intensidade da indignação e das acusações mútuas dá a medida de angústia intolerável que cada um sente diante da idéia de ser julgado culpado. Pode-se traduzir as fórmulas clássicas da luta social e política em termos de culpa: os homens se limitaram a culpar os outros para se desculparem a si mesmos. Todos ficam sujeitos e ninguém é purificado.

Não acreditem que estes que proclamam um ar indiferente ou desafiador estejam isentos desse medo de serem julgados. Mais cedo ou mais tarde, seu comportamento os trai. Eles praticam a estratégia da distração. Por suas excentricidades, eles atraem críticas que não os afetam, porque eles as suscitam deliberadamente, para se preservar daquelas que eles temem, sobre pontos mais vulneráveis e mais sensíveis da frente de batalha que eles defendem contra o julgamento social.

A ciência, o positivismo, a visão objetiva das coisas e de sua causalidade universal, o determinismo histórico e o determinismo psicológico não aboliram de todo, como se crê, a culpa humana. Esta "preenche a nossa vida", como escreveu o Dr. Sarano. Será que não passamos a maior parte do

nosso tempo nos justificando ou nos acusando? Com toda razão ele designa o nosso tempo como o "século da consciência pesada" que contrasta significativamente com o século XIX, "cuja consciência leve é chocante para nós hoje".

"Em 1880", escreve Jean Guitton,¹³ "poder-se-ia resumir os resultados da análise moral por esta fórmula: mesmo os culpados são inocentes. Em 1945, seria necessário inverter os termos: mesmo os inocentes são culpados... Nós estamos na época dos juizes." Vejam a filosofia e a literatura atuais todas carregadas de consciência pesada. Os romances, as novelas, as peças de teatro, os filmes: todos giram em torno do problema da culpa: culpa formal e a impossibilidade de determinar quem é verdadeiramente culpado, e a culpa profunda, difusa, acerba, a culpa de existir, e as revoltas que ela suscita.

Simon⁴² evoca o desespero e o cinismo das literaturas atuais. "Talvez seja melhor", escreve ele, "não ter o sentimento de pecado quando não se tem o contrapeso da graça". Os "livre-pensadores" do início do século eram otimistas. Eles podiam rejeitar a Deus com um sorriso, porque eles tinham confiança no homem e pouca consciência de sua culpa. Hoje em dia, os ateus têm um sentido agudo de pecado, e são mais pessimistas sobre o homem que os calvinistas!

9. TODOS SE DEFENDEM

Ora, quando eu julgo alguém, mesmo que a pessoa não fique sabendo, mesmo que eu esconda tudo bem secretamente no meu coração, mesmo que eu tenha pouca ou nenhuma consciência do fato, esse julgamento cava entre a pessoa e eu um abismo de falta de franqueza e me impede irremediavelmente de lhe trazer ajuda eficaz. Pelo meu julgamento eu o enredo em suas faltas, em vez de libertá-lo delas.

Eu não abranjo aqui as explicações francas que dois adversários, ou marido e mulher, ou dois colegas, se dizem mutuamente sobre seus ressentimentos. Embora sejam perturbadores e dolorosos estes desabafos de reclamações acumuladas, são necessários e salutares. São atos de lealdade. São o preço de uma paz verdadeira, a condição de um verdadeiro perdão mútuo, do renascimento da confiança recíproca. Não existe conflito pior do que os que ocorrem secretamente, que são produtos do pensamento viciado e doentio de uma amizade superficial. Vejam o rigor com o qual Jesus Cristo tratou os fariseus! (Mt 23:13-36).

O que combate aqui é uma ilusão amplamente defendida: que se pode ajudar os homens denunciando-lhes as faltas, mesmo sem que eles nos peçam. Caímos todos neste erro, todo momento e com toda boa fé, tanto mais ainda quando nos motiva um ideal moral mais elevado ou mais zelo em ajudar os outros. Somos convencidos de que agimos só para o bem deles, por amor a eles. Porque os amamos, temos a ambição de vê-los perfeitos, sofremos com a sua imperfeição e os exortamos a corrigi-la.

Na realidade, temos sempre a confusa intuição de trilhar o caminho errado. Precisamos nos tranquilizar. Esta crítica aos outros é qualificada vantajosamente de "construtiva" para justificá-la. Dizemos: "Não quero criticá-lo, mas..."; e tudo o que se segue a este "mas" desmente todo o preâmbulo caridoso. Procuramos nos persuadir de que, denunciando as faltas de alguém, iremos reconduzi-lo a voltar-se para si mesmo, a reconhecer a sua culpa a reformular a sua conduta.

Que utopia! E exatamente o contrário que acontece! Todo mundo, sob o golpe de uma acusação, tem um reflexo de defesa, de justificação própria. A resposta à acusação brota imediatamente em seu espírito. Os argumentos surgem aos borbotões, eles embotam o pensamento e não deixam nenhum lugar à humilhação ou a uma confissão de faltas. Há mil razões válidas para se desculpar. Se o acusam de covardia, todas as circunstâncias de sua vida onde ele demonstrou coragem surgem em sua memória. Se o acusam de mentira, é a lembrança das mentiras dos outros que o assalta; ele se julga exatamente o contrário, muito franco; os verdadeiros responsáveis são os que, por seu comportamento injusto em relação a ele, obrigam-no a mentir.

Esta é, ao menos, a reação de uma pessoa normal. Quem, sob o choque de uma censura, baixa imediatamente a bandeira e aceita sem discussão o veredito, parece ser doente. É atormentado por uma repressão do seu instinto de defesa. Sua conduta é de mau prenúncio. Um arrependimento muito fácil não é um arrependimento, mas uma capitulação. Seus contínuos pedidos de desculpa não trazem nenhum fruto vivo, porque são comandados por um mecanismo neurótico e não por um autêntico movimento do espírito. São uma derrota e não uma vitória.

De fato, algumas pessoas podem se enganar e louvarão a atitude de humildade que têm. Seus pais se felicitarão por terem um filho tão submisso e o usarão como exemplo aos irmãos e irmãs rebeldes. Este filho poderá enganar a si mesmo, considerando uma grande virtude, o que não é senão uma paralisia de suas energias psíquicas. O verdadeiro arrependimento não surge tão rápido assim, não tem este caráter automático de um determinismo psicológico. O arrependimento só vem depois de um longo combate, após uma defesa tumultuada. Arrepende-se somente quando a convicção de pecado vem de dentro e não de fora; quando vem do profundo do nosso ser, do diálogo íntimo com Deus, da ação do Espírito Santo, e não dos julgamentos dos homens.

As censuras têm o efeito contrário em um homem são; desencadeiam um

inexorável mecanismo de justificação de si mesmo, mesmo havendo intenções puras e a melhor boa vontade da parte de quem critica. Este mecanismo de defesa tem a precisão e a universalidade de uma lei da natureza. Ele se produz com tanta certeza quanto um cão mostra os dentes quando se sente ameaçado ou tanto quanto uma lebre corre quando mirada por uma espingarda. Agressividade ou fuga são as respostas imediatas e inevitáveis a todo julgamento.

Todo julgamento é destruidor. É possivelmente por isso que todos temos tanto medo dos julgamentos dos outros. Como em todos os nossos outros medos, trata-se de uma manifestação do instinto de preservação. Nós nos defendemos contra os julgamentos com a mesma energia que lutamos para nos defender contra a fome, contra o frio ou contra animais ferozes, porque é uma ameaça mortal.

O Dr. Andreas, de Hanover, especialista junto aos tribunais, falou-nos sobre os delinquentes a ele encaminhados, nos quais não encontrou, em nenhum caso, expressão do menor sentimento de culpa. Todos mostravam um só desejo, o de se justificar, de fazer valer as circunstâncias atenuantes, de adaptar o seu comportamento, o seu silêncio e as suas palavras, para obter, se possível, uma atenuante no julgamento que os ameaçava. Poder-se-ia dizer, então, que há no homem sob acusação uma fase de insensibilidade da consciência.

Isto não nos causa admiração. Depois do julgamento, quando alguém cumpre a sua pena, pode ter uma verdadeira introspecção sobre si mesmo. É raro que isso aconteça antes, quando ele é como um animal de caça procurado pelas garras da justiça. Nesse momento, um movimento de arrependimento é quase sempre um pouco suspeito; pode-se perguntar se isso não é uma simples manha, consciente ou não, para obter a indulgência do tribunal. Aqueles que podem conduzi-lo realmente a este estado são o seu capelão ou o seu advogado, os que procuram compreendê-lo e defendê-lo, não os que o acusam.

Esta palestra do Dr. Andreas lembrou-me de uma coisa que aconteceu no serviço militar. Foi durante a guerra. Um dia meu comandante me disse: "Eis aí um homem que eu devo punir. Não gosto disso, mas não posso deixar de fazê-lo. Ele vai passar 24 horas na cadeia da cidade. Mas isso não é suficiente.

Seria mais importante que em vez de remoer ali a sua revolta ele pudesse examinar a si próprio e descobrir por que se conduziu assim. Você aceita ir com ele, para ajudá-lo?" Eu passei lá horas que nunca mais esquecerei. Nós tínhamos tempo, isto que sempre falta aqui fora, o tempo de tentar compreender. Mas, sobretudo, nós encontramos nesse cubículo uma certa fraternidade, uma verdadeira relação de homem para homem, que também é tão rara.

Assim fiquei bastante surpreendido com as conclusões do Dr. Andreas: ele antevê, assim nos disse, até que ponto o relacionamento pessoal usado na medicina pode transformar sua relação com os delinquentes que foram levados a ele. É preciso que eles sintam-se acolhidos, sem o espírito de julgamento, como pessoas e não como delinquentes, para que um salutar sentimento de culpa possa formar-se dentro deles.

Assim, a mais trágica consequência do julgamento que afloramos em alguém é a de lhe barrar o caminho da humilhação e da graça, pois precisamente o empurramos ao uso dos mecanismos de justificação de si mesmo. Em lugar de livrá-lo das suas faltas, fazemos com que ele as defenda. Para ele, nossa voz abafa a voz de Deus. Nós o tornamos impermeável a esta voz divina que não escutamos senão no silêncio. As respostas apaixonadas que o nosso julgamento desencadeia em sua alma fazem nele grande alarido.

Na realidade, bem paradoxalmente, por nosso ardor em lhe demonstrar a sua falta, e pelo reflexo de justificação que nós assim desencadeamos nele, provocamos um verdadeiro eclipse de senso moral. Em consequência, ele chega sinceramente a convencer a si mesmo de que a sua conduta, longe de ser culpável, é um tanto virtuosa e excelente, e que ele seria culpado se se conduzisse de outra forma. No diálogo, ele não escuta mais a nossa voz, mas a sua própria voz a nos refutar.

Vocês podem pensar que eu exagero, mas eu os convido a abrir os olhos e os ouvidos, a ver e a escutar o mundo tal como ele é. Se alguém chega a reconhecer os seus erros, isso ocorre no silêncio da meditação ou no ambiente informal de um bate-papo com alguém que não o julga. Mas, no fogo dos debates que enchem o universo, cada um proclama suas qualidades e acertos, e a excelência da sua causa, a pureza de suas intenções e o cuidado moral que o inspirou.

O Dr. Hesnard¹⁶ descreve de uma maneira eloquente este fenômeno universal da autojustificação, que é tão grande que os homens, por causa dele, perdem a consciência mais elementar das faltas morais que eles cometem. Eles podem até fazer alarde deste escrúpulo de "pecado oculto" denunciado por este psicanalista, ou seja, uma falsa culpa, uma culpa imaginária, que não tem relação nenhuma com a sua conduta real. E, na sua conduta real, eles permanecem sem ver as suas faltas mais evidentes, e se justificam delas com ardor diante de seus acusadores.

Assim como o Dr. Andreas, o Dr. Hesnard nota a frequência deste mecanismo nos delinquentes e criminosos, e a ausência espantosa de remorso neles. Ele mostra o demorado e complexo trabalho de justificação de si mesmos que eles elaboram ainda antes do próprio delito, e que termina por apresentá-lo como lícito e até mesmo virtuoso às suas consciências; de sorte que depois de cometer o delito, o culpado experimenta uma espécie de alívio e nenhum remorso.

O Dr. Hesnard descreve este fenômeno da "consciência jus-tificadora" não somente no plano individual, mas também no plano coletivo, social e internacional. Ele nos mostra que esta é a única explicação possível para um fato universal e que, de uma forma, parece inexplicável: que os homens podem cometer o maior crime de todos, isto é, fazer a guerra, na qual massacram um grande número de mulheres e de crianças inocentes, sem experimentar o menor remorso. Muito pelo contrário, estão seguros de ter servido heroicamente aos mais altos valores, às mais altas virtudes; acham que satisfizeram à moral; têm a convicção absoluta de haver servido à humanidade. Tal é, então, o processo universal,

individual e coletivo, que podemos observar, constantemente, que se desenvolve implacavelmente. Todo o mundo censura o seu próximo, e todo o mundo, ao mesmo tempo, defende-se e teme o julgamento dos outros, que acha injusto. Ao mesmo tempo, ainda, todo o mundo traz sobre si mesmo um outro julgamento de culpa bem diferente, que consiste em outras faltas bem distintas daquelas que aquele que o censura pretendia denunciar. A energia com a qual todo o mundo se defende contra os julgamentos dos outros quando se acha in-justificado, e o clima de conflito e de ameaça que resulta disso o impedem de confessar as faltas das quais ele mesmo se acusa, no momento em que esta confissão faria entrar em colapso o julgamento do seu censor e a sua própria reação agressiva.

Vejam, por exemplo, esta explicação franca entre dois amigos como falei há pouco. Quando esta conversa franca conduz a uma verdadeira reconciliação, esta é feita por uma via totalmente diferente da imaginada por qualquer um dos dois. Depois do evento, ambos têm dificuldade em explicar o que se passou e nem conseguem formular claramente as queixas que, ainda há pouco, expunham com rigor aparentemente tão objetivo e lógico.

Tomemos um exemplo simples e concreto. Suponhamos que um acusou o outro de covardia. Era um fato patente. Com uma lógica implacável, ele torna a falar sobre isso, examinando minuciosamente o encadeamento dos fatos como se fosse um teorema de matemática, e chega à conclusão: você é um covarde. Toda reconciliação *lhe* parece impossível e imoral antes que o outro confesse a sua covardia. Mas vejam bem que esta confissão não é suficiente para a reconciliação. Assim, diante da evidência, o outro pode *lhe* dizer: "Pois bem! Confesso que fui covarde, mas..." E com este "mas" começa também a demonstrar o seu próprio teorema, com uma exposição não menos rigorosa e não menos lógica de suas próprias queixas, pelo qual ele pretende, por sua vez, arrancar uma outra confissão de seu acusador.

Assim os teoremas se cruzam sem se encontrar. Tais discussões parecem como um diálogo de surdos. Ora, de repente, como por um milagre, a atmosfera pode se dissipar. Que aconteceu? Um dos interlocutores, tendo se esvaziado de suas próprias queixas, de todos os seus preconceitos, põe-se a falar de uma coisa totalmente diferente: de suas próprias dificuldades, de suas próprias falhas, do que *lhe* pesa realmente, daquilo em que ele mesmo não tem segurança. Com um tom de sinceridade ele confessa os seus erros, não mais os que os outros queriam a todo preço tornar conhecidos, mas outras faltas, bem mais secretas e bem mais graves. E o tom dessa confissão é bem diferente do tom quando admitiu a sua covardia pouco tempo antes.

Notem bem que ninguém fala mais de covardia; nem o acusado, nem o acusador. O tom emotivo deslocou-se para outros problemas, bem menos formais, bem mais profundos, bem mais complexos. Tocamos aqui em uma questão muito importante e sobre a qual me perguntam frequentemente: como se libertar do espírito de julgamento? "Eu compreendo bem", me diz, por exemplo, uma

senhora, "que você nos conclama a abandonar o nosso espírito de julgamento. Mas meu marido mente acintosamente. Seria necessário vendiar os olhos para não perceber isso. Não posso achar o meu marido sincero quando ele mente tão descaradamente". Ora, quem não vê que a severidade desta mulher induz o seu marido a mentir? Quase sempre é por medo de ser julgado que se mente.

Vocês compreendem agora, pela estória de nossos dois amigos, que nos despojar do espírito de julgamento não é fechar totalmente os olhos sobre as faltas que os homens cometem, nem negá-las, nem chamar de bom o que é mau. Aliás, ninguém pode se despojar do espírito de julgamento com um esforço voluntário. Enquanto eu fico obcecado pela falta descoberta em um amigo, que me chocou e que eu reprovo, posso repetir infinitas vezes: "Eu não quero julgá-lo", mas o julgo assim mesmo. Enquanto isso, o espírito de julgamento cai sozinho no momento em que tomo consciência de minhas próprias faltas e falo delas com franqueza a meu amigo, enquanto ele me fala das faltas que ele reprova em si mesmo.

Foi isso que aconteceu aos dois amigos. O problema da covardia, que parecia ser tão decisivo, estranhamente perde o seu colorido. Ele aparece, de agora em diante, não mais como a raiz do conflito, mas como fruto de todo um encadeamento de sofrimentos que suscitam a simpatia daquele que o acusava, até há pouco, tão duramente. De censor, este se transforma repentinamente em um amigo seguro, cheio de compreensão, de solicitude e de zelo. Confidência por confidência, ele se põe, por sua vez, a se abrir sobre suas próprias dificuldades e suas próprias culpas secretas. Porque nada é mais contagioso do que a confissão. Tanto é assim que qualquer um que aspire a se tornar um recebedor de confissões, deve confessar primeiro de si mesmo com grande cuidado. Se não, experimentará o mais vivo mal-estar a cada confissão que escutar, a qual aguçará em seu espírito a lembrança penosa das suas faltas pessoais, e se sentirá desleal em abafá-las diante de um penitente tão leal em confessar as próprias falhas.

O espírito de julgamento pode cair bruscamente, então, e dar lugar a um espírito caridoso, e isto não mais pela confissão que o teorema lógico de acusação visava arrancar, mas por outra via. Precisamente se cruzam sem se encontrar, e pelo encontro autêntico de pessoas, por uma abertura sincera de cada uma sobre os seus verdadeiros problemas.

Quem acusava, ainda *há* pouco, vê agora o seu amigo sob um outro ângulo. Ele lhe parece ter mudado de cara e de caráter. Mas é na realidade o próprio acusador que mudou. Isto confirma a verdade de que o julgamento de um homem sobre outro depende mais daquele que julga e de suas paixões do que daquele que é julgado e sua conduta.

A Bíblia denomina esta reviravolta, muitas vezes espetacular, "metanóia". Traduz-se normalmente esta palavra por "arrepentimento". Ela significa literalmente "mudança de mente". A atitude lógica de acusação do outro e a de autodefesa se transformam em uma atitude do coração, onde cada um se abre sobre as suas próprias dificuldades e procura compreender as do outro. E estes

dois amigos vão pedir perdão um ao outro, agora, precisamente por este espírito de julgamento do qual nenhum deles queria desistir antes.

A atitude arrogante e cortante do acusador é substituída de repente por uma atitude de humildade, na qual ele reconhece os próprios erros. E por isso que possivelmente traduzimos a expressão "mudem de mente" (metanoiete) do Evangelho por "arrependam-se" (Mt 3:2).

E uma reviravolta, um retorno sobre si mesmo, é também uma ultrapassagem de si como a metafísica ultrapassa a física e introduz pontos de vista desconhecidos da física.

A conversão religiosa aparece bem frequentemente como um desenlace parecido com uma "explicação franca" com Deus. O desenvolvimento se parece em tudo com o que acabo de descrever. Todos temos queixas contra Deus, quer creiamos nele ou não. Os crentes não ousam formulá-las tão frequentemente, e portanto são estes, algumas vezes, que as têm mais vivas, precisamente porque colocaram a sua confiança em Deus e crêem no seu poder. Mas se tivermos bastante lealdade e coragem para não reprimi-las, as exporemos com o mesmo rigor lógico de nossos dois amigos já mencionados. Parece-nos, então, que uma reconciliação com Deus seja impossível enquanto ele não responde ao desafio que lhe lançamos.

Vejam a história de Jó. Seus discursos de defesa são também como um teorema: ele é inocente e atacado pelo infortúnio e pela doença; Deus é todopoderoso e no entanto não responde à sua oração; aquele que poderia socorrer o infeliz inocente, não o faz, é injusto; então Deus é injusto. Ora, o que é que vemos no final do livro? Deus fala a Jó de outra coisa: *"Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra?"* Ele lembra a grandeza e o mistério de sua obra criadora (Jó 38:41). De repente as acusações de Jó caem por terra: *"Na verdade falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia"* (Jó 42:3)-

Na realidade, Jó não recebeu nenhuma resposta lógica às perguntas precisas que apresentou. É isto que dá a tantos espíritos racionais a impressão de que a fé é uma escamoteação inadmissível. Eles não se dão conta de que fizeram, centenas de vezes, uma experiência parecida com esta escamoteação quando se reconciliaram com algum amigo. Porque a resposta de Deus não é uma idéia, uma proposição igual à conclusão de um teorema. É a sua própria pessoa. Ele se revelou a Jó. Jó entrou em contato pessoal com Ele: *"Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem"* (Jó 42:5).

Vocês podem perceber que há a mesma passagem do plano da discussão racional ao da abertura recíproca. Jó que se defendia bravamente contra as acusações de seus amigos, ainda há de ser porta-vozes de Deus e queriam a todo preço encurralá-lo a confessar qualquer pecado pelo qual ele teria sido atingido pelas injustas desgraças que o assolavam. Contra essa suspeita, Jó se revolta, porque não se sentia culpado daquilo que seus amigos o acusavam.

Contudo, precisamente, o santo ardor com o qual se defendia contra as injustas acusações o endurecia em uma atitude de reivindicação contra Deus e o impedia de escutar a verdadeira resposta que Deus lhe trazia, sofre uma coisa totalmente diferente: sua pretensão de contender com Deus. Foi necessário que seus amigos se calassem para que Jó escutasse a voz de Deus e se reconciliasse com ele. Da mesma forma, é necessário que a nossa voz se cale, que desistamos de nosso julgamento sobre alguém, para que este possa escutar a voz de Deus, cujo julgamento é totalmente diferente do nosso.

10. A UNIDADE DA CULPA

Sim, as coisas que Deus reprova no secreto de nosso coração são geralmente muito diferentes das que os homens condenam! O ministério de confessor que eu exerço há muitos anos conven-ceu-me realmente disso. Os homens julgam-se todos mutuamente de uma maneira excessivamente superficial e injusta.

Uma pessoa é, por exemplo, julgada orgulhosa por todos em razão de sua vaidade, que ela demonstra constantemente e sem nenhuma afetação. Na realidade ela se reprova de uma coisa bem diferente: um dia, alguns anos atrás, ela covardemente traiu um amigo, que havia depositado confiança nela. Hoje em dia, ainda, ela não consegue compreender a sua própria conduta, nem se perdoar. Ela sente remorsos que nunca ousou confessar. Este arrogante comportamento que irrita o seu próximo não é senão uma fachada atrás da qual ela esconde o seu verdadeiro drama interior.

Na realidade, ela se despreza. Ela é bem menos orgulhosa do que eu. Esta atitude de vanglória que toma, e que todo mundo reprova, não são senão as tentativas constantes e vãs de se revalorizar aos próprios olhos. O desprezo que ela demonstra aos outros disfarça a necessidade de desvalorizá-los, por não ter o poder de valorizar-se a si mesma. Ela encontrará a consciência de seu valor como pessoa somente pela experiência do perdão de Deus. Mas este perdão será para esta falta secreta da qual ela tanto se envergonha, e não para o orgulho aparente que os homens reprovam nela. Contra esta reprovação, ela se defende sempre obstinadamente, porque ela sente ser injusta, este reflexo de defesa a impede de confessar a sua verdadeira falta.

Outro seria o caso de uma mulher que é julgada leviana, frívola, sensual, porque flerta com todos os homens que encontra e tece, sem cessar, novas intrigas amorosas. Ora, o que ela reprova em si mesma é, paradoxalmente, uma estranha timidez. Muito jovem, ela passou por um período de fervor religioso e sentiu-se

chamada a uma vocação religiosa. Mas ela não ousou jamais falar sobre isso a ninguém. Ela tem um pesar por haver negado a sua vocação e este remorso a persegue. Este turbilhão mundano no qual se jogou, não é senão uma contínua distração. Ela tem necessidade, para se afirmar, das homenagens dos homens que ela não pode amar de verdade e que se aproveitam dela.

Retomemos agora, à luz destas observações, a situação típica das relações pais-filhos na educação. Os pais julgam a conduta dos filhos segundo a sua ótica de adulto, com toda a experiência de vida que eles têm e que os filhos não têm. Eles acusam um filho, por exemplo, de mentir, porque ele conta como verdadeiras as histórias que inventa. Eles insistem para que ele reconheça a sua culpa. Ora, esta criança não se sente culpada por isso, porque para ela o mundo do sonho é ainda tão real quanto o da realidade. A suspeita cria aquilo de que desconfia. Esta criança chegará, possivelmente, a ser mentirosa, por ter sido acusada, sem razão, de dizer mentiras. Talvez esta criança já carregue em si mesma outras culpas, bem mais autênticas, mas que escapam a seus pais. Ela pode descobri-las escutando a voz de Deus que fala a seu coração. O que importará para a sua vida moral futura não será precisamente que ela aprendeu a escutar a Deus, a depender dele e não do julgamento dos homens? Observem: é precisamente a voz dos pais, tão zelosos em sua educação moral, que abafa a voz de Deus; os julgamentos dos pais impedem a criança de tomar consciência daquilo que Deus está dizendo.

Há então, para cada um de nós, de um lado, as reprovações que os homens nos dirigem e, de outro, a nossa verdadeira convicção de pecado, totalmente diferente. Mas estabelece-se uma relação misteriosa entre as duas, uma espécie de fusão emocional. Se tememos tanto o julgamento dos homens, é porque temos uma consciência pesada crônica. Podemos ter a consciência limpa em relação ao ponto sobre o qual nos julgamos, ter razões para nos justificar e declarar injustas as reprovações que nos fazem. Mas temos consciência pesada *em outra parte*, sobre pontos diferentes; justamente estes sobre os quais Deus nos fala e não os homens. Esta consciência pesada é, talvez, obscura, velada atrás de nossos protestos ou talvez completamente inconsciente. Porém é ela que dá a nossos protestos de inocência o seu veneno agressivo.

Vocês vêem como é confuso este elo que liga a falsa culpa e a verdadeira culpa. Sem dúvida, no pavor da verdadeira culpa há sempre certa referência à culpa infantil, um medo de perder a estima e o amor dos outros. Os psicólogos nos têm demonstrado isso abundantemente. Mas, inversamente, na culpa mais neurótica, há também uma referência à culpa à angústia mais autenticamente humanas das quais nós nos defendemos sempre e que dão intensidade a nosso medo de ser criticado.

A culpa parece ser, então, totalmente subjetiva. Ninguém pode dizer com certeza a seu amigo: você é culpado disto ou daquilo. Uma pretensão como esta de fundamentar objetivamente a culpa constitui, em suma, um atentado à pessoa, à sua autonomia, à responsabilidade pessoal de cada um, em vista desta verdade

psicológica que somente a própria pessoa pode se reconhecer culpada ou não, e dizer por que é culpada.

Em nossa conferência de Genebra, o Prof. Mounier-Kuhn de Lyons relatou um episódio emocionante. Uma de suas clientes deveria viajar ao exterior e lhe havia perguntado se poderia viajar de avião. Ele a havia examinado e lhe aconselhara a ir de navio, e ela foi. O navio naufragou. "Eu lhes afirmo", acrescentou o nosso amigo, "que passei dias horríveis até o momento quando soube que a minha cliente estava entre os que escaparam".

Escutei as reflexões de muitos colegas. "Mas isto não é culpa! Ele não tem nenhuma culpa, porque não cometeu nenhuma falta profissional. Ele teria cometido falta justamente se não tivesse dado o conselho mais judicioso segundo o seu exame científico da doença. Ele deu o melhor conselho, o naufrágio do navio não muda nada." Certo, eu compreendo estas objeções, que formularam os espíritos racionais. Mas, de minha parte, compreendo perfeitamente a emoção profunda do Dr. Mounier-Kuhn, e penso que foi mesmo um sentimento de culpa que ele experimentou tão intensamente na ocasião. A lógica não tem nada a ver. Ele imaginava a morte de sua cliente e não se podia impedir de pensar: "Isto aconteceu por causa do conselho que lhe dei".

A este sentimento de causalidade, de responsabilidade, a esta consciência de consequências inevitáveis de nossos atos e de nossas palavras está ligado o sentimento de culpa. "Fui eu que fiz isso." Um dilúvio de explicações sobre a causa objetiva das coisas pode ser feita, sem apagar esta emoção de culpa. Nem as desculpas, nem as demonstrações, nem hipóteses mudam nada disso. "Fui eu que fiz isso e não posso me esquecer desta dura realidade".

Devemos, então, considerar o assunto "culpa" em toda a sua amplitude, em toda a sua ambiguidade, e em toda a sua unidade. Dizer a qualquer pessoa que está presa pela culpa: "Isto não é sua culpa", é como dizer a um doente: "Você não tem febre", em vez de pegar um termômetro para ver se tem.

Sim, tal como fizemos no capítulo 7, é certo e útil distinguir, e até mesmo opor, a culpa falsa à verdadeira, à infantil, à de adulto ou à moral. Todos os psicólogos atuais chegam a esta distinção, a este contraste. Para diferenciá-las eles procuram empregar termos diferentes. Assim, o que chamei de falsa culpa, o Dr. Sarano chama de "sentimento de culpa" ou "culpa-doença" em oposição ao que chama de "consciência de culpa" ou "culpa-valor", que corresponde à nossa culpa verdadeira. Em certos aspectos, pode ser dito que o que o Dr. Hesnard chama de pecado corresponde à nossa culpa-falsa, enquanto o que ele chama de "moral sem pecado", ou "moral concreta", é a culpa verdadeira. Paul Ricoeur³³ responde a ele propondo chamar a primeira de "culpa irreal", e a segunda de "culpa real". Porém creio que vocês concordarão comigo que estas oposições de palavras sempre têm qualquer coisa de artificial, de *intelectual*. Eu não rejeito, por exemplo, os termos propostos pelo Dr. Sarano, porque ele explica bem o que ele entende por "consciência" de culpa e, por outro lado, por "sentimento" de culpa. Mas quando

nós temos "consciência" de culpa, nós experimentamos necessariamente o "sentimento". Esta distinção que fazemos é bastante útil, para uma compreensão mais clara, e todo o mundo concorda com ela na teoria, mas não é tão fácil fazer esta distinção na prática. A falsa e a verdadeira culpa se encontram e se confundem em nós como se fossem uma única emoção.

Assim o Dr. Sarano³⁵ fala com razão de uma "continuidade" entre as duas culpas. Embora sugeridas pela educação, nossas culpas de criança nos despertaram à vida moral, nos treinaram a uma sensibilidade de consciência que entra em jogo agora nas nossas culpas mais autênticas. Passamos insensivelmente de umas às outras, sem jamais termos determinado bem suas fronteiras respectivas. O Dr. Hesnard¹⁷ escreveu também: "Existem todos os tipos de estágios intermediários entre a culpa endógena dos indivíduos normais e a culpa totalmente irreal do doente mental".

Mas o Dr. Nodet faz um comentário ainda mais penetrante sobre as relações entre a culpa infantil e a adulta. "É, provavelmente, pelo fato de que é próprio da natureza da criança ter o potencial de tornar-se um adulto capaz de ter culpa moral, que ela demonstra reações de culpa diante de tudo que lembre o pavor de sua inferioridade e impotência."

Vejam como estamos longe de Freud, com este psicoanalista que se diz freudiano! Enquanto Freud reduzia toda culpa autêntica à culpa infantil, o Dr. Nodet entrevê na própria culpa infantil a culpa autêntica. Assim, a culpa-inferioridade, embora falsa, é um embrião da culpa verdadeira. Mas isto não significa, por outro lado, que os pontos de vista inversos de Freud sejam sem fundamento. Com efeito, na verdadeira culpa sempre fica um vestígio de suas origens infantis. Qual o adulto, mesmo depois de analisado, mesmo sendo psicanalista, que poderia se gabar que os sentimentos de culpa que ele experimenta sejam isentos de toda mistura de culpa infantil? Na culpa mais autêntica, mais moral e mais adulta, quando temos vergonha de nosso comportamento bem real e concreto, entra sempre nesta vergonha um pouco deste medo que constituía a culpa infantil: o medo de perder o amor e a estima dos outros. O Dr. Bonet nos recomendou, sobre este assunto, as obras de Zulliger⁴⁷ e Hafner¹⁵.

Existe, então, continuidade prática entre os sentimentos de culpa que nós separamos e fizemos em análise teórica. Isto não é bastante desagradável. "Experiência religiosa e cristã do pecado", escreveu o Padre Daniélou, "e os fenômenos mórbidos apresentam analogias formais, mas são de uma ordem absolutamente diferente". Infelizmente, não! Nós compreendemos que este seja o desejo de um teólogo, mas não corresponde à realidade tal como nós a observamos.

E possível fazer, até certo ponto, o diagnóstico diferente entre a falsa e a verdadeira culpa. Mas, como em qualquer diagnóstico médico, isto não pode ser feito sobre um critério particular decisivo, mas sobre tudo considerando o caso no

seu conjunto, por uma referência global à personalidade toda, a tudo que nós sabemos e observamos nela. Enfatizo aqui que acreditar-se culpado faz exatamente o mesmo efeito que ser culpado, bem como crer-se menos amado faz o mesmo efeito de ser realmente menos amado.

Além de todas as nossas teorias, devemos recuperar o nosso espírito clínico e conversar com o doente. Para exercer a nossa vocação de médico é necessário observar sem preconceitos o que se passa e procurar compreender o caso. Ora, nesta matéria, só o doente pode nos dizer o que se passa e ele tem necessidade de ser acreditado e compreendido, e não contraditado.

Certo, eu posso ajudá-lo, trazendo-lhe uma visão objetiva que lhe falta, por exemplo, sobre os mecanismos psicológicos que podem estar funcionando dentro dele, como fiz nestas páginas. Mas somente ele pode dizer o que sente. Se ele experimenta um sentimento de culpa, não adianta lhe dizer que este sentimento é falso. Isto lhe dará somente a triste impressão de não ser compreendido.

Afirmar, como escutei alguns fazerem a propósito de certos casos que analisamos nestes dias: "Isto não é culpa, é vergonha", não trás nenhum alívio. Não é com palavras e definições que se apaziguam as almas. Nós estamos lidando com a vida, e a vida é mais para ser experimentada e sentida, do que para ser pensada.

A Dra. Tina Rabaglia nos mostrou, por exemplo, que nos distritos pobres que estudou, uma prostituta não experimenta nenhum sentimento de culpa e não é objeto de nenhum desprezo. A vida é dura para o povo na Itália. Respeita-se quem assume a carga de sua vida e de sua família. Mas, se esta prostituta tira folga, se não encontra mais cliente, ela experimenta muita culpa. E com esse exemplo, e muitos outros, a nossa companheira concluiu com a afirmação que eu acredito ser verdadeira: que se experimenta sentimento de culpa toda vez que se falha na causa com a qual se identifica.

Escutando estas palavras, compreendi imediatamente por que eu havia notado, quando preparava este trabalho, que experimentava um sentimento de culpa cada vez que minha mulher ficava doente ou aborrecida por uma contrariedade, mesmo que eu não tivesse nada com isso. Fazê-la feliz, colocá-la ao abrigo das dores e das doenças é uma causa com a qual me identifico. É a parte legítima de um marido! Em tais momentos eu me sinto culpado de não cumprir a minha parte, mesmo quando o problema não foi causado por mim, nem por minha falta, nem por qualquer negligência da qual eu seja objetivamente culpado.

A tese da Dra. Rabaglia nos faz compreender os terríveis sentimentos de culpa que sentem as crianças, cujos pais estão em conflito. Já defrontei inúmeros casos assim. Por mais absurdo que pareça, uma criança sente-se culpada pelas discussões de seus pais. Ela soluça secretamente debaixo das cobertas, e não é somente de tristeza. O barulho das cenas, os gritos e as lágrimas atingem-na como uma acusação.

Por ser a concórdia e a paz entre os pais uma causa com a qual ela se

identifica, este acordo entre os pais é uma necessidade vital para ela. E sente, como uma falta sua, não poder reconciliá-los. Mesmo se ela se arrisca a uma palavra com o pai, para defender a mãe quando ele a trata muito injustamente, isso não faz senão agravar o conflito. A criança duplica a cólera do pai e se julga responsável. O pai se põe a ralar: "Você, me-ta-se com a sua vida! Primeiro se ocupe de suas próprias faltas. Que impertinência! Eu não admito que você me fale neste tom. Respeite o seu pai. Você devia ter vergonha!!"

Nós, médicos, nos conduzimos por uma dura e longa luta para salvar uma vida. Esta é verdadeiramente uma causa com a qual nos identificamos. Assim, quando a morte vem consagrar o nosso fracasso, mesmo antes da morte ocorrer, quando nos descobrimos incapazes diante de sua aproximação inexorável, experimentamos um sentimento de culpa. Nós remoemos por muito tempo o caso em nossa mente. Seria preferível não tê-lo operado? Mas, então, não o teríamos privado, por covardia, de uma única chance de cura?

O público geralmente não se dá conta da soma de tormentos que corroem a maior parte dos médicos, pela preocupação que eles podem ter por um caso; estão em alerta perpetuamente: Será que negligenciei um exame útil? Será que cometi um erro de diagnóstico? Será que existe um método terapêutico mais eficaz que desconheço ou sobre o qual não pensei? E se debatem até a obsessão.

É assim também com os pais cujo filho é vítima de um acidente. As perguntas se debatem em sua mente, aos borbotões até o infinito. Eles pesam todas as circunstâncias do drama, o que o teria evitado. Eles se lembram de um pequeno fato que poderiam ter tomado como pressentimento, e ao qual não prestaram atenção.

Talvez pareça brutal dizê-lo mas, ao lado de cada cova, há um turbilhão de sentimentos de culpa que assaltam a mente: tudo que nós nos reprovamos por ter feito, e tudo que nós nos reprovamos por não ter feito em relação ao falecido. Nós nos acomodamos com estas coisas como podemos, seja reprimindo-as, seja admitindo-as com uma filosofia conveniente. É claro que só existe uma verdadeira e total resposta: o perdão de Deus.

Acontece também com o médico que se lança com toda a energia no tratamento de um caso difícil. Ele multiplica as pesquisas, consulta a literatura, discute com os seus colegas e experimenta novos medicamentos. O caso o interessa tremendamente e ele demonstra a mais viva solicitude ao paciente. Mas quando este retorna, a despeito de tudo, com as mesmas queixas e os mesmos sintomas, as reações do médico passam por uma mudança repentina. Ele manifesta um mau humor que perturba o paciente. Este esperava uma simpatia ainda mais viva, e ele lhe fala com rudeza, chega mesmo a ralar, a acusá-lo de exagerar os seus males ou de provocá-los por desobediência às suas prescrições. É o caso, frequentemente, com doentes nervosos ou alérgicos, cujos males são difíceis de definir e mais ainda de vencer, que reagem paradoxalmente aos medicamentos.

Nem o médico, nem o paciente, se dá conta que este tumulto tão importuno para o tratamento é devido ao sentimento de culpa que pesa inconscientemente sobre o médico. O paciente se crê advertido e acusado injustamente e sente uma mistura de revolta e de culpa. Na realidade, é necessário muita coragem para suportar o fracasso. Não se poderia, mesmo, dizer que o valor moral de um homem é atestado pela maneira como ele aceita os seus erros e os seus fracassos?

Quem saberá se o outro médico venceria onde fracassei? Deveria ter enviado o meu paciente a ele, em vez de me obstinar orgulhosamente e só confiar em mim mesmo? E eu também cometi erros, faltas óbvias; seria preciso ter bastante má fé para não reconhecê-los. Se eu não os vi, o doente saberá mostrá-los; ninguém vê os erros dos outros mais claramente que um neurótico. E muito tarde para repará-los.

E depois há todas as minhas faltas inconscientes, as jogadas pelos meus próprios complexos, que me cegam. Os psicanalistas mais renomados não estão mais isentos deles do que eu. Será que não sou eu mesmo vítima de um "fracasso de comportamento" junto *com o* paciente?

Evidentemente todos estes debates são vãos. Eles se desenvolvem no plano racional, e a culpa nos remói no plano afetivo. Os dois planos nunca se encontram. Na realidade, se todo fracasso desperta um sentimento de culpa, como diz a Dra. Raba-glia, isto significa que nos tornamos brutalmente conscientes da nossa fraqueza, da nossa impotência, dos limites da nossa condição humana. Será que esta culpa não é o inverso inevitável da alegria que sentimos quando alcançamos o êxito?

11. O JULGAMENTO É DESTRUTIVO

Não podemos escapar ao julgamento de nós mesmos que nos é imposto, a todo instante, pelo julgamento dos outros. A Bíblia é uma escola de coragem: coragem de reconhecer os nossos erros; coragem também, às vezes, de sustentar sem hesitações nossas convicções a despeito do inevitável sentimento de culpa, que suscita todo conflito. *"Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo"*, escreve o apóstolo Paulo, aos Coríntios (2 Co 7:8). E nós o vemos resistir com intransigência às exigências dos crentes de Jerusalém, e mesmo ao apóstolo Pedro, quando a verdade do evangelho está em jogo (Gl 2:5-11).

A Bíblia nos dá também o dever de nos defender, de não nos deixar esmagar pelo julgamento dos outros pela constante pretensão dos outros de tomar o nosso lugar, como juízes da nossa conduta, a exercer sobre a nossa vida uma arbitragem

moral. Ela nos conclama, também, a mesma reserva em relação aos outros, de nos guardarmos, de nos colocarmos como juízes da conduta alheia.

O próprio Jesus Cristo recusou o papel de árbitro, quando solicitado a isso, sendo ele aquele que há de voltar para julgar os vivos e os mortos. *"Neste ponto, um homem que estava no meio da multidão lhe falou: Mestre, ordena a meu irmão que reparta comigo a herança. Mas Jesus lhe respondeu: Homem, quem me constituiu juiz ou partidador entre vós? Então lhes recomendou: Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza;"* (Lc 12:13-15). Este homem denunciava a avareza de seu irmão. Jesus se recusa a pronunciar o julgamento, mas também implanta em seus ouvintes a consciência da avareza deles.

Encontramos, em muitas outras circunstâncias, esta mesma inversão, do objetivo ao subjetivo, do pecado dos outros ao nosso próprio pecado, como consequência da palavra de Cristo. *"Mestre, quem pecou, este ou seus pais?"*, perguntaram-lhe os discípulos diante de um cego de nascença. *"Nem ele pecou, nem seus pais"*, responde ele categoricamente (Jo 9:2-3). Fizeram-lhe a mesma pergunta a propósito das dezoito pessoas mortas no desabamento de uma torre, e receberam a mesma resposta: *"Ou cuidais que aqueles dezoito, sobre os quais desabou a torre de Silóé e os matou, eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não eram, eu vo-lo afirmo"* (Lc 13:4-5). Jesus acrescenta também: *"Se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis"*. Ele leva os que discutiam o presumível pecado dos outros a se ocuparem de seus próprios pecados.

Sempre saímos da perspectiva bíblica, da obediência a Jesus Cristo, quando pretendemos discutir objetivamente sobre o pecado e a culpa. Metemo-nos em problemas bastante emaranhados e caímos no pecado do julgamento. A culpa é sempre subjetiva. Trata-se de nosso pecado e não do pecado dos outros. Nós não somos juízes.

Um homem me conta aberta e simplesmente uma ligação adúltera que mantém durante muitos anos. E acrescenta, com uma sinceridade evidente, que não experimenta nenhum remorso. Será que vou considerá-lo como um homem sem escrúpulos? Não! Logo após, preso da mais viva emoção, ele se confessa culpado de ter cobiçado, outro dia, uma mulher com a qual somente trocou um olhar.

Nós compreendemos agora como era ingênuo e vão este desejo tão impetuoso que experimentamos de resolver objetivamente a divisão entre as falsas e as verdadeiras culpas, de formular um critério, mesmo apoiado sobre a revelação ou sobre a psicologia. As leis, a moral, o consenso social podem variar com o tempo e com os povos. Eles podem concordar, mais ou menos, com a voz da consciência ou com a Palavra de Deus. Eles podem revelar preconceitos que nos parecem absurdos. Mas uma triagem perfeita só Deus pode fazer.

Tentem fazer esta classificação com um homem demasiadamente consciencioso ou com um melancólico! Ele vem pedir-lhe que façam precisamente isso. Ele acusa a si próprio de coisas que parecem completamente

sem fundamento. Vocês se desgastam em vão ao quererem tranquilizá-lo com demonstrações lógicas e objetivas. O que é que vocês sabem? Vocês não estão na pele dele, nem em sua alma. Talvez este debate inútil em que vocês se desgastam em um esforço para libertá-lo de falsas culpas esteja criando meramente, entre ele e vocês, um abismo que lhes impedirá de curá-lo.

Frequentemente, aliás, o próprio paciente tem uma viva consciência do caráter ilógico do seu sentimento de culpa. E é isto que pode impedi-lo de abrir-se, tanto ao médico quanto ao conselheiro. Ele prevê que vamos protestar contra a sua confissão, discuti-la racionalmente, como ele já fez mil vezes interiormente. Ele sente que este debate será totalmente inadequado e lhe trará, não um alívio, mas um sofrimento a mais. Só quando ele tiver confiança de ser escutado, compreendido e acreditado sem discussão é que ousará confessar o que lhe pesa, e só então se abrirá.

É no domínio do sexo, de maneira especial, que nossos contemporâneos mais temem o julgamento social, porque aqui ele é particularmente esmagador, injusto e gerador de angústia mórbida. Todos os psicoterapeutas, quer sejam psicanalistas ou não, qualquer que seja a escola a que estejam filiados, concordam com este ponto. Todos eles denunciam esta falsa vergonha, tão espalhada ainda hoje, que apresenta a sexualidade na sua totalidade como culpável; uma falsa vergonha, que tantas pessoas crêem ser bíblia em sua origem, enquanto a Bíblia fala da sexualidade com uma simplicidade e com um realismo que escandalizam esta mesma gente. Entretanto, por mais falsa que a sugestão social possa ser, ela suscita uma culpa real. Uma mulher luta secretamente desde a infância contra a masturbação. Finalmente, não aguentando mais, ela empreende uma grande viagem para vir falar-me. Certo, ela tem mais falsa vergonha do que culpa verdadeira. Há também o farisaísmo da sociedade que cobre toda sexualidade de vergonha, a fim de encobrir o peso da consciência. E ainda mais, há, como o Dr. Bovet demonstrou aqui mesmo, uma falsa interpretação da narração bíblica sobre Onã, cuja falta não foi sexual, mas simplesmente avareza: ele não queria diminuir a herança de seus próprios filhos dando filhos à viúva de seu irmão! (Gn 3:8-9). Mas, ainda assim, foi um sentimento real de culpa que envenenou a vida desta mulher durante tantos anos e contra o qual ela precisava travar, em meu gabinete, um longo e dramático combate, antes de chegar a abrir-se comigo. E em todos os choques sexuais da infância, em todas as vítimas inocentes de qualquer sádico, exibicionista ou homossexual, em uma moça seduzida e abandonada covardemente por um homem que a engravidou, ou que a obrigou a abortar, permanece um sentimento de culpa, indelével e esmagador.

A história de Onã tem uma sequência (Gn 38:12-26) que nos interessa muito, a nós médicos, porque esclarece o papel do farisaísmo social na gênese da culpa: o desprezo que se dá à prostituta ataca, na realidade, a vítima em vez do verdadeiro culpado. Onã era o segundo filho de Judá, que deveria, segundo a lei da época, suscitar posteridade a Tamar, viúva de seu irmão mais velho, Er. Depois

da morte de Onã, é Judá quem viola, por sua vez, esta lei. Com medo de ver morrer também o seu terceiro filho, Sela, ele manda Tamar, sua nora, de volta para a casa de seus pais, em vez de dá-la a esse filho. Então Tamar se disfarça de prostituta e se coloca no caminho de seu sogro. Três meses depois, vêm dizer a Judá: *"Tamar, tua nora adulterou, pois está grávida"* — *"Tirai-a fora para que seja queimada"*, grita Judá. Mas Tamar guardou uma prova, o sinete e o bastão de Judá. Ela lhe mostrou: *"Do homem de quem são estas coisas eu concebi"*, disse ela. - *"Mais justa é ela do que eu"*, exclamou Judá, *"porquanto não a dei a Sela, meu filho"*.

Vemos aqui a inversão e, também, o caráter subjetivo da culpa: diante da evidência, Judá se reconhece como o verdadeiro culpado, enquanto antes iria fazer queimar a sua nora, engravidada por ele próprio.

Houve, mais tarde, uma outra Tamar, uma filha do rei Davi, cuja história (2 Sm 13:1-20) também ilustra as relações entre o desprezo social e a falsa culpa. Tamar foi violentada por seu irmão Amnom. O caso interessa também aos médicos porque, para conseguir seus fins, Amnom simulou uma doença, de forma que sua irmã pudesse servir-lhe comida na cama. E, apesar de sua resistência, *"forçou-a, e se deitou com ela"*. Depois ele a expulsou. *"Não, meu irmão; porque maior é esta injúria, lançando-me fora, do que a outra que me fizeste"*, clamava Tamar. Felizmente ela tinha outro irmão, Absalão, um psicólogo perspicaz, que adivinhou o que aconteceu: *"Ora, pois, minha irmã"*, lhe disse ele, *"cala-te; é teu irmão"*. E acrescentou esta frase tocante: *"Não se, angustie o teu coração por isso"*.

Foi Absalão que levou Tamar a sério. Ele matou Amnom, o verdadeiro culpado, para vingar Tamar, sua irmã, com isto tendo que pagar o preço de uma briga mortal com o rei Davi, seu pai, além do preço de perder o trono. Não sei se Absalão conseguiu, com suas exortações e depois com esta vingança, trazer paz à alma de Tamar. O que sei é que a tenacidade dos sentimentos de culpa e de vergonha é incrível mesmo quando eles não parecem profundos. Talvez Tamar, como frequentemente acontece, tenha imputado sobre si mesma a falta de se deixar levar pelo truque de Amnom. Talvez ela não tenha chegado a perdoar-se, apesar de ter sido o próprio rei Davi que lhe ordenou levar a comida ao homem que fingiu estar doente.

Dei alguns exemplos no campo do sexo porque é nele que a sugestão social faz mais estragos, suscitando falsas culpas das mais angustiantes e mais tenazes, todo este "pecado interiorizado" desconexo com a conduta real que é denunciado pelo Dr. Hesnard. É neste ponto que o julgamento dos outros se revela mais destruidor.

Também em todos os setores, mesmo no da cultura e no se-tor da arte, o julgamento dos outros exerce um efeito anulante. O medo de ser julgado mata a espontaneidade; impede os homens de se manifestar e de se exprimir livremente, tal como são. É preciso muita coragem para pintar um quadro, para escrever um

livro, para construir um edifício com uma linha arquitetônica nova ou para formular uma opinião independente, uma idéia original.

Toda concepção nova, toda criação se choca com um dilúvio de críticas. Os que mais criticam são os que não criam nada. Mas eles constituem uma muralha poderosa, que nós tememos mais do que o confessamos; uma colisão com esta muralha pode nos machucar bastante. Tememos menos a contradição aberta, que nos pode trazer estímulos, do que a zombaria ou o menosprezo, ou as pessoas que nos julgam estúpidos ou orgulhosos, neuróticos ou perigosos.

O julgamento é sempre destruidor. Minha mulher dizia-me recentemente: "No fundo se trata de nos perguntarmos, não se o que dizemos sobre alguém tem base ou não, mas se é construtivo para ele". Eu fico muito contente porque minha mulher tem uma atitude construtiva para mim. Quantos casais se destroem mutuamente trocando duras verdades ou zombarias su-tis!

Quando refletimos sobre isso, compreendemos quanto o medo de ser julgado empobrece a humanidade. E a fonte de todo conformismo que nivela os homens e os fecha em seus comportamentos impessoais. Quantos autores bem sensíveis jamais ousaram enfrentar a crítica pública e esconderam obras-primas em escrivatinhas? Quantas pessoas têm uma boa idéia do que seria necessário para melhorar o ambiente de seu escritório ou de sua oficina, mas evitam dizer algo com medo de serem ridicularizadas pelo patrão e tratadas como intrigantes por seus colegas?

Observem uma moça que ficou noiva e agora está desabrochando. O que aconteceu? Claro, é o milagre do amor e da felicidade. Mas também se passa outra coisa. Ela encontrou um homem que não a critica. Até aquele momento, ela era excessivamente calada enquanto sua irmã era excessivamente tagarela. A irmã era o orgulho dos pais pelos seus sucessos escolares e pela sua exibição de erudição. Mas ela era tratada como uma boba, porque ela detestava a escola e não queria nem mesmo terminar o ginásio. Assim ela sempre pensava que, abrindo a boca, iria trair a sua falta de cultura dizendo algo ridículo.

Agora, de repente, com seu noivo, ela ousa dizer tudo que lhe passa pela cabeça e ele exclama: "Sabe, você é muito inteligente!" Mesmo que ela diga uma besteira, ele acha isto atraente, original, ingênuo. Ele é extraordinário, é um homem tão educado! Ela lhe conta mil lembranças da infância que jamais ousou evocar, com medo que zombassem dela. Ele acha interessante. Ele a compreende tão bem!

Ela pode mesmo lhe contar lembranças más, das quais não se orgulha, e ele acha que não eram tão graves assim. Ele lhe confessa também que fez coisas piores que essas. Ele é, realmente, de uma humildade extraordinária que a coloca totalmente à vontade. Por conhecê-lo, ela se sente mais valorizada. Ela poderá abraçar o mundo todo, e recomeçar a orar, o que não fazia há muito tempo. Há também lembranças das quais ela se orgulha; não falou delas a seus pais, porque eles lhe diriam: "Você é orgulhosa, você deveria ter vergonha". E aí o seu noivo

exclama: "É magnífico! Você é uma mulher maravilhosa".

Ao ver o prodigioso desabrochar que uma pessoa pode experimentar quando está envolvida por confiança e amor, quando não se sente mais julgada, podemos medir o poder sufocante da crítica alheia. Percebemos que, por sua vez, cada um julga os outros e os sufoca porque está sendo sufocado. A noiva não julga o seu noivo; ela o admira tanto que isto irrita seus pais que lhe dizem em tom de desprezo: "Você não é tão generosa conosco, você que nos critica tão severamente! Diz-se que seu noivo só tem qualidades e nenhum defeito. Vamos ver como vai ficar depois de dez anos de casada!". Com efeito, a lua-de-mel não dura para sempre. Começa a mudar no dia em que a mulher percebe que o marido é bem egoísta, e que ele a acha muito faladeira. Eles podem não dizer nada um ao outro para turvar a bela harmonia que reina ainda entre os dois. Mas os seus olhos se abrem, e eles notam, mentalmente, cada dia mais, os pequenos defeitos que confirmam o seu julgamento.

Sim, será necessário um dia, entre eles, como entre os amigos dos quais estávamos falando há pouco, uma franca explicação e aquela "metanóia", aquela mudança miraculosa de atitude, para que ressurja a unidade. Mais tarde eles confessam que tinham medo um do outro. O medo nasceu da crítica, e a crítica do medo. Nem mesmo o amor resiste a isso. Se sua vida sexual permaneceu intacta, ela lhes parecia mais e mais com uma comédia que representavam um com o outro. E em manifestar mais amor do que se tem na realidade, a gente se põe a duvidar do amor que o outro ainda dá.

Vejam o poder destruidor do julgamento. Ele se insinua de maneira furtiva, sem que a gente se aperceba; corrói secretamente o edifício de um casamento aparentemente feliz, muito antes que exploda um conflito entre os cônjuges. Eles podem desalojar este inimigo dissimulado e liquidá-lo se agirem em conjunto. Sob a luz de Deus, no clima da oração e comunhão espiritual, no silêncio prolongado, podem passar pouco a pouco do círculo banal de seus pensamentos habituais às reflexões mais profundas e menos lisonjeiras.

A voz de Deus é ouvida. Ambos tomam consciência de suas próprias faltas e começam a se abrir um ao outro. É muito desagradável. Não há nada melhor para reduzir o espírito de julgamento. Mas é justamente no momento em que o espírito de julgamento aparece que o identificamos como julgamento, e nos apercebemos como julgávamos nosso cônjuge, sem nos darmos conta disso. Eis a "metanóia", a mudança de atitude, a passagem do reino do mundo para o Reino de Deus. Um amor totalmente novo brota, irresistível, entre os dois. Encontramos este fenômeno implacável do julgamento em uma comunidade religiosa. No primeiro impulso de uma conversão, um homem sente-se acolhido sem reservas. Ele tem uma admiração sem limites pelo conselheiro espiritual que lhe abriu tais horizontes, revelando-lhe a verdade. Na alegria que tem por sua conversão seu conselheiro entrega-se a ele com confiança sem reservas. Nosso convertido merece isto: sem dúvida, ele está transformado. Ele desabrocha; ele consegue

vitórias sobre si que jamais achou possíveis. Compreende que a graça é mais eficaz que todos os esforços que havia feito até então. E experimenta, então, a comunhão fraternal. Na comunidade religiosa que acaba de entrar, ele encontra homens que lhe falam de coração aberto, até sobre as dificuldades e faltas deles. Ao escutá-los, o nosso convertido descobre também as suas próprias faltas, que se escondiam a seus olhos, há muito tempo. Ele se dá conta quanto eram superficiais e mesmo enganosos os seus contatos sociais com os quais se contentara até então. Mas, pouco a pouco, as decepções vêm. Ele se apercebe que o seu conselheiro espiritual possui defeitos, que existem mesquinhas e mudanças de humor que realmente são surpreendentes em um homem tão religioso. Na comunidade também há pessoas pouco simpáticas, que fazem belos discursos e proclamam virtudes, mas que falham no amor. Uma idéia lhe vem à mente: são fariseus. Há os partidos, as tendências teológicas que se confrontam, as manobras. A fofoca cresce aí mais que em qualquer outra parte. Nosso convertido sente-se julgado porque tomou partido de um contra outro. Logo, ele percebe que há na igreja, mais ainda que no mundo, julgamentos mútuos que tornam o ambiente pesado, os quais ninguém ousa denunciar com medo de ser acusado, por sua vez, de falta de amor.

E, então, ele se põe a duvidar da eficácia da graça. A brilhante experiência que o tornava um homem melhor perde impulso. Ele recai sobre velhos erros. O julgamento fez a sua obra destruidora. Na sua igreja ainda tratam-se como uma comunidade fraternal, proclama-se muito alto o amor fraternal ao qual eles procuram ainda se conformar; mas não é mais que uma falhada que esconde inúmeros julgamentos-recalcados. Todos os membros culpam uns aos outros; todos são esmagados

12. O MÉDICO NÃO JULGA

É pelo medo de serem julgados que tanta gente hoje em dia procura mais o médico ou o psicoterapeuta do que um eclesiástico. Com ou sem razão, eles atribuem a este um espírito de julgamento que eles temem. Não é o eclesiástico o guardião da moral, o que deve denunciar o mal para extirpá-lo, o que deve exortar para o bem? Por isso o médico lhes parece mais neutro, justamente porque ele não é considerado um moralista. Ele procura compreender o comportamento do homem como um astrónomo que luta por compreender o das estrelas ou por que acontece um eclipse.

Gabamo-nos, com nosso espírito científico e objetivo, de estarmos despojados de todo julgamento. Qualquer que seja a escola psicoterápica a que nos liguemos,

sabemos bem que a condição essencial para a cura é, de nossa parte, esta atitude compreensiva, isenta de julgamento. É isto o que permite à pessoa, quer seja doente ou não, abrir-se sem reserva, como nunca fez.

Primeiro, o paciente falou longamente de todas as injustiças de que é vítima. Em seguida vêm aos borbotões as culpas doentias, todos estes freios misteriosos que travam a sua espontaneidade, a angústia poderosa que os tabus suscitam nele, tabus que a educação trouxe à sua alma. Mais cedo ou mais tarde, ele chega a falar também daquilo do qual ele se sente verdadeiramente culpado. E isso, justamente, porque não se sente julgado. Ele renasce e desabrocha como a noiva que citamos há pouco.

A virtude da psicoterapia é a virtude do não julgamento. Cada vez que nos defrontamos com este fato ficamos impressionados e nos alegramos muito. Vemos nesta virtude um sinal da graça de Deus e nos orgulhamos desta virtude. Mas não é justamente no momento em que nos gabamos de qualquer virtude que mais corremos o risco de não perceber os momentos de infidelidade a esta virtude? Creio que ninguém é mais sutil-mente exposto que nós, psicoterapeutas, ao recalque do julgamento no inconsciente, precisamente porque damos grande importância à idéia de nos mostrar isentos de julgamento em relação a nossos doentes.

Esta afirmação pode surpreender. Vocês acham que com vocês é diferente, que vocês estão imunes a toda tentativa de julgar os seus pacientes. Eu penso que, de minha parte, caio nisso mais frequentemente do que ousar confessar a mim mesmo, mais do que tomo consciência. É fácil, a princípio, escutar sem preconceitos. É ainda mais fácil quando o paciente nos inspira confiança ou, também, quando ainda não sabemos nada sobre ele. Mas torna-se mais difícil quando se trata de um velho conhecido, quando conhecemos também a família, o meio ambiente e seus problemas. Os doentes sabem disso e estão mais dispostos a consultar um psicoterapeuta distante do que um de sua própria cidade. Contudo, pouco a pouco, inevitavelmente, formamos uma opinião sobre o paciente. Algumas de suas reações nos decepcionam. Aí, vejam bem este ponto: é justamente porque sabemos que catástrofe seria para ele saber-se julgado que evitamos dizer-lhe isto. Com a maior boa vontade, podemos reprimir este julgamento para que não venha à tona em nosso consciente e não percebamos que surgiu em nós o espírito de julgamento.

Uma das minhas pacientes me contou, outro dia, a palavra de um médico que a assistiu com uma dedicação incomparável durante dez anos e pelo qual ela conservava ainda profunda gratidão. Ela o havia reprovado, em dado *momento*, por ter sido menos paciente com ela do que em outras vezes. "Que é que você quer", disse-lhe ele, "com o tempo tudo se desgasta". O que desgasta um tratamento psicoterápico, ou um casamento, ou a vida de uma comunidade religiosa? Não é o espírito de julgamento que retorna insidioso, inconsciente, despercebido?

Acredito mesmo que esta seja a fonte de todos os nossos fracassos. Então a cura se arrasta. Com boa vontade, procuramos compreender, perdoar e conquistar a confiança. Mas o efeito decisivo, o impulso miraculoso enfraqueceu; cada um fica decepcionado, médico e paciente, e o desapontamento é sentido pesadamente. Ficamos no meio termo, entre o melhor e o pior, na monotonia de uma vida rotineira; talvez um pouco mais perto do melhor, mas isso não nos é suficiente.

Tive esta mesma experiência recentemente com uma de minhas antigas pacientes, que continuei a ver durante muitos anos porque não me interessei somente pela doença dela, mas também pela pessoa, pela aventura espiritual que constitui a sua vida. Há muito tempo, o clima de nossas entrevistas perdera o brilho. Já havia perdido o clarão dos primeiros tempos. Havia ainda luzes, mas também sombras, incidentes e discussões. Muito lealmente procuramos de uma parte e de outra nossas próprias responsabilidades. Mas estas explicações não trouxeram os frutos que esperávamos. Eu a havia levado a se afirmar, a se tornar adulta, e o fruto era o êxito de sua vida. Mas, inevitavelmente, ela veio também a se afirmar contra mim, a me ofender. Eu não a tratava com aquele respeito de quando ela me parecia com uma criança. E eis que, de repente, ela me propôs que fizéssemos juntos um retiro espiritual. Há muitos anos que não o fazíamos. Líamos a Bíblia juntos, orávamos juntos, mas fazer um retiro é outra coisa bem diferente. Havíamos renunciado a isso porque, naquela época, ela ainda tinha um sentimento de inferioridade muito grande e relação a mim, para se sentir à vontade em um retiro. Neste retiro, *Deus me mostrou que eu a julgava, e há muito tempo*. Fiquei estupefato, porque me gabava justamente do contrário. Ora, a lista dos meus julgamentos crescia sob a minha caneta. Era horrível. Mas quando Deus nos toma, ele não nos deixa mais escapar. Depois eu li toda esta lista a ela. Mas ela também havia escrito outro tanto. Ela também se apercebeu, durante o retiro, que estava a me julgar.

Era a "metanóia". A atitude de ambos estava modificada. De repente, todo julgamento acabou, a comunhão espiritual foi restabelecida, a aventura espiritual renasceu, varrendo tudo o que procurávamos desde há tanto tempo inventariar, analisar, explicar e resolver. Sim, eu não desdenho o valor do esforço leal da análise, da discussão objetiva. Mas podemos nos perder se não existir nela o sopro do Espírito. Porque o plano intelectual da ciência e da psicologia, e mesmo da moral ou da religião, é diferente do plano espiritual. Ele pode conduzir ao plano espiritual e é nisto que reside a sua maior virtude. Entretanto a objetividade intelectual conserva sempre, em si mesma, um certo conteúdo crítico.

Há dois meses, estava falando com um grupo de amigos. Todos são colegas que me dedicam confiança e afeição. Eles se interessam por tudo que me diz respeito, e também por este livro que estava escrevendo na época. Eu estava justamente no ponto principal, vibrando por descobrir esta importância universal do espírito sob o qual todos os homens se sentem esmagados, e falava-lhes sobre isso. Discutimos isto a noite inteira, muito séria e gentilmente. Havíamos falado

com o melhor dos sentimentos, mas havia sido uma discussão.

O que era para mim uma emoção, uma sensibilidade, uma intuição confusa, tornava-se agora um conjunto de idéias, de proposições a serem debatidas. Quando se descobre uma verdade viva, custa-se muito exprimi-la. Todos os artistas sofrem deste contraste entre a sua obra e a realidade infinitamente mais complexa que eles haviam pressentido interiormente. A exposição intelectual é muito mais abstraía, impessoal. Em uma obra de arte, o que é exposto para o julgamento dos outros tem raízes profundas na pessoa do seu criador e deixa uma ferida muito sensível.

Já vi muitos artistas bloqueados na sua criação por terem exposto prematuramente a sua obra antes mesmo que ela tivesse tomado corpo definitivo. Parece uma fotografia que se apaga quando é tirada da câmara escura antes que o banho fixador a tenha tornado insensível à luz. Os elogios podem esterilizar o impulso criador tanto quanto as críticas. Isto prova que o bloqueio se deve ao fato de que a obra é tida como um objeto, uma coisa que pode ser discutida, classificada, rotulada e julgada. Foi isto que aconteceu comigo quando da discussão com meus amigos. Eles fizeram objeções muito judiciosas. Eles disseram que eu generalizo muito, que se pode ajudar pessoas mos-trando-lhes seus erros e suas faltas, formulando um julgamento sobre elas, desde que seja na melhor das intenções e não em uma atitude de crítica. Quanto mais amor se tem por alguém, mais se pode e se deve ser severo com esta pessoa, de tal maneira que esta severidade apareça como medida de amor. Eu estava plenamente de acordo. Não era isso que visava ao denunciar o efeito esmagador do julgamento. Mas, então, nós estávamos nas definições e nos dicionários, empenhados em distinguir os critérios do espírito de julgamento. Estávamos no mundo abstraio da dialética, das teses que se confrontam e se refutam, não na vida que se comunica. Meu espírito criativo murchou. Passaram-se dois meses para que eu pudesse voltar a escrever. É certo, tive outros impedimentos, mas eu os teria superado, sem dúvida, se minha chama tivesse permanecido bastante acesa.

Meus amigos poderiam pensar que sou muito sensível, pois estavam tentando me ajudar ao mostrar as lacunas no que eu queria expor. Mas eu poderia ter minha atual posição se não tivesse essa sensibilidade? Compreenderia meus doentes se me sentisse menos vulnerável, menos exposto a um bloqueio como esse que me atingiu durante dois meses, só porque uma discussão objetiva e sábia mudou a ênfase, do domínio do coração para o domínio das idéias?

Um dos meus amigos me disse mui gentilmente: "Se você sente tão vivamente assim este efeito destruidor do julgamento, é porque você tem um juiz impiedoso em si mesmo, um superego muito forte". Certo, é verdade. Prefiro entretanto ter um superego muito severo a não ter nenhum. Mas, vejam lá, eu me coloco no lugar dos meus pacientes. Ouvir dizer que tudo vem de um superego muito forte é sentir-se classificado em uma categoria. Um diagnóstico psicológico, na medida em que ele é necessariamente analítico e um pouco impessoal, pode também ser

sentido como uma espécie de julgamento.

Este amigo, que também é muito sensível, se bem que não demonstra tanto quanto eu, percebeu isto, porque ele se apressou a me contar uma história para mostrar-me que um diagnóstico, ao contrário liberta do julgamento. Ele disse que tinha uma empregada com a qual sua mulher tinha dificuldade de tratar. "Esta moça deve sem dúvida ter sofrido alguma comoção cerebral na sua infância e é isto que deve explicar o seu comportamento", disse ele recentemente à sua mulher. "Por que você não me disse isso mais cedo?" exclama ela; "Eu posso suportá-la bem melhor agora, pois posso culpar a doença por aquilo que eu tinha por uma falha de caráter".

Sim, uma visão médica ou psicológica pode derrubar o julgamento moral, e esta empregada deve se sentir bem mais à vontade ou agora diante de seus patrões. "Mas você não crê", perguntei a meu amigo, "que poderia chegar o dia em que esta empregada sentiria desagradavelmente o fato de a tomarem sempre por doente, e de carregar como que uma etiqueta da antiga comoção cerebral?" É bem mais fácil do que aguentar um julgamento moral; mas isso também pode causar um bloqueio.

Nós temos uma profunda sede de vida, de relacionamentos alegres e livres. Precisamos que nossos amigos nos considerem sem preconceitos, vendo-nos como somos e não através da luneta de uma doutrina moral, de uma teoria científica ou de um diagnóstico médico. Pois é assim que Deus nos olha.

Assim, todo conselho objetivo, quer seja moral ou psicológico, tem sempre, até certo ponto, o caráter e o peso de um julgamento. É o conselho de um homem sobre um homem, uma pretensão de arbitragem, uma pretensão de superioridade deste que pronuncia sobre o outro. A situação exige necessariamente uma revanche. Assim toda discussão intelectual, mesmo conduzida no melhor espírito de pesquisa em prol da verdade, tem mais ou menos o sentido de uma luta pelo domínio, uma briga pelo poder. Cada um se engrandece demonstrando que tem razão, e que o outro, por consequência, está errado e é culpado.

Estritamente falando é impossível não julgar. E impossível viver sem julgar, assim como é impossível viver sem respirar. "Penso, portanto, existo." Ora, "eu penso", significa necessariamente: "eu julgo".

Acabo de ler estas últimas páginas à minha esposa. Ela me disse: "Para mim, o problema do julgamento permanece insolúvel. Como se despojar de todo espírito de julgamento? Eu tenho me esforçado bastante para isso, mas em vão". Certo, é insolúvel: eu mesmo não tive êxito em me livrar deste problema. Sem dúvida, foi possível perceber isto há pouco, vendo a sinceridade com a qual denunciei o espírito de julgamento que observo por todo lado. Eu julgava os que julgam. No mesmo instante que condenava o espírito de julgamento, eu mesmo estava todo impregnado de julgamento, porque o combatia. Desta forma encontramos pacifistas que se inflamam de tal forma pelo pacifismo que se tornam fortemente agressivos com aqueles que, a seus olhos, cometem qualquer

crime contra a paz. Vemos apóstolos da tolerância cujo ardor os torna fortemente intolerantes em relação aos que não partilham de seu ideal de tolerância. Assim, foi a minha atitude polêmica que provocou a reação de meus amigos. Sim, eles tinham razão, eu estava generalizando muito, não estava acreditando no valor real de um julgamento severo, refletido e bem intencionado. E minha parada, durante dois meses, tinha muito a ver com o meu senso de que eles tinham razão, de sorte que, advertido por eles, eu não podia ser bastante parcial para colocar em meu discurso a vivacidade necessária. Sem dúvida, não escrevamos mais nada se tivéssemos todo o tempo a consciência de todos os aspectos de todas as coisas! Mas só precisava retomar a minha caneta, e logo reencontrei a minha vivacidade agressiva, porque via homens esmagados pelo julgamento dos outros, males políticos e sociais a fustigar a humanidade!

Devemos, portanto, estar dispostos a ser culpados de parti-darismos, de paixões e de julgamentos, sob pena de trair a nossa vocação de seres humanos. Se meus amigos ficassem calados só para não ferir a minha sensibilidade, eles não seriam meus amigos. Se eu, para não me expor à acusação de parcialidade, tivesse lhes falado só de assuntos inócuos e impessoais, evitando prudentemente os que me são mais caros ao coração e que me inflamam, eu faltaria também com a minha amizade.

Os artistas que não mostram suas obras a ninguém por medo da crítica vêem o seu talento atrofiar-se. Porque a vida é luta, combate, engajamento. E pelo diálogo que se forma uma pessoa, como já demonstrei no livro: "Le Personnage et la Person-ne". Este diálogo não é uma conversa inócua ou sentimental, mas um engajamento custoso, é enfrentar os outros e seus julgamentos. Viver é escolher, é arriscar-se a enganar, aceitar o risco de ser culpado, de cometer erros. O medo das responsabilidades é bem o medo da culpa eventual de todo engajamento. Assim, por querer esquivar-se do efeito destruidor do julgamento, caminha-se para uma destruição maior e mais certa, a da fuga e da covardia!

O julgamento pode evaporar, como já vimos, depois de uma explicação franca, em um retiro ou em um impulso de amor, mas ele logo reaparece. São instantes fugitivos que aparecem com sinais de graça. Mas os estados de graça não duram. A graça um texto onde ele evoca a estranha mistura de abundância e não duram. A graça não pode ser armazenada; nós só temos vislumbres dela, como diz Paulo em um texto onde ele evoca a estranha mistura de abundância e de pobreza, de vida e morte, do eterno e do passageiro, que caracteriza nossa condição humana (2 Co 4:7-5:5). Mas esses momentos têm sabor suficiente para nos fazer entrever o verdadeiro relacionamento humano e nos fazer desejá-lo ardentemente.

A Reversão

13. A DEFESA DOS DESPREZADOS

Há na mensagem bíblica, tomada como um todo, uma espécie de inversão paradoxal e extraordinária, que me fala muito ao coração. Desejo que vocês sintam também isso, porque esta inversão parece trazer-me luz ao assunto deste capítulo: e nos dá a resposta a este problema da culpa-inferioridade que já abordamos anteriormente.

Uma passagem do Evangelho segundo João ilustrará particularmente o assunto: a história da mulher adúltera trazida aos pés de Jesus (Jo 8:3-11). Temos de um lado esta mulher apanhada em flagrante delito, acusada e condenada por adultério, e de outro lado os escribas e fariseus, que eram estudiosos e teólogos, austeros e sinceros burgueses morais. Estes acusam a mulher, mas querem também forçar Jesus a condená-la; caso contrário, poderão acusá-lo de fugir do papel de juiz.

Prestem atenção que a acusação destes homens não se baseia em um preconceito social ou moralista, mas na revelação divina: "E na lei mandou Moisés", dizem eles, "que tais mulheres sejam apedrejadas, tu pois que dizes?". Foi um desafio terrível. Jesus tomou algum tempo para pensar, e ficou escrevendo: "Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo". Assim, esta mulher simboliza todos os desprezados deste mundo, todas essas pessoas que vemos diariamente esmagadas pelos julgamentos que pesam sobre elas, pelos julgamentos arbitrários e injustos, mas também pelos julgamentos justos, fundados sobre a moral mais santa e a lei divina mais autêntica. Ela simboliza todos os inferiorizados psicológica, social e espiritualmente. Seus acusadores simbolizam toda a humanidade que julga, que condena, que despreza.

Ora, tudo se passa como se a presença de Cristo operasse a mais estranha inversão: ele apaga a culpa que esmagava aquela mulher e suscita culpa naqueles que não a experimentavam.

A mulher, surpreendida em flagrante delito, convencida do pecado, muda pela vergonha das acusações que não podia contestar, Jesus Cristo traz, com uma autoridade divina, a palavra de absolvição. Ele não nega a culpa dela, mas ele a apaga. Ele a livra da sua situação de inferioridade, da sua situação de condenada, perante aqueles que a denunciavam. *"Ninguém te condenou?... Nem eu tão pouco te condeno; vai e não peques mais."* Ele não nega que ela havia pecado, mas se

recusa a pronunciar a condenação. Anteriormente, aos acusadores desta mulher, Jesus havia dito uma outra palavra, adequada para revelar-lhes sua própria culpa recalcada: *"Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire pedra"*. E, um a um, eles se retiraram. Não há, pois, diante de Jesus, duas categorias humanas, os culpados e os justos; só há culpados: a mulher, a quem Jesus trouxe o perdão de Deus, e os homens que poderiam recebê-lo, por sua vez, porque eles reconheceram a sua culpa re-tirando-se dali.

Esta é então a grande inversão que esta passagem da mulher adúltera traz à luz de maneira surpreendente, mas que se encontra em toda a Bíblia. Em termos psicológicos, nós podemos formulá-lo assim: Deus apaga a culpa consciente, mas torna consciente a culpa reprimida.

Com base nas considerações filosóficas e clínicas, o Dr. Sa-rano³⁵ formula exatamente a mesma conclusão: "Não há somente uma culpa a curar, mas uma outra a suscitar e recuperar". Porém eu simplifico demais as coisas apresentando, à vista desta passagem, um contraste tocante entre a acusada e os seus acusadores. Na realidade, todos somos, não alternadamente, mas ao mesmo tempo, acusados e acusadores, condenados e condena-dores. Bem antes das descobertas da psicologia profunda, os psiquiatras tinham observado que os perseguidos tornavam-se perseguidores. Nós somos acusadores porque acusados e acusados porque acusadores.

Apresentar somente a graça é amputar a metade do Evangelho. A graça é para a mulher que treme diante de sua culpa.

Mas seus acusadores poderão partilhar da graça somente se redescobrirem por si mesmos o peso da culpa. Apresentar, pelo contrário, só a severidade de Deus, é também amputar a verdade do Evangelho. Jesus suscita a culpa não para condenar, mas para salvar, porque a graça é dada a quem se humilha, a quem toma consciência de sua culpa.

Jesus mesmo formula esta inversão paradoxal das coisas nestas palavras: *"Assim os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos"* (Mt 20:16). Quantas vezes não pensei nisso quando um homem soluçava no meu gabinete exprimindo sua decepção consigo mesmo, suas faltas, seus erros, seu desespero, seu sentimento de inferioridade. *Ele* está mais próximo do Reino de Deus do que eu que o escuto; e eu me aproximo do Reino, como também deste homem, na medida em que me reconheço também culpado, também impotente, também inferior e também desprezado como ele. Só assim posso ajudá-lo, porque assim estou livre de todo espírito de julgamento, estou como ele: arrependido e à espera da graça.

Vemos esta inversão em toda a Bíblia. Deus escolhe um assassino para conduzir o seu povo e enfrentar vitoriosamente o Faraó do Egito (Ex 3:10). Um assassino, Moisés, que teve que fugir para o exílio para escapar à reprovação social e à justiça do Faraó (Ex 2:13-15); é também um tímido, que não tem a palavra fácil e que duvida de si mesmo (Êx 4:10).

E um desprezado, Gideão, que Deus escolhe para juiz e chefe militar, um humilde que se exprime assim: *"Eis que a minha família é a mais pobre de Manasses, e eu o menor na casa de meu pai"* (Jz 6:15). Que resposta a todas as pessoas de hoje que se sentem esmagadas por sentimentos de inferioridade! E uma criança, Samuel, que Deus escolhe para repreender o sacerdote Eh; e que mais tarde torna-se o profeta e chefe do seu povo (1 Sm 3).

E um jovem pastor de ovelhas, Davi, desprezado e perseguido pelo rei Saul, que Deus escolhe para tornar-se rei (1 Sm 16:6-13). Ele era o mais humilde *entre* seus irmãos, aquele que seu pai, Jessé, havia esquecido de apresentar ao profeta porque ele estava no campo pastoreando as ovelhas. Assim parece incrível ao profeta que Deus preferisse este garoto medíocre, ao soberano majestoso, o rei Saul; Deus teve que convencer Samuel dizendo: *"Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei, porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração"* (1 Sm 16:7).

Outro tímido, Jeremias, é que Deus chama à perigosa missão de profeta em tempo de guerra, diante de um povo degenerado que fecha os olhos às catástrofes ameaçadoras. É um emotivo também: "Meu coração se agita" diz ele (Jr 4:19); ele duvida de si mesmo, gostaria de esconder-se, de calar-se (Jr 20:9), e é ele quem Deus escolhe, quem Deus obriga a falar, e anunciar "Golpe sobre golpe" (Jr 4:20), a denunciar as falsas seguranças, com uma audácia implacável que o conduzirá à prisão. "Paz, paz", dizem eles, "quando não há paz" (Jr 6:14). É ainda um insignificante pastor de ovelhas, Amos, que Deus tira do meio do seu rebanho, para enviar a profetizar em Betei, lugar sagrado do rei Jeroboão, diante do sacerdote Amazias. Este des-preza-o, persegue-o e quer expulsá-lo do "santuário do rei" (Am 7:10-12). Sempre vemos Deus escolher os fracos, os tímidos, os ignorantes, os desprezados, para confundir os grandes deste mundo, os sábios, os poderosos (1 Co 1:27-29). *"Ouve, ó nosso Deus, pois estamos sendo desprezados!"* exclamava Neemias (Ne 4:4). Deus protege-o e também a seu povo escolhido. *"Ato pensamento de quem está seguro há desprezo para o infortúnio"*, grita Jó (Jó 12:5).

Ao contrário de todos estes preconceitos sociais, Deus se aproxima dos desprezados e lhes confia o seu reino. O sentido profundo de toda legislação mosaica era a proteção dos fracos (Lv 25:35-37), Mas é na própria pessoa de Jesus Cristo que explode esta mudança de valores. Ele, que *"subsistindo em forma de Deus... a si mesmo se esvaziou... tornando-se em semelhança de homens"* (Fp 2:6-8), semelhante ao mais miserável dos homens, nascendo em um estábulo, morrendo sobre uma cruz, desprezado e rejeitado (Is 53:3). Para discípulos, ele escolhe humildes pescadores como Pedro (Mt 4:18), ou um fiscal da alfândega como Mateus (Mt 9:9), que estava a serviço dos romanos, conquistadores do país.

Ele se compraz na companhia de prostitutas e traficantes para grande escândalo das pessoas virtuosas (Mt 9:10-13). *"Graças te dou, ó Pai, Senhor do*

céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos" exclama ele (Mt 11:25).

Observem esta reversão. Deus prefere os pobres, os fracos, os desprezados. O que os religiosos têm mais dificuldade ainda de admitir é que ele prefere os pecadores ao justos. Isto se explica precisamente por este ponto de vista bíblico que a psicologia moderna confirma: que todos os homens são igualmente carregados de culpa. Os que chamamos justos não estão isentos dela, mas a reprimiram; os que chamamos de pecadores estão conscientes da sua culpa e, por isso mesmo, mais preparados para receber o perdão e a graça.

Por toda parte, Jesus tomou a defesa dos desprezados; a mulher adúltera, de quem falamos; a prostituta, na casa de Simão, o fariseu, que fica chocado não somente pela conduta dela *no passado, mas por sua espontaneidade na manifestação* de seus sentimentos (Lc 7:36-50). Ele fala com severidade a Simão, mas à mulher ele diz: "*Perdoados lhe são os seus muitos pecados*". Ele defende as crianças, dizendo: "*Não desprezeis a qualquer destes pequeninos*" (Mt 18:10).

Na igreja de Corinto, o apóstolo Paulo constata que não foram *chamados "muitos sábios... nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento"* (1 Co 1:26). Assim, a exemplo de seu mestre, ele se faz "fraco para os fracos" (1 Co 9:22), ele sabe "estar humilhado" (Fp 4:12), ele se expõe ao julgamento dos homens (1 Co 4:3). Ele liberta seu discípulo, Timóteo, de seu sentimento de inferioridade: "*Ninguém despreze a tua mocidade*", lhe escreve Paulo (1 Tm 4:12); e mais: "*Deus não nos tem dado espírito de covardia*" (2 Tm 1:7). Tiago, por sua vez, estigmatizou os que honram os ricos e aviltam os pobres (Tg 2:1-7).

Poderíamos multiplicar os exemplos. José, o décimo primeiro filho de Jacó, odiado por seus irmãos, porque tinham ciúmes dele, torna-se o eleito de Deus, e o poderoso ministro do Faraó (Gn 37).

Uma prostituta, Raabe, é usada como instrumento do plano de Deus (Js 2:1-14); é uma humilde viúva, em Sarepta, a quem Deus dispensa a graça divina (1 Rs 17:8-24); é a uma estrangeira de comportamento duvidoso, a samaritana, que Jesus revela que ele é o Messias (Jo 4:1-26); é ao filho pródigo da parábola, a quem o pai abre totalmente os braços, para grande escândalo de seu virtuoso irmão (Lc 15:11-32); é uma pobre vendedora de púrpura, Lídia, a primeira europeia a receber o batismo cristão (At 16:11-15); é um refugiado, Áquila, quem primeiro acolhe Paulo em Corinto (At.18:2).

De um extremo a outro da Bíblia, a resposta é parecida; uma resposta clara, sem ambiguidade, incondicional e sem restrição, aos sentimentos de inferioridade e de culpa que temos estudado. Vimos quão estreitamente eles são ligados uns aos outros. A resposta também os considera juntos. Nada de discussão profunda sobre as falsas ou verdadeiras culpas, mas em sua graça Deus recebe todos os envergonhados. Reabilitação social e absolvição andam juntas. A graça liberta, de uma só vez, do desprezo social que pesa em nosso exterior e do remorso, que devora interiormente.

Deus está com os fracos, os pobres, os humildes, os pecadores que se reconhecem como tais e esta atitude de Deus para com estes livra-os tanto do desprezo próprio como do dos outros. "*Se Deus é por nós, quem será contra nós?*" exclama Paulo (Rm 8:31). Ele é a rocha inabalável (Sl 62:2) - esta palavra aparece mais de 30 vezes na Bíblia - contra a qual esbarram todos os julgamentos dos homens.

Quando um médico cuida com carinho de um doente, um solitário, um decaído, uma vítima qualquer da crueldade dos homens e da sorte, ele é um instrumento do amor restaurador de Deus. Jamais este paciente encontrou um homem que se interessasse tanto por ele, que o escutasse com tanta atenção, que procurasse compreendê-lo em lugar de julgá-lo, que, longe de desprezá-lo, demonstra um verdadeiro respeito pela sua pessoa. É a segurança e a consciência de seu valor como homem que ele encontra na presença deste médico: verdadeiro reflexo da estima de Deus. Porém esta restauração dos desprezados à sua dignidade humana não se limita somente ao nível pessoal. Pensem que em todas as agitações sociais e políticas que convulsionam o nosso mundo atual há um sentido de revolta e de re-vanche dos desprezados. Proletários, povos de cor, antigas colônias se voltam contra os senhores da civilização ocidental, que os desprezavam mesmo quando os colonos lhes faziam bem. Pensem a que ponto os preconceitos de raça permanecem ainda vivos, mesmo nas missões cristãs em terras longínquas. Mas o próprio Ocidente, o Ocidente orgulhoso no auge de seu poderio no início do século, vai talvez encontrar, nesta revés cruel de seu empreendimento conquistador, um renascimento salutar - o Ocidente tão seguro de seu triunfo técnico, racional, cultural, militar, económico, que chegou a pensar que não tinha mais necessidade de Deus. Foi a época que iniciou a "boa consciência burguesa" que caracterizou a época de nossa infância.

Vejam, encontramos novamente esta culpa do fracasso mencionado pela Dra. Rabaglia, mas só lhe atribuímos um propósito agora. A graça é para os humildes, e não para os auto-suficientes. Assim um revés, uma derrota grave, o desabamento de um mundo majestoso pode ser o caminho necessário a um renascimento. Para cada um de nós, um fracasso pode se tornar a oportunidade de uma reviravolta sobre si mesmo e de um encontro pessoal com Deus.

Compreendemos agora, bem mais profundamente, por que existem estes elos estreitos que temos constatado entre os sentimentos de inferioridade e os sentimentos de culpa. Parece absurdo, pensando racionalmente, que nos sintamos culpados de uma fraqueza inerente à nossa natureza humana, que um fracasso, de repente, nos revela. Mas é assim mesmo. Há uma passagem bíblica que vai nos ajudar a compreender isso melhor.

É a da pesca milagrosa (Lc 5:4-11). Pegar peixes é a causa com a qual se identifica um pescador. Ora, Simão Pedro e seus amigos haviam trabalhado "toda a noite" sem apanhar nada. Entretanto, Simão confiou em Jesus quando este lhe disse para fazer-se ao largo e ali jogar as redes. Então nossos pescadores

apanharam tantos peixes que suas redes se rompiam e eles encheram dois barcos. *"Vendo isto Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador"*.

A reação de Simão Pedro é instantânea e espontânea, quase instintiva. Ele não estuda as condições do seu fracasso anterior, nem as do sucesso de Jesus, nem se acusa de uma falha profissional, de não ter jogado as redes no local certo. Ele não diz: "Cometi um erro", mas "sou pecador". Passamos de uma culpa de "fazer" e de seu casuismo e racionalização interminável, que mencionei ainda há pouco, para um plano totalmente novo, uma outra convicção de culpa totalmente diferente, a culpa de "ser".

Há um encontro pessoal entre dois seres: Simão Pedro em toda a sua miséria humana e Jesus, o Deus encarnado. Simão Pedro reconhecia repentina e instantaneamente, neste confronto, a divindade de Jesus e a sua própria miséria. Jesus fará mais tarde outros milagres mais maravilhosos, mais estonteantes para o raciocínio humano. Ele dará provas mais claras de sua divindade: a ressurreição de Lázaro, por exemplo, onde um cadáver já em putrefação retorna à vida. Em comparação com isto, qual é então o sucesso desta pesca maravilhosa?

Entretanto, é nesta experiência bem secular, profissional ou técnica, que Simão Pedro descobre a grandeza da pessoa de Cristo e fica apavorado. Assim podemos conhecer em teoria, por uma reflexão filosófica, tanto a grandeza de Deus como a miséria humana, e ainda permanecer insensíveis na intimidade do nosso ser. É necessária uma experiência concreta, mesmo sendo aparentemente pequena, um revés ou uma realização, para que se produza em nós o impacto do encontro pessoal com Deus.

Daí em diante, a culpa toma outro sentido. Ela se torna abrangente, não se esgota mais dentro desta confusão de nossas discussões e de nossas reflexões sobre o que fizemos ou o que não fizemos. Ela diz respeito ao nosso ser, a culpa está em um sentido, mais desesperada, porque todas as análises que podíamos fazer sobre a extensão de nossa culpa, em determinada circunstância ou em caso de fracasso, ficam em outro nível. Mas ela poderá chegar a um resultado no qual nenhuma de nossas análises chegariam. Entretanto, não temos acesso direto a esta consciência de culpa do "ser", mas chegamos lá pela mais divergente culpa do "fazer". Os remorsos concretos de tal ato cometido, de tal atitude falsa ou tal falha, pela qual nos sentimos responsáveis a despeito de todas as circunstâncias atenuantes, de repente mostram a miséria humana, não mais como um sofrimento a ser suportado, mas como um estado de culpa face à santidade de Deus. É isto que Paulo exprime na epístola aos romanos: *"Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço"*, e ele acrescenta também: *"Desventurado homem que sou!"* (Rm 7:19, 24). Eu faço... eu sou... Vejam a transição desde a culpa do fazer até a culpa do ser.

Temos visto o caráter inesgotável deste exame crítico de nossos atos e pensamentos, e como tão facilmente pode se tornar obsessivo. Os pacientes mais

consciosos nos dão um comovente exemplo disso. Enquanto o exame se desenvolve em termos de uma culpa que chamarei de quantitativa, que é a procura da extensão exata de nossa culpa objetiva em dada circunstância, nunca chegará a conclusões sólidas. Mas isto parece ser como um aprendizado, um caminho necessário, que conduz a uma tomada de consciência da culpa do ser, uma culpa qualitativa, onde não existe mais a questão de dosagem, mas que solta um grito: "Desventurado homem que sou!".

Tudo isso interessa profundamente ao psicólogo. Porque é na culpa do fazer que se agarram todas as culpas sugeridas, todas as que se confundem com o sentimento de inferioridade: a dependência infantil, dos outros, da sociedade, dos preconceitos, da vergonha, dos julgamentos sociais. Todos estes sentimentos de culpa têm suas raízes na culpa do "fazer". É a culpa moralista, a culpa patogênica. É no plano do "fazer" que se desenrolam todos os julgamentos mútuos que dividem os homens e os esmagam. O que pode uni-los é a consciência de sua miséria comum que se situa no plano do "ser". Todos os julgamentos, toda expressão de desprezo, referem-se a um "faça isto, não faça aquilo"; implicam todos em uma pretensão de impor ao outro a sua própria concepção do "fazer".

Vimos que este mecanismo se reproduz constantemente, enfermado todos os homens em uma engrenagem implacável de culpas de juízos, de revoltas, e de insensibilidade. O que pode romper esta cadeia diabólica? E a passagem da culpa do "fazer" para a culpa do "ser". O que é comum ao homem respeitável e ao boêmio é a sua condição humana, a miséria, o sofrimento, a escravidão de sua condição humana, de seu "ser". E isto que vai reaproximá-los, reuni-los em uma humildade comum, em uma liberdade comum.

É então uma experiência de culpa, mas de uma culpa bem mais profunda, bem mais absoluta, bem mais essencial, que vai resolver o intrincado embrulho de culpas menores que descrevemos até aqui. Nós temos notado este relacionamento íntimo entre o sentimento de culpa e o sentimento de inferioridade. Agora, há duas inferioridades: uma inferioridade do "fazer" e uma inferioridade do "ser"; uma inferioridade quantitativa, que resulta dos julgamentos mútuos e leva os homens a se compararem uns aos outros, e uma inferioridade absoluta, qualitativa, uma consciência comum da fraqueza humana, que reaproxima os homens em um arrependimento comum.

14. A LIBERTAÇÃO DOS TABUS

Esta oposição entre a culpa do fazer e a do ser nos ajudará agora a compreender melhor a Bíblia e a dissipar alguns trágicos mal-entendidos que

muitas vezes parecem contrapor a experiência dos psicoterapeutas com a mensagem bíblica, já que, na realidade, elas estão plenamente concordes entre si.

A culpa do fazer se ligam os tabus e toda uma atitude moralista, cujos efeitos patogênicos são denunciados pela psicologia moderna. O tabu é uma proibição mágica; "Isto é impuro, não toque; isto é proibido, não faça". Tabus são proibições carregadas de angústia ameaçadora. O moralismo procede disso, é a criação de um código rigoroso de proibições, de um código moral. Já mencionamos o comentário de um jovem, que o Dr. Bo-vet nos relatou: "Religião é o que não se deve fazer!"

A maior parte das pessoas lê a Bíblia com este espírito, como se ela fosse um código moral revestido de autoridade sagrada, um conjunto de proibições e prescrições cuja estrita observância deveria nos assegurar uma existência isenta de culpa. Bela utopia, na verdade! Mas como a Bíblia não pode ser obedecida em todos os seus detalhes, nasce um desespero, uma angústia neurótica de cometer algum sacrilégio, uma culpa que não encontra solução.

Vimos, por exemplo, que a ordem de Cristo: "A ninguém julgueis", não pode ser observada rigorosamente, ao menos de uma maneira permanente. O mesmo acontece com todas as ordens de Cristo. Vejam o Sermão do Monte: nenhuma de suas exigências é plenamente realizável. Tomem a mais simples, a de dar aos outros não somente aquilo que eles nos pedem, mas o dobro (Mt 5:41), Pensem no problema do emprego do tempo, já mencionado; o problema tornar-se-ia ainda mais insolúvel. E a exigência suprema é: "Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste" (Mt 5:48). Então me parece que é errado apresentar o Sermão da Montanha como um esboço da ética de Jesus Cristo, como frequentemente se faz. Uma ética pretende justamente ser aplicável. Ela é limitada. Define um certo número de exigências precisas (tabus, para usar a linguagem dos psicólogos) de tal forma que se pudesse ter a consciência tranquila se-guindo-as cuidadosamente. Entretanto, diante de Jesus Cristo e de seu apelo, está sempre faltando alguma coisa, e muito, em nossa justiça. Tal é o sentido, por exemplo, da história do jovem rico que perguntou o que deveria fazer para herdar a vida eterna (Mc 10:17-22). Jesus lembrou-lhe a lei de Moisés, o Decálogo, e este jovem respondeu com consciência tranquila: "*Mestre, tudo isto tenho observado desde a minha juventude*". Assim Jesus, olhando-o, o amou. Mas, com uma só palavra, Jesus mostrou imediata e justamente o que lhe faltava: "*Vai, vende tudo o que tens...*"

Reparem que, nesta referência ao Decálogo, Jesus omitiu cuidadosamente o décimo mandamento (Ex 20:17), aquele que condena a inveja, fonte de todas as aversezas. Com razão, Paul Ricoeur³³ nota que este décimo mandamento introduz no Decálogo uma dimensão ilimitada, inaplicável, como dissemos ainda há pouco. A distinção que Ricoeur faz entre "limitação" e "ilimitação", na exigência moral, parece-me muito importante. Oferece aos psicólogos e aos teólogos de hoje um excelente ponto de encontro.

E necessário reconhecer que a lei mosaica, dos primeiros livros do Antigo

Testamento, tem um caráter moralista, o de um código limitado, aplicável, e cujo respeito meticuloso deve assegurar a consciência tranquila. *"Os meus estatutos e os meus juízos guardareis; cumprindo os quais, o homem viverá por eles"* (Lv 18:5). Em consequência, esta lei é facilmente investida pelas características arcaicas, infantis e mágicas da moral dos tabus, fonte de culpas patológicas. A própria noção de impureza, de objetos impuros, que não se deve tocar, e que tem um grande lugar na legislação mosaica, tem algo muito parecido com o sentido formalista e mágico do tabu.

Outro resultado é uma angústia neurótica, porque se pode cometer um pecado sem saber, sem má intenção: *"... quando alguém tocar em alguma coisa imunda, seja corpo morto de besta-fera imunda,... ainda que lhe fosse oculto, e tornar-se imundo, então será culpado "* (Lv 5:2). Assim o que devia dispersar a culpa, uma definição explícita e exaustiva, própria para garantir a consciência tranquila, suscita uma culpa nova, infinitamente mais angustiante porque, por ser inconsciente, é impossível de se prever. Vejam outro exemplo: a arca de Deus tinha, aos olhos dos israelitas, este caráter mágico do tabu; não se podia tocá-la. Deus ordenou a Davi que a transportasse a Jerusalém. Colocaram-na, para isso, em um carro de bois. Mas em Nacom o carro ameaçava tombar e: *"estendeu Uzá a mão à arca de Deus, e a segurou porque os bois tropeçaram"*. Uzá morreu na mesma hora! O que nós sabemos sobre o poder dos tabus nos permite compreender que a idéia de ter tocado em uma coisa tão santa pode bem ter sido a causa de sua morte. Mas as testemunhas oculares reconheceram uma punição de Deus que atingiu Uzá pelo pecado de que se tornou culpado em uma intenção tão louvável em si mesma. E todo o povo e o rei foram tomados de angústia (2 Sm 6:6-9).

A Bíblia toda nos mostra o choque entre duas mentalidades: a mentalidade infantil, formalista, moralista, a dos tabus, e a mentalidade profética, de acordo com a palavra de Bergson adotada por Ricoeur. A primeira oferece uma moral limitada, definida, explícita, que localiza o pecado em uma ação, em uma coisa impura. Ela pretende apresentar ao homem uma salvação que ele possa assegurar a si mesmo observando cuidadosamente todas as suas leis rigorosamente, e ela o conduz, na realidade, a uma angústia sem limite. A segunda situa a culpa no coração do homem e não nas coisas, na intenção, no ser e não no fazer. Ela proclama o caráter ilimitado das exigências de Deus, a impossibilidade, por conseguinte, do homem apagar sua culpa pela perfeição de sua conduta moral. A resposta, então, vem de Deus e não do homem; no perdão que Deus dá precisamente àquele que confessa a sua culpa inevitável, em vez de a justificar.

O choque destas duas mentalidades culmina nos debates que travam Jesus Cristo e os fariseus, e leva ao drama da cruz. Os fariseus encarnam este espírito moralista, infinitamente sincero e escrupuloso, que "coa o mosquito" (Mt 23:24), tal é o seu cuidado em proteger-se contra a culpa. Eles são os herdeiros, como tantos crentes escrupulosos de nossos dias, do aspecto mais primitivo da lei de

Moisés, que eles ampliaram até chegar a um casuísmo esmagador.

Jesus Cristo veio trazer outra solução ao problema da culpa, a solução que surge precisamente no momento em que a gente perde a esperança de sair-se bem com Deus, por nossos próprios esforços, pela observância de uma moral limitada por mas rigorosa que ela seja. Esta segunda solução despontou no horizonte do Sinai, quando "a ética judaica descobriu a inveja", como o diz Ricouer,³³ em outras palavras, uma culpa ilimitada, inevitável, existencial. Um a um, os profetas começaram a atacar bem menos aos pecadores manifestos, desprezados pelos justos, para ir contra estes mesmos justos, e denunciando o seu pecado camuflado.

É isto que Jesus vai proclamar muito mais rigorosamente ainda. O sentido do Sermão do Monte não será o de uma receita para se liberar da culpa por uma conduta meritória. Muito pelo contrário. É a palavra que abala, que sacode, que convence de morte aquele que não matou; de adultério aquele que não o cometeu; de perjúrio aquele que não perjurou; de ódio aquele que se vangloriou de amor, e de hipocrisia aquele que era conhecido por sua piedade. Como se vê, é totalmente o contrário de um código moral; pode-se muito mais compará-lo com um diálogo socrático sobre a impotência do homem em atender à virtude autêntica e assim se justificar por sua conduta impecável.

As respostas dos fariseus seguem a mesma Unha. Ao se praticar o mais estreito moralismo, cai-se em uma culpa bem pior, a satisfação do ego e o recalque da consciência. Pode-se escrupulosamente "coar o mosquito" e "engolir o camelo". Quem quer se lavar da culpa, sobrecarrega-se muito mais. Não são os virtuosos que Deus acolhe de braços abertos, mas os desprezados; não os que negam a sua culpa, mas o que a confessam, os que tremem de arrependimento, de remorso e de impotência. Esta é a grande inversão bíblica de que falamos.

O arrependimento é a porta para a graça. *"O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho"*. (Mc 1:15). É por estas palavras que Jesus Cristo inaugura o seu ministério terrestre. Os que crêem ser os primeiros, ricos em dinheiro, em consideração social, em virtude ou mesmo em experiência religiosa, serão os últimos. Porque eles deverão primeiro descer do pedestal social para encontrar o Reino dos Céus. Os pobres, desprezados, desesperados, arrependidos, os que estão "cansados e sobrecarregados" (Mt 11:28) serão os primeiros. Cristo abre-lhes os "braços e recebe-os na graça. Este é o sentido das bem-aventuranças (Mt 5:1-12), estas promessas de felicidade a todos os oprimidos, humildes e perseguidos; promessas dadas incondicionalmente. A continuação do Sermão do Monte (Mt,5-7) denuncia a hipocrisia dos que oprimem o povo, para que, por sua vez, se humilhem e encontrem esta mesma felicidade.

Vejam a que ponto Jesus Cristo se opôs à mentalidade primitiva dos tabus e ao moralismo da lei casuística. Profetas atacaram isto quando denunciaram constantemente o pecado das pessoas virtuosas e a vaidade dos ritos para conseguir uma consciência tranquila. Jesus Cristo dá o golpe final, convencendo

da culpa as pessoas moralistas e conscienciosas, proclamando que todos os homens são igualmente pecadores a despeito de todos os seus esforços; que não é fazendo valer a sua pretensa impecabilidade, mas ao contrário, arrependendo-se e confessando a sua culpa é que eles encontrarão a graça que a apaga.

É a grande resposta ao medo infantil em relação aos tabus que os psicólogos modernos encaram como sendo a fonte de todas as culpas patológicas. Por exemplo, este medo era caracterizado pela noção de impureza: a impureza estava em tal coisa, em tal animal, em tal homem que não se podia tocar, sob pena de se tornar culpado! Ora, em Joze, durante a sua primeira viagem missionária, Pedro estava em oração, no telhado de sua casa. Ele teve uma visão. Deus lhe apresentou justamente os animais que a lei de Moisés declarava impuros, e lhe disse: *"Mata e come. Mas Pedro replicou: De modo nenhum, Senhor, porque jamais comi coisa alguma comum e imunda"*. A visão se repetiu três vezes. Depois, dois homens se apresentaram. Eles vinham da parte de um estranho, Cornélio de Cesaréia, que tivera também, quatro dias antes, uma visão pela qual Deus o encarregou de fazer vir a Pedro diante dele, para escutar sua pregação e receber dele mesmo o batismo (At 10).

Temos nesta passagem o mais claro contraste entre as duas culpas. Vemos a culpa infantil, a dos preconceitos e tabus que, segundo a tradição judaica, impedia ao apóstolo, como ele mesmo diz a Cornélio, de *"ajustar-se ou mesmo aproximar-se a alguém de outra raça"* (At 10:28). Mas a verdadeira culpa, a visão totalmente nova da culpa, seria para ele recusar-se ao chamado de Deus, por medo de um tabu. *"Mas Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo"*. O apóstolo Paulo baseou-se nisto mais tarde, e escreveu: *"Todas as coisas, na verdade, são limpas"* (Rm 14:20) e *"Todas as coisas são puras para os puros"* (Tt 1:15).

Um forte vento de liberdade soprou, e os que têm necessidade dele são os neuróticos que ficaram petrificados diante dos tabus que a educação lhes inculcou. O sentimento de culpa não é suprimido, mas é deslocado de seu falso objeto infantil para o verdadeiro problema: a dependência de Deus e de Deus somente. E esta consciência adulta da responsabilidade diante de Deus que liberta do moralismo e das falsas culpas.

Aos romanos, o apóstolo Paulo escreve; *"Um crê que tudo pode comer, mas o débil come legumes; quem come não despreze ao que não come; e o que não come, não julgue o que come, porque Deus o acolheu. Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor está em pé ou cai; mas estará em pé, porque o Senhor é poderoso para o suster. Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente"* (Rm 14:2-5). Ele acrescenta mais adiante: *"Tudo o que não provém da fé é pecado"* (Rm 14:23).

Eu insisto nisto, porque a analogia com a psicanálise é flagrante. O que dá a uma cura psicanalítica o seu efeito libertador? É precisamente a passagem da

culpa infantil à culpa adulta. É a rejeição do moralismo, o despistamento dos tabus e do dos medos do julgamento humano, para que o doente possa descobrir suas convicções reais, sua individualidade, a harmonia consigo mesmo e a sua vocação interior. Porque a neurose não é simplesmente o efeito de uma falsa culpa. É mais complexa. É um conflito entre a falsa e a verdadeira. Eu cito a penetrante palavra do Dr. Stocker⁴³ sobre a neurose. Ele considera como uma dicotomização da mente "entre uma intuição justa e uma sugestão falsa". Sim, a falsa culpa, o tabu, é uma sugestão humana que se opõe à vocação divina da qual todo homem tem uma intuição; uns mais, outros menos. E o pecado, a verdadeira culpa, de que fala Paulo, é precisamente esta vida dividida, sem convicção.

Eu insisto muito nisso, porque o debate sobre isto é inflamado hoje em dia, pois parece a muitos contemporâneas nossos que a psicologia profunda é radicalmente oposta à revelação bíblica. Esta idéia está espalhada por toda parte, nos livros, nos artigos de psicólogos e teólogos, nos romances e nos filmes, nas conversas. Ora, ela é a expressão de um mal-entendido.

Todas as censuras dos psicólogos contra as igrejas cristãs visam, na realidade, não à revelação bíblica, mas ao moralismo, a este moralismo que é radicalmente oposto a tudo que eles consideram certo. Mas este mesmo moralismo queria matar Jesus, como ordenava a lei de Moisés (Nm 15:35), por ter violado o sábado curando um homem nesse dia (Mc 3:1-6). Foi este moralismo que o crucificou. Por sua vez, os psicoterapeutas descobrem a cada dia, em seus doentes, o peso enervador do moralismo, do conformismo social e de seus tabus. Porém é preciso reconhecer lealmente que este moralismo está hoje em dia tão espalhado, em todas as igrejas cristãs, que a confusão é compreensível. Chega ao ponto da expressão "neuróticos eclesio-gênicos", estar amplamente espalhada agora na Alemanha. O Dr. Klaus Thomas, de Berlim, falou-nos sobre o notável trabalho de socorro telefônico aos desesperados, criado por ele. Vejam qual é a missão do médico cristão no seio de nossas igrejas: lutar pela saúde das almas contra esta deformação moralista da mensagem cristã, que é a negação do próprio evangelho. Mas é importante para isso que nós mesmos sejamos bem claros entre nós. Uma experiência recente tocou-me profundamente em relação a isso e eu vou contar-lhe para mostrar a importância de uma unidade de visão.

Durante um cruzeiro ao Cabo Norte, eu estava, certo dia, debruçado na amurada, olhando desfilar as maravilhosas paisagens da Noruega, as ilhas e os rios tão estonteantemente verdes, contrastando com as grandes geleiras que desciam até quase o mar. Nisto veio um médico silenciosamente apoiar-se ao meu lado na amurada, diante do mesmo espetáculo: "Estou chocado", disse ele depois de algum tempo; "acabo de saber que um de nossos colegas, que está aqui, é divorciado e casado de novo. É verdade?" - "Sim", disse eu. Depois de novo silêncio, ele retruca: "Como isso é possível? Como você pode admitir que ele tenha lugar entre nós, médicos cristãos?"

A princípio, não respondi nada e meu amigo acrescentou: "Então, quer dizer

que você não acha que o divórcio é uma desobediência a Deus, um pecado?" — "Acho", disse eu, "mas se pudéssemos ter entre nós somente homens sem pecado, não haveria ninguém aqui, nem eu! Somos todos parecidos, pois somos todos pecadores agraciados". Um longo silêncio se seguiu e meu amigo afastou-se. Um pouco mais tarde, ele voltou: "Você tem razão, agora compreendi o que significa a graça".

Vejam só: trata-se de um crente fervoroso, a quem amo e estimo de coração; muito sincero, muito coerente com a sua fé ardente em evangelizar e de modo algum um fariseu. A igreja proclama a graça de Deus, e o moralismo, que é a negação dela, sempre se introduz em seu seio, particularmente entre aqueles que têm o mais louvável desejo de testemunhar a sua fé, pela re-tidão da sua conduta moral.

Periodicamente na história eclodem renovações espirituais. Movimentos religiosos surgem, ordens são fundadas, velhas igrejas se reerguem: Santo Agostinho, Francisco de Assis, S. Benedito, os Reformadores, Wesley e tantos outros. O Espírito sopra, a caridade se expande. Descobre-se a grandeza de Deus e de seu amor, que afasta todas as mesquinharias humanas. Redescobre-se, de repente, a dimensão ilimitada das exigências de Deus e a dimensão ilimitada da sua graça. Proclamamo-la. Os homens sentem-se chamados, acolhidos, não julgados. Eles convertem-se, mudam de conduta e de atitude, tornam-se fervorosos na comunhão cristã.

Mais tarde, pouco a pouco, inevitavelmente, neste meio mais virtuoso e mais austero, instala-se um novo conformismo. A graça se torna condicional. Começa-se a julgar. Quem não corresponde a certas normas torna-se suspeito de infidelidade. E isto que suscita a hipocrisia, porque cada qual, para honrar a sua fé, procura parecer melhor do que é, começa a esconder as suas faltas, em vez de confessá-las. Obriga aos filhos a darem um bom exemplo, como convém a uma família religiosa.

O moralismo ressurgiu, apagando o sopro do Espírito Santo. Para assegurar-se do tesouro perdido de certos "princípios" herdados no período heróico, agarramo-nos um pouco mais a uma nova moral limitada. O que era um impulso espontâneo, livre, uma alegre obediência a Deus, em resposta à sua maravilhosa graça, torna-se uma atitude forçada, uma obrigação legalista. O medo de ser julgado e a angústia patológica dos tabus reaparece. Sobretudo começa a mostrar-se mais virtuoso do que é. Esta é a falta de Ananias e Safira, que o apóstolo repreende tão severamente (At 5:1-11).

Esta deformação moralista nada tem a ver com os debates dogmáticos que contrapõem as confissões. Ela não é particular nem à igreja do Oriente, nem a de Roma, nem ao protestantismo, nem a nenhuma seita. Ela pertence a todos. Ela não é nem mesmo especificamente religiosa, porque a encontramos em todas as sociedades. Nascida de uma revolta contra o conformismo sufocante, ela vai se cristalizando pouco a pouco em um novo conformismo. Assim, mesmo as

revoluções instituem pouco a pouco uma ordem estabelecida que se defende, por sua vez, como o demonstrou A. Camus⁵, contra revoltas novas.

Assim é o formalismo burguês, originado do impulso libertador da revolução francesa, e que teve o apogeu um século mais tarde na hipocrisia de uma sociedade que os psicanalistas, os comunistas e os existencialistas denunciaram. Porém logo se instala um conformismo comunista, com suas doutrinas de desviaçionismo e um conformismo existencialista. A doutrina mais revolucionária, desde que seja repetida por milhares de adeptos, toma um ar de catecismo que se recita mecanicamente. A própria psicanálise não escapa disso, com suas divisões e rivalidades entre as escolas, a ponto de aparecer nas discussões uma palavra de uso teológico por excelência, a "ortodoxia".

Quanto a mim, entrei neste jardim sem querer, pela porta dos fundos, sem bilhete de entrada de nenhuma espécie e sem distintivo oficial. Eu passei por fora desses caminhos batidos, de modo que fico bastante tocado pelos psicólogos qualificados que me toleram gentilmente e alguns que até me acolhem amigavelmente. Neste momento posso encarar o silêncio dos outros mais como respeito do que como desprezo.

E verdade que chego, algumas vezes, a andar pelos caminhos dos teólogos e dos homens de letras, o que me dá um ar de criança levada, a quem sempre se está perdoadando. Da mesma forma, outrora, na corte dos reis, o bobo-da-corte tinha o direito de dizer incongruências, mesmo às vezes dizendo algumas verdades aos grandes deste mundo, sem se expor às reprimendas.

De certa forma eu fiz isto toda a minha vida e tenho bastante consciência de que isto não tem relação com o nosso problema de culpa, nossa necessidade de esconjurá-la. Quando alguém se especializa cuidadosamente em um certo ramo, não tem desculpa para cometer qualquer erro neste ramo. Entretanto, um amador, um "sabe-tudo", beneficia-se de uma indulgência generosa.

Se então este desvio moralista está tão espalhado, é porque ele pertence à própria natureza humana. Ele diz respeito tanto ao médico, que estuda a natureza cientificamente, quanto ao teólogo. Este desvio tem mais mecanismo psicológicos do que concepções dogmáticas. Eu creio, justamente, que ele torna o sentimento de culpa tão intolerável, que os homens mostram uma necessidade imperiosa de preservar-se. Trata-se, então, de mostrar o salvo conduto, de provar a sua consciência tranquila conformando-se às normas de seu meio, a quaisquer princípios de uma moral limitada.

É assim que o moralismo renasce constantemente em todos os meios. Mas é preciso reconhecê-lo, particularmente, nos meios religiosos, por causa da sensibilidade mais viva que o cristão tem sobre o efeito prejudicial da culpa. Posso constatar todos os dias os estragos nas famílias pertencentes a todas as igrejas cristãs. Porém, como mostra o teólogo,⁴¹ o moralismo contemporâneo deve-se, sobretudo, a uma influência estranha à igreja, a influência de Kant. Seu famoso *imperativo categórico*, pretendia precisamente instituir uma moral

autônoma, atribuir ao homem uma capacidade de julgar por si mesmo o bem e o mal, sem depender da revelação bíblica.

O resultado é esta moral de "princípios" e "deveres", que atualmente entrou em nosso meio religioso tornando-se norma para a vida cristã e é isto que os psicanalistas denunciam como perigoso. De fato é totalmente contrário à mensagem bíblica, porque ensina a salvação do homem por si mesmo, por sua razão, por sua virtude, por seu ideal de viver sem culpa. Porém pode acontecer, bem naturalmente, no seio da igreja, que homens carregados de grandes dificuldades psicológicas, de complexos emotivos e de angústia mórbida contribuam para reintroduzir aí a morai dos tabus. Então é nosso papel, a serviço da própria igreja, mostrar-lhe isto claramente para preservá-la de um moralismo sempre renascente.

Assim, o Dr. Nodet,²⁸ nos *Estudos Carmelitas*, fez uma análise penetrante da psicologia de S. Jerônimo. A autoridade teológica deste grande tradutor da Bíblia está fora de questão aqui. Mas a própria santidade não garante proteção contra a doença. Ela revela, em relação à sexualidade, uma *ansiedade-aversão* doentia. Suas propostas eram violentas, mesmo contra o casamento, e o Dr. Nodet as relata como testemunho. Compreende-se bem que um homem de vida exemplar que gozava com justa razão de um tal prestígio na igreja, tenha projetado nela os seus próprios tabus, cooperando grandemente para espalhar um desprezo pela sexualidade e pelo casamento, instituídos, no entanto, por Deus. Semelhante desvio puritano reapareceu mais tarde também no protestantismo. Vê-se, então, que é possível um diálogo fecundo entre teólogos e médicos. Creio, de coração, que, como cristão, posso contribuir para tal aproximação, na qual muitos psicanalistas têm trabalhado realmente durante estes últimos anos.

15. PSICANÁLISE E CULPA

Ora, uma idéia muito comum é a de que estes dois campos (a psicanálise e a teologia) se opõem, especialmente sobre a questão da culpa. Por isso que quero me esforçar para elucidar este ponto. Acabo de mostrar que as críticas dos psicanalistas visam ao moralismo e não à revelação cristã. Porém, por outro lado, frequentemente, os teólogos acusam os psicólogos de negar o pecado e a culpa, de solapar também as bases da moral e da doutrina cristã.

Esta tese não me parece sustentável. É certo que já ouvi de muitos doentes que receberam de seu psicanalista o conselho para terem uma amante, e algumas mulheres contaram-me terem sido iniciadas na vida sexual por seu psicanalista. A bem da verdade, devo dizer que, falando seriamente com tais mulheres, nunca tive prova de que esta conduta dos psicanalistas, por mais deplorável que seja, tenha

sido tomada por motivos interesseiros e não terapêuticos. Esta conduta está, entretanto, em contradição com a doutrina psicanalítica que recomenda a abstenção de todo conselho moral, e isto nos mostra como esta neutralidade é difícil de ser observada na prática. Porém escutei, da boca de doentes, outras tantas histórias concernentes a padres e a pastores, e os conselhos dados eram estranhos e a conduta também lamentável. Tanto em um caso como em outro, não podemos jamais estar certos da objetividade de tais conselhos. Com toda boa fé, por exemplo, um doente pode contar que o seu psicanalista tenha lhe aconselhado a fazer uma "experiência sexual", quando, na verdade, foi ele mesmo, no curso da análise, que chegou a reconhecer que o que o havia segurado até agora não era, como pensava, seu ideal moral, mas um medo das responsabilidades, hipocritamente camuflado.

Certamente, não é sobre o terreno dos argumentos *ad ho-minem*, que devemos nos colocar se quisermos discutir um problema tão importante, com toda a seriedade que ele merece.

É inevitável que haja, tanto entre médicos, como entre eclesiásticos, condutas enganosas e até mesmo doentias, mas isto não pode ser decisivo em nosso debate. Chega-se frequentemente ao fato de que aquele que tem grandes dificuldades psicológicas pessoais, revela em si mesmo um vivo interesse por problemas humanos, o que o orienta em direção a uma carreira de psiquiatria ou no campo eclesiástico. Tal vocação pode ter, para ele, um valor terapêutico.

O verdadeiro problema é saber se a psicanálise, por ela mesma, enfraquece o senso moral, o senso de culpa autêntica, ou se, ao contrário, ela o torna mais agudo. A principal crítica que os teólogos lhe fazem é que a psicanálise o destrói. Mas o mesmo engano é encontrado também entre os psicanalistas. Um colega que se converteu à psicanálise escreveu-me: "Precisamos eliminar a culpa!"

Ora, não me parece que a psicanálise "elimina" a culpa. Ela não a elimina, ela a desloca. Assim, por exemplo, um homem não tem mais vergonha de seu instinto sexual, mas tem vergonha de ter tido vergonha. A primeira culpa é colocada sobre um tabu; a segunda é bem mais autêntica, pois ele coloca-a sobre a sinceridade consigo mesmo. A culpa ainda está lá, mas não tem mais a mesma conotação. Um outro homem não terá mais vergonha de sua insegurança, mas da covardia que tem em si há muito tempo retida e que ele chamava, de maneira mais conveniente, de "caridade cristã". Um outro ainda não terá mais vergonha de sua agressividade, mas do sentimentalismo adocicado sob o qual ele sempre se escondeu. Porém, sobretudo, a culpa constitui, mesmo que talvez a pessoa não tome consciência, no próprio motor da cura, a força decisiva que determina o resultado da luta. É fácil se abrir até um certo ponto diante de um homem neutro e benevolente. Porém, mais cedo ou mais tarde, a análise dos sonhos ou o jogo das associações de idéias revela um campo da consciência que abrange lembranças ou sentimentos cuja confissão parece quase impossível.

Nesse momento, uma fuga, uma mentira pode comprometer definitivamente a cura; mas a coragem de sustentar até o fim a absoluta franqueza na qual o doente se engajou abrirá a porta a grandes libertações. E uma luta interior enorme. O que determina o resultado? Duas formas de culpa estão em jogo e começam um combate mortal: a que cobre de terrível vergonha a lembrança ou o sentimento a expressar; ou a que leva o indivíduo a calar, a desviar-se, a fugir covardemente desta abertura difícil. Quando esta segunda forma de culpa parece mais intolerável que a primeira, a cura começa o seu ponto de retorno decisivo.

Participei, certa vez, em Bossey, de um encontro de teólogos e psicoterapeutas. A lembrança mais marcante desse encontro foi uma conversa, à mesa, com um dos psicanalistas mais conhecidos. Ele contava-me da grande emoção que experimentou no dia em que se deu conta de que as virtudes e os atos, aos quais ele fora mais fiel em sua vida, tiveram por motivos reais comportamentos muito infantis, e que lhe pareceram inconfessáveis. Sua voz ainda tremia quando me relatava esta lembrança. Que humilhação horrível!

Vejam um homem são, de personalidade forte, extremamente inteligente, católico convicto e praticante; sem dúvida, bem esclarecido sobre a doutrina da salvação e da perdição; certamente também fiel em trazer com convicção seus pecados a seu confessor, desejoso de receber a absolvição. Ora, foi no caminho da psicanálise que ele encontrou a porta estreita de que Jesus Cristo falou, da qual o próprio Jesus Cristo diz que leva à vida, mas que poucos encontram (Mt 7:14).

Pode-se ver como estamos longe de uma "eliminação" da culpa. Ao contrário, é um aprimoramento da consciência. É o fim de Um mito simplista que encarava o problema do mal de uma maneira infantil e ainda bem inofensiva; que cria, como em um conto de fadas, dois campos bem distintos, os justos e os maus; os justos que praticam as virtudes e os maus que se dedicam ao mal.

O grande drama do mal é que não pode ser localizado. Ele penetra-se até nas virtudes. Há mal no bem, pois ficamos orgulhosos de nossas virtudes; pelo menos, da maioria delas. Assim, por exemplo, em nossos mais sinceros esforços para obedecer a Deus, misturam-se motivos muito diferentes: de um lado, nosso amor por ele, mas também a nossa vaidade, um desejo totalmente infantil de despertar a admiração de seres que nos são caros, um medo, também infantil, de perder o amor de Deus ou de ser julgado por outro. Não há, então, nenhum meio de ser autenticamente justo. Estamos diante da revelação bíblica. Paul Ricoeur³³ insiste, com razão, sobre o fato de que a culpa que a Bíblia denuncia, e para a qual só ela dá a única resposta possível, é bem menos a culpa do "pecador", do que o "pecado do justo".

A visão do médico é bem semelhante: "Existem pessoas", escreve o Dr. Jean de Rougemont³⁴, "que em linguagem popular chamamos de 'tipos bons' e outros que chamamos de 'tipos ordinários'. Esta distinção, entretanto, é superficial. É sem utilidade para quem pretende penetrar nas atitudes secretas das pessoas... O talhe moral de um indivíduo lembra a silhueta de uma girafa: muito alta na frente,

bastante baixa atrás. O médico tem o privilégio de observar os homens do direito e do avesso; assim ele pode detectar uma série de defeitos que não aparecem do lado de fora".

O recolhimento diante de Deus pode conduzir a descobertas semelhantes e tão assombrosas quanto a psicanálise. "O que resta de autêntico em minha vida?" é a pergunta que de vez em quando ouço, depois de a pessoa ter feito uma lista de seus motivos escondidos, descobertos nas situações e ações em que fora particularmente fiel. Mesmo o seu zelo religioso, a sua ati-vidade na igreja aparecem-lhe sob uma nova e inquietante luz. O que sobra de autêntico na nossa vida é o que vem de Deus e não de nós mesmos; de sua graça e não de nossos próprios méritos. Isto pode ser o apropriado mas humilhante retorno sobre si mesmo, ao qual fomos conduzidos pela análise psicológica. Deus ocupa-se de nós; Deus fala a nós; Deus trabalha em nós e nos compreende. Quando acontece esta experiência, compreende-se que aqui há autenticidade, unicamente um conteúdo genuíno; que somente isto tem valor e nos basta, e que podemos então deixar todos os nossos valores anteriores pelos quais pretendíamos ganhar mérito diante dele.

Lembro-me de uma paciente, evangélica, que ficou toda transtornada depois de *um processo* de cura psicanalítica *com* um de nossos colegas. Sua educação cristã havia sido elementar, localizando o pecado em uma lista bem específica de ações, das quais bastava abster-se para ter a consciência tranquila. Por sua psicanálise, um abismo sem fundo se abriu à sua frente, uma dimensão totalmente nova do mal, que penetra em tudo, mesmo em nossas atitudes, mesmo em nossas melhores intenções. Ela ficou confusa com isto.

"Parece-me que a graça é como uma caixa muito pequena para conter a culpa humana, que agora eu vejo como infinita", dizia ela. Eu precisava ajudá-la a alargar a sua visão da infinita graça, na proporção da dimensão da culpa que a psicanálise havia lhe revelado.

Os psicanalistas comparam a alma humana a um *iceberg*, cuja maior massa está submersa, escondida abaixo do nível da consciência. Sob a influência deles, o nosso conceito da personalidade se amplia pela dimensão do inconsciente. Na mesma proporção também cresce o nosso senso de culpa. O Dr. Sara-no³³ escreve que a psicanálise, a despeito de sua "ação de eliminação da culpa" ... "aponta, no menor lapso, uma culpa escondida". Podemos localizar e tratar da culpa consciente que pregam os moralistas, e em geral as igrejas também, por mais estafante que isto seja. Contudo a culpa inconsciente, esta culpa por algo que não sabemos o porquê, é qualquer coisa de alucinante, se não conseguirmos, ao mesmo tempo, compreender que a graça de Deus já nos precedeu em todos os abismos nos quais a análise psicológica pode nos levar.

Os sonhos têm um sentido divino para guiar-nos nesta investigação em profundidade. É o que a Bíblia afirmou bem antes dos psicanalistas. E também que um sonho pode ajudar a interpretar um outro sonho, como nós vemos

frequentemente em psicoterapia. Assim é que, por um sonho, Daniel descobre o segredo do sonho de Nabucodonosor, atribuindo esta revelação a Deus: "porque dele é a sabedoria e o poder...", exclama Daniel, "*Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz*" (Dn 2:20, 22).

Esta luz de Deus, venha ela pela leitura da Bíblia, ao escutar um pregador, em recolhimento, ou examinando um sonho com um psicanalista, traz sempre um refinamento do senso de culpa. Assim o Dr. Durand, da clínica de Rives de Prangins, fala de uma "moral psicológica", promulgada pela psicanálise.

Que se entende por isso? Sem dúvida ele fala deste extremo rigor de honestidade, o encontrar-se face a face consigo mesmo, ao qual a psicanálise leva. Mas nem ele, nem qualquer psicanalista cristão sustentaria que esta exigência seja suficiente para edificar toda uma moral e dispensar-nos, por consequência, das luzes da revelação bíblica. Uma simples moral de sinceridade conduz inevitavelmente a um impasse como o demonstrou, por exemplo, um homem como André Gide¹⁴, que nela acreditava firmemente e sinceramente tentou segui-la e, no final, chegou a duvidar de sua própria sinceridade! Porém a honestidade consigo mesmo, exigida pela psicanálise, constitui o clima humano no qual a Bíblia nós toca, no qual o senso de culpa, verdadeira fonte da moral, purifica-se. Assim, se evitamos as controvérsias teóricas e doutrinárias, nós nos entendemos muito bem com os psicanalistas, mesmo incrédulos. Pertencemos à mesma família moral, por esta impiedosa severidade co-nosco mesmos.

A popularização da psicanálise contribuiu para o desmoronamento do moralismo burguês, no qual a geração mais antiga foi criada, e nós só podemos nos rejubilar como crentes, porque suscita-se assim uma justa inquietação bem própria para abrir os corações à mensagem da graça. "O homem moderno", escreve J. Lacroix, "está em constante posição de acusado".²¹

A psicanálise desloca a tônica da culpa do nível formal do ato ao nível mais profundo de sua motivação. Mostrei no livro *Technique et foi* ("Técnica e fé"), o quanto este deslocamento de uma moral formal a uma moral profunda está de acordo com o espírito bíblico. Esta noção das "motivações" opõe-se ao moralismo nas duas direções. Primeiro, porque uma ação boa pode ter motivos maus. A prova encontra-se no que Paulo fala aos Filipenses sobre homens que anunciam a Cristo por motivos que não são puros (Fp 1:17). Mas é a idéia que tem importância muito maior que provas explícitas e ela encontra-se ao longo de toda a Bíblia, nas palavras dos profetas e do próprio Cristo. Assim, diz ele, por exemplo: "*Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles...*" (Mt 6:1).

Inversamente, uma ação considerada má pelo formalismo religioso pode ser justificada em razão de seu motivo. Assim, quando os fariseus reprovaram Jesus por ter curado uma mulher no sábado, dia em que a lei proibia todo trabalho, ele justifica-se através do amor, o motivo de sua conduta: "*Por que motivo não se devia livrar deste cativo em dia de sábado esta filha de Abraão, a quem*

Satanás trazia presa há dezoito anos?" (Lc 13:16).

Todo o Sermão do Monte (Mt 5-7), como já demonstrei, opera este deslocamento da culpa dos atos aparentes para os motivos secretos que os inspiram. Da mesma forma, na discussão sobre carnes sacrificadas aos ídolos (1 Co 8), Paulo opõe-se arduamente ao legalismo que penetrava na igreja de Corinto. Ele mostra que o que importa são os motivos que inspiram cada um em sua conduta. Quando é o cuidado para não escandalizar um irmão que impede alguém de comer tais carnes, isso é bom. Mas quando é o medo de contaminar-se, no sentido formalista que este termo tinha para os judeus antigos, então é um mal.

Há nisso uma afirmação fundamental: o importante é a intenção. O antigo legalismo judaico conduzia a uma casuística meticulosa, fonte de angústia e de escrúpulos. Porque desde que os ritos sejam fixados nos seus menores detalhes, vive-se obcecado pelo inquietante medo de se ter falhado em algum ponto, enredando-se em verdadeiros impasses.

Cristo veio nos libertar destes legalismos mas, ao mesmo tempo, ele projeta uma luz implacável no âmago secreto do ser humano. Ele situa a culpa não nos comportamentos aparentes, mas no coração dos homens. *"O que sai da boca, vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos, não o contamina"* (Mt 15:18-20).

De outra feita lhes disse: *"Vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade"* (Lc 11:39). Assim ele desloca a culpa do plano formal, angustiante e estéril dos tabus para o plano profundo e fecundo das motivações do nosso comportamento. A psicanálise opera um deslocamento semelhante. Ela nos liberta da angústia dos tabus mas ela desmorona também a doce ilusão de que se pode viver escondido da culpa.

Então reconhecemos com a Bíblia a terrível universalidade do mal: *"Não há justo, nem sequer um... todos se estraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer"* (Rm 3:1.0, 12). *"... o homem... bebe a iniquidade como água"* (Jó 15:16). No mesmo livro de Jó há uma curiosa passagem que se refere às faltas que, conforme a opinião de Elifaz, Deus encontra mesmo em seus anjos: *"...aos seus anjos atribui imperfeições"* (Jó 4:18). Ninguém escapa à culpa, todos têm sede de salvação e de perdão.

16. A REPRESSÃO DA CONSCIÊNCIA

Os justos! Os homens isentos de culpa! Vejam bem o sonho utópico que

renasce constantemente na alma humana. Não há ninguém que possa me convencer disso observando os outros. Ainda que no romantismo de uma lua-de-mel uma esposa veja em seu marido todas as qualidades; embora a criança possa crer, em qualquer circunstância, na perfeição de seus pais; mesmo que, no entusiasmo da conversão, um neófito empreste a seu pai espiritual uma auréola divina, um dia verá que estas belas ilusões dissipar-se-ão.

Seria necessário fechar os olhos para permanecer otimista sobre o homem em nossos dias. É verdade que há impulsos de generosidade, belos atos de devoção, corajosos atos de lealdade. Eles destacam-se sobre um fundo de iniquidades inumeráveis de imoralidade escondida. Este contraste é, talvez, a coisa mais chocante, e é compreensível que o Dr. Hesnard¹⁶ fale do efeito da moral vencida, do flagrante contraste entre as belas exortações morais que enchem o mundo há séculos e a conduta real dos homens.

O Dr. Fanti¹¹ publicou as reflexões vibrantes de um de seus doentes sobre esta iniquidade pública e privada que reina por toda parte. Certo, trata-se de um doente, o que dá à sua exposição uma carga de angústia suplementar. Contudo é um homem que, por suas altas funções internacionais, estava bem situado para observar a sociedade tal como ela é. Quem ousaria contestar o quadro que ele pintou? O cinismo, o poder das forças do mal que ameaçam enredar a humanidade em uma catástrofe pior ainda que todas as já vendidas, a ausência total de verdadeira humildade em um mundo que a prega incessantemente. Porém somos sempre menos perspicazes em relação a nós mesmos do que em relação aos outros. Os justos, de que fala Jesus, são os que se crêem como tais, que se esforçam para dar esta imagem de si mesmos, que lançam a culpa para fora do campo de suas consciências. Não conheço ninguém que possa suportar continuamente o peso de sua culpa. Em raros e rápidos momentos trememos e logo depois recaímos nas falsas soluções da repressão desta consciência. Mas estes são, na verdade, os instantes mais fecundos de nossa vida. Estes são os minutos da verdade, minutos onde a verdade é pura, livre de todas as máscaras, de todos os disfarces, de todos os discursos de defesa, de todos os álibis atrás dos quais procuramos esconder de nós mesmos e dos outros o peso tão grande da culpa.

Reduzido a si mesmo, o homem está perdido. Seus esforços, sua boa vontade, suas boas intenções, suas virtudes, nada é suficiente para dissipar o seu mal estar. Ele se apercebe que, mesmo os mais sinceros esforços que ele empreende para eliminar o mal, desencadeiam um novo mal. Há dentro dele um veneno que ele recebeu com a própria vida, que persiste tanto quanto dura a sua vida, e que contamina tudo com antecedência.

Ele percebe a solidariedade do mal, uma ligação fatal entre todos os homens e entre todas as gerações, uma tara fundamental, um pecado original... *"Quem da imundícia poderá tirar coisa pura? Ninguém"*, assim exclama Jó (14:4). O mal está dentro e não somente fora; está no pensamento, como lembra o apóstolo

Tiago quando fala da língua: "... a língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como é posta ela mesma em chamas pelo inferno" (Tg 3:6).

Não há nenhum justo, todos os homens são culpados, todos sabem disto e o sentem mais ou menos claramente. A culpa não é uma invenção da Bíblia ou da igreja. Ela é uma presença universal na alma humana. A psicologia moderna confirma sem reservas o dogma cristão. Nisso ela vem fazer justiça à igreja: "Mme. Choisy⁷, psicanalista, escreve* "Longe de cultivar a culpa, a igreja, como a psicanálise, tornou-a consciente, o que é uma maneira de se descarregar dela".

Este é o balanço de nosso estudo, ainda que o tenha pintado incompletamente com pequenas pinceladas, segundo o meu modo de pensar. Eu não sou mais do que um eterno passeador pelo jardim humano, como um botânico que colhe, nas viradas de seu caminho, algumas flores, um pequeno ramalhete, simples lembranças de inumeráveis riquezas da natureza que ele não pode abraçar. Um espírito mais sistemático que o meu demonstraria com mais rigor esta universalidade da culpa, este peso inexorável que pesa sobre todos os homens.

O peso desta culpa é tão intolerável que todos os homens apresentam este reflexo da autojustificação que a psicologia moderna descreve sob o termo científico de "repressão da consciência", que quer dizer reprimir a culpa até a inconsciência, fora do campo da consciência. O evangelista nos diz que, quando Jesus pronunciou a parábola do fariseu e do publicano, ele "*propôs também esta parábola a alguns que confiaram em si mesmos por se considerarem justos...*" (Lc 18:9). Há outros textos neste sentido: "*O homem perverso mostra dureza no seu rosto...*" (Pv 21:29). "*Todo caminho do homem é reto aos seus próprios olhos...*" (Pv 21:2). "*Tal é o caminho da mulher adúltera; come, e limpa a boca, e diz: Não cometi maldade*" (Pv 30:20).

Pensem em quantas coisas falamos, pronunciadas frequentemente de maneira hábil e discreta, que não têm outra finalidade senão de justificar-nos das críticas que possam nos fazer. Mesmo uma citação bíblica pode servir para isso. Um pastor, em uma carta, apresentou-me, com toda a boa fé, uma completa justificação teológica para o adultério. Um marido que está enganando a esposa lhe diz, para tranquilizar a sua própria consciência: "Você tem vantagem em permitir que eu faça isso; porque você me perdando, eu me torno bem mais gentil com você". Em processo de divórcio, quando marido e mulher lutam selvagemmente pela guarda das crianças, o fazem porque isto poderá servir-lhes como um certificado de inocência.

Assim todo homem se enrijece, se endurece, para encobrir a sua culpa. O estranho paradoxo que todas as páginas do evangelho nos mostram, e nós podemos verificar todo dia, é que o obstáculo à graça não é a culpa, como pretende o moralismo, mas sim a repressão da culpa, a justificação própria, a justiça própria, o virtuosismo. Um homem está lá no meu consultório, a conversa é difícil, sem vida, opressiva. Eu surpreendo-me a dar uma olhada no relógio que

colocará fim à conversa! Eu me sinto absolutamente impotente: este homem está satisfeito consigo mesmo, goza de uma boa saúde e não se recrimina de nada. Bem ao contrário, um outro dia vem um doente que se enche de recriminações. Tal consciência de culpa é um fator claramente patológico. Portanto, tudo de que ele se acusa são faltas que todos nós, inclusive eu, cometemos. Então, uma questão vem me inquietar: "Será que a saúde tem por prêmio um Certo recalque de culpa? Será que nós não ficaríamos todos deprimidos se uma certa superficialidade, uma certa negligência, não contribuísse, tanto quanto a graça, para nos confortar?"

Não encontro resposta para isso. E sem dúvida um mistério que pertence só a Deus. Mas me parece que Paul Ricoeur³³ tem razão quando propõe encarar a neurose como sendo "a falha em exonerar-se da culpa". A boa saúde seria, então, o sucesso visível do processo de desculpas, a vigilância perfeita do reflexo da justificativa de si mesmo.

Um psicanalista, o Dr. Nodet²⁷, põe, com a mesma prudência, uma questão análoga: "O sentido de pecado, como a conquista das virtudes, pressupõe uma certa inquietude espiritual. A neurose perverte a consciência do pecado, acrescentando à inquietação sadia uma angústia doentia. Mas é preciso, talvez, uma força de vontade pouco comum para descobrir e manter uma viva inquietude, sem a ajuda da angústia neurótica. A neurose seria necessária à saúde? Tenhamos a honestidade de constatar que ela nos ajuda às vezes, e em geral sem o sabermos".

Tudo isto é muito sutil e muito delicado. Fatores doentios e fatores sadios misturam-se constantemente tanto no comportamento dos saudáveis, como no dos doentes, sern que se possa delimitá-los claramente. Pode acontecer a qualquer um o que aconteceu comigo: enviar um esquizofrênico à clínica psiquiátrica, para aí receber um tratamento de choque. Era necessário; aplicar a psicoterapia era impossível, até mesmo perigosa, porque ela levantaria uma torrente de problemas nos quais ele se perderia como em um labirinto, sem poder resolver nenhum deles. Porém quando este doente volta curado, ele esqueceu-se de todos os seus problemas; ele está tão em paz que a sua conversa é chata, convencional e sem objetivo. Será que os tormentos que sofria não eram somente produto da doença, sem significado humano autêntico? Não posso acreditar nisso. O que era patológico era o caráter obsessivo e catastrófico desta maré de problemas; mas em si mesmos esses problemas eram bem humanos, reais, autênticos; os mesmos problemas com que todos lidamos, em uma escala menor, por assim dizer. Após a cura, eles desaparecem como que por encanto. No entanto, agora eu não consigo estabelecer um contato autêntico com esse doente tão pacificado. Antes, ele me parecia singularmente mais humano do que agora.

O que acontece de uma maneira tão exagerada com os doentes acontece em menor escala com os sadios, como diz muito bem o Dr. Knock, que são todos doentes sem o saber. Pelo menos uma certa dose de inquietude (justamente a

mesma inquietude que devemos combater quando toma graves proporções nos doentes) parece indispensável a toda experiência humana, a toda evolução viva, a toda descoberta da graça. Esconder essa inquietude, em vez de enfrentá-la, é um reflexo natural a todos os homens sadios. Falsa solução, sobretudo porque, como todos sabem hoje em dia, um sentimento reprimido para o inconsciente é bem mais nocivo do que quando ele era consciente. Contudo é um reflexo universal, tão velho quanto o mundo, e que consiste, especificamente, em se descarregar ou projetar a culpa sobre outros. Nós encontramos a descrição deste reflexo já nas primeiras páginas da Bíblia, no primeiro ato de desobediência humana. Deus interroga Adão que se escondeu nos arbustos do jardim do Éden: "*Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?*" (Gn 3:11).

Conhecemos a resposta de Adão. Ele culpou a mulher. Eva, por sua vez, disse que a culpa era da serpente. Foi o primeiro conflito conjugal. Através da história, todos os cônjuges envolvidos em conflitos fazem a mesma acusação: "Não é minha culpa, é sua". É exatamente isso que envenena uma discussão, porque cada um tem necessidade de se desculpar acusando o outro. O debate é sem resultado quando cada parte envolvida continua a descarregar as suas culpas sobre o outro, em lugar de reconhecer e assumir os seus próprios erros.

Acontece isso em todos os conflitos. Duas soluções abrem-se sempre a cada um dos adversários: jogar as responsabilidades sobre o outro ou tomar consciência de suas próprias responsabilidades. A primeira joga de um lado para o outro o conflito; a segunda pode levar a uma solução verdadeira; a primeira pode ser entremeada de incrementos pacíficos, mas só a segunda pode assegurar a paz!

Existe também o conflito entre as gerações, ao qual me referi no início deste estudo, quando os pais exercem uma possessão autoritária ou sentimental. Uma criança "forte" se revolta e conquista a sua autonomia ao preço de um conflito do qual ela guarda sempre um certo mal-estar e que influenciará o seu comportamento em inúmeras circunstâncias de sua vida. Uma criança "fraca" submete-se. Mas a sua submissão é meramente uma fachada e encobre uma revolta recalcada. Uma e outra, no fundo de sua alma, rejeitam a dependência de seus pais, o que, bem entendido, não é mal. Porém, de outro modo, o caminho verdadeiramente fecundo é representado pelo que me disse uma mocinha: "Eu sou responsável. Não foi a minha mãe que me esmagou; fui eu que me deixei esmagar, que me apaguei por fraqueza sentimental em relação a minha mãe." Uma atitude assim, mesmo quando discutível do ponto de vista objetivo, conduz a uma libertação bem maior.

Assim, ainda que a revolta, como bem mostrou A. Camus,⁵ seja uma aspiração à liberdade, o que lhe confere nobreza e caráter humano não é a liberdade. Pode-se ser escravo da revolta, seja ela aberta ou surda, expressa ou reprimida. A psicologia há de fazer passar da revolta escondida à revolta vivencial, o que já é por si mesmo mais sadio e mais autêntico. Só a experiência espiritual pode libertar da falsa submissão e da rebeldia, pela tomada de consciência de nossas

próprias responsabilidades.

Do mesmo modo, por exemplo, marido e mulher guardam sempre alguns remorsos se tiveram relações sexuais antes do seu casamento, mesmo que, conscientemente, eles insistam que foi legítimo: Inconscientemente eles jogam a responsabilidade *um* sobre o outro: a mulher sobre o marido, por tê-la forçado a esta dádiva prematura, por medo de perdê-lo; e o marido, de maneira mais sutil, sobre a mulher, por não ter resistido. Isto poderá ser a fonte de toda sorte de agressividade mútua, e mesmo de uma agressividade inconsciente contra a criança gerada antes do casamento, como se a falta fosse dela.

Outro exemplo: uma mulher em conflito conjugal denuncia as despesas estúpidas de seu marido. A paixão fez dela uma verdadeira detetive; ela pegou o marido em flagrante delito camuflando suas contas, e nos traz as provas formais que acumulou. Mas por que este marido se afundou assim na dissimulação?

Nossa mulher ou nosso marido tornam-se o que nós fazemos deles. Suas faltas confirmam o nosso próprio fracasso, porque nós não soubemos preservá-los desta faltas. É precisamente para se libertar deste obscuro sentimento de culpa que esta mulher grita em termos vitoriosos as provas das faltas de seu marido. Ela experimenta *a* mais viva necessidade de demonstrar que não foi por sua culpa que o casamento fracassou.

Esta é também a palavra que brota espontaneamente da boca das crianças, quando o pai intervém em uma briga. Cada um grita: "Não é minha culpa!" Nesse campo, todos nós permanecemos crianças toda a nossa vida, e o nosso primeiro impulso é dar sempre a mesma desculpa: "Não é minha culpa". Assim este mecanismo psicológico se reproduz ao infinito, em todas as sociedades, em todas as empresas, em todos os grupos sociais e entre as nações.

Em todos os países, o serviço de espionagem chama-se serviço de contra-espionagem. O recurso às armas é sempre considerado como ato de legítima defesa. Mesmo os cristãos são incapazes de resolver esse dilema e sentem-se presos entre duas culpas: a de aprender a matar (se são soldados) e a de trair o país que garante a sua segurança (caso neguem-se a matar).

Se existem no mundo tantas paixões desencadeadas, tantas acusações implacáveis e sinceras contra "os outros" e que agravam sem cessar os conflitos entre os homens, é porque todos carregam entre si sentimentos de culpa, dos quais eles têm uma necessidade imperiosa de se defender, jogando as responsabilidades sobre outrem. O gosto pelo escândalo e pela fofoca responde por essa necessidade de sentir-se menos só com sua própria culpa reprimida, enfatizando a dos outros. Isto acontece em uma escala universal, e encontra-se nos detalhes da vida cotidiana. Descontente conosco mesmo, queixamo-nos dos outros. Antigamente jogava-se nos salões o jogo do anel. Colocados em círculo, os jogadores deveriam, cada qual, quando recebesse o anel do vizinho, repassá-lo imediatamente ao outro vizinho. Perdia quem se encontrasse, na brusca interrupção do jogo, de posse do anel. A humanidade inteira se parece com esses

jogadores. A culpa é passada de uns para os outros.

Há infelizmente uma diferença entre o jogo do anel e o da culpa. O jogador que passa o anel a seu vizinho não o tem mais em suas mãos; entretanto, na vida real não nos desembaraçamos da nossa culpa pessoal jogando-a sobre outrem. Camus⁶ escreveu: "Sei que cada um é portador da miséria, porque ninguém no mundo é incólume a ela".

Se não projetarmos as responsabilidades sobre a esposa, sobre os pais, sobre o patrão ou sobre algum amigo, nós as projetaremos sobre a sociedade, sobre o regime económico, ou, ainda, como o Dr. Bonet nos mostrou, nós as lançaremos sobre certas categorias de homens vistos como responsáveis por todos os males do mundo: os judeus, os capitalistas, os ateus etc. Podemos também projetar as nossas responsabilidades sobre a hereditariedade ou sobre o nosso corpo, considerando-o então como uma realidade estranha a nós mesmos, pela qual não seríamos responsáveis. O desprezo do corpo e da sexualidade, que é a causa de tantas falsas vergonhas e de neuroses, responde a esta necessidade de nos livrar da responsabilidade pessoal. O desenvolvimento dos seguros responde também a esta necessidade de descarga de responsabilidade e chega-se a ouvir de alguém culpado por um acidente de carros dizer: "Não faz mal, tenho seguro".

Finalmente, a responsabilidade é projetada sobre Deus. Muitos homens não ousam confessá-lo claramente, mas carregam secretamente consigo raiva contra Deus por todos os sofrimentos e por todas as suas faltas. Como Adão disse a Deus: "*A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi*" (Gn 3:12). Ele sutilmente insinua que a falta final cabia a Deus, que lhe dera aquela mulher.

A chamada de Deus, os israelitas partem para a conquista da terra de Canaã, que ele lhes dera. Porém, exaltados por sua vitória em Jericó, fazem um saque proibido e, confiantes, avançam imprudentemente contra os povos de Aí, que os derrotam terrivelmente. Então Josué, seu chefe, reclama a Deus: "*Ah! Senhor Deus, por que fizeste passar este povo o Jordão, para nos entregares nas mãos dos amorreus, para nos fazerem perecer?*" (Js 7:7). Mesmo sob o comando de Moisés, no deserto, a cada desgraça desencadeada pela desobediência, os israelitas reclamavam de Deus. Por isso Moisés exclama antes de sua morte: "*Deus é fidelidade, e não há nele injustiça; é justo e reto. Procederam corruptamente contra ele, já não são sem filhos, e, sim, suas manchas: é geração perversa e deformada. É assim que recompensas ao Senhor, povo louco e ignorante?*" (Dt 32:4-6).

Entretanto, fico sempre feliz quando alguém ousa contar-me suas queixas contra Deus. Frequentemente é um homem que se diz incrédulo, porque ele acredita que há muito mal no mundo para que possa crer em Deus. "Ou não existe Deus, ou Deus não é nem todo-poderoso, nem justo, nem bom" diz ele. Na realidade, este homem me parece render honra a Deus melhor que muitos fiéis que se acomodam muito facilmente ao drama humano. Ele leva a sério todo o poderio e a

santidade de Deus. Ele dá testemunho também, indiretamente, da delicadeza de sua consciência, de seu próprio sentimento de culpa, porque ele sente necessidade de jogá-lo sobre Deus.

Sem o saber, este homem reúne-se aos crentes mais autênticos. *"Eis que são estes os ímpios; e sempre tranquilos, aumentam suas riquezas. Com efeito, inutilmente conservei puro o coração e lavei as mãos na inocência"*, exclama o salmista. E acrescenta: *"Em só refletir para compreender isso, achei mui pesada tarefa para mim"* (Sl 73:12, 13, 16).

E natural ao homem jogar a sua culpa sobre alguém e sobre Deus, mas ele não se liberta da culpa dessa forma. A revolta contra outrem e contra Deus, que resulta disso, torna-se uma fonte de novos impulsos para o mal e, por consequência, para novas culpas.

17. O DESPERTAR DA CULPA

O recalque da consciência, o reflexo da justificação própria e o jogar a sua culpa sobre alguém são falsas soluções para o problema da culpa. Constituem uma tentativa natural e automática de cura, mas não resolvem nada e formam até mesmo um obstáculo à verdadeira solução pelo fortalecimento da própria justiça. A única verdadeira solução, tanto do ponto de vista psicológico, quanto à luz da Bíblia, é assumirmos nossas responsabilidades, reconhecer lealmente a nossa culpa, arrepender e apos-sarmo-nos do perdão de Deus em resposta a este arrependimento. Para tirar as pessoas deste impasse, para torná-las de novo aptas a receber a graça, Deus deve primeiro despertar nelas a culpa reprimida. Este é o lado positivo das páginas sombrias, severas e ameaçadoras da Bíblia. A grande reversão bíblica, da qual falamos quando contamos a história da mulher adúltera, nos lembra que é necessário não somente apagar a culpa nesta mulher, culpa esta que a esmagava, mas também despertar a culpa em seus acusadores, que não a sentiam. Não é somente a reabilitação dos desprezados, é também a humilhação dos que os desprezam. A estes últimos, a Bíblia e o próprio Jesus Cristo falam com um rigor implacável, o que é fonte de muitos mal-entendidos, porque parece contradizer o amor de Deus. Esta severidade não pode ser compreendida a menos que tomemos consciência de sua finalidade. Ela visa não o esmagamento do pecador orgulhoso, mas visa despertar a sua consciência de culpa, e levá-lo a humilhar-se, abrindo-lhe assim o acesso à graça de Deus.

Muitos médicos têm dificuldade em aceitar as inúmeras passagens da Bíblia que falam da cólera de Deus (Nm 12:9), de suas maldições (Dt 28:15-18), de seu ciúme implacável (Sf 3:8), de suas ameaças (Is 17:13), de seus castigos (Jó

31:23), do sofrimento e do fogo que ele fez chover (Gn 19:24), de doenças que ele envia (2 Rs 5:27) e das penas eternas (Mc 9:43). Isto é, para eles, um grande obstáculo à fé, e ousou confessar muito francamente que eu os compreendo. Parece-lhes que os teólogos ortodoxos falam com demasiada facilidade sobre estes assuntos e que, ao contrário, os teólogos modernistas os evitam muito facilmente, escolhendo na Bíblia só o que lhes agrada, escamoteando o resto.

O que pode nos colocar sobre o caminho de uma certa compreensão é o que eu chamaria de caráter dramático da Bíblia. Ela nos apresenta o relacionamento entre Deus e o homem, não como uma relação estática, definida, dogmática, mas como uma relação dinâmica, um desenvolvimento histórico, com peripécias sucessivas e incertas, na perspectiva de um fim último, a salvação. Hoje em dia, os psicólogos são particularmente sensíveis a esta abordagem, visto que a psicologia tornou-se dinâmica. Ela não considera mais o homem como uma entidade fixa, mas enfoca o que ele será, o seu desenvolvimento e o jogo dramático das forças que se manifestam nele.

Isto é semelhante à posição bíblica. Ela situa o homem não no mundo abstrato das essências, mas na história. O Deus da Bíblia é o Deus que entra na história, que age, fala e combate. Ele trava uma dura luta com o homem, para arrancá-lo de sua desgraça, viando sua salvação final. Aqui, por analogia, nós podemos dizer que os médicos são testemunhas de que todo tratamento é também um duro combate. Particularmente, uma cura psicológica e conduzir a uma tomada de consciência, contra a qual tensidade e talvez a brutalidade. Derrubar as barreiras da censura psicológica e conduzir uma tomada de consciência, contra a qual todas as forças da alma se levantam com uma rudeza e, frequentemente, com astúcias poderosas, não é um trabalho pequeno.

Em uma perspectiva como esta é que podemos compreender melhor certas passagens da Bíblia que nos escandalizam por sua rudeza. Se Deus bate forte, é porque o homem também resiste fortemente. E Deus quer salvá-lo apesar disso e mesmo contra a sua própria vontade. Releiam, por exemplo, o texto de Levítico 26:14-39. O caráter dramático é claro: *"Se ainda com isto não vos corrigirdes para volverdes a mim, porém andardes contrariamente comigo, eu também serei contrário a vós outros, e eu mesmo vos ferirei sete vezes mais por causa dos vossos pecados"* (vs. 23-24).

Deste modo a Bíblia descreve a relação entre Deus e o homem como um combate, um conflito, onde Deus age tanto mais forte quanto mais o homem se endurece, para arrancá-lo deste endurecimento mau. Este é o sentido de todas as violentas pregações dos profetas que comparam, frequentemente o diálogo entre Deus e o seu povo com o conflito que surge entre um marido e a mulher que lhe é infiel (p. ex. Jr 3:20).

Sei bem as objeções que me podem fazer. Tal evocação de um Deus que é movido pela paixão não revela uma marca de antropomorfismo pueril e primitivo, que intelectuais modernos como nós deveriam recusar categoricamente? Certo,

algumas expressões bíblicas podem nos fazer sorrir. Vejam um exemplo dado por H. Michaud²⁶. Os escritores bíblicos tinham observado que o nariz de um homem colérico se dilata. Assim, para dizer que um homem se encolerizou, eles escrevem: "seu nariz se inflamou". Ora, eles empregam a mesma expressão em relação à cólera de Deus: "*O nariz de Deus se inflamou contra Moisés*" (Êx 4:14 - sentido original). Naturalmente, nós não devemos tomar ao pé da letra estas descrições tão humanas de Deus. Mas tomemos o cuidado para não rejeitar, junto com a expressão formal, a profunda verdade que ela implica. Tomemos cuidado para não despojar Deus de sua humanidade, sob o pretexto de libertarmos-nos de um antropomorfismo ingênuo, pois então não teríamos mais que um Deus glacial, remoto, imutável, na eternidade, estranho à vida, estranho à história, estranho à nossa própria vida, um Deus de filósofos e não o Deus vivo da Bíblia. Um Deus sem sentimentos seria, se ousar dizer, um Deus sem alma, morto, mais morto ainda que o Deus de Nietzsche.

Um teólogo como Karl Barth² lutou durante muito tempo, com uma firmeza salutar, contra uma concepção demasiadamente humana, sentimental e fácil de Deus; ele nos fez retomar a consciência de sua grandeza soberana, de forma que é impressionante ouvi-lo falar agora de sua humanidade. Ele cita um provérbio alemão: "Quando se olha a lua, não vemos senão a metade". Precisamos tentar ver, talvez não simultaneamente, mas pelo menos sucessivamente, esses dois aspectos de Deus: sua eternidade e sua atualidade, sua distância e sua proximidade, seus desígnios imutáveis e as circunstâncias históricas, mutáveis e incertas, nas quais estes dois aspectos se encarnam dia a dia.

Um Deus sem cólera seria também um Deus sem piedade. Ele seria um mero conceito de perfeição e não um Deus que salva, que sofre, que fala e que tem compaixão. Ele não seria o Deus que interpela amorosamente o homem: "... *mas, me deste trabalho com os teus pecados, e me cansaste com as tuas iniquidades*" (Is 43:24). Ele não seria o Deus que intervém no destino de cada homem, de nós mesmos e de cada um de nossos pacientes.

Creio que podemos tomar as expressões antropomórficas, na Bíblia, pelo que elas são: uma maneira de evocar um Deus que é dinâmico, ativo, vivo, que seria impossível sugerir de outra forma a não ser por termos como paixões, ciúmes, cólera, arrependimento, tirados da psicologia humana. Entretanto, sem nos agarrarmos literalmente às palavras, devemos conservar o conceito pessoal de Deus que elas exprimem, sob pena de não termos mais que um Deus abstraído, objeto de especulações intelectuais e não de uma experiência espiritual.

Desse mesmo modo a Bíblia fala, às vezes, de um arrependimento de Deus: "*Então se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra...*" (Gn 6:6). O profeta Amos teve visões. Ele implora a Deus, suplica-lhe para cessar os flagelos pelos quais castiga o seu povo, isto é, os gafanhotos que devoram a erva, e o fogo que devasta os campos. Sua oração é atendida: "*Então o Senhor se arrependeu disto...*" (Am 7:3). O profeta Joel afirma que o Senhor "*se arrepende do mal*" (Jl

2:13). Isto é, certamente, uma expressão ingênua. Porém a verdade que ela contém é essencial: o Deus da Bíblia é um Deus em movimento, um Deus que se deixa comover, um Deus com quem se pode falar, que se deixa tocar e que responde.

Desde a comovente intercessão de Abraão em favor de So-doma (Gn 18:22-23), até a parábola de Jesus Cristo sobre o juiz iníquo e a viúva importuna (Lc 18:1-8), toda a Bíblia evoca este diálogo com Deus; com um Deus que escuta, que pode mudar de opinião. Despojem Deus desta vitalidade característica, e torna-lo-ão um Deus inflexível, implacável, sem perdão e inacessível. Na mesma hora privarão o homem da oração, do contato pessoal com Deus, da esperança, do arrependimento e do acesso à graça. Porque a vida espiritual não é um estado, mas um desenvolvimento que se desenrola. O arrependimento de um homem não é um estado estável, mas um movimento, uma reviravolta; e o perdão de Deus não é um atributo estático, mas um movimento, um impulso.

Nossa relação com Deus é a de um engajamento dramático, parecido com um duelo de esgrima, uma sucessão de ofensivas, de recuos, de defesas e de ataques. Todo homem sente isso, quer seja crente ou não, pelo simples fato de que ele existe, de que tem uma vida humana com tudo o que este termo implica: contradições, riscos, sucessos e fracassos, culpa, aspirações, evasões e resistências.

Um Deus imutável e insensível pode interessar ao filósofo, mas não ao médico, nem ao psicólogo, porque ele não interviria no destino humano. Mesmo o Deus arquétipo que nos apresenta Jung²⁰ não é assim tão impessoal, imanente, inerte como se lhe tem atribuído. É um Deus que age: "se como psicólogo digo que Deus é um arquétipo, quero dizer com isso que ele é um 'tipo' da alma. A palavra 'tipo' vem de *tipos*, que equivale a 'impressão, marca'. A palavra arquétipo pressupõe uma impressão sobre qualquer coisa".

Ao homem esmagado pela consciência de sua culpa, a Bíblia oferece a certeza do perdão e da graça. Porém ao que a nega, ela traz terríveis ameaças, para forçá-lo a voltar-se para si mesmo. Deus diz: "*Eis que entrarei em juízo contigo, porquanto dizes: Não pequei*" (Jr 2:35). Este flagrante contraste é expresso em muitos textos bíblicos, por exemplo Provérbios 3:34, citado por Tiago: "*Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes*" (Tg 4:6). Entretanto a finalidade da "operação severidade", se posso chamar assim, não é o esmagamento do pecador mas, ao contrário, é a sua salvação. Para isso, Deus deve arrancá-lo do círculo vicioso de suas reações naturais de justificativa própria. Nós temos notado que estas reações conduzem o pecador à revolta, de tal maneira que temos o seguinte desenvolvimento: o agir mal produz a culpa, a culpa produz a revolta, e a revolta produz o agir mal.

Esta sucessão não tem fim. Ela se desenrola entre os homens. Se cometo erros em relação à minha esposa, irrito-me com ela, esta irritação conduz-me a combater outros erros. Este encadeamento marca também as relações entre o homem e Deus.

A irritação contra Deus, o conflito com ele, e o desespero amargo dessa culpa acarretam por sua vez, fatalmente, o mal cada vez pior, e assim fecha-se o círculo vicioso. Vemos isso claramente na história de Caim (Gn 4:1-15). Foi-nos dito que Caim ficou muito irritado contra Deus porque ele olhou de modo mais favorável a oferta de seu irmão Abel. Por quê? Não nos dizem a razão. Mas dizem-nos que Abel era pastor e Caim agricultor. Abel simboliza o homem primitivo que vive dos produtos naturais. Caim o homem civilizado que, com o seu trabalho, força a natureza e dar-lhe mais riquezas. Pode-se então pensar que Caim sofria da doença do homem civilizado que encontramos ainda hoje, de uma forma ampliada, no cientista assustado pelas forças atômicas que a ciência desencadeia.

Qualquer que seja a razão, Caim irritou-se contra Deus. Ele lançou a responsabilidade do drama sobre Deus, porque o motivo da sua irritação foi, precisamente, a injustiça que ele atribuiu a Deus. Porém Deus conhece este círculo vicioso da culpa e da irritação de que falamos; ele conhecia o caminho perigoso de Caim; ele sabia que a irritação o levaria à tentação, ao mal e até à resolução de matar o seu irmão Abel. Deus procurou-o para arrancá-lo desta engrenagem de cólera.

Neste texto Deus não se mostrou como um Deus juiz, um acusador, um Deus implacável como tanta gente o imagina. Ao contrário, Deus falou afetuosamente com Caim, não o acusou. Ele questionou-o com bondade: "Por que você está irritado, e por que seu rosto está abatido?" Um psicoterapeuta não age de outra forma na presença de um paciente agressivo. Interro-ga-o para ajudá-lo a ver, de modo claro, ele mesmo, porque é olhando para dentro de si mesmo que se escapa desta tentação de irar-se.

Para isto, Deus adverte Caim do perigo: *"Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti"*. Deus o convida a tomar consciência de sua própria responsabilidade para dominar a situação, em lugar de submeter-se a ela. Vemos com toda clareza, já nesta velha história, o Deus que salva; não aquele que acusa o culpado, mas o que testemunha de sua benevolência para arrancar o homem do círculo da culpa e da cólera. É o Deus que dirá a Ezequiel: *"Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho, e viva..."* (Ez 33:11).

Não procuro aqui estabelecer com certeza se a culpa que sufocava Caim era uma culpa falsa ou verdadeira, pois o texto não permite sabê-lo. Será que, realmente, Caim conduziu-se de maneira a merecer a desgraça divina? Ou será que ele tinha apenas um sentimento de inferioridade em relação a Abel? Com efeito, quem quer que tenha um sentimento de inferioridade em relação a seu irmão, pensa que é menos amado e menos apreciado por Deus. Porém isto não muda nada; quer seja a culpa falsa ou verdadeira, ela desencadeia da mesma maneira o ressentimento, a cólera e a revolta contra Deus.

O mecanismo é desencadeado, com todo o seu terrível poderio. O próprio

Deus, a despeito de seu esforço benevolente, é bloqueado por este desencadeamento passional que fecha os ouvidos de Caim a seu apelo. Longe de obter a volta de Caim para si, as perguntas de Deus atizam ainda mais o seu furor. Assim, quando Caim *encontra* o seu irmão, ele o interpela, a ira o envenena e ele mata o seu irmão.

O diálogo com Deus agora é diferente. Desta vez, pode-se pensar, Deus torna-se ameaçador: *"És agora, pois, maldito... serás fugitivo e errante pela terra"*. Eu não penso dessa maneira. Este novo diálogo também começa com perguntas de Deus: *"Onde está Abel teu irmão?... Que fizeste?"* Novamente as perguntas que convidam Caim a voltar-se para si mesmo, a reconhecer a sua culpa para encontrar a graça; de novo estas perguntas chocam-se com a sua cabeça dura: *"Acaso sou eu tutor de meu irmão?"* Depois, sua revolta: *"É tamanho o meu castigo que já não posso suportá-lo"*.

O castigo é justamente esta culpa intolerável, esta culpa não confessada, recalçada, amarga, e que é sentida como uma maldição e um abandono. Caim sente-se amaldiçoado, repellido, afastado de Deus. E a lei da culpa. *Deus não* lhe disse: "Eu te amaldiçoo". Ele disse: *"Você será maldito na terra"*. Deus sabia que esta corrente culpa-cólera-crime-culpa só poderia levá-lo ao desespero.

A prova é que Deus, longe de oprimir Caim, tenta ainda protegê-lo contra as últimas consequências deste mecanismo, pondo um sinal em Caim para impedir que o matassem (Gn 4:15).

A última consequência de toda esta lei da culpa é a insegurança. O crime atrai o crime, assim como a culpa suscita o medo; a consciência de *ter* matado atrai o medo de ser morto: *"quem comigo se encontrar me matará"*, exclama Caim. Pela proteção que lhe dá, Deus completa o que agora se chama em psicologia de um gesto de segurança.

Esta relação entre a culpa e o medo já encontramos na narrativa do Jardim do Éden, no diálogo entre Deus e Adão, após a queda: *"Onde estás?"*, pergunta Deus; *"Tive medo e me escondi"*, diz Adão (Gn 3:10). Sabemos o diálogo que se seguiu, os males, as penas, os sofrimentos que Deus anuncia à serpente, à mulher e ao homem (Gn 3:14-19). Isso é geralmente tomado como uma sentença de Deus, um castigo com o qual ele pune os culpados.

Em uma interpretação como esta, parece que Deus teria feito Adão cair em uma armadilha. Ele o havia proibido de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Esta interdição apresenta-se também como uma ordem arbitrária, uma espécie de capricho autoritário de Deus, para induzir Adão à tentação da desobediência e para esmagá-lo em seguida com a sua punição. Esta maneira tradicional de compreender este trecho me parece insustentável.

É claro que Deus sabia a que males (até a própria morte) Adão expor-se-ia se comesse desta árvore, se ele aspirasse ser o seu próprio Deus, julgando por si mesmo o bem e o mal. Não foi por capricho, mas para protegê-lo contra estas consequências que Deus proibiu-o de comer da árvore. Quando ele a comeu, Deus

lembrou-o, como mais tarde a Caim, dos males que decorreriam e do desenvolvimento da lei da culpa que estamos estudando aqui.

Acabo de abrir o último livro de Suzanne de Dietrich⁹, e encontro nele a mesma interpretação destas velhas narrações do Gênesis. Quando Deus diz ao homem: "... *maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida*", não é um castigo que Deus inflige com raiva mas sim uma lei natural que Deus conhece e anuncia, como o físico prevê que uma pedra, abandonada a si mesma, seguramente cairá sobre a terra que a atrai.

Da mesma forma, como nos mostrou o Dr. P. Waardenburg,⁴⁵ quando a Bíblia, em outra passagem, nos diz: "... *porque eu sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem*" (Êx 20:5), ela exprime o seu conhecimento das leis naturais da hereditariedade.

A prova é que, como no caso de Caim, Deus não abandona completamente Adão à sua desgraça; e ao seu medo. "... *porque estava nu, tive medo...*", disse Adão (Gn 3:10). Ele expressou assim essa experiência de insegurança ligada à culpa. Nu significa sem proteção. Assim nos é dito logo a seguir que Deus fez para Adão e para a sua mulher roupas de pele (Gn 3:21). Este foi um gesto que deu segurança, símbolo da proteção divina que ainda acompanha o homem sobre a dolorosa estrada em que tem de caminhar.

É de se admirar a perspicácia psicológica que testemunham estas velhas narrações. Elas exprimem aquilo que nós podemos observar diariamente. A culpa, verdadeira ou falsa, a culpa-re-morso ou a culpa-inferioridade, desencadeando a cólera, a revolta e o medo: e essas desencadeiam o mal. O mal consumado, por sua vez, desencadeia a culpa. Podemos então dizer que a culpa é inimiga da paz. O diálogo com Deus, as suas perguntas, as suas proibições são, portanto, esforços de Deus para proteger o homem contra este engajamento no círculo vicioso, e levá-lo ao arrependimento e à graça, pela tomada de consciência de sua culpa.

Estes textos mostram, assim, o incrível poder deste encadeamento, que nem a lei de Deus, nem suas palavras, nem suas perguntas, nem os males e sofrimentos que atacam o homem, como resultado da sua desobediência, são capazes de romper o diabólico círculo vicioso. Eles anunciam, desde as primeiras páginas da Bíblia, que será necessária a uma outra intervenção de Deus, sua encarnação em Jesus Cristo, sua morte sobre a cruz, a ressurreição e o dom do Espírito Santo para salvar o homem deste inexorável desenvolvimento da lei da culpa.

A experiência cotidiana mostra que os piores pensamentos jorram espontaneamente na cólera. Isto acontece tanto na cólera como nos "complexos" e nas "tentações" de que falamos no princípio. Por sua vez, ela constitui, sob certos aspectos, uma desculpa e também uma culpa. Nós podemos dizer: "não leve a sério o que eu disse ontem; eu estava dominado pela cólera". É como se fosse outra pessoa, estranha a nós mesmos, que falou naquela hora, que pensou naquele momento, e até planejou um crime. No entanto nós sentimos também que esses

pensamentos não nos eram de todo estranhos, sabíamos que eles brotavam do nosso cérebro.

Sabemos que não há fumaça sem fogo; e que sob certos aspectos a cólera é como uma liberação de uma parte de nós mesmos que estava adormecida, sob a guarda de uma censura psicológica. Ninguém se engana totalmente, e nem pode crer que tudo é falso naquilo que se pensa e se diz quando se está irado; é como uma revelação de um outro eu, que já existe, habitualmente escondido. Assim podemos compreender a palavra de Cristo quando afirma que não há fronteira clara entre a cólera e o crime! (Mt 5:21-22).

Como nos "complexos" e nas "tentações", sentimo-nos culpados, não só de palavras ditas na hora da cólera, como da própria cólera, dessa falha pessoal, dessa impotência em ser mestre de si mesmo, em conseguir unidade consigo mesmo. Sentimos este divórcio de nós mesmos, entre o eu racional que quer ser benevolente e o eu passional que se agita em busca de qualquer coisa para quebrar ou de alguém para ofender. Percebe-se o poder terrível dessas forças subterrâneas. Sim, se toda culpa suscita os mecanismos de defesa, justificação própria, acusação de alguém, amargura e revolta contra Deus, tudo isso se vê na cólera e a cólera, por sua vez, desencadeia o mal e a culpa.

Quando minha mulher e eu deixamos Marseille, estávamos de muito bom humor. Havíamos assistido a uma excelente aula do professor Jacques Dor¹⁰ sobre cirurgia da pessoa; também assistimos à conferência do professor Jean de Rougemont, sob o tema: "O homem é um robô?". Havíamos sido amigavelmente recebidos pelos grupos de médicos e estudantes que o professor Pierre Granjon reuniu, depois de anos, para o estudo da medicina integral.

Viajávamos em direção à Espanha. "Você está tomando a auto-estrada?" perguntou minha mulher. - "Não! a auto-estra-da conduz a Aix e nós devemos passar por Salon". — "Mas não existe um entrocamento para Salon?" - Não!" Minha mulher pretendia dar-me indicações sobre uma região que eu conhecia tão bem! Assim, em lugar de parar e consultar o mapa, lancei-me em intermináveis subúrbios. Vi mais setas indicativas, virei e voltei, perdi mais tempo, fiquei irritado e inflexível. Finalmente encontramos-nos novamente na auto-estrada. Fiquei confuso, havíamos perdido meia hora e o nosso bom humor. A ciática que eu sofria há dois dias começou a fazer-me bastante mal. Uma falta mínima, a minha presunção, e estava desencadeado o mecanismo de obstinação e de faltas mais graves, porque eu não a tinha reconhecido, "Errar é humano, mas perseverar no erro é diabólico", diziam os antigos. Sim, o diabo está metido nisso. O erro, a culpa, é humano. O que envenena é a obstinação. Felizmente, conseguimos rapidamente recuperar o nosso bom humor, mas a ciática persistiu.

Irritação, obstinação, agressividade: essa é a lei da culpa inconsciente e recalçada. Inversamente, o perdão e a graça produzem alegria, descanso e segurança; produzem o clima no qual a culpa pode tornar-se consciente, afirmar-se, confes-sar-se e desencadear, por sua vez, o perdão e a graça. Então, de

inimiga, a culpa torna-se amiga, porque ela conduz à experiência da graça. Mas aqui entra em um jogo um novo círculo vicioso, terrivelmente poderoso e dramático: é que o sentimento de culpa cria obstáculo à confissão. É como um ratinho que, penetrando na ratoeira, solta o mecanismo que vai prendê-lo. Tomemos, por exemplo, um homem inteligente e idealista; examinamos as circunstâncias de sua infância que corromperam a sua atitude em relação à sexualidade. É precisamente por causa do medo e da vergonha, que para ele estão ligados à sexualidade, que não consegue procurar normalmente o casamento e a sua vida sexual se estabelece na ligação com uma mulher casada.

Compreende-se que tal começo em sexo, longe de reconciliá-lo com a sexualidade, agravou ainda mais a sua inibição, porque este adultério suscitava nele um vivo sentimento de culpa. "*Você é um católico fervoroso*", disse-lhe, "*a prática da confissão não pode libertá-lo das consequências funestas da sua culpa?*" - "*Veja bem o drama,*" respondeu-me ele, "*eu que, até aquele momento, sempre fui fiel na confissão, não ousei mais fazê-la porque tinha muita vergonha de uma falta sobre a qual não me sentia suficientemente forte para abandonar*".

Depois de muitos anos, ele retomou o caminho do confessor, mas jamais com o mesmo impulso e fidelidade da sua juventude. Esses anos foram carregados de uma nova culpa, desta fuga diante de seus deveres religiosos. E esta nova culpa veio paralisar ainda o desenvolvimento de sua vida e comprometer a sua cura psicológica. A maior parte dos católicos que criticam a sua igreja descobrem, quando nós os ajudamos a tornar-se sinceros consigo mesmos, que estas críticas servem de cobertura a um sentimento de culpa por terem evitado a confissão.

18. A CONDIÇÃO HUMANA

Parece bastante claro que o homem não vive sem culpa. Ela é universal. Mas ela desencadeia, pouco a pouco, quer seja reprimida ou reconhecida, dois mecanismos inversos: quando reprimida, ela dá lugar à cólera, à revolta, ao medo e à angústia, a uma insensibilidade da consciência, a uma impossibilidade crescente de reconhecer as próprias faltas e a uma exaltação crescente de impulsos agressivos. Quando reconhecida conscientemente, ela conduz ao arrependimento, à paz e à segurança do perdão de Deus, a um refinamento progressivo da consciência e a um enfraquecimento progressivo dos impulsos agressivos.

Compreende-se a partir daí o caráter ambivalente da religião, que todos os médicos podem constatar no seu encontro diário com as pessoas. A religião pode libertar ou esmagar, ela pode culpar ou libertar da culpa. Uma religião moralista,

com uma formação impregnada de tabus e que apresenta Deus como um Deus ameaçador, suscita o medo e com ele todo este mecanismo sinistro de endurecimento, de revolta e de mal. Uma religião da graça rompe este círculo vicioso, conduz ao arrependimento e por ele à libertação da culpa. Isto não tem nada a ver com os debates dogmáticos que travam as diversas confissões cristãs. É um assunto puramente psicológico. Em todas as igrejas e em todas as comunidades cristãs, há espíritos moralistas imbuídos de julgamento que cultivam a culpa doentia; e espíritos generosos, mensageiros de Deus, que perdoam, que tornam leve esta culpa. Eles podem, tanto uns como outros, apoiar suas atitudes em passagens da Bíblia, onde encontramos afirmações seguras sobre a graça e ameaças severas. Nós já vimos que na passagem da mulher adúltera Jesus fala de modo muito diferente com a mulher e com os seus acusadores.

Infelizmente as pessoas lêem na Bíblia justamente os textos que não lhes são endereçados! Nós, psicólogos, devemos mostrar, claramente, estes casos às igrejas porque se trata de uma fonte de inumeráveis catástrofes. Os que se dizem satisfeitos consigo mesmo, ao preço da repressão da sua culpa, os que desprezam e julgam os outros e se gabam de suas virtudes lêem as afirmações da graça que dizem respeito aos que eles maltratam. E estes últimos obcecaram-se com a leitura das ameaças divinas que visam os primeiros.

E como duas pessoas que se encontram em circunstâncias opostas, uma de luto e outra alegre com o nascimento de um filho. Envio dois telegramas ao mesmo tempo, um de condolências e outro de felicitações. Mas o correio confunde os dois telegramas, envia o telegrama de felicitações ao que estava de luto e o de condolências ao feliz papai. Dá para perceber imediatamente que houve um engano.

O mal é que nossos doentes cometem este erro sem perceber. Isto manifesta-se mais nos deprimidos, angustiados, desprezados, envergonhados que, em lugar de apropriarem-se das consolações maravilhosas que a Bíblia lhes destina, procuram nela, com uma obstinação mórbida, todos os textos sobre a severidade de Deus, sua cólera, maldições e castigos. Eles martirizam-se ainda mais com estes versículos bíblicos que não os visam e alimentam sua angústia com condenações implacáveis que não lhes concernem. Eles pensam, por exemplo, que cometeram pecado contra o Espírito Santo, e nos citam a palavra de Jesus: *"Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno"* (Mc 3:29). O cúmulo é que o mecanismo automático e irresponsável de associações de idéias os leva a pensamentos blasfemos; como se sabe, é suficiente querer evitar um pensamento para que esse pensamento surja em nós. Na realidade, esta palavra de Cristo não se endereça ao homem angustiado que, por medo de blasfemar pode, por isso mesmo, ter um pensamento de blasfêmia. Mas, ao contrário, é endereçado àquele que, cheio de satisfação própria e isento de convicção de culpa, despreza a salvação, o dom do Espírito Santo. De modo que se pode dizer com certeza que quem teme ter

cometido um pecado contra o Espírito Santo, não o cometeu. O fato dele estar preocupado prova que ele ainda está sensível ao Espírito Santo.

Um outro doente veio a mim com o texto da epístola aos Hebreus: "*É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados... e provaram a boa palavra de Deus... e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los...*" (Hb 6:4-6). Uma experiência espiritual o havia libertado de seu pecado. E ei-lo aqui, novamente caído e acreditando-se definitivamente condenado. Não pude senão assegurar-lhe que eu mesmo recaio constantemente nos pecados dos quais Deus já me livrou. Outros citam, na mesma epístola, a passagem onde aparece a questão de Esaú que "foi rejeitado", e que "não achou lugar de arrependimento" (Hb 12:15-17).

É oportuna a ocasião para lembrar o caráter dramático da Bíblia. A epístola aos Hebreus foi escrita no tempo das perseguições, para aumentar a tenacidade dos crentes enfraquecidos pelo aparente triunfo dos inimigos da fé. Devido a uma circunstância como essa que temos o tom tão severo destas páginas. Outros doentes citam João, o apóstolo do amor: "*... Há pecado para morte...*" (1 Jo 5:16).

O que nos perturba mais, talvez, é encontrar na boca do próprio Jesus Cristo numerosas alusões às penas eternas. Devo entretanto fazer notar que a maior parte delas encontra-se nas parábolas, quer dizer, nas histórias criadas que não podem então ser consideradas como descrição literal de uma realidade concreta. É o caso da parábola do pobre Lázaro (Lc 16:24); a do joio lançado ao fogo (Mt 13:40); a da rede de peixes (Mt 13:48); a dos talentos (Mt 25:30), e ainda o estranho final da parábola do banquete das bodas (Mt 22:13). E, enfim, a presença do juízo final, para o qual já chamei a atenção em um aspecto da parábola dos talentos (Mt 25:41).

Devemos então lembrar que a linguagem de toda a Bíblia é muito diferente da nossa linguagem moderna, que é apaixonada pela definição precisa e pela descrição objetiva. A Bíblia tem muitas vezes uma linguagem poética, imaginativa, que visa sugerir e não descrever, que evoca e que não dá razões. E com este espírito que podemos ler as quatro passagens onde Jesus Cristo fala das penas eternas: em duas delas (Lc 13:28; Mt 8:12) Jesus combate a posição gabola dos judeus de seu tempo, por estarem certos da salvação, independentemente de sua conduta, simplesmente porque eles eram judeus, descendentes de Abraão, pertencentes ao povo escolhido (Jo 8:33-44). Este pré-julgamento constituía uma espécie de seguro contra a culpa, de maneira que o sentido das palavras ameaçadoras de Jesus é o de revelar a esses judeus os sentimentos de culpa e de responsabilidade pessoal, que lhes abrirá caminho para a graça. Este é o tema dos primeiros capítulos da epístola de Paulo aos Romanos. As outras duas passagens, que formam um par, encontram-se no Evangelho de Mateus: "*Portanto, se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno*" (Mt 18:8 e 5:29-30). Não penso que alguém possa contestar o caráter

figurativo destes textos.

Creio, então, poder sustentar que as alusões de Jesus Cristo às penas eternas tenham a pretensão de chocar a imaginação do homem tão inclinado a reprimir a sua culpa e a assegurar-se com uma confiança falaciosa nos seus próprios méritos. Esses textos, como todos os que mencionei sobre a cólera e a vingança de Deus, visam sublinhar a acuidade desse drama, salvar os homens de uma solução fácil e enganadora da culpa. Eles nos lembram que *"de Deus não se zomba"* (Gl 6:7). A graça que Deus promete a quem a procura no arrependimento, não pode ser dada a quem o desafia impunemente.

E permitido a nós, médicos, dizer francamente que as igrejas cristãs, de todos os credos, e muitas seitas, têm frequentemente abusado da severidade e das ameaças de Deus. Teólogos, sobretudo poetas e pintores, em uma emoção piedosa, têm exagerado na interpretação da Bíblia, através de fantásticas descrições das penas eternas. Eu não nego que suas intenções foram boas, que foram precisamente de levar os homens ao arrependimento e à salvação. Mas parece, como eu já disse antes, que é necessário prestar atenção a quem se fala. Falar de penas eternas, com detalhes impressionantes, a doentes, ou a jovens que estão em retiro espiritual, que são ingênuos como crianças, que não ultrapassaram a noção infantil e freudiana da culpa, é enganar-se no endereço; e isso pode fazer muito mal! Há muitas almas ainda trêmulas e aterrorizadas por um traumatismo moral como esse sentimento da infância.

Evangelho significa boas novas; é a boa nova da graça de Deus. Tem-se cultivado amplamente na cristandade o medo das penas eternas. Eu não penso que se possa determinar exatamente o papel que ela desempenha no medo da morte. Parece, entretanto, que o medo da morte é maior no Ocidente cristão do que no extremo Oriente.

O medo do inferno pode tomar proporções incríveis em determinados doentes. Eles não encontram nenhuma palavra para exprimi-lo. Um deles, um colega, me dizia: "Minha conde-nação é cósmica, atômica". As palavras não significam nada, mas nenhum exagero de linguagem poderia exprimir a profundidade do seu desespero. Eu não estou afirmando que a pregação das igrejas seja a causa de tais doenças. Porém a doença ampara-se e nutre-se nela: por outro lado, a mais severa pregação choca-se frequentemente com a imperturbável quietude daqueles a quem ela queria abalar.

Tenho visto muitas almas atormentadas, não com o temor de sua própria condenação, mas com a de outros, digamos, a de parentes falecidos cuja conduta foi julgada mais culpada que a de outros por um moralismo simplista; ou ainda inquietos com a sorte de inumeráveis pessoas que morrem sem jamais terem ouvido falar de Jesus Cristo.

Muitas passagens bíblicas, relacionadas com o problema da culpa, são também perturbadoras. Penso, por exemplo, em todas que atribuem a Deus o endurecimento dos homens. Deus envia Moisés diante de Faraó e lhe dá o poder

de realizar milagres e prodígios para tocá-lo. Mas acrescenta: *"eu lhe endurecerei o coração"* (Êx 4:21). Há muitos textos análogos, como o de Isaías, que o apóstolo João cita: *"Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos nem entendam com o coração e se convertam e sejam por mim curados"* (Jo 12:40).

A gravidade do problema não escapou a Paulo, que escreveu: *"Logo tem ele misericórdia de quem quer, e também endurece a quem lhe apraz. Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade? Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?"* (Rm 9:18-20). Este texto está de acordo com o que temos dito da subjetividade da culpa, da impossibilidade de se discutir isso objetiva e racionalmente. Porém nós também sentimos que há uma verdade profunda e misteriosa escondida nisso: saber que o plano de salvação de Deus não se completa somente pela obediência dos homens, mas mesmo por suas resistências e suas desobediências. Há nele a resposta ' a todos esses que não perdoam a si mesmos por seus erros passados. Ora, vejo muito disso. Trata-se mesmo, frequentemente, não de faltas morais, propriamente ditas, mas de uma decisão, de uma orientação de vida, de uma escolha que se verifica estar errada, logo depois.

Lembro-me sempre de um homem que veio ver-me, um dia, com ar transtornado. "Dei-me conta, lendo um de seus livros que todas as decisões principais da minha vida, que eu cria ter tomado livremente, não foram na realidade mais do que fugas. Toda a minha vida é falsa, então perdi o plano de Deus e não o reencontrei mais", disse-me ele. Pensem: que culpa experimentei então! Tentei assegurar-lhe: "Você está no plano de Deus. Ele reina sobre as nossas vidas e não são as nossas fugas que podem impedi-lo de reinar! Ele nos dirige assim, misteriosamente, mesmo através de nossas fugas, senão todo o mundo estaria perdido, porque todo o mundo foge, e eu sou o primeiro, em inúmeras circunstâncias".

Essas censuras inesgotáveis que tantos fazem a si mesmos sobre uma conduta passada mesmo quando a haviam escolhido de boa fé, crendo-a inspirada por Deus, essas censuras procedem de uma concepção muito simplista do plano de Deus como se o menor erro comprometesse o sucesso de uma vida! O que o compromete é justamente esta idéia, ingênua e falsa, o desespero e a culpa que ela suscita. A complementação do plano de Deus não depende de uma obediência humana, sem falta! É bem evidente que Deus utiliza as obediências humanas dos que o escutam. Mas o maravilhoso é que ele utiliza, também, suas faltas e mesmo sua dureza de coração. Assim José pôde dizer a seus irmãos: *"Agora, pois, não vos entristeçais nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui, porque para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós"* (Gn 45:5). Há nisso um grande mistério. Não procuro explicá-lo, porque ele escapa totalmente ao plano racional das explicações e situa-se no plano da fé. Assim, se sinto um revés no meu ministério, uma pergunta racional assalta o meu espírito:

de quem é a falta? Minha ou de outra pessoa? Talvez nem de um nem de outro. Talvez, simplesmente não seja o tempo. Nós encontramos frequentemente na Bíblia a noção de que há um tempo de Deus, que é necessário esperar. Minha culpa talvez seja exatamente a minha impaciência. Porém, é também frequente pressupor-se a vontade de Deus. Seu plano ultrapassa infinitamente a minha visão. Possivelmente, meu fracasso tem um sentido, no seu plano, que não consigo ver completamente. Tenho a tendência de identificar a minha causa com a de Deus, o meu sucesso com o seu sucesso, o meu fracasso com o seu fracasso. Se Deus mostra a minha responsabilidade nesse fracasso, tenho de reconhecer a minha falta, mas não me consumir por causa dela. Nem, sobretudo, cair em um espírito de julgamento, atribuindo o meu fracasso ao endurecimento daquele homem que não pude ajudar. Pela fé, devo ver a vontade de Deus mesmo nas resistências que aquela pessoa põe ao meu ministério. Tal é, por exemplo, o sentido do endurecimento de Faraó, porque ele dá a Deus a oportunidade de manifestar a poderosa salvação do seu povo. Tal é o sentido, segundo Paulo, do endurecimento dos judeus diante da pregação de Cristo. "*A transgressão deles redundou em riqueza para o mundo*" (Rm 11:12). Ele quer dizer com isso que se os judeus não houvessem rejeitado a Cristo ele ficaria restrito, de alguma maneira, ao plano nacional. Cristo seria, simplesmente, o Messias que eles esperavam para conseguir a salvação exclusiva para o seu povo. Assim, esta noção misteriosa de um plano de Deus, no qual se integram até as nossas faltas, culmina na cruz do Gólgota, que é, por sua vez, a expressão suprema da culpa humana e o ato supremo da salvação de Deus.

Nós, que somos médicos, fomos chamados para curar os homens e, particularmente, os doentes, com todos os meios de que dispomos, com a ciência, com a técnica, com o coração e com a fé. Se eles estão atormentados pelo sentimento de culpa, devemos então mostrar-lhes que, no seu conjunto, e apesar de sua obscuridade, a Bíblia nos traz a segurança de que Deus apaga a culpa daqueles que sofrem com isso e que, através de sua severidade, ele suscita a culpa em outros a fim de conduzi-los, a esta mesma experiência de arrependimento e de graça. Mais exatamente, todos somos a uma só vez culpados e endurecidos.

Todos experimentamos os sentimentos de culpa, mas todos, também, procuramos, constantemente, escapar disso, não pelo perdão de Deus, mas por mecanismos de justificação própria, pelo recalque de nossa consciência. Todos temos, então, necessidade dos dois aspectos da inversão bíblica: a necessidade de ! esperança da graça em resposta às nossas convicções de culpa e a necessidade da severidade de Deus para fazer-nos penetrar em nós mesmos, reconhecer a nossa culpa, a nossa miséria e confiar *I* mais ardentemente ainda na graça.

Tal é o sentido da *felix culpa* da tradição cristã. Bem-aventurada falta, bem-aventurada culpa que nos conduziu e nos conduz, sempre, a nos ajoelhar diante de Deus e a receber a sua graça. Conhecemos a palavra tão benfazeja de George Fox, o fundador dos Quakers: "A luz que nos mostra nossos pecados é a luz que cura".

Assim, o que havíamos dissociado, para maior clareza de nosso estudo, reúne-se em uma mesma experiência: temos, ao mesmo tempo, uma aguda consciência de culpa e uma aguda consciência da graça. Quanto mais agudo, mais refinado e mais penetrante é nosso sentimento de culpa, mais intenso e mais alegre é nosso sentimento de graça.

Nos capítulos 7 e 8 da epístola aos Romanos, Paulo descreve de um modo extraordinário esta condição humana. Já me referi a isso, mas devo voltar e revê-lo agora com mais precisão. Aparentemente há um contraste impressionante entre os 24 primeiros versículos do capítulo 7, de um lado, e o último versículo deste capítulo e o capítulo seguinte, de outro. Há como uma ruptura do fio do discurso que confundiu os tradutores.

Na primeira parte, o apóstolo evoca a desesperada culpa humana. *"Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero esse faço. Desventurado homem que sou..."* (Rm 7:19, 24). Mas, na segunda parte, este desespero dá bruscamente lugar a um canto triunfal: *"Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor... Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus"* (Rm 7:25; 8:1).

Este contraste é tão vivo que se tem procurado explicá-lo imaginando que Paulo descrevia aí sucessivamente a condição do homem em duas épocas distintas de sua vida: no capítulo 7, antes de sua conversão; no capítulo 8, após a sua conversão. Esta interpretação simplista é inteiramente contraditada pela experiência. Já demonstrei várias vezes isso aqui. Aqueles que dizem que a conversão coloca-nos ao abrigo do pecado e da culpa enganam-se tremendamente. Eles caem no recalque da consciência. Já vi inúmeros exemplos disso, especialmente nas seitas onde se proclama que os convertidos não pecam mais e onde os escândalos são comuns.

Na realidade, a culpa acompanha o crente, mesmo após a conversão; ele torna-se mais sensível ainda, como temos visto. A condição descrita em Romanos, capítulo 7, é a de todos os homens, convertidos ou não. Não existe um "antes" e um "depois".

Certos tradutores da Bíblia enganaram-se nisso. Eles cuidadosamente introduziram, entre o versículo 24 e 25 deste capítulo, reticências. Nem todas as Bíblias trazem essa piedosa adição; elas não serão encontradas nem na Bíblia de Lutero nem nas Bíblias católicas. Mas a intenção dos tradutores é evidente: eles dão a entender que Paulo teria bruscamente interrompido o fio de seu discurso; após ter descrito o homem, como ele era antes de sua conversão, esmagado pela consciência de culpa, o apóstolo teria feito um salto no tempo para descrever, em seguida, este homem tal como ele é, algum tempo depois, convertido e certo do perdão; sem que nos diga como ele passou de um estado a outro.

Encontrei, recentemente, um amigo teólogo que me disse: "Durante muito tempo me perguntei o significado dessas reticências, o que se passa entre a condição humana do capítulo 7 e a do capítulo 8, se isto se passa de uma vez para

sempre ou re-pete-se ao longo da vida. Um dia, compreendi que esses três pontinhos não representam nada, que o homem é, ao mesmo tempo, tal como é descrito no capítulo 7 e no capítulo 8". Sim, esses três pontinhos não representam nada, porque eles foram simplesmente inventados pelo tradutor e deformam a mensagem de Paulo.

É ao mesmo tempo que temos a sensível consciência de culpa do capítulo 7 e a grande certeza da graça do capítulo 8! Nós podemos observar isso na história: os crentes mais desesperados com suas próprias pessoas é que manifestaram com mais ardor a sua confiança na graça. É um Paulo, que acabo de citar; um S. Francisco de Assis, que se declara o maior pecador dentre todos os homens; um Calvino, que proclamou a incapacidade do homem de fazer o bem e conhecer a Deus por si mesmo. É possível observar isso em um consultório, que os mais pessimistas com relação ao homem são os mais otimistas com relação a Deus, os que são mais severos consigo mesmo são os que têm mais confiança no perdão divino.

Separar a consciência de culpa da consciência de perdão é condenar o homem a não se compreender. É debruçar-se sobre ilusões perigosas, imaginar que se está ao abrigo do pecado e da culpa após a conversão. E o mesmo que se preparar para um terrível desespero que se sentirá no dia em que se aperceber de que, a despeito da mais sincera conversão, caímos no pecado e experimentamos, ainda, e provavelmente mais viva, a culpa.

Talvez seja necessário passar por tais decepções para descobrir a incrível amplitude da graça de Deus. Quantos dentre nós não terão tido esta experiência nos degraus sucessivos da conversão? No primeiro impulso, nossa alma fica inundada de luz, purificada, a obediência parece-nos fácil, alegre. Temos amor pelos que não amávamos; sentimo-nos ao abrigo das tentações, todas elas descoloridas de atrativos. E ainda uma fé um pouco simplista, que apresenta, em preto e branco, o contraste entre a velha e a nova vida, que nós testemunhamos com força e sinceridade.

E, depois, com o tempo, as nuances aparecem, os tons se misturam mesmo nas tentações elementares que surgem novamente, a obediência torna-se um esforço. Descobrimos, mais dolorosamente que antes, a característica indestrutível do pecado. Sobretudo, nós aprendemos, pouco a pouco, a conhecer melhor a Deus e a nós mesmos, a santidade de Deus e, em face dela, a nossa miséria. Reconhecemo-nos culpados onde outrora não tínhamos nenhuma idéia disso. Então é que compreendemos, de modo mais profundo, a imensidão da graça que nos acolhe tal como somos, com todo o nosso desespero, toda a nossa impotência, todas as nossas maldades. É de degrau em degrau que a consciência de nossa culpa e a do amor de Deus crescem juntas. "São os santos que têm o senso do pecado", escreve R. P. Daniëiou,⁸ "o senso de pecado é a medida do senso de Deus em uma alma".

Um doente muito sagaz, que torna-se muito sensível aos problemas

humanos por sua doença e por suas experiências de vida, escreveu-me: "Eu sei. Nós estamos destinados a permanecer suspensos entre o pecado e a graça, entre o céu e o inferno".

O que a graça remove não é a culpa, mas a condenação. O texto de Paulo é perfeitamente claro: "nenhuma condenação há". Tão paradoxal quanto isso possa parecer, a condição desta absolvição é a contrição, a convicção da culpa, o que é completamente contrário a uma ausência de culpa.

Recentemente tive maravilhosas entrevistas com um padre católico, duramente conturbado por conflitos interiores. É um homem inquieto, atormentado, infinitamente perspicaz sobre si mesmo, consciente de suas dúvidas, de suas revoltas, de suas hesitações, da obscuridade profunda na qual ele estava mergulhado. "Entretanto, tudo isso não diminui em nada a minha tranquila certeza da fé e da graça", me disse ela.

Sinto-me irmão deste homem, em profunda comunhão de espírito. Compreendo-o com toda a minha alma. Sou também muito provado pela vida. Ao mesmo tempo estou pesado e leve, triste e alegre, totalmente triste e totalmente alegre, fraco e forte, atormentado por culpas inumeráveis e seguro da graça de Deus. Da graça, não para mais tarde, mas para agora, para o meio do meu próprio tormento, de minha fraqueza, de minha culpa e de minhas dúvidas e, precisamente, por causa delas: "*Pois não vim chamar justos, e, sim, pecadores*" disse Jesus (Mt 9-13).

A Resposta

19. INSPIRAÇÃO DIVINA

Na primeira parte do livro determinamos a extensão da culpa humana. Na segunda parte reconhecemos o perigo de discuti-la objetivamente e de imaginar que podemos julgar quem é culpado e quem não é. Na terceira parte vimos como Cristo recebeu, com uma palavra de perdão, aqueles a quem o mundo despreza, e que estão conscientes de sua culpa, e, por outro lado, como falou com severidade àqueles satisfeitos em si mesmos e que reprimem qualquer sentimento de culpa. Porém acabamos de ver que na prática estas duas atitudes são menos distintas do que se pode pensar e que ambas estão presentes em nós ao mesmo tempo, de forma que corremos o risco de nos desviarmos para um lado ou para o outro, em uma escrupulosidade mórbida de moralismo ou em uma vida inflexível e sem escrúpulos. O que buscamos, então, é uma linha mestra que nos leve à solução e nos deixe a salvo de qualquer um desses excessos.

Isto buscamos, não apenas para nós mesmos, mas também para os nossos pacientes, pois vemos um considerável número destes oprimidos por escrúpulos, através deste formalismo moral que está constantemente atuando, particularmente nos círculos dos piedosos, notavelmente nas seitas. Mas não devemos apelar para que eles rejeitem toda obrigação moral sob o pretexto de que apenas as motivações são importantes. Os super escrupulosos merecem a nossa compaixão; porém, na realidade, aqueles que não têm escrúpulos não são em nada mais invejáveis.

Este é um assunto delicado. Eu não estou sugerindo aqui uma moralidade simples e subjetiva de boas intenções, mais do que a ética psicológica do Dr. Durand, discutida no capítulo 15, que defende a redução dos princípios morais à sinceridade. A Igreja recebeu o depósito da revelação divina e tem que formulá-la de modo a guiar os homens em sua conduta e a iluminá-los no que diz respeito às demandas de Deus. Pois Jesus Cristo mesmo declarou: *"Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas, vim para cumprir"* (Mt 5:17).

É também bastante conhecido o quanto a negligência da conduta e a liberdade mal usada podem levar a catástrofes, assim como a idéia de ser responsável apenas por si mesmo e livre para comportar como quiser, desde que seja sincero. Filhos de pais divorciados estão sob os nossos cuidados por estarem restritos a uma vida triste de neurose, porque seu pai ou sua mãe justificaram desta forma o

adultério e causaram a crise da família. Não há médico que não tenha atendido a uma esposa que sofre de algum distúrbio cardíaco, digestivo ou ginecológico por seu marido estar sendo infiel. E para culminar tudo, o marido por vezes estava se vingando da educação repressiva à qual foi submetido, e dizia estar se libertando de preconceitos desgostosos; ele pode ainda ter justificado a sua conduta invocando alguns textos antinomistas na Bíblia. Nós, médicos, estamos envolvidos diariamente com problemas morais deste tipo, relacionados com a vida familiar daqueles que nos consultam. Segue-se que precisamos estar alertas caso queiramos guiá-los entre os esmagadores perigos do legalismo e os da permissividade.

Os riscos são grandes. Parece que são poucas as pessoas que conseguem escapar de um ou de outro extremo: ou a ansiedade em levar uma vida moralista, com um fardo constante de escrúpulos, tabus e medos a respeito do que eles não devem fazer; ou uma afirmação de liberdade e a pretensão de serem mais sinceros, dando vazão aos seus instintos e desejos caprichosos, apesar do sofrimento que eles perpetuam. Alguns tentam achar uma saída com a ajuda de uma filosofia de mediocridade e compromisso. Eles evitam as maiores profundezas, menos devido a um poder interior do que por medo, ou da polícia, ou do que as pessoas possam dizer, *ou* das consequências; enquanto eles tentam não tomar o problema moral seriamente.

É óbvio que em uma área destas nós não podemos oferecer uma solução a nossos pacientes, sem que a tenhamos experimentado em nossa própria vida. Nós mesmos precisamos achar o segredo da vida! Este segredo está na Bíblia. Precisamos procurar, acima de todas as coisas, o reino e a justiça de Deus (Mt 6:33); não um código moral, mas sim um relacionamento vivo e pessoal com Deus.

Alguns defendem o ponto de vista de que para se evitar escrúpulos legalistas é necessário considerar a vontade de Deus apenas em conflitos heróicos, por exemplo, ou na escolha de uma profissão, ou de um cônjuge. Pensam também que Deus é poderoso e grande demais para se preocupar com os detalhes da vida diária; mas como discernir os limites? Como saber se o que parece apenas um mero detalhe não é algo muito importante aos olhos de Deus?

A experiência tem me ensinado, diferentemente, que às vezes a obediência em pequenos assuntos altera a orientação fundamental de uma vida e a sinceridade de uma submissão a Deus; além disso, dificilmente saberemos determinar qual é a sua vontade em circunstâncias excepcionais se já não estivermos aplicando-a em pequenos assuntos. Pensar de outra maneira seria afastar-se dos ensinamentos bíblicos, pois estes nos mostram um Deus que está preocupado com os menores detalhes das vidas de seus filhos (Mt 25:21). A sua grandeza soberana implica exatamente nisso, em aceitarmos sua autoridade sobre toda a vida, e não meramente sobre certas áreas privilegiadas. Porém novamente aí o problema está em como evitar de cair em escrúpulos, em legalismos e em

casuísmos. Paulo luta rigorosamente contra tudo isto, e coloca em franca oposição a "*gloriosa liberdade dos filhos de Deus*" (Rm 8:21 BLH) e a escravidão aos "*poderes espirituais que dominam o mundo*" (Gl 4:3 BLH); e contrasta os princípios de fé e graça com os da lei e também a seus olhos a lei não é um fim, mas um meio: "*como nosso guia, a lei tomou conta de nós até que Cristo viesse*" (Gl 3:24 BLH).

O que é tão restrito, opressivo e mortífero sobre a lei ou sobre um código moral é que ela é uma *coisa*. Basear-se nela é basear-se sobre uma coisa e não sobre uma pessoa. Porém a mensagem da Bíblia é que Deus está vivo, que ele é uma pessoa e que nos convida a termos um relacionamento pessoal e vivo com ele mesmo. Uma lei comanda e proíbe, mais proíbe do que comanda. Uma pessoa fala, inspira, dirige, entende, leva continuamente a percepções mais profundas e discernido-ras, e produz uma mudança do sistema formal de atos para um sistema mais penetrante de motivação.

Em comunhão com o Deus vivo, assim como em psicanálise, a sensação de culpa, longe de ser aplainada, é ainda mais aguçada. A sua profundidade e inescapabilidade são ainda mais reveladas. Mas não há nada moralista sobre isto; não é uma questão de *pecados* no sentido moralista, mas de *pecado*; da miséria do homem em contraste com a santidade de Deus. E através de tal humilhação, através de tal convicção de pecado, que o acesso a uma relação pessoal com Deus é concedido, e esta é a solução verdadeira para a culpa.

É por isso que a lei é uma custódia e não um meio: "*Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei*", diz Paulo (Rm 7:7). E ele ainda adiciona que a lei foi dada de forma que o mundo todo possa ser culpável perante Deus (Rm3:19).

Mas ao invés de nos petrificar, esta sensação de culpa é estimulante e reanima, porque ela leva a uma relação verdadeira e pessoal com Deus. Um dia, uma senhora entrou radiante no meu consultório. Ela explicou que havia chegado antes da hora marcada para a sua consulta. Na sala de espera ela havia dito para si mesma: "Eu preciso realmente investigar e juntar os meus pensamentos". Somente no dia anterior ela havia feito perguntas sobre comunhão silenciosa e este encontro pessoal com Deus. Então quatro palavras relampejaram em sua mente, como palavras de fogo: "Faça restaurações, ame, resista". "Resista!" É possível entender o que isto significou sabendo que ela estava sofrendo de uma séria desordem nervosa do sistema digestivo, a despeito dos sedativos que um colega estava sabiamente prescrevendo a ela.

"Amor" — e o sentido dele é claro quando eu digo que ela tinha vindo me consultar após um conflito conjugal doloroso. E o "faça reparações" é inteligível quando sabemos que durante o tempo que rememorou seus pensamentos na sala de espera, ela se sentiu impelida a fazer a mais difícil confissão perante mim. Enquanto ela debatia em sua mente sobre isto, a frase que lhe ocorreu foi:

"humilhe-se e não racionalize". Mas como ela estava contente agora! Eu estava surpreso. Então ela acrescentou imediatamente: "Eu posso sentir e dimensionar o amor de Deus". Então após pensar por um momento: "Fundamentalmente, eu penso que nós não podemos realmente amar a humanidade sem percebermos a imensidão do amor de Deus". Se eu tivesse dito àquela mulher, "Você precisa...! Você deve fazer restaurações, amar, resistir", isto teria sido um mero legalismo. Eu teria colocado um "dever" impessoal entre ela e Deus. Nas circunstâncias, uma coisa bem diferente aconteceu! Ela se encontrou com Deus e, ao mesmo tempo, com a sua lei. E a sua lei portanto não era mais uma mera lei, mas um apelo, uma palavra viva.

Este então é o segredo: um encontro pessoal com Deus. Ele traz uma severidade muito maior sobre nós e ao mesmo tempo traz uma libertação de escrúpulos mórbidos. A vida torna-se uma aventura cheia de gozo que é continuamente renovado. Tudo fala de Deus e Deus nos fala através de cada circunstância. Todas as narrativas da Bíblia e todo o ensinamento da igreja nos levam a um conhecimento mais profundo de nós mesmos, e é Deus mesmo que está nos falando através destes. Há uma ampliação do campo da consciência.

Neste contato íntimo com Deus a maneira pela qual nós nos julgamos é fundamentalmente transformada. No lugar de uma preocupação legalista sobre o que é permissível ou o que pode ser proibido em princípio, a ênfase é colocada nos motivos fundamentais que permeiam as nossas ações. E isto é remi-niscente do efeito da psicanálise sobre os pacientes, como temos visto, levando-os à conscientização seus motivos inconscientes.

Portanto Paul Ricoeur³³ fica surpreso quando o Dr. Hesnard, contra as tendências óbvias da psicanálise, defende a restauração de um sistema moral "externo" de princípios e ações, como se contrapondo a um sistema moral "interior" de intenções e sentimentos. Parece-me que há alguma confusão devido ao uso dos termos interior e exterior. "Não existe mais uma moralidade interna" escreve J. Lacroix,²² "e uma moralidade externa, uma moralidade de intenção e uma moralidade de atos, mas existe uma culpabilidade interior válida e uma falsa culpabilidade interior".

Além disso, note-se que o próprio Dr. Hesnard escreveu: "Nós, de forma alguma condenamos toda interioridade, qualquer que seja o seu tipo..., nós não negamos que há o pecado de intenção, o qual, quando a intenção é genuína, é equivalente ao ato externo de um ponto de vista moral". O que de fato ele está denunciando são as ruminações mentais dos super-escrupulosos, com as quais nós temos tido muito cuidado para não confundirmos com comunhão interior, com o diálogo com Deus que nos livra precisamente deste estado. Nós temos de libertar os nossos pacientes exactamente desta confusão. Um outro psicanalista, o Dr. Nodet²⁷, expressou bem isto quando escreveu que com aqueles que são escrupulosos "a sensação de um pecado se torna uma proteção para não reconhecer algum outro pecado, o qual é, geralmente, mais sério e humilhante".

Portanto, de fato, é uma espécie de álibi, pelo qual um homem parece se acusar, mas na realidade ele está se justificando, ostentando desta forma a sensibilidade de sua consciência. Portanto, é absurdo dizer que os superescrupulosos têm um senso superaguçado de pecado, A verdade é que o seu senso de pecado carece de profundidade.

A auto-recordação levará tal pessoa, como o faz a psicanálise, a penetrar mais profundamente em si mesma, e a tornar-se mais consciente do pecado inconsciente. Esta idéia de culpa inconsciente é também encontrada na Bíblia. *"Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas"*, diz o salmista (Sl 19:12). E outra vez: *"Diante de ti puseste as nossas iniquidades, e sob a luz do teu rosto os nossos pecados ocultos"* (Sl 90:8). Outras inumeráveis passagens expressam esta experiência que, através do contato com Deus, nossos olhos são abertos a uma visão mais penetrante. Um falso senso moralista de culpa é apagado pela consciência que se fundamenta em um verdadeiro senso de culpa.

Este novo senso de culpa tem um caráter totalmente diferente, que é bastante desconhecido do moralismo e do legalismo, e este é um ponto que deve ser enfatizado aqui porque tem consequências importantes. Descobrimos que o nosso pecado mais sério e mais profundo é tentarmos dirigir a nossa própria vida (às vezes nos orientamos por princípios bons, às vezes por princípios da própria Bíblia) em vez de permitirmos que Deus nos oriente, abrindo os olhos e ouvidos à inspiração pessoal que ele concede.

Este mesmo sentido, podemos notar na interessante história de Balaão (Nm 22-24). O profeta, desejoso de servir a Deus, se deixa cair, após alguns escrúpulos e hesitações, em uma aventura política diante da instigação do rei Balaque, que está decidido a explorar, para seus próprios fins a autoridade espiritual do profeta. Deus chama este empreendimento de "caminho perverso", e envia o seu anjo para bloquear o caminho do profeta. Mas o profeta está cego na sua caminhada e não vê o anjo, a mula o vê e se desvia. Balaão irrita-se com a mula e a golpeia. A nossa irritação é o sinal de que estamos recusando tomar conhecimento da culpa inconsciente. Mas Deus se dirigiu a Balaão, e este então admitiu: "Pequei, porque não soube que estavas neste caminho para te opores a mim" (Nm 22:34). Assim, Deus nos guia, mesmo que não estejamos sempre atentos a seus avisos. Um amigo pode enxergar com maior clareza do que nós, e em nossa presunção ficamos zangados com ele, assim como Balaão ficou com a mula.

Nós nos encontramos, frequentemente, em um impasse devido a falsos problemas morais. Dizemos que eles são insolúveis, e que a vida cristã e a obediência à ética do Evangelho são impossíveis. Talvez queiramos fazer o bem e aleguemos nossos bons princípios. Porém não é uma questão de fazer o certo, mas de fazer o que Deus espera que façamos em determinado momento, de nos deixarmos guiar por ele. Então, como Balaão, percebemos, algumas vezes tarde demais, que Deus queria evitar que passássemos por dificuldades, porém não to-

mamos conhecimento de seus avisos.

Eu tenho encontrado constantemente culpas deste tipo: a intuição de não ser mais guiado por Deus, de ter perdido alguma indicação importante no caminho e ter-se desviado dele. Como já vimos, este é o tipo de culpa que experimentamos quando nos deparamos com uma frustração: o sentimento de que realmente teríamos evitado frustrações se tivéssemos tido uma consciência mais viva da inspiração divina.

Tomo cuidado para não ter o sucesso como referencial da genuína direção de Deus. Isto envolveria uma visão infantil da vida cristã, onde a cruz foi eliminada. Porém a pergunta de Balaão está sempre voltando às nossas mentes: estamos nós realmente no plano de Deus, andando no caminho no qual ele quer nos guiar? Esta não é mais uma questão de moralidade, de lei, de alguma distinção de um tipo racional ou mesmo espiritual entre o bem e o mal. É uma questão bem mais pessoal, mais viva e branda sobre o nosso contato com Deus, sobre a nossa atenção à sua inspiração.

Deve ser notado o fato de estarmos longe do moralismo. A idéia da direção de Deus é encontrada em toda a Bíblia. Embora Deus, algumas vezes dê regras gerais, ele fala aos homens mais frequentemente de um modo altamente pessoal e concreto dentro de determinada situação. Ele está presente em nós, pelo Espírito Santo, *"já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim"*, diz Paulo (Gl 2:20). No entanto, nós constantemente nos enganamos a respeito da direção que Deus dá; frequentemente nos achamos agindo de acordo com as nossas próprias idéias e não segundo a sua inspiração, não tendo nos comunicado suficientemente com Deus, ou tendo, em nossa comunhão, atentado aos nossos próprios pensamentos ao invés dos de Deus. Ao abordar a história de Balaão, omiti um ponto que ilustra muito bem a dificuldade deste problema da direção de Deus. Antes de viajar com a sua jumenta, o profeta passou dois períodos em que fez sérias reflexões. Ele prorrogou duas vezes a sua resposta aos embaixadores que haviam sido enviados como escolta por Balaque, Rei de Moabe. Ele queria deixar passar uma noite, pois a noite favorece a manifestação do inconsciente e é propícia para o conselho de Deus. Durante a primeira noite de comunhão, Balaão recebeu a impressão de que Deus não queria que ele fosse, enquanto que na segunda ocasião quando os embaixadores retornaram com presentes e promessas às quais Balaão dizia estar insensível, ele teve a impressão de que Deus queria que ele aceitasse o convite e fosse até o Rei Balanque. Na primeira vez o texto diz: *"Então disse Deus a Balaão: não irás com eles"*. Na segunda vez, Deus visitou Balaão à noite e disse-lhe: *"Levanta-te vai com eles"*. Então, após pará-lo na estrada, a despeito de tudo Deus o deixa ir, desta vez melhor armado para resistir à pressão moral do Rei. Pode parecer estranho que eu recomende tão fortemente a busca pela direção de Deus enquanto mantenho a posição de que até mesmo o cristão mais fervoroso pode estar enganado com respeito a ela. Tal visão pode parecer paradoxal, difícil e ilógica. Mas esta é a posição; ela expressa a dificuldade inerente à nossa

condição humana. Mais perigoso ainda é simplificar as coisas arbitrariamente, delineando algum sistema moral racional que tenha a intenção de nos livrar das hesitações e incertezas da consciência. Não podemos nem supor que a busca pela direção de Deus seja fácil, nem evitá-la, caindo em um sistema ético sufocante que leve à dificuldade e se degenere em moralismo.

Em todos os eventos, a vida é bem mais simples para aqueles que não crêem na inspiração divina ou que não se preocupam com ela, e mais simples ainda para aqueles que nela crêem de uma forma ingênua e que não temem estar enganados. Porém a questão não é de se ter uma vida fácil, mas sim uma vida tão próxima quanto possível da verdade. Como disse um correspondente meu: a profundidade de nossa miséria humana consiste em nós não estarmos nunca completamente certos quanto a estarmos realmente obedecendo ou desobedecendo a Deus. Contudo, é precisamente através deste tatear e por meio de muitos enganos, voltando sobre nossos passos e renovando nossa comunicação que chegamos a entender Deus melhor, a discernir melhor a sua vontade, e aprofundar o nosso contato com ele. Quando compreendemos esta idéia bíblica da direção de Deus, a nossa visão de culpa é também profundamente alterada. Ela é libertada de todo legalismo e torna-se mais perspicaz, vibrante e criativa. A totalidade da culpa é incluída no fato de perdermos a direção de Deus, fecharmos os olhos a ela ou rejeitá-la. E em senso muito mais severo e exato de culpa, porém nem um pouco opressivo. Somos tomados por um novo ardor, o de discernir sinais de Deus através dos quais ele nos preservaria de faltas que poderemos cometer mesmo inconscientemente e de boa fé.

Uma outra narrativa bíblica nos ajuda a entender isto. É concernente a Abimeleque, rei de Gerar (Gn 20). Abraão havia mentido para ele, porque tinha medo de que Abimeleque fosse matá-lo para poder se apoderar de Sara, sua mulher. Ele disse a Abimeleque: "*ela é minha irmã*". Isto não era totalmente falso, pois ela era, de fato, sua meia irmã. Porém ela também era sua esposa; e Abimeleque fugiu com ela, e estava para cometer pecado, inconscientemente. Então, como em psicanálise, Deus revelou por um sonho que Sara era casada. "*Assim impedi você de pecar contra mim*", (BV), disse Deus a ele. Aqui temos, então, um elemento que é contrário a todo moralismo: Abraão, que havia mentido, foi também o instrumento para a bênção de Deus: através de uma oração ele curou a esposa de Abimeleque de sua esterilidade (Gn 20:17).

Pode-se então ver que a idéia de culpa é transformada e libertada do legalismo com seus tabus. Vida real é vida dirigida por Deus. Pecado significa perder o contato *com Deus* e não mais ser guiado por ele. Uma ação pode ser tomada como certa à luz de princípios morais, e mesmo assim não ser a vontade de Deus, podendo trazer muito prejuízo. Tal visão, que é a perspectiva da Bíblia, varre qualquer esperança de se erigir um código moral baseado no conhecimento racional e natural do bem e do mal. "Uma falta genuína é uma falta escondida e isto requer um revelador externo" diz Ricoeur³³. Este revelador é a Palavra de

Deus, a Palavra que se dirige a nós através da Bíblia e da igreja pelas vozes dos profetas, através da palavra e do exemplo de Cristo, e pela mensagem dos apóstolos; algumas vezes através da boca de um amigo, através de uma provação ou bênção, através de alguma circunstância agradável ou humilhante. Mas isto sempre leva a um despertar da consciência e à descoberta de alguma culpa encoberta.

No que me concerne, o que mais frequentemente tem aberto os olhos para o meu próprio pecado inconsciente é o testemunho dos meus amigos, quando eles me falam sobre suas próprias faltas. Note-se que isto é o oposto total ao julgamento. Ao invés de denunciar a minha culpa, eles me falam da sua própria e uma luz surpreendente brilha nas profundezas do meu coração. Uma voz interna murmura: "isto é a verdade sobre mim, porém eu nunca havia reconhecido isto antes".

Algumas vezes as pessoas falam conosco a respeito de suas faltas a fim de nos ensinar e provocar deliberadamente este movimento de autoconscientização. Porém neste caso sentimos que atrás da sua aparente humildade eles estão nos julgando e, de fato, eles estão se orgulhando de serem mais capazes que nós em reconhecer os seus erros, e então reagimos na direção contrária, nos justificando. Porém se o testemunho deles for verdadeiramente humilde, espontâneo, vivo e sem motivos ulteriores, se for uma palavra genuína de reconhecimento daqueles que encontraram a solução verdadeira, que descobriram a graça de Deus, então isto nos leva de encontro à mesma experiência que é a maior experiência que o homem pode ter. Assim, Paulo diz ao Rei Agripa: *"Não fui desobediente à visão celestial, mas anunciei... que se arrependessem e se convertessem a Deus"* (At 26:19-20). Arrependimento significa o reconhecimento da culpa, e é o senso de culpa que nos leva a Deus nos revela o seu amor e o seu perdão. Um psicanalista, o Dr. Laforgue,²³ escreveu: "A característica peculiar de uma religião como o cristianismo é representada por uma fé que remove a culpa, através da crença na redenção, no perdão e na graça..."

20. TUDO DEVE SER PAGO

Por vinte séculos a igreja tem proclamado a salvação, a graça e o perdão de Deus à humanidade oprimida pela culpa. Como é, então, que até mesmo entre os crentes mais fervorosos há tão poucas vidas confiantes, libertas e com gozo?

Parece-me que isto surge, pelo menos em grande medida, de uma atitude psicológica que eu agora quero enfatizar, a saber, a idéia profundamente enraizada no coração de todos os homens, de que tudo deve ser pago.

Eis aqui o caso de um homem em aflição. Por um bom tempo temos sido capazes de permanecer no plano científico e desarmar os seus mórbidos sentimentos de culpa. Porém ainda permanece um remorso genuíno vigoroso. Ele me olha de uma forma desesperadora, e então eu lhe falo da graça que apaga toda culpa. Porém ele exclama: "Isto seria muito fácil!"

Parecia-lhe impossível que Deus pudesse remover a sua culpa sem que ele tivesse de pagar alguma coisa. Pois a noção de que tudo tem que ser pago está profundamente arraigada e atuante em nós, tão universal quanto inabalável por qualquer argumento lógico. Portanto, as pessoas que anseiam ardentemente pela graça são as que têm maior dificuldade em aceitá-la. Seria uma solução muito simples, e uma espécie de intuição se lhe opõe.

Eu não penso apenas em ateus, mas naquelas muitas pessoas que se sentam nos bancos das igrejas. Podemos ver católicos e evangélicos indo regularmente à Confissão, à Comunhão, à Santa Ceia, sem acreditarem realmente que a sua culpa seja apagada. A própria frequência de seus atos de devoção e de suas peregrinações, um certo ardor e zelo meticulosos, longe de ser um sinal externo de sua fé talvez seja uma indicação de que, a despeito de tudo, esta dúvida permanece em seus corações.

Eles não abrem mão de suas faltas no passado e nem aceitam que estas já foram perdoadas. No entanto os católicos já receberam a absolvição individual de um padre na confissão e os evangélicos no ato de confissão na liturgia do culto. De uma forma geral pelo menos a nível teórico, eles crêem na doutrina do perdão dos pecados, sem se apoderar dela em relação às imperfeições que continuam a corroê-los por dentro; ou talvez eles não percebam que este perdão não se refere apenas a certos pecados que são mencionados mais particularmente na igreja, mas à soma total da culpa angustiante, vaga, difusa e latente da qual nós estamos falando.

Não falo apenas do nosso mundo cristão tradicional. Pensem nas multidões inumeráveis de hindus que mergulham nas águas do Ganges a fim de serem lavados de suas culpas. Pensem nas ofertas votivas e no ouro que cobre as estátuas de Buda. Pensem nos muitos penitentes e peregrinos de todas as religiões que impõem a si mesmos sacrifícios, práticas ascéticas ou duras jornadas. Eles têm necessidade de pagar, de expiar. Em uma esfera mais secular, menos consciente de seu significado religioso, pensem em todas as privações e em todos os atos de caridade que tantas pessoas se impõem, a fim de serem perdoadas pelos privilégios, mais ou menos injustos, de que gozam.

Além disso, muitos problemas psicológicos estão ligados a um sentimento de culpa semiconsciente, confuso, vago. Assim, por exemplo, muitos homens após terem enganado a esposa sofrem de impotência quando se casam com as amantes após o divórcio, ou até mesmo após a morte de suas primeiras esposas.

Muitas doenças nervosas e físicas, e mesmo acidentes e frustrações na vida profissional são revelados pela psicanálise como sendo tentativas de expiação da

culpa que é totalmente inconsciente. É uma forma de punição que o sofredor administra a si mesmo, e continua repetindo indefinidamente como uma espécie de fatalidade inexorável.

É a observação objetiva dos homens que nos obriga a fazer uma nova avaliação de sua vida espiritual e moral, e também abrir os olhos às extensivas repercussões que isto tem em sua saúde. Eles tentam em vão, e inconscientemente, fazer a expiação, "pagar". Eles realmente pagam, quase literalmente, com a sua saúde. A tremenda agonia desta culpa inesgotável, da qual os neuróticos são os mártires, é uma espécie de sacrifício expiatório que eles estão rendendo.

Um médico tinha dois filhos, sendo que um deles sofria de impotência. Os pais estavam preocupados sobre o sentimento de inferioridade que poderia resultar disso, e portanto se comportaram mais indulgentemente em relação a ele. Esta foi uma idéia ingênua! Mais tarde um psicoterapeuta teve de ser consultado para ajudar o rapaz a aceitar a sua impotência. Um dia o analista disse ao pai dele. "Você diminuiu o peso da mente desta criança pensando que estava aliviando o fardo dele. Quando ele agia de forma imprudente devia *ter* sido punido a fim de construir um sistema de punições, desta forma a justificação teria sido estabelecida. Mas devido à sua indulgência, ele guardou dentro de si o peso de sua culpa, muito embora você o tenha perdoado."

Embora este tenha sido um caso de necessidade infantil, neste aspecto os homens permanecem infantis por toda a vida. A necessidade de pagar pela própria reabilitação é universal. Vemos isto no caso de transgressores processados pela justiça. Eles fazem o máximo para obter a indulgência das cortes. Porém se eles não forem submetidos às penalidades que o seu crime demanda, sentem uma miséria interior. Após a punição, seus cidadãos companheiros também aceitam a sua reintegração mais prontamente. Eles pagaram o preço. Como uma punição, uma penalidade, um sacrifício ou uma doença podem apagar um crime? Isto é extremamente ilógico. Os cálculos da justiça são puramente convencionais. No entanto está escrito no coração humano: tudo precisa ser pago! Para apagar o passado, uma expiação deve ser feita. Este é o sentido de todos os ritos e sacrifícios de todas as religiões. Aqui encontramos novamente toda a corrupção e purificação de que falamos. Os textos da lei mosaica, tão detalhados em sua descrição do ritual prescrito, respondem a esta necessidade, a necessidade de assegurar, através da sua perfeição, a purificação da nação e de cada indivíduo.

Atos de culto são uma forma de pagamento. Este é o seu significado psicológico. Espera-se que eles garantam a libertação da culpa descartando o débito que deu origem a ela. É sob este ângulo que temos de entender a lei de Moisés. Lá encontramos tanto ofertas de expiação individual e ofertas de culpa, expiação como ritos que têm como objetivo a purificação coletiva da nação. Sacrifícios individuais são diferenciados conforme os pecados dos que serão expiados, se de um sacerdote, de um governante ou de um simples cidadão. E esta

gradação implica a idéia de que um pecado é tanto mais grave quanto mais altamente, na hierarquia social, a pessoa que o cometer estiver colocada (Lv 4: 3, 22, 27; 5:15; 7:1-10; Êx 29:37; Nm 29:5).

A idéia de que, a doença é contaminadora, uma figuração do conceito moderno de infecção e contaminação, também está proeminente implícita no rito concernente à lepra e nos sacrifícios de purificação na cura de um leproso, que são expressamente chamados de ofertas pela culpa (Lv 14).

De fato, a lei leva em conta a posição financeira do leproso que é curado e permite-lhe condições mais fáceis se ele for pobre. Porém ele tem que pagar algum preço para que a maldição que o fez intocável seja removida. Pode-se notar quão interligadas são as idéias de isolamento por razões de saúde e culpa, pelo fato de que quando um paciente moderno é colocado em um sanatório, em um asilo ou fica em quarentena, isso lhe perturba a mente. O caráter sanitário do isolamento aparece aqui no fato de que as pessoas sofrendo de gonorréia são tratadas como leprosos (Nm 5:2). Porém o que nos interessa particularmente é o rito público do Dia da Expição (Lv 16). Neste ritual está implícita a idéia da solidariedade dos homens na culpa. A fim de se sentir à vontade e reconciliado com Deus, o indivíduo não necessita apenas de ser limpo de seus pecados pessoais, mas de viver em um ambiente social que é purificado, onde o perigo de contaminação passiva do mal é desviado.

Um ponto primário que nos surpreende pelo seu significado psicológico é que a pessoa encarregada do sacrifício deve se submeter a um rito de expiação pelos seus próprios pecados antes de proceder os ritos de expiação para o povo (Lv 16:11). Isto incorpora um requisito espiritual cuja verdade é bem conhecida. Eu posso prescrever uma droga a um paciente sem que eu mesmo a tome. Este é o método técnico. Porém eu não posso ser um mensageiro da graça divina para o paciente sem que eu mesmo tenha recebido seus benefícios. Este é o método espiritual.

Da mesma forma, um sacerdote que ouve confissões deve ter o seu próprio confessor; e um psicanalista deve ter sido analisado. Isto mostra que a sua disciplina, mesmo que ele negue isto, não é puramente técnica, mas pertence a uma ordem espiritual. A palavra Dr. Ponsoye nos lembra isto: "O médico do futuro irá se purificar a fim de que purifica outros".

Um segundo ponto de interesse é que a pessoa que oferece o sacrifício borrija o propiciatório com sangue, e isto assegura a sua santificação. O propiciatório é aceito como o lugar da santidade de Deus no meio do seu povo. Como então é necessária a sua santificação? Isto envolve a idéia, profundamente implantada na mente humana, de que o homem suja e contamina tudo que toca, e que o mal com o qual ele está infectado pode repercutir até mesmo contra Deus. Esta é a origem da crença de que as coisas santas não devem ser tocadas. E a mesma idéia do tabu, que ao mesmo tempo denota o que é santo e o que é proibido.

Encontramos a mesma idéia, levada ao ponto da obsessão, entre os nossos

pacientes. Através de seus sentimentos de serem amaldiçoados, eles têm a impressão de que sujam tudo quanto tocam, e no caso de coisas santas, isto se constitui um sacrilégio. Eu me lembro, por exemplo, de um crente que envolveu a sua Bíblia com várias capas, e a abria apenas após uma série de ritos complicados, com medo de envenenar a fonte através da qual ele, desesperadamente e em vão, buscava purificação.

A idéia de que o homem corrompe e degrada tudo que toca, existe em todo mundo, embora isto não atinja tão intensamente as pessoas saudáveis. É uma medida da culpa existencial que todo homem carrega dentro de si, um sentimento prome-téico da maldição do homem. Acha-se até mesmo na idéia de respeito, que implica em restrição e discricão na abordagem de uma pessoa reverenciada.

Isto se evidencia na timidez inesperada que se apodera de alguém que é normalmente sem cerimônia, vulgar, irreverente ao entrar em uma igreja, ou ao entrar na alta sociedade, quando vai a um tribunal ou a um hospital, quando comparece a um funeral, quando se encontra com uma pessoa de alto escalão ou quando está com alguém que enfrenta uma grande tristeza. Pode também se evidenciar na estranha mudança que pode acontecer, na presença de uma moça simples e ingênua com um homem que geralmente é ousado na abordagem às mulheres, e que irá defendê-la rigorosamente contra um amigo menos reservado. Mas retornemos à lei de Moisés. Após o sacerdote oficiante ter se purificado a si e ao propiciatório, o sacrifício de um bode expiatório é prescrito para a purificação do povo. O rito todo tem uma grande significância psicológica. De fato, há dois bodes expiatórios, e não um, entre os quais a sorte é lançada (Lv 16:8). A dualidade expressa a ambivalência que caracteriza todo este problema do mal e da culpa. Um dos bodes é sacrificado para o Senhor e o outro, carregado com os pecados do povo através da imposição de mãos, é enviado ao deserto. O deserto é o local onde reinam os maus espíritos e o próprio diabo.

Desta forma, a remoção do mal e da culpa tem dois aspectos interdependentes: sua extinção perante Deus, e sua expulsão e *retorno ao diabo* a quem ele pertence. No *pensamento* bíblico isto não é uma questão de dois sacrifícios, um para o poder do bem e outro para o poder do mal. Um dualismo deste tipo seria inconcebível à mentalidade mosaica. Embora a sua perspectiva seja profundamente monoteísta e afirme a soberania *total* de Deus, *no entanto não* subestima o poder ativo do mal.

Este poder é personificado por Satanás e pelos maus espíritos associados a ele, que têm uma estratégia própria e, poderíamos dizer, como a matéria e a energia, têm o seu próprio princípio de conservação. Há uma profunda verdade nisto, a saber, que o mal deve ir para algum lugar. Logo após a guerra, C. G. Jung fez referência aos dois endemoninhados a quem Jesus curou expulsando os demônios deles e enviando-os para uma manada de porcos (Mt 8:28-34). Ele estava avisando o mundo para estar alerta contra o perigo da reencarnação, do ressurgimento, do demônio do nazismo.

Isto significa que sob as condições terrestres o exorcismo do mal é eternamente um assunto incerto. O bode expiatório vagueia continuamente no deserto em companhia dos maus espíritos, pronto para reaparecer *no horizonte*. Uma palavra de Cristo tem uma estranha relevância: *"Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra. Por isso diz: Voltarei para minha casa donde saí E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada. Então vai, e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro"* (Mt 12:43-45). A dramática complexidade do problema do mal não poderia ser expressa de forma mais realista e perturbadora.

O Dr. Baruk enfatizou a profunda verdade e a universalidade deste alívio de tensão psicológica por meio do bode expiatório. Por exemplo, quando uma esposa sofre com as faltas do seu marido e ao mesmo tempo está ligada a ele, ela começa a desculpá-lo dizendo que não é falta dele o fato dele ter sido tão mal educado. Ao dizer isto, a mulher transfere a culpa à sua sogra a fim de exonerar o marido. Ela faz de sua sogra o bode expiatório.

A estratégia pode funcionar muito bem, e a esposa é capaz de viver em harmonia com o marido e pacientemente aguentar as faltas dele. Porém o bode expiatório, a sogra, permanece no pano de fundo; de mil modos a esposa suspeita de seus atos obscuros e traiçoeiros e acaba ficando obsessiva em relação a ela. Ela inclusive deixa de estar consciente de sua própria culpa em relação à sogra, do mal que ela lhe faz com uma energia que é explicada pelo medo e pânico deste inimigo ameaçador contra quem ela continuamente cria novas barreiras.

Este mecanismo é extremamente poderoso e difundido. Toda classe na escola tem o seu bode expiatório; um aluno ou, frequentemente, um mestre; em toda loja e escritório, em toda assembleia ou família há bodes expiatórios que dão origem a uma certa dose de harmonia pelo fato da culpa e da reconciliação serem lançadas sobre eles.

Na minha opinião, o mesmo mecanismo também tem uma parte salutar, por exemplo nas touradas. Pois nos países em que elas são praticadas como esporte de honra, constata-se um menor número de neuroses. As touradas são de fato muito mais do que espetáculos; são ritos. Isto é evidenciado pelas tradições rígidas que controlam a sequência de eventos. Há prova disso na resistência encontrada por aqueles que demandam a abolição da morte do touro. Pois isto, sem dúvida, possui o ardor de um sacrifício expiatório. Talvez o mesmo seja verdadeiro para a pena de morte. A eliminação desta do código penal encontra oposição instintiva em muitos países.

O duelo, o cerimonial que possui um padrão tradicional, oferece um outro método como que mágico para a descarga da culpa. Tão logo o sangue tenha jorrado, a honra é satisfeita e os oponentes se abraçam. Aquele que foi ofendido afirma que está satisfeito e portanto pronuncia a absolvição daquele que o

injurou, mesmo que o primeiro tenha sido ferido e não aquele que cometeu o mal!

Há ainda hoje resquícios de uma mentalidade primitiva, mágica, de uma mentalidade de tabus que reinava atualmente em meio ao antigo povo de Israel. Tal é, por exemplo, a noção de proibição, que tem um sentido moral, mas que é permeada por uma atmosfera mística. Em decorrência de um erro do serviço de espionagem, as tropas de Josué foram derrotadas pelo povo de Ai, e deixaram atrás de si 36 mortos (Js 7). A falha do serviço de espionagem foi a causa objetiva da derrota; foi a causa histórica; poderíamos chamá-la de causa científica. Mas podemos encontrar uma causa mística. Um israelita, Acã, foi o culpado. Ele tomara o despojo e o escondera em sua tenda. Tomar despojos havia sido proibido pelo mandamento de Deus; era o primeiro passo para humanização da guerra, uma antecipação remota da cruz vermelha! Todas as pessoas foram envolvidas nas consequências da desobediência deste mandamento. A proibição não pode ficar impune; o culpado tem que ser encontrado. Lançam-se cortes, por tribos, por famílias, e então por casas; e Acã é indicado. Ele confessa; seu saque é descoberto; ele mesmo é apedrejado e suas possessões são queimadas.

Todos os ritos e sacrifícios respondem à idéia de que é preciso pagar por tudo. Eles são uma expressão de leis psicológicas que estudos modernos, tais como os do Dr. Baruk ou Dr. C. G. Jung, nos ajudam a entender melhor. Porém eles também são permeados pelo espírito de misticismo que pertence à mentalidade primitiva. Eles possuem eficácia genuína, mas apenas à medida que as pessoas ainda retêm uma idéia infantil de culpa. Desta forma elas podem ser libertas da culpa, porque crêem que esta foi paga pelo ritual devidamente realizado. No entanto, à medida que a consciência moral se torna mais sensível e o homem atinge um sentido de responsabilidade pessoal, a confiança na eficácia do rito é destruída. O ritual, mesmo que meticulosamente executado, não mais parece ser suficiente para trazer paz de consciência. Uma forma de expiação mais segura é necessária.

21. FOI DEUS QUEM PAGOU

Desde os primórdios tempos bíblicos impõe-se nas mentes de homens inspirados que Deus quer justiça, e não que os homens se entreguem à iniquidade confiando que podem subornar as suas consciências através de certos rituais. Já na lei mosaica a idéia é de que uma oferta individual pela culpa não dispensa a necessidade de se fazer reparação pelo erro cometido (Lv 7:1-7). No caso de roubo, fraude ou perjúrio, a parte cupada deve restaurar à parte injuriada o valor

do objeto mais um quinto, e ao mesmo tempo fazer uma oferta pela culpa a Deus. Porém mesmo este dissuasor não protegeu os homens de suas inclinações naturais de fazer um uso imoral do rito, escondendo o remorso de seu mal agir sob a capa de uma boa consciência ao ter executado os sacrifícios.

Portanto, os protestos dos profetas insurgem-se, com um vigor sempre crescente, contra aquelas pessoas que se devotam, ao mesmo tempo, à iniquidade e à piedade ritualista. Numerosas passagens de suas pregações sobre este tema podem ser citadas. Em Isaías 1:11-17 temos: *"De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? Diz o Senhor. Estou farto dos holocaustos de carneiros, e da gordura de animais cevados e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante mim, quem vos requereu o só pisardes os meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e também as luas novas, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene... as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavaí-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem; atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas."* Ou Jeremias 7:8-10: *"Eis que vós confiais em palavras falsas, que para nada vos aproveitam. Que é isso? Furtais e matais, cometeis adultério e jurais falsamente, queimais incenso a Baal e andais após outros deuses que não conheceis, e depois vindes e vos pondeis diante de mim nesta casa, que se chama pelo meu nome, e dizeis: Estamos salvos."*

Todos os outros profetas poderiam ser citados, pois todos foram levantados por Deus para denunciar a injustiça e a iniquidade com a mesma severidade, de forma a despertar culpa naqueles que a reprimiam pela presunção de serem homens piedosos. Aqui não há moralismo, deixem-me reforçar que não há sinal de moralismo nos profetas. O que temos é um apelo, algo extremamente pessoal. Moralismo e sua casuística significam, como já vimos, submissão a uma coisa, submissão à lei de fato. Mas os profetas vivem em uma atmosfera de diálogo inteiramente pessoal entre Deus e homem.

Portanto, em sua sucessão, todos os profetas apresentam demandas contra as falsas seguranças de um ritual expiatório. Eles despertam novamente a culpa que estes ritos adormeceram. Pois em seu relacionamento pessoal com Deus eles experimentaram uma outra solução diametralmente oposta a esta, a saber, que é Deus mesmo que apaga a culpa humana, e que ele o faz justamente quando o homem a reconhece, ao invés de imaginar ter pago o preço dela através de algum ritual. Apenas então a culpa é realmente suprimida e o homem liberto do seu passado.

Tal é, por exemplo, a comovente narrativa da visão de Isaías (6:1-7): *"No ano da morte do Rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele... E*

clamavam uns para os outros, dizendo; Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos". Então Isaías clamou: "Ai de mim! Estou perdido! porque sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos! Então um dos serafins voou para mim trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios, a tua iniquidade foi tirada, e perdoado o teu pecado".

Não poderia haver uma expressão mais comovente de expiação genuína, oferecida livremente por Deus ao homem que se arrepende. Imediatamente Isaías é um novo homem, pronto para assumir a vocação de um profeta. Ele passou por *metanóia* (transformação). Nós podemos ligar isto com o chamado de Moisés na sarça ardente no deserto de Horebe (Êx 3). Lembrem-se por que Moisés foi para o exílio, longe do seu povo? Ele fugiu por culpa; ele cometera um crime. Ele era um homem de "sangue quente", ávido por justiça. Ele viu um egípcio espancando um judeu, interveio e matou o egípcio (Êx 2:11-15). No dia seguinte Moisés interveio novamente entre dois hebreus que estavam discutindo, porém um exclamou: "*Quem te pôs por príncipe e juiz sobre nós? pensas matar-me como mataste o egípcio? Temeu, pois, Moisés, e disse: com certeza o descobriram. Informado desse caso, procurou Faraó matar Moisés; porém Moisés fugiu de Faraó, e se deteve na terra de Midiã*".

Podemos apreciar a luta intensa que ocorreu em sua mente nesse exílio, durante as longas horas gastas no cuidado do rebanho de seu sogro. Sua motivação, de fato, foi excelente. Foi por amor a seu povo, pela justiça e sem dúvida por Deus que se inflamou. Seu zelo genuíno o levou longe demais, e sua vida se quebrou, pelo peso do remorso e do medo do julgamento pelo povo que ele esperava socorrer. Então Deus o traz à vida novamente e renova a sua vocação. Ele ajuda Moisés a se submeter à *metanóia*. De um assassino procurado Deus faz de seu servo o líder mais poderoso e guia espiritual de seu povo. Porém Moisés sofre a transformação quando passa por uma crise intensa e terrível, pois Deus demanda, de fato, que ele retorne ao Egipto, à cena de seu crime. Este é o oposto exato da fuga do julgamento humano na qual Moisés havia procurado a sua salvação. Moisés protesta. Ele acumula uma objeção após outra. Ele se escusa em seu sentimento de inferioridade: "*Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?*" (Êx 3:11). Além disso ele não pode se expressar bem: "*Ah! Senhor! eu nunca fui eloquente*" (Êx 4:10). Ele tem dúvidas e teme que os hebreus não acreditem nele: "... *dirão: O Senhor não te apareceu*" (Ex 4:1). Ele teme que eles apresentem questões teológicas que ele *não possa* responder: "*se eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi?*" (Êx 3:13). Ele tenta resistir novamente: "*Ah! Senhor! Envia aquele que hás de enviar, menos a mim. Então se acendeu a ira do Senhor contra Moisés*" (Êx 4:13-14).

Notamos aqui novamente a ira de Deus sobre a qual falamos e que expressa o caráter dramático do diálogo entre Deus e o homem. As resistências colocadas por

Moisés eram difíceis de serem quebradas. Nós podemos ver por trás das dúvidas e sentimentos de inferioridade outra ansiedade de um tipo muito mais poderoso, a saber, o medo do julgamento dos homens que poderiam reconhecê-lo como um assassino e rejeitar o seu direito de falar em nome de Deus. Portanto uma culpa falsa, uma culpa de inferioridade, que *pode* ser criada pelo julgamento de outros homens, está estreitamente entrelaçada com culpa genuína. Porém, como na visão de Isaías, há um fogo aceso por Deus, uma sarça ardente que purifica e liberta tanto da culpa como dos sentimentos de inferioridade.

Em um certo sentido, Moisés expiou a sua culpa pelo seu exílio. No entanto foi uma expiação sem esperança e sem término, como todas as expiações humanas. Deus iria pedir a ele que pagasse, em sua própria pessoa, um preço muito mais alto: a vitória sobre si mesmo, sobre suas dúvidas, seus medos e timidez; e então a luta terrível contra Faraó, as decepções amargas que ele causaria a seu povo, os 40 anos no deserto, fome, sede e enfim a morte antes de sua missão ser completada. Porém tudo isto não seria expiatório. Seria uma vocação positiva. A expiação está encerrada na sarça ardente. Deus mesmo a completou quando Moisés reconheceu a sua própria miséria em sua presença: "*Moisés escondeu o rosto porque temeu olhar para Deus*" (Êx 3:6).

Este acontecimento pode lembrar-nos de uma outra narrativa sobre um homem torturado por sentimento de culpa, o apóstolo Pedro. Sob o impulso do medo negou o seu Senhor, e então, após a ressurreição, viu-se face a face com ele, em uma conversa que mudou a sua vida (Jo 21:15-19); foi uma avaliação interior, uma experiência de *metanóia*. Daquele homem machucado pela culpa, Jesus iria fazer o intrépido porta-voz do Dia de Pentecostes, uma testemunha inflexível que encararia a perseguição, e seria um dos líderes da igreja. Ao mesmo tempo, Jesus disse-lhe o preço de sua vocação e o sofrimento que ele teria de enfrentar, até mesmo no seu caso também de morte na cruz. Porém isto não foi expiação. Pedro começou a experimentar uma simples expiação humana pelo desespero obscuro que desceu sobre ele desde a época da sua negação. Foi precisamente desta falsa expiação que Jesus o libertou. Com uma palavra, Jesus mesmo apagou o passado e, mais ainda, colocou sua plena confiança em Pedro: "*Apascenta as minhas ovelhas*", ele lhe disse por três vezes. Portanto, de um lado a outro da Bíblia, constantemente testemunhamos o mesmo acontecimento paradoxal. A culpa que os homens não são capazes de erradicar a despeito dos sacrifícios, das penitências, dos remorsos e dos arrependimentos vãos, Deus mesmo apaga; e os homens são imediatamente libertos do seu passado, transformados. O mais temeroso se torna ousado, o mais covarde se transforma em corajoso, e encaram o julgamento de seus companheiros sem temer. O mais tímido dos homens, um Jeremias, que continuamente almejava ficar quieto (Jr 20:9), ousa se pronunciar de tal forma a dar oportunidade a uma das piores acusações possivelmente impostas a um patriota, a de derrotismo.

Por toda a Bíblia vemos, portanto, duas visões opostas, duas soluções opostas

para o problema da culpa, duas formas divergentes de reconciliação entre Deus e os homens: uma solução falsa que, apesar disso, contém um elemento de verdade, por meio de sacrifícios expiatórios, e também por esforço moral, apesar de totalmente inadequada; e a solução verdadeira, a expiação através do próprio Deus. Nenhum preço pago a Deus pode ser suficientemente alto pelo que ele merece (Sl 50:10-12). *"Pois são meus todos os animais do bosque, e as alimárias aos milhares sobre as montanhas. Conheço todas as aves dos montes e são meus todos os animais que pululam no campo. Se eu tivesse fome não to diria, pois o mundo é meu, e quanto nele se contém".*

No salmo que se segue, a solução oposta é expressa da forma mais comovente (Sl 51:2, 3, 7).

"Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado. Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve."

Mas o anúncio maravilhoso da graça de Deus, que erradica a culpa, vai de encontro à intuição que todo homem tem: que *um preço* deve ser pago. A resposta que vem é a mensagem suprema da Bíblia, sua suprema revelação; é Deus mesmo quem paga, Deus mesmo pagou o preço de uma vez por todas, o preço mais caro que ele poderia pagar: a sua própria morte, em Jesus Cristo, na cruz. A obliteração de nossa culpa é livre para nós porque Deus pagou o preço. Jesus Cristo veio *"para salvar o que estava perdido"* (Mt 18:11). Aquele que *"sempre teve a mesma natureza de Deus... se tornou semelhante ao homem, e apareceu na semelhança humana. Ele se rebaixou, andando nos caminhos da obediência até a morte - e morte na cruz* (Fp 2:6-8 BLH). O profeta Isaías já havia vislumbrado este mistério (Is 53:2-5): *"Porque foi subindo como um renovo perante ele, e como raiz duma terra seca; não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse. Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso. Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados".*

Foi anunciado por um anjo do Senhor a José, enquanto Maria aguardava o nascimento de Cristo: *"e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo do pecado deles"*. Esta verdade foi proclamada pelo próprio Jesus pouco antes da crucificação: *"Bebi dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados"* (Mt 26:27-28).

Foi proclamado novamente por todos os apóstolos: por João: *"O sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado"* (1 Jo 1:7); por Paulo: *"no qual*

temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados" (Ef 1:7); por Pedro: "Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos" (1 Pedro 3:18); pelo autor da epístola aos Hebreus: "o sangue de Cristo... purificará a nossa consciência de obras mortas" (Hb 9:14).

Recentemente minha esposa fez um estudo desta questão da morte expiatória de Jesus Cristo. Eu fiquei espantado com o número impressionante de citações bíblicas que ela acumulou na sua lista, em harmonia umas com as outras e tiradas de toda a Bíblia. Todas elas expressam a certeza de que a remoção de nossa culpa é assegurada por Jesus Cristo, e que nós fomos reconciliados com Deus pela morte de seu filho, *"justificados pelo seu sangue"* (Rm 5:9-10). E lembremo-nos de que no pensamento bíblico o sangue é sagrado porque é considerado como a "vida da carne" (Lv 17:2), e é o símbolo da vida para o ser humano. É por isso que aos israelitas foi ordenado sangrar os animais antes de comê-los. Todas as passagens onde o sangue de Cristo é mencionado mostram que nós salvos pela vida de Cristo, pelo presente da sua própria pessoa.

Consequentemente os sacrifícios rituais da lei mosaica aparecem como uma prefiguração do sacrifício de Jesus Cristo. Este tema é desenvolvido extensivamente na epístola aos Hebreus, que foi endereçada particularmente a judeus cristãos instruídos na Lei. O contraste é ressaltado entre o caráter provisório dos antigos sacrifícios e o caráter definitivo do sacrifício da cruz: *"Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados; Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assen-tou-se à direita de Deus. Porque com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados"* (Hb 10:11-12, 14).

Salvação não é uma idéia; é uma pessoa. É o próprio Jesus, impróprio Deus quem se dá. Em sua presença todos os debates intermináveis que despertam em nós o sentimento de culpa, todas as diferenças moralistas e nossas defesas contra os julgamentos de outros, tudo isto se esvai. Vemos isto na conhecida história de Zaqueu, que se enriqueceu às custas do povo. Ele tentou justificar-se e mostrar a sua boa consciência; porém Jesus o interrompeu com as palavras: *"Hoje houve salvação nesta casa"* (Lc 19:9).

Salvação não é mais uma idéia remota de perfeição, para sempre inacessível; é uma pessoa: Jesus Cristo, que veio a nós, veio para ficar conosco, em nossas casas, em nossos corações. O remorso é silenciado pela sua absolvição. Ele substitui o remorso com uma simples pergunta, aquela que fez ao apóstolo Pedro: *"Tu me amas?"* (Jo 21:15). Precisamos responder esta questão, e achar em nossa ligação pessoal com Jesus Cristo paz para as nossas almas.

Todos os homens podem se beneficiar desta expiação única; todos os homens, de fato, "todo o mundo" como João afirmou (1 Jo 2:2). Jesus Cristo morreu por todos sem qualquer distinção, para homens de todas as idades e regiões, para hindus, para budistas, para muçulmanos, para pagãos e para ateus; basta que *nele*

creiam.

Ele mesmo disse: "*Ainda tenho outras ovelhas, que não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então haverá um rebanho, um pastor*" (Jo 10:16). E novamente: "*muitos virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e tomarão lugares à mesa no reino de Deus*" (Lc 13:29). De resto, a sua palavra a Zaqueu é suficiente: "*Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido*". Demonstramos, de modo suficientemente claro, a universalidade da culpa, a solidariedade da raça humana no estado de perdição. Fizemos isso para que a salvação para todos os homens que crêem em Cristo, e são reconciliados com Deus pelo seu sacrifício, possa ser claramente reconhecida. "*Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus*" (Rm 3:23-24).

O grande privilégio, que temos como cristãos, é saber que somos perdoados e que o perdão nos alcança através de Jesus Cristo. A ordem a seus discípulos de "ir a todo mundo", foi simplesmente para proclamar a "Boa Nova" (Mc 16:15, BV), para convencer todos os homens e para multiplicar os sinais visíveis da graça de *Deus através* de feitos poderosos e de *curas*.

Foi para pregar a *metanóia*, esta transformação radical, o despertar da consciência de culpa e a erradicação desta culpa: a humilhação do orgulhoso e a restauração dos angustiados. Não que a salvação tenha que ser conseguida. Ela já foi de uma vez assegurada a nós e a todos os que crêem. Tudo já foi consumado.

REFERÊNCIAS

1. Dr. René Allendy, *Justice intérieure*, Paris, Denoël and Steele.
2. Prof. Dr. Karl Barth, 'Die Menschlichkeit Gottes', in *Menschlichkeit: Verhandlungen des schweizerischen reformierten Pfarrvereins*, Biel, Schuler, 1957.
3. Dr.H. Baruk, *Psychiatrie morale expérimentale*, Paris, P.U.F., 1945.
4. Dr. Théo Bovet, *Vart de trouver du tetmps*, Strasbourg, Oberlin, 1955.
5. Albert Camus, *The Rebel*, Londres, Hamish Hamilton, 1951,
6. Albert Camus, *The Plague*, Londres, Hamish Hamilton, 1948.
7. Maryse Choisy, 'Genèse de la culpabilité', *Psyché*, Paris, abril-maio 1948, pág. 386.
8. J. Daniélou, 'Psychiatrie et "morales san péché" ', in *Monde moderne et sens du péché*, Paris, Pierre Horay, 1957.
9. Suzanne de Diétrich, *Hommes libres*, Neuchâtel, Delachaux & Niestlé, 1957.
10. Prof. J. Dor, Inaugural Lecture: *Les Annales de chirurgie*, Paris, Junho 1957, no. 11-12.
11. Dr. Silvio G. Fanti, *J'ai peur, ãoctor...*, Neuchâtel, Delachaux & Niestlé, 1953.
12. Jean Guilton, 'La philosophie de la culpabilité', *Psyché*, Paris, Abril-Maio 1948, pág. 542,
13. Jean Guilton, 'La conversion du pécheur, gloire de Dieu', *Monde moderne et sens du péché*, Paris, Pierre orray, 1957.
14. Georges Gusdorf, *La découverte de soi*, Paris,P.U.F., 1948.
15. Heinz Hafner, *Schulderleben und Gewissen*, Stuttgart, 1953.
16. Dr. A. Hesnard, *JVforate sans péché*, Paris, P.U.F., 1954.
17. Dr. A. Hesnard, *L 'Univers morbide de la faute*, Paris, P.U.F., 1949.
18. Prof. Dt. Arthur Jores, 'Magie und Zauber in der modernen Medi-zin' *Deustche Midizinische Wochenschrift*, Stuttgart, 17 Junho 1955, págs. 915-20.
19. Prof. C. G. Jung, *Aspects du drame contemporain*, Geneva, Georg, 1948.
20. Prof. C. G. Jung, *Psychology and Alchemy*, vol. 12 Collected Works, 1953, pág. 14.
21. J. Lacroix, *Les sentiments et la vie morale*, Paris, P.U.F., 1953.
22. J. Lacroix, 'Morale sans péché', *Recherches et Débats*, Paris, Maio 1955.
23. Dr. René Laforgue, 'La peste et la vertu', *Psyché*, Paris, Abril-Maio 1948, pág. 406.
24. Dr. A. Maeder, *Vers la guérison de Vâme*, Neuchâtel, Delachaux & Niestlé 1946.
25. Bemard Martin. *Le ministère de la guérison dans VEglise*, Genebra, Labor and Fides, 1952.
26. H. Michaud, 'Anger', *Vocabulary of the Bible*, Londres, Lutterworth, 1958.
27. Dr. Charles-Henri Nodet, 'Psychiatrie et "Morales sans péché" ' *on de moderne et sens du péché*, Paris, Pierre Horay, 1957.
28. Dr. Charles-Henri Nodet, 'Position de saint Jérôme en face des problèmes sexuels', *Mystique et continence*, Etudes Carmélitaines, Bruges, Desclée de Brouwer, 1952.
29. Dr. Charles Odier, *Les deux sources, consciente et inconsciente de la vie morale*, Neuchâtel, La Baconnière, 1943.
30. Prof. H. Plugge, Uber die Hoffnung. Situation I, *Spectrum*, Utrecht-Antwerp, 1954.
31. Review *Présences*, no. 59-*Malades et médecins*, The Priory of St. John, Champrosay

(S-&0.), 2? qd. 1957.

32. Dr. Pierre Ponsoye, *L'Esprit, force biologique fondamentale*, Montpellier, Impr. Causse, GraiUer &Castelnau, 1942.

33. Paul Ricoeur, 'Morale sans péché', review *Esprit*, Paris, agosto-setembro, 1954.

34. Dr. Jean de Rougmont, *Devenir médecin*, Lyon, Impr. Bosc, 1958.

35. Dr. J. Sarano, *La culpabilité*, Paris, Armand Colin, 1957.

36. Dr. André Sarradon, *Le sentiment de culpabilité, son role en pathologie interne*, do autor, II, av. du Rove, Saint-Louis-Marseille, 1957.

37. Jean-Paul Sartre, *Existentialism and Humanism*, Londres, 1948.

38. Jean-Paul Sartre, *Esquisse d'une théorie des émotions*, Paris, Hermann, 1948.

39. Abbé Jean-P. Schaller, S. T. D., 'Les limites de la médecine et le Dr. Paul Tournier', *Lavai medicaid*, Quebec, Abril 1954, vol. 19, no. 4.

40. Rev. Dr. J. Scharfenberg, 'Schuld und Schuldgefühle bei Martin Buber', *Wege zum Menschen*, Feb. 1958, Göttingen, Vanden-hoeck & Ruprecht.

41. Jacques de Senarclens, *Héritiers de la Réformation*, Genebra, Labora Fides, 1956.

42. Pierre-Henri Simon, 'Personnalisme chrétien et culpabilités collectives', *Monde moderne et sens du péché*, Paris, Pierre Horay, 1957.

43. Dr. Arnold Stocker, *Le traitement moral des nerveux*, Genebra, Rhône, 1945.

44. Max Thurian, *La confession*, Neuchâtel, Delachaux & Niestlé, 1953.

45. Dr. P. J. Waardenburg, 'Ehewahl und dNachkommen', *Geloof en Wetenschap*, no. I, 1952, Loosduinen, Kleywegt.

46. Otto Weber, *Karl Barth's Church Dogmatics*, Londres, Lutterworth, 1953.

47. Hans Zulliger, *Umgang mit dem kindlichen Gewissen*, Stuttgart, Klett, 1953.